



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**ALÉM DA TEORIA: VIVENCIANDO A REALIDADE ESCOLAR
(RELATÓRIO FINAL)**

**CECÍLIA AUGUSTA VIEIRA PINTO
GABRIELLA LIGOCKI PEDRO**

Florianópolis, 2011.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
MEN 7001 - ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
ORIENTADORA ISABEL DE OLIVEIRA E SILVA MONGUILHOTT**

**ALÉM DA TEORIA: VIVENCIANDO A REALIDADE ESCOLAR
(RELATÓRIO FINAL)**

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras.

CECÍLIA AUGUSTA VIEIRA PINTO

GABRIELLA LIGOCKI PEDRO

Florianópolis, 2011.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pelo ensino gratuito e de qualidade.

À orientadora, pela dedicação, presença e auxílio.

À Escola de Educação Básica Padre Anchieta, por ter nos acolhido.

Dedicamos e agradecemos.

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.

Rubem Alves

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	13
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	14
2.1.1 O Projeto Político Pedagógico (PPP).....	16
2.1.2 Caracterização das Turmas.....	20
2.1.3 Entrevistas - Perfil do Quadro Funcional.....	20
3. OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS	32
3.1 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA CECÍLIA	33
3.1.1 Relato Cecília 18/08/2011 das 9h15 às 11h50 - Projeto Mais Educação – Hip Hop.....	33
3.1.2 Relato Cecília 24/08/2011 9h15 às 10h30 - Projeto mais Educação – Letramento.....	35
3.1.3 Relato Cecília 19/08/11 7h45 às 8h30 - Observação 1 Aula de Português – Aula 1.....	35
3.1.4 Relato Cecília 22/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 2 Aula de Português - Aulas 2 e 3.....	37
3.1.5 Relato Cecília 23/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 3 Aula de Português – Aula 4.....	39
3.1.6 Relato Cecília 26/08/2011 7h45 às 8h30 - Observação 4 Aula de Português – Aula 5.....	41
3.1.7 Relato Cecília 29/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 5 Aula de Português - Aulas 6 e 7.....	42
3.1.8 Relato Cecília 30/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 6 Aula de Português – Aula 8.....	45
3.1.9 Relato Cecília 02/09/2011 7h45 às 8h30 - Observação 7 Aula de Português – Aula 9.....	46
3.1.10 Relato Cecília 05/09/2011 8 horas às 12 horas - Observação 8 – Encontro com os professores do Fórum do Maciço do Morro da Cruz.....	47
3.2 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA GABRIELLA	50
3.2.1 Relato Gabriella 24/08/2011 9h15 às 10h30 - Projeto mais Educação – Letramento.....	50
3.2.2 Relato Gabriella 19/08/11 7h45 às 8h30 - Observação 1 Aula de Português – Aula 1.....	50
3.2.3 Relato Gabriella 22/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 2 Aula de Português - Aulas 2 e 3.....	52
3.2.4 Relato Gabriella 23/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 3 Aula de Português – Aula 4.....	53
3.2.5 Relato Gabriella 26/08/2011 7h45 às 8h30 - Observação 4 Aula de Português – Aula 5.....	54

<u>3.2.6 Relato Gabriella 29/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 5 Aula de Português - Aulas 6 e 7</u>	55
<u>3.2.7 Relato Gabriella 30/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 6 Aula de Português – Aula 8</u>	57
<u>3.2.8 Relato Gabriella 02/09/2011 7h45 às 8h30 - Observação 7 Aula de Português – Aula 9</u> ...	58
<u>3.2.9 Relato Gabriella 05/09/2011 8 horas às 12 horas - Observação 8 – Encontro com os professores do Fórum do Macico do Morro da Cruz</u>	59
<u>3.3 Reflexão Crítica das aulas observadas – Relato estagiária Cecilia</u>	60
<u>3.4 Reflexão Crítica das aulas observadas – Relato estagiária Gabriella</u>	64
<u>4. PROJETOS E PLANOS DE AULA</u>	70
<u>4.1 PROJETO DE DOCÊNCIA - O BRUXÓLICO DE CASCAES E OUTROS CONTOS</u>	71
<u>4.1.2 Introdução</u>	71
<u>4.1.3 Referencial Teórico</u>	74
<u>4.1.4 Objetivos Gerais</u>	80
<u>4.1.5 Metodologia</u>	80
<u>4.1.6 Recursos</u>	81
<u>4.1.7 Avaliação</u>	81
<u>4.2 PLANOS DE AULA PROJETO DE DOCÊNCIA</u>	82
<u>4.2.1 Plano de Aula 1- Aulas 1 e 2</u>	83
<u>4.2.2 Plano de Aula 2: Aula 3</u>	85
<u>4.2.3 Plano de Aula 3: Aula 4</u>	87
<u>4.2.4 Plano de Aula 4: Aulas 5 e 6</u>	89
<u>4.2.5 Plano de Aula 5 – Aula 7</u>	91
<u>4.2.6 Plano de Aula 6 – Aula 8</u>	93
<u>4.2.7 Plano de Aula 6 – Aula 8</u>	95
<u>4.2.8 Plano de Aula 8 – Aula 11</u>	97
<u>4.2.9 Plano de Aula 9 – Aula 12</u>	99
<u>4.3 PROJETO EXTRACLASSE – SUPER-HERÓIS CONECTADOS</u>	101
<u>4.3.1 Plano de Trabalho Projeto Extraclasse (Programa Mais Educação)</u>	101
<u>4.4 PLANOS DE AULA PROJETO EXTRACLASSE</u>	104
<u>4.4.1 Plano de Aula 1</u>	105

<u>4.4.2 Plano de Aula 2</u>	107
<u>4.4.3 Plano de Aula 3</u>	109
<u>4.4.4 Plano de Aula 4</u>	111
<u>4.4.5 Plano de Aula 5</u>	113
<u>5. RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS</u>	115
<u>5.1 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA</u>	115
<u>5.1.1 Relato Exercício da Docência – Projeto de Docência</u>	115
<u>5.1.2 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto de Docência</u>	122
<u>5.2 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO EXTRACLASSE</u>	125
<u>5.2.1 Relato Exercício da Docência – Projeto Extraclasse</u>	125
<u>5.2.2 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto Extraclasse</u>	130
<u>6. ENSAIO CRÍTICO</u>	132
<u>6.1 ENSAIO CRÍTICO ESTAGIÁRIA CECÍLIA</u>	132
<u>6.2 ENSAIO CRÍTICO ESTAGIÁRIA GABRIELLA</u>	136
<u>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	140
<u>8. REFERÊNCIAS</u>	141

Anexos

9. ANEXOS	143
9.1 DOCUMENTAÇÃO DO ESTÁGIO	143
9.1.1 Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório – Estagiária Cecília	143
9.1.2 Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório – Estagiária Gabriella	144
9.1.3 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino fundamental – Estagiária Cecília	145
9.1.4 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino fundamental – Estagiária Gabriella	146
9.2 ANEXOS DA SECÃO DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	147
9.2.1 Projeto Mergulhando no Texto	147
9.3 ANEXOS DA SECÃO OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS	152
9.3.1 Capa do Livro Didático	152
9.3.2 Texto “A meu amigo, Piracicaba”, de Lourenco Diaféria	153
9.3.3 Exercícios do livro didático	155
9.3.4 Atividade anterior realizada por um aluno da turma 72	157
9.3.5 Matéria sobre verbos do Livro Didático	158
9.3.6 Fichas de Leitura dos alunos da turma 72	161
9.3.7 Exercícios do livro didático	164
9.3.8 Questionário sobre o perfil dos alunos	165
9.3.9 Texto “Sofia”, de Luiz Vilela	167
9.3.10 Exercícios do livro didático	170
9.3.11 Atividade anterior realizada por um aluno da turma 72	171
9.4 ANEXOS DA SECÃO PROJETOS E PLANOS DE AULA	173
9.4.1 Questionário sobre o perfil do aluno da turma 72	173
9.4.2 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes	175
9.4.3 Texto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes	176
9.4.4 Atividade de interpretação do texto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes	179
9.4.5 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes	182

<u>9.4.6 Texto “Na terceira margem da estrada”, de Salma Ferraz</u>	183
<u>9.4.7 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes</u>	186
<u>9.4.8 Texto “Medo de Saci”, de Monteiro Lobato</u>	186
<u>9.4.9 Texto “O medo”, de Monteiro Lobato</u>	188
<u>9.4.10 Texto “O boitatá”, de Monteiro Lobato</u>	192
<u>9.4.11 Texto “O Negrinho”, de Monteiro Lobato</u>	193
<u>9.4.12 Texto “Lobisomem”, de Monteiro Lobato</u>	195
<u>9.4.13 Texto “A mula sem cabeça”, de Monteiro Lobato</u>	196
<u>9.4.14 Texto “O Boitatá”, de Marcelo Xavier</u>	197
<u>9.4.15 Texto “O Lobisomem”, de Marcelo Xavier</u>	198
<u>9.4.16 Texto “O Curupira”, de Marcelo Xavier</u>	199
<u>9.4.17 Texto “O Jurupari”, de Marcelo Xavier</u>	200
<u>9.4.18 Texto “A mula-sem-cabeça”, de Marcelo Xavier</u>	201
<u>9.4.19 Texto “O Boto”, de Marcelo Xavier</u>	202
<u>9.4.20 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes</u>	203
<u>9.4.21 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes</u>	203
<u>9.4.22 Simulação da atividade de Análise Linguística</u>	204
<u>9.4.23 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes</u>	207
<u>9.4.24 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes</u>	208
<u>9.4.25 Texto “Como criar um super-herói”, de Augusto Vilaca</u>	209
<u>9.4.26 Perfil dos Heróis</u>	212
<u>9.4.27 História em quadrinhos “Mulher Maravilha e a última esperança”, criada por Willian Moulton Marston</u>	224
<u>9.5 ANEXOS DA SECÇÃO RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS</u>	234
<u>9.5.1 Trechos do livro “Encontros Noturnos”, de Sônia Maluf</u>	234
<u>9.5.2 Atividade Extra de análise do texto do colega</u>	238
<u>9.5.3 Atividade Extra de análise do texto do colega feita pelos alunos da turma 72</u>	238
<u>9.5.4 Transcrição do texto a ser analisado</u>	240
<u>9.5.5 Atividade extra de análise do texto transcrito de outro aluno</u>	240
<u>9.5.6 Fotos da aula 9 – Conversa com a benzedeira</u>	241

<u>9.5.7 Primeiras versões dos textos corrigidos</u>	242
<u>9.5.8 Segunda versão dos textos – correção a lápis</u>	246
<u>9.5.9 Segunda versão dos textos – correção efetiva</u>	252
<u>9.5.10 Fotos dos alunos reescrevendo seus textos, ajudando a confeccionar o varal literário e expondo suas produções</u>	258
<u>9.5.11 Foto da turma 72</u>	259
<u>9.5.12 Primeira e segunda versões do mesmo aluno – evolução na análise linguística</u>	260
<u>9.5.13 Primeira e segunda versões do mesmo aluno – evolução no gênero conto</u>	264
<u>9.5.14 Foto aula 1 – discussão sobre o tema</u>	268
<u>9.5.15 Foto – estrutura da sala do Projeto Mais Educação</u>	268
<u>9.5.16 Desenhos dos alunos – criando um super-herói especificando seu nome e seus medos</u>	269
<u>9.5.17 Perfis dos Heróis no blog do Projeto Mais Educação</u>	274
<u>9.5.18 Games e Videos publicados no blog do Projeto Mais Educação</u>	275
<u>9.5.19 Fotos aula 2 – alunos explorando o blog do Projeto Mais Educação</u>	276
<u>9.5.20 Fotos aula 2 – alunos lendo Histórias em Quadrinhos</u>	276
<u>9.5.21 Fotos aula 3 – Visita do Super-herói da vida real, o bombeiro</u>	276
<u>9.5.22 Foto da turma do Projeto Mais Educação</u>	277
<u>9.5.23 Primeiras versões das Histórias em Quadrinhos dos alunos</u>	278
<u>9.5.24 História em quadrinhos da Mulher Maravilha publicada no blog do Projeto Mais Educação</u>	280
<u>9.5.25 Desenhos dos alunos publicados no blog do Projeto Mais Educação</u>	281
<u>9.5.26 Segundas versões das Histórias em Quadrinhos dos alunos</u>	282
<u>9.5.27 Histórias em quadrinhos dos alunos publicadas no blog do Projeto Mais Educação</u>	285
<u>9.5.28 Imagens escolhidas pelos alunos publicadas no blog do Projeto Mais Educação</u>	286
<u>9.5.29 Primeira e segunda versões do mesmo aluno</u>	287
<u>9.5.30 Alunos que não fizeram a segunda versão</u>	289
<u>9.5.31 Alunos que não terminaram nem a primeira versão</u>	292

1. INTRODUÇÃO

O Estágio, realizado em dupla por nós, estagiárias Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro, na Escola de Educação Básica Padre Anchieta, aconteceu no âmbito da disciplina Estágio de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura I (252 horas/aula), ministrada pela Professora Doutora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

A etapa de observação da escola, que se deu entre os dias 19 de agosto e 5 de setembro de 2011, foi um período de coleta de dados para entendimento de qual realidade estávamos nos inserindo e que tipo de trabalho construiríamos e exerceríamos durante o período de inserção na escola, imbuídas do nosso conhecimento de formação intelectual e de ideologias como futuras educadoras.

O projeto “O Bruxólico de Cascaes e outros contos”, direcionado para a sétima série (oitavo ano) do Ensino Fundamental, foi planejado para ser executado em 12 horas/aula (entre os dias 10 e 31 de outubro de 2011) divididas em 9 planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 6 horas/aula.

O projeto extraclasse “Super-heróis conectados” foi planejado para ser executado em 15 horas/aula divididas em 5 encontros (entre os dias 1 a 17 de novembro de 2011) para crianças entre 7 e 15 anos que participam do Projeto Mais Educação. Tal programa é uma iniciativa do governo federal de qualificar a educação básica de escola pública, oferecendo oficinas em tempo integral. Decidimos pela inserção neste projeto por termos constatado, no período de observação, as dificuldades de falta de planejamento e de professores para as oficinas.

A etapa da docência constituiu uma importante fase do conteúdo programático da disciplina, o qual consiste em formar o professor no espaço de trabalho, com a imersão na instituição de ensino para acompanhamento cotidiano do trabalho de docentes de língua portuguesa e de atividades na escola que envolvam o campo da linguagem e o próprio exercício da docência como forma de treinar os futuros professores.

O presente relatório está dividido em cinco seções nas quais apresentaremos a descrição do campo de estágio, os relatos das observações das aulas, os projetos de

docência e extraclasse com seus respectivos planos de aula, os relatos dos exercícios de docência e processo de aprendizagem, além da nossa visão sobre toda experiência.

2. DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O espaço escolar está aqui registrado conforme a organização entre as características estruturais e funcionais da escola, a ideologia política e pedagógica presentes no Projeto Político Pedagógico (PPP), em construção desde 2010, a caracterização das turmas trabalhadas e trechos das entrevistas realizadas com os funcionários da escola.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola de Educação Básica Padre Anchieta está situada na rua Rui Barbosa, 525, no bairro Agrônômica, na cidade de Florianópolis. Ela teve seu início em 1929, quando o Arcebispo D. Joaquim Domingues de Oliveira comprou uma casa na localidade de Pedra Grande e fundou a Escola São Luis. Em 1934, a Escola passou a categoria de Grupo Escolar, com a denominação de Grupo Escolar Arquidiocese Padre Anchieta. Nesse mesmo ano, já sob a responsabilidade do Estado de Santa Catarina, foi designada para a Direção a Professora Isaura Veiga de Faria.

O prédio onde funcionava a escola e o mobiliário pertencia à Mitra Metropolitana. A escola possuía 7 salas de aula, 1 gabinete e 1 portaria. A cozinha, a biblioteca e a sala de educação física funcionavam à parte. Em maio de 1936 houve a inauguração do novo prédio escolar. Em primeiro de agosto de 1940, houve um incêndio que destruiu totalmente o Estabelecimento Escolar, havendo em 31 de março de 1941 a inauguração de um novo prédio. Em primeiro de agosto de 1970, a escola passou a funcionar em prédio próprio, ao lado do Educandário XXV de Novembro, construída pelo governador Ivo Silveira, com o nome de Grupo Escolar Arquidiocesano Padre Anchieta, em área cedida pelo Educandário.

Em 1985, a Escola passa a autorizar o funcionamento do Ensino Médio e passa a chamar-se Colégio Padre Anchieta. Somente em 2000, passa a chamar-se Escola de Educação Básica Padre Anchieta e tem sua última reforma em fevereiro de 2002, com a construção de um Ginásio de Esportes.

Das instalações e recursos materiais, a escola hoje possui um amplo auditório, 01 ginásio de esportes, 01 sala de vídeo, 01 laboratório de informática, 01 biblioteca, 01 laboratório de ciências, sala de professores, 01 ampla sala de arte; o acesso para as 10 salas das séries iniciais é pela rampa e de 5ª à 8ª série (6º ao 9º ano), com 11 salas de aula, o acesso é pelas escadas; 01 secretaria; uma cozinha; 01 dispensa para merenda escolar; 01 refeitório; 01 consultório odontológico (desativado); 01 sala para os especialistas em assuntos educacionais; 01 sala da administração escolar e 01 sala da direção; 06 banheiros para os alunos (parte interna e externa da escola) e 02 para professores, masculino e feminino. Possui ainda, sistema de circuito interno de TV e equipamento de TV e Vídeo em 08 salas de aula.

A Escola Padre Anchieta funciona em três períodos – matutino, vespertino e noturno e adota a organização curricular em séries anuais na educação infantil, no

ensino fundamental e médio. A educação infantil e fundamental de 1ª (06 anos) a 4ª série (1º ao 5º ano) funcionam nos períodos matutino e vespertino, o fundamental de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano) no período matutino e vespertino e o ensino médio funciona nos três períodos.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2010), os objetivos gerais do ensino fundamental, o qual é o objeto da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, são:

(...) reconhecer a presença dos princípios que fundamentam normas e leis no contexto social; refletir criticamente sobre as normas morais, buscando sua legitimidade na realização do bem comum; compreender a vida escolar como participação no espaço público, utilizando os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade justa e democrática; assumir posições segundo seu próprio juízo de valor, considerando diferentes pontos de vista e aspectos de cada situação; construir uma imagem positiva de si, de respeito próprio e reconhecimento de sua capacidade de escolher e de realizar seu projeto de vida; compreender o conceito de justiça baseado na equidade, e empenhar-se em ações solidárias e cooperativas; adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, repudiando as injustiças e discriminações; valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas. (Projeto Político Pedagógico, 2010, p.9)

Para a concretização dessa demanda grande e exigente de objetivos para o ensino fundamental é necessário ter um currículo escolar estruturado e planejado e, acima de tudo uma equipe funcional competente e compromissada para a execução de tais metas de ensino-aprendizagem e formação do ser humano. A Escola de Educação Básica Padre Anchieta conta com uma direção, atualmente, formada por três professores eleitos, um corpo docente efetivo de 26 professores, entre os quais com Licenciatura Curta, Plena, Especialização e Mestrado e 14 professores admitidos em caráter temporário, entre os quais professores Pedagogos com Habilitação em Séries Iniciais, Licenciatura Plena e Especialização e três funcionários, como consta no Projeto Político Pedagógico. Já na entrevista realizada com uma das diretoras, ela diz que o quadro efetivo é formado de 46 professores e não tem certeza da quantidade de professores temporários.

A escola possui 54 educadores, 03 Orientadoras Educacionais e 03 Assistentes Técnicos Pedagógicos que atendem, atualmente, 1212 alunos, da educação infantil ao ensino médio. Deste total, 25 crianças estudam na pré-escola (matutino), 504 de 1ª a 4ª série (1º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, 374 (matutino) 225 (vespertino) e 109 (noturno) num total de 708 alunos estudam de 5ª a 8ª série (6º ao 9º) ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio, nos três turnos. A escola possui nas séries iniciais:10

turmas (matutino) e 08 (vespertino), total de 18 turmas; Nas séries finais: 10 Turmas: 07 turmas de 5ª à 8ª (6º ao 9º ano) e 03 Ensino Médio (matutino). 07 Turmas 5ª a 8ª (6º ao 9º ano) e 01 de Ensino Médio (vespertino) 05 turmas (noturno), como consta no Projeto Político Pedagógico.

O corpo discente é formado por crianças e jovens oriundos de famílias de baixa renda. Os pais trabalham de pedreiro, carpinteiro, motorista, servente, vigilante e as mães são do lar, domésticas, cozinheiras, faxineiras. Percebe-se pelos dados coletados no PPP que aproximadamente 80% das famílias têm renda mensal de até um salário mínimo e, 20% que recebe até três salários mínimos mensais. Uma parte significativa não tem renda fixa, são autônomos da construção civil, desempregados ou subempregados. Com exceção de poucas crianças, todas residem no bairro Agrônômica, nas comunidades de Vila Aparecida, Morro do 25, morro do Horácio, Vila Sta. Rosa, dentre outras localidades próximas da escola. Moram em pequenas casas, divididas em 02 ou 03 cômodos, em média 05 pessoas por residência. As crianças, regra geral, não utilizam transporte para se deslocar até a escola.

O único projeto em andamento na escola é o Projeto Mais Educação¹, instituído em abril de 2007, tem por objetivo ampliar o tempo e o espaço educacional dos alunos da rede pública. Trata-se de uma contribuição para a formação integral de crianças e jovens, pela articulação de ações, projetos e programas do governo federal. A iniciativa promove ações sociais e educacionais em escolas e em outros espaços socioculturais.

Os alunos deverão participar das oficinas em horários opostos ao das aulas regulares, ou no final da tarde após o turno vespertino. Todos podem adaptar um horário e participar da oficina que mais lhe interessar. Quanto ao apoio pedagógico de letramento, português ou matemática, os alunos serão encaminhados pelos próprios professores, conforme suas necessidades.

2.1.1 O Projeto Político Pedagógico (PPP)

A fim de compreender os princípios políticos e pedagógicos que norteiam e estruturam a Escola de Educação Básica Padre Anchieta, é que se procurou extrair alguns pontos relevantes do próprio documento oficial da escola, que se encontra em

¹ Mais informações sobre o Projeto Mais Educação realizado na Escola de Educação Básica Padre Anchieta serão apresentadas nas seções 2.1.3.2 e 4.3.

construção, e se faz necessário para registrar o espaço escolar e refletir sobre a prática docente de língua portuguesa na turma de sétima série e na turma do Projeto Mais Educação.

O primeiro momento da elaboração do Projeto Político Pedagógico aconteceu no ano de 1997, quando se iniciou a discussão do que seria um PPP, quem deveria participar da elaboração, enfim, como deveria ser organizado. Naquele ano, mês de agosto, houve uma primeira reunião com a comunidade escolar (pais, professores, funcionários e alunos). Uma das atividades proposta foi responder um questionário (Que escola temos? Que escola queremos? Qual a sugestão para mudança?). Como foi expressiva a participação dos pais naquele encontro, foi possível perceber o que eles pensavam da escola que os filhos tinham e qual a escola que eles gostariam que tivessem para eles. Outros encontros aconteceram, e no final deste ano já tinham elaborado grande parte da estrutura do PPP.

Durante o ano de 1998, já com a filosofia definida, deu-se continuidade, trabalhando-se mais especificamente, a questão da avaliação na escola.

No final do ano de 1998 e início de 1999, algumas mudanças ocorreram na escola, dentre elas a troca de direção e, nesse processo de transição perdeu-se o ritmo e alguns materiais já elaborados.

Para dar continuidade à elaboração do PPP do Padre Anchieta, no ano de 1999, um grupo de trabalho formado voluntariamente por professores da escola reescreveu o que já havia sido discutido pela comunidade escolar (professores, funcionários, pais e alunos) desde 1997.

Este grupo de trabalho do Plano Político e Pedagógico (GT-PPP) sentiu a necessidade de iniciar as atividades organizando um “Banco de dados” da Unidade Escolar contendo informações em relação à estrutura física, clientela que atende, formação e situação funcional dos professores, especialistas e funcionários, aspecto pedagógico, funcionamento da biblioteca, APP (Associação de Pais e Professores) e Grêmios Estudantil, aproveitamento final dos alunos levantando índices de aprovação, reprovação e evasão escolar.

Um Projeto Político Pedagógico, como o próprio nome indica, objetiva e sinaliza para uma meta, que envolve fundamentalmente as dimensões política e pedagógica da educação indissociada, intimamente relacionadas entre si, fundidas num Projeto.

Trabalhar a educação numa perspectiva político-pedagógica significa compreender que a educação não é mero trabalho que se executa no interior de uma sala

de aula, de uma escola, limitado à relação professor-aluno. O ato pedagógico carrega implicações sociais. Não é neutro. Está marcado pela prática social de cada momento histórico. Neste sentido, a construção ou reconstrução de um Projeto Político Pedagógico pode ser alterado simplesmente adequando-o a determinações institucionais do momento ou assumindo uma postura crítica e um compromisso de transformação frente à realidade.

A Escola de Educação Básica Padre Anchieta, através da comunidade escolar (funcionários, pais, professores e alunos), vem, há algum tempo, trabalhando no seu PPP, com o intuito de construir um processo de ensino de qualidade que leve em consideração as realidades concretas e o resgate dos valores culturais de educando, o que possibilita a formação de cidadãos críticos e agentes do processo histórico-social.

O objetivo geral do PPP é implementar ações coletivas, fundamentadas nos valores éticos, filosóficos e estéticos da diversidade cultural, estabelecendo metas a curto, médio e longo prazo na perspectiva de formar cidadãos conscientes e agentes do processo histórico social, construtores de uma sociedade que assegure a todos o exercício pleno da cidadania.

A escola faz parte das treze escolas que compõem o Fórum do Maciço Central do Morro da Cruz desde 2002, cujo lema é: “*reescrever o mundo com o lápis e não com as armas*”.

A direção faz parte da comissão de educação que encabeça, juntamente com o presidente do Fórum o Sr. Padre Vilson Groh, as ações das escolas, desde a formação dos educadores em encontros mensais até as ações realizadas com os educandos das treze escolas tais como: Dia Mundial Das Águas, II Mostra Ambiental, Apresentações Folclóricas, Manifestação Pela “Cultura Da Paz” E III Encontro de Arte (TAC).

2.1.1.1 Currículo Escolar

Desde o início do ano de 2006, a escola vem escolhendo, por um processo democrático o eixo temático que norteia os trabalhos realizados durante o ano, que vai desde a disciplina de cada professor, nas ações pedagógicas da escola, reuniões de pais, planejamentos, conselhos de classe em nossa postura como educador e no exercício diário do nosso trabalho. Em 2006, o eixo foi “O Padre Anchieta e a Comunidade” com o intuito de conhecer mais de perto a clientela, foi feita uma visita de quatro horas (período matutino) com todos os educadores, direção e professores a fim de conhecer os

morros e as comunidades dos quais muitos dos educandos residem. Foram recepcionados e acompanhados pelos presidentes das comunidades (Morro do Horácio, Morro do 25, Vila Santa Rosa e Vila Santa Vitória). No ano de 2007, a temática selecionada no primeiro planejamento do ano foi: Responsabilidade, Ação e Mudança.

Em 2008, o eixo temático foi: “Opção pela Vida”, na qual levou-se em consideração o tema da Campanha da Fraternidade: Escolhe, Pois, A Vida (Dt 30,19). Este tema remeteu o grupo à reflexão acerca da vida: o que é vida para você? As escolhas que repercutem na vida de cada sujeito, num determinado grupo social, numa dada cultura e num determinado momento histórico. Temas como: meio ambiente, qualidade de vida, sexualidade, aborto, educação, saúde, ética, direção defensiva, drogas (lícitas e ilícitas) são temáticas que interferem na vida, buscando mostrar que o aprendizado faz parte da vida e devemos lutar sempre pelo melhor.

2.1.1.2 Encaminhamentos Metodológicos

A discussão metodológica inicia-se com a necessidade de compreender os conteúdos no planejamento a partir dos fundamentos da atividade de aprendizagem, ou seja, o professor planejará com objetividade e clareza de quais atividades de aprendizagem são necessárias para a apropriação dos conceitos, vindo dos conteúdos ensinados. Assim, é possível que a criança apreenda e desenvolva uma atitude metacognitiva e, no caso da linguagem oral e escrita, avance numa dimensão gramatical, ortográfica e semântica. Isso possibilita compreender, que o trabalho do professor, com os alunos no processo de ensino e a aprendizagem, assume uma dimensão imprescindível de intervenção pedagógica intencional.

Os professores sentiram necessidade, de organizar um quadro com sugestões de objetivos de ensino e de avaliação, articulando a compreensão dos registros avaliativos num processo contínuo com indicativo de reconhecimento do processo de ensino e aprendizagem, com a possibilidade de retomar sistematicamente os encaminhamentos metodológicos.

2.1.1.3 O Processo de Inclusão na Escola Padre Anchieta

A escola está recebendo matrícula de Portadores de Necessidades Especiais desde 2005, porém estes educandos só vieram a frequentar as aulas em 2006, junto das

educadoras com formação e experiência em educação especial. As mesmas trabalham juntamente com a professora da turma, em que estes alunos estão inseridos. As duas professoras da turma e a escola como um todo vão trabalhar o aluno com deficiência, garantindo a integração do mesmo, em todas as atividades pedagógicas regulares e extracurriculares, tais como: ensino regular, arte, educação física, atividades de estudos entre outros. Alguns destes alunos estão na APAE e no Projeto Vida e Movimento em horários opostos ao da escola. Os profissionais destas instituições estão sempre em contato com a escola, cujo objetivo é a troca de experiências e informações acerca destes alunos com deficiência.

A escola é pautada pelas orientações do Capítulo V Da Educação Especial, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96.

2.1.2 Caracterização das Turmas

A turma 72, da sétima série (oitavo ano) do ensino fundamental é composta por 24 alunos, entre os quais 12 são meninas e 12 são meninos. A maioria dos alunos está atrasada em relação à seriação, a faixa etária compreende entre 13 e 18 anos de idade.

A turma do Projeto Mais educação tem em torno de 20 crianças com idades entre 8 e 15 anos que estudam de 2ª a 8ª série (3º ao 9º ano) no período contrário ao projeto.

Em geral, os alunos demonstraram atenção, silêncio e participação nas atividades propostas pelos professores. No entanto, há alguns que conversam bastante, se recusam a fazer a tarefa, distraindo a atenção dos demais.

Através da observação, pode se perceber um grau acentuado de defasagem no que tange à leitura silenciosa e oral, compreensão de texto, conhecimento de mundo e produção escrita, concernente à estrutura formal do texto, adequação ao gênero, coesão, coerência e ortografia.

2.1.3 Entrevistas - Perfil do Quadro Funcional²

2.1.3.1 Ana Carolina – professora da turma observada

² As entrevistas foram gravadas e serão usados trechos pra a construção deste texto que contribui para a caracterização do espaço escolar.

Nós marcamos uma entrevista com a professora Ana Carolina e, ela chegou nos contando sobre um projeto que ela fez em 96, quando ainda trabalhava na Escola Técnica Federal, mas nunca conseguiu colocar em prática.

“Foi na minha primeira crise como professora de português, quando eu vi a distância que havia entre o que eu ensinava, e o que os alunos aprendiam. A coisa não ia, não andava”.

O Projeto Mergulhando no Texto (anexo na seção 9.2.1, pg. 147) é a criação de um laboratório de leitura e produção de texto que tem o objetivo de atender às deficiências das competências linguísticas dos alunos. A intenção é trabalhar com a leitura primeiramente e, apenas depois, a escrita, já que a maior deficiência dos alunos se encontra na leitura.

O laboratório seria um espaço pequeno (poderia ser uma sala de aula, ou uma biblioteca), em que se teria um banco de textos e, que se pudesse atender um grupo pequeno de no máximo quatro alunos, para favorecer o auxílio individualizado.

A professora nos explica que seu documento possui todas as justificativas, aparato teórico, os recursos e as vantagens. Nos conta também que este projeto é uma redução do original. Ela teve que ir diminuindo conforme foi apresentando aos investidores. E, não teve sucesso. Nem as escolas privadas, nem as públicas querem investir em seu projeto.

“Ninguém quer investir, gente. Pra quem interessa que as pessoas lêem bem, escrevam bem? Ler, pra quê?”.

Passamos a fazer perguntas sobre a própria Ana Carolina.

Ela nos conta que se formou em Letras, habilitação em língua portuguesa e inglesa, na UNIVALI de Itajaí.

A professora é natural de Natal, Rio Grande do Norte e, veio para Florianópolis em 1976. Se mudou para Navegantes em 78 e, em 94, voltou para Florianópolis. Em 1996, ela entrou na Pós-Graduação em Linguística da UFSC e, ao mesmo tempo, começou a dar aula na Escola Técnica Federal como professora substituta. Ela nos conta que, estava muito pesado fazer as duas coisas e, teve que escolher entre estudar e dar aulas. Como ela não era bolsista na UFSC, preferiu escolher o trabalho de professora. Houve um concurso público enquanto trabalhava, mas ela não conseguiu se efetivar por não haver vagas para Língua Portuguesa.

Ana Carolina já trabalha como professora há 21 anos, mas nesta escola, trabalha desde fevereiro deste ano. De 97 a 2010, ela trabalhou na rede privada de Florianópolis. Ano passado, ela deu aula também de inglês.

O contrato da professora na Escola Padre Anchieta é em caráter temporário e, seu salário possui os benefícios previstos em lei. Ela conta que quando entrou no Estado, em 99, eles tinham direito ao plano de saúde. Sua gravidez foi de auto-risco e ela recebeu toda a cobertura do Estado.

Nos disse também que, antigamente, professor de português não ficava desempregado. Ela tinha a oportunidade de escolher em que escola ela gostaria de trabalhar. “Hoje em dia, está bem diferente, você pode ser o melhor professor, mas pode ficar desempregado, sim. [...] Depois da LDB, depois das faculdades a distância, não era a proposta da LDB, não era a proposta de Paulo Renato de Souza... Mas isso é um problema do Brasil, essa questão de desvirtuar as leis. A LDB foi criada, as faculdades a distância foram criadas para corrigirem um problema do professor que estava em sala de aula e não tinha formação acadêmica. E o que aconteceu? Eu tenho uma amiga que era empregada doméstica e agora é professora de Artes daqui da Escola. Ela faz faculdade a distância e é professora de Artes na escola. Para essas pessoas, a faculdade a distância é ótima. Para mim, que sou professora há vinte anos, a faculdade a distância é horrível, porque criou uma concorrência que me tirou de uma qualidade de vida e me colocou num patamar muito lá embaixo. Antes, eu trabalhava vinte horas e ganhava o que hoje, trabalhando cinquenta horas, eu não ganho. Então, pra ela, que trabalhava de empregada o dia inteiro, trabalhando vinte horas e ganhar o que ela ganha hoje, está bom. Pra mim, não. Ela paga 200 reais na faculdade a distância dela e, pra ela está bom. Pra mim não tá bom, eu paguei caro para me formar e eu fui à faculdade todos os dias. Não foi fácil, eu tive que escrever monografia e, morava no interior, era difícil vir para a universidade todos os dias. Não existia UNIVALI em todo canto”.

A professora nos explicou sobre seu contrato. Ele é de 40 horas. 32 delas, ela está em sala de aula. “Eu tenho 8 aulas que, entre aspas, recebo para planejar aulas. Isso seria a aula atividade. Significa a minha terça feira à tarde e a quinta feira de manhã.”

Perguntamos a ela sobre como planeja suas aulas (se utiliza essas horas, ou não).

“Na verdade, eu já tenho tanta prática, que eu faço assim: estou vendo um filme, aí eu penso ‘poderia usá-lo na sala’. Ou eu penso assim, o que vou trabalhar no terceiro ano? Ah, é o modernismo. Então eu vou fazer uma noite cultural. Se os alunos da noite estão faltando muito - porque eu vejo muito a realidade da Escola - então eu penso: o

que posso fazer para mudar este cenário? Eu tenho que fazer uma aula diferente, algo para chamar a comunidade. No meu terceiro ano, tenho oito alunos. Então, para eles virem à Escola, saírem do tráfico e verem a Escola como um local de prazer, o que eu preciso fazer? Aí, eu vejo Globo News e está lá ‘sarau literário’. Aí eu levo essa ideia. Em outubro, eu pretendo fazer uma noite cultural aqui na escola em que vamos promover uma oficina literária. Vamos chamar uma moradora daqui do morro que é faxineira e escreve livros, canta e conta a sua história de vida. Ela já usou droga, já bebeu e, fala em suas palestras, sobre não desistir, sempre por intermédio da arte. Além desta oficina, quero promover uma de dança, uma de teatro e outra de graffite. Quero trazer o pessoal da noite e da comunidade”.

Voltamos a perguntar a ela sobre seu planejamento nas aulas do dia-a-dia.

“Eu sou muito de chegar na hora e dar a aula (a professora ri). Porque assim, eu faço muita gincana de gramática com os alunos, faço muita redação, faço muita atividade diferenciada. Claro que eu procuro trabalhar leitura, produção de texto, música. Porque é o que eles gostam. Eu procuro fazer o que eles gostam, porque aí eu começo a gostar também. Se for só o que eu gosto, aí eles não conseguem gostar. Daí fica difícil, neh?”.

Insistimos mais uma vez na questão do planejamento e, perguntamos a ela se a escola cobra o planejamento de suas aulas.

“Cobra. E isso é legal, eu gosto muito disso. Quando a gente está abandonado, o barco fica a deriva. A cada 15 dias, a direção senta com os professores, pergunta como está o andamento das aulas, se eu preciso de alguma coisa. E a Carla me diz que percebe que eu sei o que estou fazendo. Foi ela quem sugeriu de eu fazer o momento da leitura em sala de aula, pois eu comecei com prova sobre verbos e, as notas eram muito baixas. Eles não tinham o costume de fazer prova. A gente fazia redação e era um ou dois que entregavam. Hoje em dia é diferente, a maioria entrega.”

Ela dá aula para 6ª e 7ª séries (7º e 8º ano) do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

2.1.3.2 Vanessa – coordenadora do projeto Mais Educação

O nome dela é Vanessa Karine Ribeiro Seibas e é formada em Pedagogia, licenciatura plena, pela UFRGS.

Vanessa trabalha na área há cinco anos, mas está trabalhando na escola desde abril deste ano, quando foi contratada para ser coordenadora do Projeto Mais Educação. O projeto acontece na escola desde 2008, de segunda a sexta, das 9 às 16 horas.

Eles trabalham com previsões. As oficinas são previstas no início de cada ano. Ela não sabe nos dizer quais são os critérios para a escolha das oficinas, mas acredita que, quem coordenava o projeto, escolhia de acordo com a demanda da comunidade. Vanessa nos explica que está trabalhando com as oficinas que foram previstas para o ano de 2010, que são: teatro, letramento, acompanhamento pedagógico em matemática, canto coral, educação ambiental (horta escolar), futsal - Que não ocorre, está apenas no papel. Deveria ser responsabilidade do programa “Segundo Tempo” e, como as quadras estão ocupadas das 9 às 16 horas com atividades da escola, não tem como acontecer o futsal no projeto. - A oficina de Hip Hop foi inserida por já ter havido em anos anteriores. Esta é uma das oficinas que os alunos mais se identificam, talvez pelo professor estar presente desde o início do ano, ao contrário dos outros que não possuem o mesmo compromisso.

As oficinas acontecem com certa infrequência. Os professores faltam, desistem, ou dão aula desmotivados. Eles recebem por turmas atendidas. Têm que atender cinco turmas por semana para receberem o total de 300 reais por mês. E, pelo MEC, eles deveriam atender 30 alunos por turma – o que não ocorre. As turmas da manhã, juntas, têm em torno de 20 alunos. Na parte da tarde, o número é bem menor.- O salário é baixo e é por isso que são desmotivados. Além disso, os professores têm que trabalhar sem material, sem a estrutura e espaço adequados, etc.

A Vanessa faz a divisão das turmas pela série de cada aluno. Como tem muito caso de atraso escolar, ela faz algumas adaptações e, a divisão, acaba sendo mais ou menos por idade. O MEC exige que a escola atenda alunos do ensino fundamental a partir do 3º ano. Isso dificulta muito o trabalho, já que havia alunos que frequentavam o projeto e tiveram que deixar de frequentar por possuírem irmãos menores que não podiam acompanhá-los.

Um dos objetivos do projeto é, além de que os alunos passem mais tempo dentro do espaço escolar, melhorar a educação de alunos com deficiência em aprendizagem. No início do ano, a Vanessa foi chamada para participar dos conselhos de classe para os professores encaminharem as indicações dos alunos. Mas, a realidade da escola é a de que os alunos encaminhados pelos professores já frequentam outros projetos no entorno da escola. Essa foi uma das dificuldades da Vanessa ao entrar na escola. Ela teve, então,

que fazer uma campanha de divulgação passando nas salas, mandando bilhetes para os pais, informando quais oficinas teriam e como funcionariam.

Os alunos, então, têm que frequentar o projeto de segunda a sexta e, recebem lanche e almoço.

Quando falta professor, é a Vanessa quem tem que ficar com os alunos. Ela nos conta que tem direito de ter seis oficinas por semana – o que não fecha duas oficinas por dia. Ou seja, o restante dos dias, ela teria que assumir as turmas comoicineira.

Outra questão difícil é o horário do almoço. É a Vanessa quem tem que ser responsável por esses alunos no período de 1h30 que os alunos têm até começar a aula da tarde. Sendo assim, ela não tem tempo para almoçar. Ela havia dado um jeito de pagar um pouco a mais cada professor das oficinas para fazerem uma espécie de recreação dentro dessa 1h30. Essa atitude foi bloqueada pelo governo por não estar prevista anteriormente. Ou seja, o MEC oferece o projeto, muito bonito no papel, mas não conhece a realidade da escola e não deixa que adaptações aconteçam.

Vanessa se mostra indignada com a Secretaria da Educação que seria a mediadora entre o MEC e a Escola. Ela conta que a secretaria pede sempre um relatório e impõe as regras sem um diálogo para com a escola.

Vanessa nos conta que, a verba que tem no projeto hoje, é apenas para pagar o professor. Não há verba para a compra de material, eles não possuem nem folha de papel. E isso não é apenas uma realidade do projeto, é uma realidade da escola.

Isso acontece por ela estar trabalhando com a verba do ano passado. Ela diz que há a verba deste ano, mas ela não tem acesso a ela. Reclama que as informações não são muito claras. Diz que há um descaso do Estado para com a escola por terem conseguido a direção eleita e etc.

Não há requisitos para ser professor do projeto. São pessoas indicadas. Eles não têm que ser formados e, a verba destinada a eles é, para o MEC, uma ajuda de custo, e não um salário.

Vanessa nos conta que as condições de trabalho são horríveis. Ela mora muito longe da escola, sai às 7 horas da manhã e chega só às 20 horas em casa. Ela é ACT do Estado e recebe como uma professora de 40 horas. Além disso, tem um vale alimentação de 132 reais e o vale transporte que é descontado em folha.

2.1.3.3 Dona Nair - Bibliotecária

Dona Nair é assistente técnico-pedagógica, contratada efetiva pelo Estado. Tem a formação na área de psicopedagogia na UNISUL, em 2000. Faz três anos que trabalha de bibliotecária no Padre Anchieta. Antes disso, trabalhava na parte administrativa da escola. Ela também trabalhava na escola com educação de jovens e adultos, gosta muito de fazer esse tipo de trabalho.

Quando consegue tempo, ela trabalha com a educação de jovens na Penitenciária. Diz que, aqui na biblioteca, se sente um peixe fora d'água. Gosta do contato com os alunos, mas confessa que não é a sua especialidade. Há três anos, ela pede estagiários que possam mostrar a ela como cadastrar os livros, em que programa de computador, etc.

Ela diz que o Estado deveria mandar alguém para fazer o serviço de bibliotecário, mas não existe essa função. E foi mais ou menos, imposto que ela tinha que começar a trabalhar na biblioteca.

Ela já tinha trabalhado vinte anos com magistério e fez dois anos de especialização na UDESC para trabalhar com educação de jovens e adultos.

Nair nos conta que recebe na biblioteca muitos livros didáticos das editoras.

Os professores possuem um dia em que se encontram e optam pelos livros que serão trabalhados no ano seguinte. Mas, nem sempre, o livro que eles recebem no ano foi o escolhido pelos professores no ano anterior. Além disso, nem todo ano, o MEC manda livros novos.

O livro de Português da sétima série (8º ano) trabalhado em nossa turma é de 2002. Dona Nair nos explica que os professores não gostaram do livro enviado pelo MEC neste ano e, preferiram o mais antigo, que foi doado pelo Instituto Estadual de Educação. Os livros novos de Português, deste ano, estão encaixotados no depósito.

Dona Nair tem muita esperança, agora, da nova direção ajudar na biblioteca. Ela diz que, hoje em dia, trabalha com muito mais ânimo do que há seis anos com a outra direção.

Ela pede há cinco anos mais investimento, livros mais atualizados, livros que vão cair no vestibular e etc. Havia uma professora que acabava adquirindo os livros ela mesma e emprestava para os alunos trabalharem.

A falta de cadastro dos livros é o que mais prejudica seu trabalho.

Com a nova direção, foram adquiridos novos livros para a biblioteca e, agora, ela se sente mais animada.

Ela queria ver se, um dia, consegue juntar um pessoal para ajudar a fazer uma limpa nos livros que não estão sendo usados. Muitos livros didáticos e livros de professor estão ocupando espaço. Ela conta que já doou muitos destes livros para a Penitenciária. Não há mais espaço para a biblioteca da escola receber doações. A biblioteca recebe muitas enciclopédias faltando volumes e que não há mais espaço para esse tipo de material.

O registro de empréstimo dos livros é feito todo no caderno. Mas, ela conta, que é muito difícil o controle. O professor de português, por exemplo, leva seus alunos na biblioteca, os deixa pegar os livros e não anota nada.

A comunidade também pode pegar os livros emprestados. Tem muita mãe e pai que vai até lá pegar livros emprestados.

Ela diz que o que mais a biblioteca precisa são bons livros de literatura, assinatura de jornais e revistas. Antes, eles tinham assinaturas do jornal Diário Catarinense, do Notícia e da revista Istoé, mas a secretaria de educação não renovou os contratos. Os professores sentem muita falta desse material, eles aproveitavam bastante.

Dona Nair não sabe nos dizer a quantidade de livros que a biblioteca possui. Eles não têm registros. Alguns livros, enviados pelo MEC, possuem registro em caderno de Ata. Mas, os livros doados não são registrados.

Dona Nair nos conta que as turmas de primeira a quarta série (1º ao 5º ano) têm um dia da semana marcado para utilizarem a biblioteca. Ela ajuda a professora a apresentar os livros que serão escolhidos pelos alunos.

Para os maiores, ela nos explica que a Ana Carolina leva as duas caixas de livros para as salas de aula.

Outros poucos professores trazem seus alunos à biblioteca sem hora marcada.

A Dona Nair cuida também da máquina do xerox que fica na biblioteca. Ela diz que gasta quase todo seu tempo xerocando coisas para os professores.

2.1.3.4 Maria (nome fictício) – professora da escola

A professora Maria é formada em Pedagogia na UDESC, há sete anos. Faz dezenove anos que trabalha na área do magistério. Quando fizemos a entrevista, em agosto, era seu primeiro mês de trabalho.

Na escola Padre Anchieta, ela é contratada ACT, até o fim do ano, como segunda professora. Atende um aluno com necessidades especiais no segundo ano. Ela

gosta muito de trabalhar com este aluno, é uma criança receptiva e isso é muito gratificante.

Além do Padre Anchieta, trabalha, no período vespertino, em outra escola. Lá, substituirá a professora da turma até outubro.

Maria considera como ponto negativo os vales transporte e alimentação que são oferecidos pelo Estado apenas no final de cada mês. Como era seu primeiro mês de trabalho, estava tendo dificuldades em conseguir dinheiro para isso. Outra coisa que ela considera negativa na escola é a falta de autonomia dos professores. Comenta que há muitos alunos indisciplinados em todas as escolas, mas é um papel de todos juntos (pais, vizinhos, professores) pela educação.

Seu contrato é de 40 horas e não possui hora atividade. Nós conseguimos fazer entrevista com ela neste dia, porque o aluno que ela cuida faltou. Ela estava na sala dos professores planejando sua aula da tarde. Mas, no dia-a-dia, ela planeja suas aulas em casa, no seu tempo que seria livre.

Maria nos conta que já trabalhou muito em projetos extraclasse. Nesta escola, ainda não teve a oportunidade de se inserir em algo.

Ela utiliza o livro didático com seus alunos, além de outros recursos. Tem direito a 100 cópias por mês de Xerox e reclama ser muito pouco.

Nas turmas que trabalha, a avaliação é sempre descritiva.

2.1.3.5 Helena – funcionária da cozinha

Ela estudou até a 4^o série. Trabalha na escola como assistente de cozinha há três semanas e nunca havia trabalhado em outra. Considera que a merenda, depois que foi terceirizada, está com qualidade superior em relação à antiga e que há uma variedade maior.

O café da manhã é servido para os alunos do Projeto. Explica que eles possuem dois horários para café da manhã, um almoço e mais dois lanches pela tarde. Nem todos os alunos comem merenda, geralmente os menores aproveitam mais. Os maiores não comem por ficarem envergonhados.

Ela trabalha das 07:00 às 16:30.

Disse que nem todos os alunos a respeitam.

Helena nos conta que não falta comida para os alunos, porém alguns repetem bastante e acaba não sobrando para os que chegam mais tarde.

Disse também que somente os funcionários do projeto podem comer na escola. Quando sobra comida elas servem para os outros funcionários.

Conta que quando chegam à escola, ela e as outras cozinheiras ficam planejando o almoço e depois se revezam, na hora da sua própria alimentação. No período diurno trabalham três cozinheiras e à noite, outras três.

2.1.3.6 Claudete – funcionária da limpeza

Claudete estudou até a oitava série do ensino fundamental e trabalha há 23 anos na Escola Padre Anchieta.

É bem conhecida na escola, é ela quem abre o portão aos alunos.

Por já ter trabalhado de cozinheira, durante 21 anos, na creche do morro da penitenciária, considera ter um envolvimento grande com os alunos. Ela gostava de trabalhar com as crianças menores, mas o governo mudou o sistema colocando firmas para fazerem o serviço e, ela teve que vir para a escola.

Na creche, o serviço era terceirizado. Nesta escola, o serviço é pago pela APP.

A Claudete mora perto da escola e tem uma sobrinha que estuda lá. No começo, a sobrinha não aceitava que a tia trabalhasse no mesmo lugar em que ela estuda pelo fato da Claudete se dar bem com todos.

Diz que dá muito trabalho fazer faxina na Escola por não parar nada limpo.

Ela chega às 7 horas na escola e, já começa limpando. Com mais três funcionárias, limpa primeiro as salas de aula, por já ter havido aula na noite anterior. Depois, elas abrem o portão para os alunos chegarem e vão tomar café. A funcionária reclama que são elas quem têm que trazer o café da manhã, pois a escola não oferece alimentação para os funcionários. Depois do café, as funcionárias da limpeza limpam o pátio, esperam o recreio terminar e limpam novamente. Mais tarde, voltam a varrer as salas de aula.

A Claudete trabalha até às 13 horas e comenta que ainda tem que chegar em casa e fazer o almoço. No período da tarde, tem outra equipe de quatro funcionárias que fazem a faxina.

A funcionária diz que o trabalho de conscientização das crianças para não jogarem lixo no chão, deve ser feito pelas professoras.

Ela ainda fala que não gostava de trabalhar nesta escola no começo, por a terem tirado do lugar em que trabalhava anteriormente, mas que agora, já se acostumou.

Os alunos a respeitam. Quando está limpando, eles saem para dar espaço. Às vezes ela tem que brigar com eles, já que tem alguns que atrapalham arrastando seus pés no chão, sujando mais ainda.

Quando perguntamos sobre seu salário (se ela acha ser justo), Claudete nos diz que é contratada pelo Estado e que não recebe benefícios. Comenta também que pior do que a sua situação, é a das outras funcionárias que são contratadas pela APP. Caso elas fiquem doentes, a falta no trabalho é descontada.

2.1.3.7 Fabrícia – uma das diretoras

O nome dela é Fabricia Amorim. Ela é formada em química/licenciatura e fez o mestrado em educação científica e tecnológica pela UFSC.

Trabalha há quase 13 anos na área, como professora de química. Começou a atuar um ano antes de se formar, como ACT.

Trabalha nesta escola há 11 anos e sua atual função é assessora de direção.

Ela disse que no mês de novembro eles fazem a rematrícula, se sobra alguma vaga, priorizam para as crianças da comunidade, sendo para aquelas que moram em localizações mais próximas. Diz que possuem uma aluna que está matriculada lá, que mora nos Ingleses. Em seu bairro, não tinha vaga para ela. Esta aluna recebe todo mês uma ajuda do estado com o transporte.

A escola tem no total 1024 alunos e são divididos em: ensino fundamental, ensino fundamental 2 e ensino médio nos períodos matutino e vespertino. No período noturno há uma turma de cada série do ensino médio.

O máximo de alunos, por sala, para o 1º e 2º anos é de 25 alunos. Do 3º ao 5º ano, o máximo é de 30 alunos. Do 6º ao 9º ano, o máximo é de 35 alunos. Várias salas começaram cheias, porém muitos alunos pediram transferência por causa da greve.

Ela disse que as três diretoras se revezam para cobrir o período noturno. Duas delas se revezam na parte pedagógica entre as turmas: uma cuida de 1º ao 5º ano e, outra da 6ª série (7º ano) em diante.

Há na escola um quadro de 46 professores efetivos. Em relação aos professores ACT, ela não sabe nos dizer a quantidade certa. Além disso, há sete funcionários de administração e oito da limpeza.

Ao total, são 23 salas. 23 turmas pela manhã, 23 à tarde e 3 à noite. A escola possui um laboratório de ciências e outro de informática, mais duas quadras e um ginásio.

A escola possui oito alunos com necessidades especiais e seis professores para cuidar destes alunos. Um destes alunos é bastante violento, não existindo uma interação entre os colegas. Ela nos conta que o governo não disponibiliza condições necessárias para inclusão destes alunos.

O estado não oferece cursos de formação para os professores em datas específicas. Fabrícia fala que todo mês faziam o planejamento pedagógico, porém foi cortado após a greve. Os conselhos de classe são participativos: são feitos com professores e a turma. No conselho, é discutido sobre o comportamento da turma e depois de cada aluno que está presente. A presença dos alunos não é obrigatória.

Ela conta que a escola não segue a proposta dos documentos oficiais. A maneira que os professores se utilizam para se organizarem e saberem o que a turma aprendeu é comunicando-se uns com os outros.

Há dois tipos de planejamento: um anual e outro bimestral. A cada 15 dias ela se reúne com cada professor para saber a situação de cada turma.

Ela diz que considera a parte burocrática como a parte negativa do colégio, como aquisição de materiais para trabalho, folhas e impressão. A parte positiva, são os professores comprometidos com o trabalho e um convívio afetivo com os alunos.

A cada dois anos são feitas eleições para troca de diretores. Fabrícia prefere estar atuando na sala de aula, ao invés de ficar na diretoria.

Há diferença no salário entre professores efetivos e ACT. O tempo de trabalho e cursos de especialização vão contando pontos para o aumento do salário.

O principal motivo da greve dos professores do estado foi por conta do não recebimento de aumentos atrasados.

Fabrícia chega por volta das 07:30h na escola. Primeiro, ela verifica se os professores já chegaram e, depois, inspeciona os alunos porque fica preocupada com a violência. Além disso, cuida de alunos que estão doentes, faz o planejamento com os professores, ligações para os pais, e etc. Em sua rotina, vive apagando incêndios.

3. OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS

O período de observação é pré-requisito para o cumprimento da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, o qual consiste em formar o professor no espaço de trabalho, com a imersão na instituição de ensino para acompanhamento cotidiano do trabalho de docentes de língua portuguesa e de atividades na escola que envolvam o campo da linguagem e o exercício da docência.

Pelo fato do presente estágio ter se dado em dupla, a seguir, apresentamos os relatos das aulas observadas nas visões das duas estagiárias.

3.1 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA CECÍLIA

3.1.1 Relato Cecília 18/08/2011 das 9h15 às 11h50 - Projeto Mais Educação – Hip Hop

Eu estou sozinha observando o Projeto Mais Educação hoje.

Às nove horas, no refeitório, é servido o café da manhã aos alunos do projeto. A coordenadora Vanessa, que sempre os acompanha quando não estão com os professores, pede silêncio para as crianças. Algumas alunas ajudam a servir as canecas enquanto a coordenadora serve o pão.

Quatro alunas chegam atrasadas e Vanessa chama a atenção sobre o horário.

A coordenadora me conta que o compromisso dos professores do projeto deveria ser maior. Professores chegam atrasados ou até não vêm dar as oficinas. É o que está ocorrendo hoje: são 9 h e 25 e nenhum professor chegou. O lanche deveria ser das 9 horas às 9h15.

Acabando o lanche, os alunos se organizam em duas filas e vão para a sala do projeto Mais Educação. Já que o professor de Hip Hop, oficina que haveria hoje, não veio, Vanessa tenta conversar com os alunos para ver o que eles poderiam fazer. Ela dá a sugestão para eles assistirem a um filme e os alunos concordam. Vamos, então, para o Auditório.

Enquanto a coordenadora organiza a sala, o professor do Hip Hop chega.

Os alunos do projeto são separados por duas turmas (A e B). A divisão é feita mais ou menos por idade. A turma A vai para o Hip Hop, enquanto a turma B fica vendo filme.

Eu vou acompanhar a oficina de Hip Hop na sala do projeto Mais Educação.

A sala é ampla, possui um quadro branco, duas mesas redondas que estão arrastadas para o canto junto com suas cadeiras e, uma mesa comprida com bancos grandes. No canto da sala, há dois armários, uma estante em que os alunos colocam suas mochilas e, há também, uma pilha de colchonetes. A sala não possui porta, suas paredes são divisórias (e não concreto) e, as divisórias viradas para o corredor são de vidro, fazendo com que a sala fique exposta a quem vê do lado de fora.

O professor pede para se sentarem no chão em círculo e começam um aquecimento. Ele explica que a televisão virá visitar a aula deles. Ele cita alguns nomes de emissoras e programas, além de dizer que dia 27 de agosto tem um evento na Escola

e que pretende selecionar alunos para dançarem uma música. Ele explica que os maiores (a turma B) têm uma coreografia e, os menores (turma A) entrariam no meio da música para dançarem no chão.

Depois da conversa, os alunos começam a fazer os movimentos de dança orientados pelo professor. As crianças são calmas e, quando o professor pede silêncio, eles obedecem.

Um aluno pede para ir ao banheiro e vários outros pedem também. O professor organiza para ir um de cada vez.

No decorrer da aula, o professor incentiva os alunos, mas não corrige um a um, ele dá algumas dicas só depois que todos terminam de fazer o movimento.

Às 10h 24 a coordenadora Vanessa vem dizer que eles têm que trocar de turma.

A turma A vai ficar agora com a Vanessa vendo um filme.

A escola não tem estrutura para comportar todas as atividades. Nesta sala, eles disseram que não caberia a turma B. Por isso, vamos para o ginásio. Lá, o ambiente era bem barulhento. As tomadas elétricas não funcionaram e tivemos que trocar de sala outra vez.

A transição de sala é demorada, novamente. Os alunos se dispersam. São 10h45 e voltamos para a mesma sala de antes.

O professor chama a atenção dos alunos e pede silêncio. Fala das emissoras que virão fazer a reportagem e, pede para que os alunos formem três filas.

Essa turma tem uma coreografia que repetem várias vezes para aperfeiçoar. Percebo que uma das alunas sabe muito bem a coreografia e os outros seguem-na no decorrer da música.

Alguns alunos preferem ficar assistindo. Uma das alunas se encontra deitada em um colchonete e ouve música. Outras duas conversam mexendo no celular.

O restante dos alunos são bem interessados e o professor repete sempre o fato de que dia 27 está chegando e haverá uma seleção dos melhores.

Alguns se dispersam com os outros que estão do lado de fora passando pelo corredor.

Uma aluna controla o tempo e diz que faltam 5 minutos para acabar a aula. São 11h25.

O professor usa o tempo final da aula para cantar duas de suas músicas (descubro que ele é cantor de Hip Hop). Os alunos ajudam com o refrão.

Às 11h50 a turma é dispensada.

3.1.2 Relato Cecília 24/08/2011 9h15 às 10h30 - Projeto mais Educação – Letramento

Eu e a Gabriella chegamos na sala do projeto Mais Educação, na oficina de letramento, e os alunos já estavam sentados. Como faltou um professor (educação ambiental, de outra oficina), as turmas A e B estão juntas.

A turma está bem agitada e a professora não pede silêncio. Ela seleciona, no quadro, nomes de personagens do folclore. As crianças ajudam.

A professora fica em dúvida em alguns personagens e nos pergunta. Continua escrevendo no quadro e perguntando para os alunos quem são os personagens do folclore, como são, onde moram e o que fazem.

Mula sem cabeça	Boitatá
Saci Pererê	Negrinho do Pastoreio
Curupira	Boto cor de Rosa
Iara	Vitória Régia
Lobisomem	
Escolher um personagem, desenhar e cuidar dos detalhes (características físicas).	

Os alunos buscam suas mochilas para começarem os desenhos. Os que estavam sentados no banco se juntam nas mesas. Há uma briga para escolherem seus lugares.

A professora corta pedaços de cartolina e distribui aos alunos. Não há folhas de sulfite na escola.

A turma continua agitada, alguns alunos se batem, mas vão fazendo a atividade.

A professora senta num banco e conversa conosco. Vanessa entra na sala, conversa um pouco com a professora e nos chama para a sala dela para que possamos fazer perguntas sobre o projeto.

Deixamos a sala.

3.1.3 Relato Cecília 19/08/11 7h45 às 8h30 - Observação 1 Aula de Português – Aula 1

Eu e a Gabriella chegamos na sala, a professora nos apresenta e pede para que cada aluno se apresente também.

A professora diz que esqueceu a bolsa na sala dos professores e vai buscá-la. Enquanto isso, chegam dois alunos atrasados. A turma está tranquila mas, no decorrer da aula, houve muita conversa paralela que nem sempre era interrompida pela professora.

A professora volta e pede para duas alunas buscarem a caixa com os livros.

O espaço é amplo e há dois quadros (um negro e um branco), um ventilador na frente e quatro outros espalhados pelo teto. No fundo da sala, há alguns livros didáticos jogados pelo chão ou espalhados nas carteiras vazias. Há na sala 22 alunos.

Depois da chamada, as alunas chegam com a caixa dos livros e alguns alunos já se levantam para escolher o que vão ler. As aulas das sextas feiras se chamam “Momento da Leitura”.

A professora diz que é a primeira nota do 3º bimestre e escreve no quadro:

Livro:
Autor:
Editora:
Ano:
Sinopse:

Algumas alunas mexem em seus celulares e ouvem músicas. No decorrer da aula, a professora foi recolhendo os aparelhos depois de chamar a atenção sobre a proibição do uso em sala.

Muitos alunos lêem seus livros e outros copiam algo no caderno (suponho que seja de outra matéria).

Um aluno pergunta o que é sinopse, a professora responde que é o resumo e explica que se faz quando se termina de ler um livro. Ela aproveita e mostra como funciona a ficha catalográfica de um livro e onde se encontra o ano de publicação da obra.

Eles continuam suas leituras e a professora vai tirando as dúvidas dos alunos quando é chamada.

Muitos deles começam a preencher a ficha de leitura. Percebo que nem mesmo terminaram a leitura dos livros.

Uma aluna pergunta se o resumo é para entregar, ou para colocar no caderno. Logo em seguida, outra aluna pergunta se é para entregar a atividade. Um aluno aproveita e pergunta quantas linhas deve ter a sinopse. A professora responde que a atividade é para entregar e que deve ter no mínimo 15 e no máximo 30 linhas.

Chega uma aluna atrasada e entrega um bilhete para a professora. Ela pega uma cadeira e vai escolher um livro. Senta ao lado de um colega.

Percebo que a turma não obedece um espelho de classe, vários alunos sentam em duplas e fora do alinhamento das carteiras.

A professora fica, na maioria do tempo, sentada em sua mesa e não chama a atenção de ninguém que conversa. Ela brinca com as alunas sobre os celulares que recolheu e conversa com elas sobre outros assuntos.

O sinal bate e os alunos devolvem seus livros. Alguns deles saem da sala. A professora devolve os celulares.

3.1.4 Relato Cecília 22/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 2 Aula de Português - Aulas 2 e 3

São 10h18 e a professora conversa com os alunos sobre outros assuntos em tom de brincadeira. Os alunos estão agitados, mas alguns do fundo da sala estão quietos.

No decorrer da chamada, alguns alunos dão risadas e conversam alto.

A professora pergunta quem pode ir buscar os livros didáticos. Duas alunas se dispõem e saem da sala. A turma fica quieta.

A professora explica que vão rever um assunto da gramática. Em seguida, as alunas chegam com os livros didáticos e distribuem para cada um da turma.

Enquanto isso, a professora vai até sua carteira e conversa com eles sobre as notas e confere as médias.

Mais tarde, a professora diz para pegarem os livros e chama a atenção da conversa na 7ª série (oitavo ano).

Na página 63 do livro didático há um texto chamado “O meu amigo Piracicaba” (anexo na seção 9.3.2, pg. 153). A professora explica que todos irão participar em uma leitura coletiva. Cada um vai ler até o ponto final. Ela inicia a leitura. O aluno, que seria o próximo a ler, não está na página do texto. Ele demora para iniciar e lê muito baixo. A

leitura segue com os alunos lendo timidamente e num tom baixo. Um aluno do fundo não quer ler. Logo em seguida, há uma discussão entre os alunos para lerem a parte menor. Um deles gagueja ao ler e, a professora o corrige. Os alunos se dispersam no meio da confusão que está sendo a leitura.

Além disso, a aula é interrompida por uma pessoa que entra na sala e faz uma pergunta a eles. Os alunos riem e continuam a leitura.

Como todos eles fizeram a leitura e, o texto ainda não chegou ao fim, a professora continua a leitura sozinha. Depois, ela lê o glossário sem pausas e sem diálogo com os alunos. Em seguida, pede para que eles façam o exercício da página 65 (anexo na seção 9.3.3, pg. 155) e comenta que ela já explicou sobre os verbos, sujeitos e tipos de sujeito no início do ano. Aproveita isso e pergunta aos alunos quando uma oração é sem sujeito. Ela não obtém resposta e dá o exemplo “Nevou em São Joaquim”. Uma aluna comenta que já faz muito tempo que a professora deu este conteúdo.

Enquanto a professora fala, sentada em sua mesa, sobre o verbo haver, muitos alunos conversam e uma aluna muda de lugar carregando a carteira.

A professora diz que vão fazer exercícios sobre a interpretação de texto e depois sobre gramática. Os alunos começam a fazer os exercícios e ela nos chama para ver os cartazes que os alunos fizeram e estavam expostos do lado de fora da sala.

A professora nos explica que tenta dar sempre conteúdo nos eixos sintático, semântico e morfológico. Diz que faz muita “Gincana gramatical” com os alunos e, acha que é bom para eles por ser em forma de desafio. Nos conta também que não pode dar deveres para casa, porque não adianta, muitos pais não sabem ler e não podem ajudar seus filhos.

Voltamos para a sala e os alunos chamam a professora para perguntar se está certo o que fizeram. A professora, então, começa a ler o exercício em voz alta.

O sinal da primeira aula bate às 10h56 e o barulho fora da sala é grande. É difícil compreender o que a professora fala, até porque a turma também conversa. A professora continua lendo os exercícios sem a participação dos alunos.

Uma menina entra na sala e pede para falar com a professora.

Ao terminar de ler os exercícios, a professora diz que está fácil e que só falta eles responderem. Em seguida, senta em sua mesa e nos chama para mostrar algumas atividades dos alunos (anexas na seção 9.3.4, pg. 157).

Uma aluna diz que tem dentista e a professora pede para ela voltar com uma anotação da direção.

Enquanto a professora conversa conosco, alguns alunos fazem as atividades e outros conversam.

Em seguida, a professora sai da sala, pois a aluna não voltou com o bilhete. Aproveitando que a professora estava fora, três alunos vão até a porta da sala. Outros conversam.

Depois que a professora volta, fica um tempo sentada em sua carteira e diz para terminarem o exercício, pois ela quer corrigir. Ela tira dúvida de alguns alunos que vão até ela.

Depois de alguns minutos, percebendo que os alunos conversam, diz novamente que vai corrigir e, em seguida, falar as notas.

Todos ficam em silêncio no momento, mas logo falam sobre outros assuntos.

Ela começa a correção às 11h32 e pede para que os alunos leiam as perguntas enquanto os candidatos iriam respondendo. Como percebe que os alunos estão tímidos e ninguém se candidata, resolve ler a pergunta e a resposta do livro do professor. Continua a leitura mesmo percebendo a conversa entre os alunos.

Bate o sinal e apenas alguns alunos ficam na sala com a professora pegando suas notas.

3.1.5 Relato Cecília 23/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 3 Aula de Português – Aula 4

A professora começa a aula perguntando aos alunos se ontem conseguiram terminar a correção dos exercícios. Ela lembra que não fizeram a atividade do verbo. Começa a chamada (silenciosa) enquanto poucos alunos conversam.

Da própria mesa, a professora volta a falar da atividade que estava corrigindo ontem. Pede para que dois alunos busquem os livros didáticos e, enquanto isso, boceja, diz que está cansada e pergunta se os alunos preferem fazer os exercícios do livro, ou uma gincana gramatical. Ela explica as regras da gincana enquanto os alunos discutem o que preferem fazer.

Os dois alunos chegam com os livros e entregam aos outros.

A professora pede para abrirem o livro na página 68 (anexa na seção 9.3.5, pg. 158) e diz que vão rever a matéria, para depois fazer a gincana. Ela está sentada em sua carteira e começa a ler a parte de gramática do livro didático “O verbo e as pessoas do discurso”. A maioria dos alunos acompanha a leitura. Ao terminar a leitura, a professora

diz que não quer que eles decorem, mas o importante é que saibam aplicar as regras gramaticais na fala e na escrita. Dá exemplos reais de como escrever uma carta para o presidente da escola de samba. Fala sobre o falar e o escrever bem e cita os eixos morfológico e sintático.

Uma aluna levanta e fecha a porta por haver barulho lá fora.

A professora continua a ler e explicar o quadro de pronomes. Uma aluna se mostra interessada e lê, junto com a professora, em voz alta.

A professora diz “Chove em Florianópolis – quem chove?”. Um aluno responde que é a chuva. Os alunos riem. A professora continua “Comprei um carro – quem comprei?”. Os alunos riem sobre a expressão “quem comprei”. A professora explica que não pode modificar a pessoa do verbo quando se faz a pergunta. “Análise sintática é igual cálculo, se tirar uma vírgula, você se perde”. Ela continua falando em desinência, pessoa, singular, dá exemplos e não vai no quadro.

A professora dá outro exemplo: “É duas horas – são duas horas”. Uma aluna diz que é a mesma coisa, mas a professora continua a ler e não discute a questão.

Ao final da leitura, a professora pergunta se têm alguma dúvida e comenta que estão todos quietos. Ela pergunta, de novo, se querem fazer a gincana ou exercício. Preferem gincana, mas eles se mostram cansados.

A professora pede para se juntarem em 4 grupos. Um de cada grupo vai até a mesa da professora para sortear um papel. Ela escreve no quadro:

1- Os soldados voltaram felizes da guerra.

2- Estou feliz!

Pede, então, para o grupo 1 ir ao quadro selecionar o sujeito e o predicado na frase. Eles têm um minuto para responder. A professora comenta que o tempo esgotou e eles não conseguem fazer o exercício.

O grupo 2 vai ao quadro. Estão preocupados com o tempo. Não conseguem fazer.

Grupo 3 vai ao quadro. A aluna vai com calma. A professora dá dica.

O grupo 4 não quer ir. A professora vai ao quadro e faz a análise, explicando em voz alta.

Os alunos prestam atenção, mas não mostram que entendem. A professora resolve passar mais uma frase enquanto os alunos conversam.

O carro quebrou na esquina.

Um aluno lê a frase em voz alta e pergunta “Quem quebrou? O carro”.

O grupo 1 vai ao quadro e faz o exercício enquanto a turma conversa.

A criança parece doente.

Grupo 2 vai ao quadro. Eles procuram no caderno, pensam e tentam fazer.

Bate o sinal.

3.1.6 Relato Cecília 26/08/2011 7h45 às 8h30 - Observação 4 Aula de Português – Aula 5

Chegamos na sala e a turma estava tranquila. A professora pergunta quem poderia ir até a biblioteca buscar a caixa de livros do “momento da leitura” enquanto faz a chamada.

Os alunos conversam pouco e baixo. Uma aluna se queixa de algo (não consigo ouvir), a professora se mostra comovida e faz um carinho na aluna.

Ela explica a atividade da leitura, diz que quem acabou a leitura do bimestre passado, pode pegar um novo livro, quem não acabou, termina e faz a sinopse “bem feita porque vale nota” (anexa na seção 9.3.6, pg. 161).

Logo em seguida, fala que vai buscar a nova chamada e sai da sala dizendo que vai conferir se os alunos acharam a caixa dos livros.

Os alunos permanecem quietos e alguns conversam baixo.

São 7h57 e os alunos se mostram um pouco mais agitados, mas logo os alunos e a professora chegam com a caixa de livros.

Os alunos vão aos poucos pegar seus livros e começam a folheá-los.

A professora conversa com duas alunas sobre outros assuntos e depois, vai até a gente perguntar coisas relacionadas à UFSC.

Os alunos do meu lado esquerdo conversam. A professora pede para eles lerem e chama a atenção de outros alunos que vão conversando no decorrer da aula. Em seguida, sai da sala dizendo que vai conversar com a diretora.

Três alunos se levantam e dizem que vão pegar outro livro. Eles conversam sobre o tamanho dos livros que pegam.

Uma aluna coloca som no celular e a colega da frente fica brava. A primeira desliga o celular.

A maioria dos alunos se mostra interessada nas leituras.

Os livros, em geral, são repletos de figuras e não são muito grossos.

São 8h15 e a professora volta. A sala se mantém quieta.

A professora vem até a gente conversar sobre outros assuntos relacionados à universidade.

Os alunos continuam lendo seus livros, poucos escrevem em seus cadernos e a professora mexe em seu celular sentada em sua mesa. Uma aluna vai até ela e entrega um papel com seu texto escrito e as duas conversam. A aluna mexe na caixa dos livros procurando um novo. Acha e vai até seu lugar.

Uma outra aluna pergunta se é para entregar a atividade.

A professora observa os alunos que se mantêm em silêncio lendo e escrevendo. Às 8h25, pede para colocarem os livros de volta na caixa. Em seguida, pede para a aluna que entregou a atividade contar o que achou do livro que leu, intitulado “Zumbi”.

O sinal bate e os alunos se mostram agitados, interrompendo a explicação da aluna. A professora não se esforça em manter a turma quieta e todos saem.

3.1.7 Relato Cecília 29/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 5 Aula de Português - Aulas 6 e 7

Chegamos na sala e a professora começou a conversar sobre futebol com os alunos, já que uma das alunas tocou no assunto. Mesmo com esta conversa, a turma está tranquila.

O professor de informática vem conversar com a professora que sai da sala e volta em seguida.

A professora diz que os alunos têm duas opções: podem ver os complementos nominais, ou podem produzir uma redação. Eles reclamam que a outra turma viu filme. A professora, então, explica que o filme vai ser dado para a turma 72 depois da noite cultural (evento que a professora planejava para acontecer na escola no início de outubro).

Os alunos não sabem o que preferem e perguntam sobre o que escreveriam. A professora diz que é sobre o texto que ela daria antes de começarem a escrever. Eles não

gostam da ideia de lerem um texto antes. Dessa forma, a professora pede para buscarem os livros didáticos.

Hoje está um dia muito chuvoso a quantidade de alunos é menor.

A professora escreve no quadro sobre o Complemento Nominal e os alunos conversam e copiam.

Complemento Nominal:

O Complemento Nominal é aquele que completa o sentido de um nome. Esse nome pode ser um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

Ex.: A destruição/ da mata/ é condenável.

Substantivo / Compl. Nom.

Ex.: Fui favorável/ aos alunos.

Adjetivo/ Compl. Nom.

Ex.: Agi favoravelmente/ aos alunos.

Advérbio Compl. Nom.

Ex.: Tenho certeza de que o futebol foi bom.

A professora pergunta quem é avaiano para colocar um exemplo no quadro. Quando percebe que a turma está dividida entre Avaí e Figueirense, decide não colocar o exemplo e comenta conosco que professor não pode ter religião nem time de futebol.

A professora conversa conosco sobre o projeto dela e percebe que um aluno no fundo estava dormindo. Vai até a carteira dele e o acorda.

A professora pergunta se pode começar a explicar e os alunos dizem que ainda estão copiando. Dá mais um tempo e depois, diz que vai explicar o que está no quadro para, mais tarde, perguntar a idade de cada um para ela contar uma piada e explicar a outra matéria. Com isso, a turma fica agitada.

Começa a explicação. Ela está de pé e escreve no quadro o exemplo. “O verbo transita até seu complemento”. O quadro fica do lado direito da sala e a professora está de costas para alguns alunos.

Ela relembra o complemento verbal para explicar o complemento nominal.

Resolve contar uma história para explicar a voz passiva, mas tem dificuldade de prender a atenção dos alunos que sempre interrompem a professora.

A professora vai dar exemplo no quadro e demora para escrevê-lo.

Lucas foi abraçado por José.

José abraçou Lucas.

A professora continua a explicação. Alguns alunos conversam e outros prestam atenção.

Uma aluna pergunta porquê pegaram o livro didático. A professora explica que tem exercício e texto no livro e começa a escrever no quadro a matéria sobre Agente da Passiva.

Agente da Passiva:

Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é agente.

Ex.: O fogo destrói a fábrica.

Reflexiva - a voz age e recebe a ação.

Ex.: A fábrica queimou-se.

Age e recebe a ação.

Uma aluna vai até a porta, pois se incomoda com um barulho do lado de fora da sala.

A professora termina de escrever no quadro, vai ao seu lugar e pergunta aos alunos se já leram o texto “Sofia”, porque, no livro didático, é esse texto que tem a gramática da voz passiva.

Uma aluna diz que tem que ir ao médico, fala com a professora e sai da sala.

A professora pede para terminarem de copiar e abrirem o livro na página 91 (anexa na seção 9.3.7, pg. 164).

Alguns alunos abrem seus livros e começam a fazer os exercícios. Outros conversam sobre outros assuntos.

A diretora entra na sala e chama uma aluna cuja irmã está passando mal.

Outras alunas perguntam a página do exercício e perguntam se é para fazer os exercícios. A professora, então, pega o livro, analisa e diz que é para fazerem o 1, o 2 e o 3.

A aluna que tinha saído para ir ao médico, volta para a sala dizendo que perdeu a consulta.

A professora diz a todos que é só para fazerem as respostas no caderno. Porém, o item 1 pede para copiar no caderno as orações (a,b,c...) abaixo. Percebendo isso, uma

aluna pergunta se é para copiar as frases (a,b,c...) no caderno. E a professora repete “só as respostas”.

A sala fica em silêncio, os alunos estão fazendo os exercícios enquanto a professora abre o livro didático, lê e diz, depois de um tempo, que a questão 3 não precisa ser feita.

A professora fala sobre a chuva, os alunos conversam.

Uma aluna diz que não sabe fazer o exercício e que vai esperar a professora corrigir para aprender a fazer.

A professora começa a correção às 11h30. Ela faz o exercício no quadro. Em uma certa questão, um aluno responde que era um objeto indireto. A professora diz que a resposta correta é objeto direto, mas não explica porque não é um objeto indireto.

Ela copia as frases no quadro enquanto explica e a turma conversa no meio da explicação.

Às 11h40, a professora pede para recolher os livros e os alunos vão guardando seus materiais enquanto conversam e esperam o sinal bater.

3.1.8 Relato Cecília 30/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 6 Aula de Português – Aula 8

Os 10 alunos presentes hoje estão tranquilos e a professora conversa com eles sobre as notas. A semana está chuvosa.

A professora faz a chamada.

Eu e Gabriella entregamos aos alunos os questionários (anexos na seção 9.3.8, pg. 165) para que eles nos entregassem na sexta feira. Pedimos ajuda para que uma das alunas entregasse os questionários aos alunos que faltaram hoje.

Duas alunas vão buscar os livros didáticos. Enquanto isso, a professora fica conversando com os outros.

Os alunos se mostram interessados pelo questionário, alguns já começam a responder. Dessa forma, a professora pede para responderem o nosso questionário para depois eles lerem o texto da página 83 (anexo na seção 9.3.9, pg. 167) “Sofia”.

Os alunos respondem o questionário enquanto a professora faz uma leitura silenciosa do livro didático. Ela resolve começar a leitura do texto depois de um tempo. Vão fazer igual da outra vez, todos vão ler até o ponto final.

A leitura é confusa: os alunos lêem baixo e corrido, até o ponto final. A professora chama o aluno que deveria ler num certo momento e, ele pergunta em que parte está. A professora lê a parte do aluno. Ele repete a mesma coisa e, todos riem. A leitura se seguiu dessa forma. A professora ria quando os alunos se perdiam.

Uma aluna comenta que não quer ler (ela está preocupada em preencher o questionário) mas, acaba lendo quando chega a sua vez.

Depois de duas rodadas, a professora continua o texto sozinha.

Alguns alunos acompanham e outros estão preocupados com o questionário.

Depois da leitura, a professora pede para fazerem os exercícios da página 86 (anexo na seção 9.3.10, pg. 170).

O primeiro exercício é para classificar o texto lido (narrativo, descritivo, dissertativo). A professora lembra com eles o que é cada tipo. Quando estava explicando a descrição, foi dar um exemplo com o Kadaf, que tem um sofá de ouro. A turma se agita, a professora expõe sua opinião. Depois, volta a explicar a matéria e lê o exercício 2.

No texto, há personagens turcos e o autor reproduz na escrita como as personagens falam. A professora dá um exemplo da novela, mas não mostra muito conhecimento para dar esse exemplo.

A professora vai lendo os exercícios e pergunta aos alunos. Alguns tentam responder e a professora ajuda.

Alguns alunos me devolvem os questionários preenchidos enquanto a professora recolhe os livros.

Os alunos saem da sala quando bate o sinal.

3.1.9 Relato Cecília 02/09/2011 7h45 às 8h30 - Observação 7 Aula de Português – Aula 9

Cheguei na sala, os alunos já estavam sentados.

A professora começa a fazer a chamada e, ao terminar, pede para irem buscar os livros do momento da leitura. Duas alunas já se levantam, mas a professora interrompe por um momento e diz que quer conversar com os alunos. Ela diz que no feriado, 7 de setembro, virá arrumar a biblioteca e comenta que os alunos que estão pendurados poderão se candidatar a ajudá-la.

O celular da professora toca. Ela vai até a sua bolsa e o desliga.

Uma aluna reclama que é feriado e a professora explica que, em virtude da greve, terá aula normal.

As meninas chegam com os livros e a sala está agitada. O fundo da sala está conversando muito.

Muitos alunos vão pegar seus livros e a professora pede silêncio. A maioria obedece e poucos conversam. Depois de um tempo, a turma fica quieta e muitos lêem seus livros.

Uma aluna canta e o menino sentado atrás pede para ela ficar quieta. A menina comenta que não consegue ficar quieta. Ele, então, troca de lugar, senta-se com outra aluna na frente da sala.

A professora está em sua carteira corrigindo alguma atividade (ela está usando caneta vermelha).

Dois alunos começam a conversar baixinho e a professora pede silêncio (PSIU). Eles continuam a conversar e a professora pede novamente (PSIU). O restante dos alunos estão lendo seus livros.

A professora nos mostra algumas atividades dos alunos. Antes de começarmos a observação, os alunos viram o filme “Mãos Talentosas”. A professora tinha passado algumas perguntas para eles e, como entregaram mais ou menos na época que começamos, ela nos entregou a atividade para que pudéssemos dar uma olhada (anexa na seção 9.3.11, pg. 171).

Uma aluna de outra turma aparece na porta e conversa com uma de nossa sala. Ela se levanta e pede autorização para a professora, quer entregar um papel para a amiga.

A professora percebe que um aluno está ouvindo música e pede para ele tirar os fones. Ele diz que não. Como a professora diz que vai entregar o celular para a diretora, a menina sentada ao seu lado, dona do celular, o guarda.

O sinal bate.

3.1.10 Relato Cecília 05/09/2011 8 horas às 12 horas - Observação 8 – Encontro com os professores do Fórum do Maciço do Morro da Cruz

Hoje, iremos observar uma formação de professores que está ocorrendo na escola. Os alunos foram dispensados das aulas.

Uma professora da UFSC começa a falar e projeta uma imagem para que os professores discutam o que há nela.



A discussão demora em torno de 30 minutos e, a professora mostra a segunda imagem.



Ela mostra aos professores o outro significado dado à estátua.

Depois da fala da professora da UFSC, outros professores falam a todos. A discussão é sobre a existência ou não do Fórum do Maciço. Um professor diz que hoje nos encontramos entre a finalização de um momento e a construção de um novo.

Eles falam sobre a dificuldade dos ACT's de conhecerem melhor o que é o Fórum do Maciço e dão muito destaque à importância do PPP da escola, a importância de articular o político e o pedagógico.

A principal discussão é de como se dará a formação nos próximos três encontros que eles terão. Muitos dão ideias, mas parece que não conseguem entrar num consenso.

Os professores, em sua maioria, se mostram desgastados, cansados da mesma discussão de sempre. A greve que eles acabaram de passar desmotivou muita gente.

A Carla, uma das diretoras, diz que o momento é de agir (práxis). Eles já leram muito em outros encontros, já discutiram e, não seria conveniente fazerem mais discussões.

É encerrada a reunião da parte da manhã. De tarde, eles serão separados em grupos temáticos para mais discussões.

3.2 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA GABRIELLA

3.2.1 Relato Gabriella 24/08/2011 9h15 às 10h30 - Projeto mais Educação – Letramento

Chegamos à sala quando a professora explicava o que eles iam fazer. A professora começa a colocar os personagens do folclore no quadro. Não houve outra oficina e as duas turmas estão juntas, com idades diferentes.

A professora conta a história do Negrinho do Pastoreio. Os alunos são muito barulhentos. Os personagens listados são: Mula sem Cabeça, Saci-Pererê, Curupira, Iara, Lobisomem, Boitatá, Negrinho do Pastoreio, Boto cor de rosa, Vitória Régia.

Há 18 alunos na sala. Um grupo fala o tempo todo, enquanto outros alunos não falam nada. A professora fala dos personagens, como são, onde moram. A professora explica que magia é diferente de traquinagem. A traquinagem é algo que ofende.

A professora se exalta com um aluno. A professora não sabe a história da Vitória Régia e uma aluna que sabe conta a história para a turma.

Em seguida, a professora passa a atividade:

Escolha 1 personagem. Desenhe e cuide dos detalhes (características físicas).

Os alunos não deixam a professora falar direito. Os alunos pegam seu material para desenhar e começam a desenhar em um pedaço de cartolina cortado pela professora. A Vanessa entra pra falar com a professora.

A atividade continua até a nossa saída.

3.2.2 Relato Gabriella 19/08/11 7h45 às 8h30 - Observação 1 Aula de Português – Aula 1

A professora entra na sala e nos apresenta à turma como estagiárias que irão acompanhar as aulas durante um período. Ela pede para que todos os alunos se apresentem para nós e, assim todos fazem.

Em seguida, a professora diz que precisa buscar a bolsa que havia esquecido e sai. Quando volta a professora pede para dois alunos buscarem os livros na biblioteca.

Enquanto isso, a professora faz a chamada. A turma está calma, com algumas conversas paralelas e há uma aluna que interage bastante com a professora.

Quando os alunos chegam com os livros, a professora coloca a caixa na frente da sala e pede para todos que vão escolher um livro para o “Momento da Leitura”.

Os alunos, então, escolhem os livros e começam a ler. Alguns dizem que não querem ler e a professora logo diz que é o último dia do bimestre, que entregará as médias após o conselho de classe e que essa atividade do dia constará como a primeira nota do 3º bimestre. Uma aluna disse que estava cansada, pois havia trabalhado até tarde.

A professora coloca no quadro a atividade de ficha de leitura que os alunos deverão entregar depois de realizarem a leitura. Ela não orienta a atividade só diz que devem entregar.

<p><u>Ficha de leitura:</u></p> <p>Livro:</p> <p>Autor:</p> <p>Editora:</p> <p>Ano:</p> <p>Sinopse:</p>

A professora pega um livro e explica que as informações estão dispostas na ficha catalográfica.

Há quatro alunos sentados juntos na frente realizando a leitura, a professora passa pelas carteiras para auxiliar os alunos. A turma não é bagunceira, mas há alguns alunos que não param de falar.

A professora senta em sua mesa e começa a falar com os alunos, durante o momento em que estão fazendo a leitura. Uma aluna levanta e vai falar com a professora. Outra aluna pergunta se pode ser à lápis e a professora diz que prefere à caneta, mas que o aluno que decida.

Em geral, a turma fica lendo os livros, contudo alguns já começam a responder a ficha de leitura, sem terminarem de ler.

Uma aluna pede uma caixa de papelão emprestada à professora e ela responde que não tem e pede pra aluna ver isso em algum mercado. A professora vê duas alunas com celulares e os apreende. A professora também apreende uma revista que estava sendo lida por um dos alunos durante a atividade proposta.

O sinal bate, os alunos devolvem os livros na caixa e acaba a aula.

3.2.3 Relato Gabriella 22/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 2 Aula de Português - Aulas 2 e 3

A aula começa com muita conversa e a professora brinca com os alunos. A professora faz a chamada e, em seguida pede para dois alunos buscarem os livros didáticos.

A professora inicia a aula propondo rever o conteúdo do sujeito, tratando sobre os verbos impessoais e dá o exemplo: “*Fazem quinze anos...*” como um caso de erro. A professora diz que o ideal, o correto é “*Faz quinze anos...*”

A professora, então, fala das notas e enfatiza que elas caíram muito. Também comenta que a 7ª série (oitavo ano) tem que cuidar da conversa e da concentração.

Assim que os alunos chegam com os livros e entregam para cada um, ela pede que abram na página 63 (anexa na seção 9.3.2, pg. 153) e pede para que façam uma leitura em voz alta, cada aluno lendo até o ponto. Mais uma vez, enfatiza que vão ler porque vale nota.

Os alunos começam a leitura e, muitos dizem estarem perdidos. A aula é interrompida por uma pessoa que entra e faz uma pergunta. A leitura é retomada e os alunos dão muita risada do modo como os seus colegas lêem. A professora vê a demora e conclui a leitura do texto. Terminada a leitura do texto a professora lê o glossário para os alunos.

Em seguida, pede que abram na página 68 (anexa na seção 9.3.5, pg. 158) e lê a explicação gramatical sobre oração sem sujeito. Ex.: Nevou em São Joaquim (Fenômeno da Natureza). Logo explica sobre a flexão do verbo haver e fazer.

Alguns alunos ficam conversando durante a explicação e a professora comenta que esse conteúdo foi o que viram no começo do ano. Uma aluna diz que não lembra da matéria, enquanto outra aluna muda de lugar.

A professora diz que com verbos impessoais não tem como dar plural porque dói o ouvido. Terminada a explicação gramatical, a professora pede que façam os exercícios de 1 a 7 da página 65 (anexos na seção 9.3.3, pg. 155), de expressão escrita no caderno. Em seguida, sugere que façam o exercício de gramática.

Enquanto os alunos fazem a atividade proposta, a professora faz uma brincadeira com um dos alunos e chama a atenção de outro. Depois que os alunos já iniciaram o exercício, a professora lê e explica as questões e conversa um pouco com os alunos.

A professora nos mostra as atividades que os alunos fizeram no corredor, também mostra as redações que os alunos fizeram em sala sobre o primeiro beijo.

A professora saiu um pouco da sala porque uma menina havia pedido para ir ao dentista e não havia voltado com a autorização de dispensa.

Depois que volta, uma aluna acaba a tarefa e vai mostrar para professora. Há três alunos quietos fazendo a atividade.

A professora começa a corrigir o exercício, o aluno lê a pergunta e a professora dá a resposta. Na hora de responder a professora hesita e como vê que está demorando, ela mesma lê pergunta e resposta do livro didático.

Assim que acaba a correção a professora recolhe os livros e fica esperando bater o sinal para acabar a aula.

3.2.4 Relato Gabriella 23/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 3 Aula de Português – Aula 4

A professora entra e faz chamada. Pergunta aos alunos se havia acabado a correção do exercício anterior. Neste dia muitos alunos faltaram, apenas quatorze alunos presentes.

A professora pede para dois alunos pegarem os livros didáticos. Enquanto isso, ela pergunta se os alunos querem fazer a atividade do livro ou a gincana gramatical. Os alunos escolhem a gincana.

A professora, então, diz que vai fazer uma revisão e apaga o quadro. Inicia explicando as regras da gincana gramatical, dizendo que vai cronometrar o tempo que os alunos respondem as questões no quadro.

Antes da gincana, a professora inicia uma revisão rápida e pede para os alunos abrirem o livro na página 68 (anexa na seção 9.3.5, pg. 158), que trata sobre o verbo e as pessoas do discurso. Ela hesita muito ao dar a explicação gramatical e faz a leitura do texto, permanecendo sentada todo o momento. A professora apenas lê o texto e os exemplos, ressalta que não deseja que os alunos decorem o conteúdo, mas que saibam consultá-lo. Durante sua fala, ela se dirige sempre para determinado aluno.

A explicação é feita pela professora através das nomenclaturas da gramática tradicional e segue fazendo a seguinte metáfora: “... *do mesmo modo que um motorista sabe dirigir bem sem conhecer o motor do carro, um brasileiro tem que falar e escrever bem sem decorar as regras gramaticais...*”

A professora diz que a análise sintática é análoga a um cálculo matemático, que não pode mudar nenhum elemento de lugar, caso contrário o resultado é deturpado. Ela explica que os verbos fazer e haver não vão para o plural.

A professora faz um sorteio para dividir a turma em três grupos e começa a gincana sobre sujeitos e predicados. Ela, então, escreve a seguinte frase no quadro:

1. Os soldados voltaram felizes da guerra.

Os alunos pesquisam no livro e o primeiro grupo vai até o quadro e não sabe a resposta, passa a vez para o segundo grupo que erra a resposta. A professora, então, coloca a resposta no quadro.

Uma aluna sai para ir ao banheiro e volta fazendo barulho. Em seguida, a professora coloca outra frase no quadro:

2. Estou feliz!

Durante a interação com os alunos, a professora dá a resposta sem se dar conta. Um grupo se negou a fazer. Fica claro que os alunos não demonstram saber o conteúdo. Uma aluna começa a cantar.

Mais duas frases são colocadas no quadro:

3. O carro quebrou na esquina.

4. A criança parece doente.

Os grupos tentam achar a resposta no livro, vão até o quadro e erram a resposta ou às vezes não dá tempo de responder, pois as respostas são cronometradas.

O sinal bate e termina a aula.

3.2.5 Relato Gabriella 26/08/2011 7h45 às 8h30 - Observação 4 Aula de Português – Aula 5

A professora entra e faz a chamada. Assim que termina, uma aluna conta que trabalha e a professora conversa com ela. Uma aluna chega atrasada.

A professora pede para dois alunos irem buscar os livros na biblioteca para o momento da leitura. Nesse momento, a professora sai da sala para ver se consegue a chamada nova. A turma espera a professora em silêncio e os dois alunos demoram com os livros, pois a biblioteca estava fechada.

Quando retorna e os livros chegam, a professora instrui a atividade dizendo que devem fazer o registro para entregar para nota.

Os alunos vão até a caixa na mesa da professora, na frente da sala e escolhem os livros para leitura. Os alunos começam a leitura e alguns conversam. A maioria dos alunos está concentrada lendo. A professora sai outra vez da sala e devido sua ausência alguns alunos perdem a concentração e começam a conversar.

Uma aluna diz que escolheu o livro com mais figuras e menos texto e revela que odeia ler e escrever. Percebe-se que, de maneira geral, os alunos demonstram interesse e vontade de aprender, pois realizam a tarefa mesmo na ausência da professora. Apenas dois alunos, no fundo da sala, não abrem, sequer, o livro. A turma fica silenciosa.

A aula está completamente desinteressante. Não houve nexos entre a instrução da professora e a atividade. A professora pede para uma aluna expor sua opinião sobre o livro lido, mas o sinal bate na hora e a aula termina.

3.2.6 Relato Gabriella 29/08/2011 10h15 às 11h45 - Observação 5 Aula de Português - Aulas 6 e 7

A professora entra e conversa com os alunos sobre shows e, em seguida, faz a chamada. Muitos alunos faltaram, apenas doze alunos estão presentes. A professora se ausenta da sala e, quando retorna, diz que vai ter planejamento e que vão decidir sobre a noite cultural, um evento organizado pela professora. A professora dá duas opções para a aula: análise sintática sobre complementos ou fazer uma redação.

A professora pergunta quem quer buscar os livros didáticos. Os alunos escolhem análise sintática e ficam falando sobre a escolha. A professora, então, pede para pegarem o caderno e para anotarem:

Complemento Nominal:

O Complemento Nominal é aquele que completa o sentido de um nome. Esse nome pode ser um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

Ex.: A destruição/ da mata/ é condenável.

Substantivo / Compl. Nom.

Ex.: Fui favorável/ aos alunos.

Adjetivo/ Compl. Nom.

Ex.: Agi favoravelmente/ aos alunos.

Advérbio Compl. Nom.

Ex.: Tenho certeza de que o futebol foi bom.

A professora copia a matéria no quadro e os alunos conversam. Há um aluno dormindo na sala. Alguns copiam, outros não.

A professora tira o último exemplo do quadro porque diz que vai dar “rolo”, mas fica claro que é porque não sabe como classificar. Assim que termina de copiar, a professora acorda o aluno que estava dormindo e pergunta se pode explicar o conteúdo. Ela diz que vai perguntar a idade dos alunos para ver se pode contar uma piada para explicar outro conteúdo.

A professora explica o complemento verbal remetendo a objetos do verbo.

Ex.: Comprei uma camisa para a Kaká.

Professora pergunta se pode entrar no Agente da Passiva. A professora começa a contar a piada que tinha comentado antes.

Agente da Passiva:

Lucas foi abraçado por José.

José abraçou Lucas.

A professora dá alguns exemplos e fala em voz ativa, passiva e reflexiva. Alguns alunos não param de rir. A professora apaga o quadro e escreve novamente:

Agente da Passiva:

Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é agente.

Ex.: O fogo destrói a fábrica.

Uma aluna se incomoda com o barulho fora da sala e vai até a porta ver o que é.

Reflexiva - a voz age e recebe a ação.

Ex.: A fábrica queimou-se.

Age e recebe a ação.

A professora pergunta se leram o texto da “Sofia” e pede para abrir o livro na página 91 (anexa na seção 9.3.7, pg. 164).

Uma mulher entra na sala para falar com uma aluna que a irmã está passando mal e tem que levá-la para casa. A aluna irá fazer o exercício em casa.

A professora pediu para fazer o exercício da página 91, as três primeiras questões, com apenas as respostas no caderno.

A professora fica sentada em sua mesa e pede para fazerem rapidamente as questões para que ela possa fazer a correção. Os alunos ficam em silêncio fazendo a atividade.

Uma aluna que muda de lugar diz que não vai fazer o exercício e vai esperar a professora dar a resposta. A professora pergunta se pode corrigir. Os alunos não param de conversar.

A professora começa a correção lendo as questões, os alunos respondem de forma errada e ela coloca a frase no quadro. Eis uma das frases:

Ex.: Terminado o serviço, ela fazia o pagamento.

A professora diz que análise sintática é igual fazer conta, tem que visualizar bem. Uma aluna foi ao banheiro e a sala ficou silenciosa.

Ex.: Engraçado, eu tinha pensado nisso também, mas fiquei com vergonha de falar.

Uma aluna acerta a resposta e a professora vibra com ela. Ela sempre responde as questões. Após a correção, os alunos entregaram os livros e esperam o sinal para ir embora.

3.2.7 Relato Gabriella 30/08/2011 9h15 às 10 horas - Observação 6 Aula de Português – Aula 8

A professora entra, conversa um pouco com os alunos sobre as notas e faz a chamada. Eu e a Cecília entregamos e explicamos o questionário de reconhecimento do perfil da turma. Os alunos fazem inúmeras perguntas sobre o questionário.

Dois alunos vão buscar o livro didático e, enquanto isso, a professora conversa sobre outros assuntos com os alunos.

A professora propõe a leitura em voz alta, até o ponto final, do texto da Sofia, na página 83 do livro didático (anexo na seção 9.3.9, pg. 167). Os alunos lêem baixo, a professora tem que ajudá-los a se encontrar. Os alunos dão risada da leitura dos outros alunos. A professora termina a leitura para ir mais rápido. Alguns alunos conversam durante a leitura.

A professora propõe que se faça a atividade de expressão escrita, na página 86 (anexo na seção 9.3.10, pg. 170), somente as respostas no caderno. A professora explica o que é uma narrativa, emite sua opinião sobre o texto e faz perguntas em voz alta.

Após o tempo dado para a realização do exercício, a professora lê as perguntas em voz alta, os alunos copiam a resposta no caderno, que é lida pela professora direto do livro didático.

Uma aluna diz que a professora gosta de trabalhar, pois ela trabalha todos os dias. A professora, então, responde, que não é gostar de trabalhar, é precisar.

A aula acaba antes de bater o sinal.

3.2.8 Relato Gabriella 02/09/2011 7h45 às 8h30 - Observação 7 Aula de Português – Aula 9

A professora entra e faz a chamada. Ela fala com a turma sobre a possibilidade de os alunos ajudarem a arrumar a biblioteca no feriado e anota o nome dos alunos interessados.

A professora pede para os alunos pegarem os livros literários na biblioteca. Assim que os dois alunos retornam, os outros escolhem o livro para leitura na caixa que está na mesa da professora. Muitos alunos estão conversando na sala. A professora chama a atenção de um aluno.

Os alunos ficam em silêncio e lêem os livros. Uma aluna diz que não consegue ficar quieta e canta. A professora fica sentada em sua mesa organizando papéis. Somente dois alunos conversam, enquanto os outros lêem.

A professora sai por um instante da aula. Quando retorna, o sinal bate e a aula acaba.

3.2.9 Relato Gabriella 05/09/2011 8 horas às 12 horas - Observação 8 – Encontro com os professores do Fórum do Maciço do Morro da Cruz

Na última observação, a Escola de Educação Básica Padre Anchieta dispensa as aulas para sediar o Encontro com os Professores do Fórum do Maciço do Morro da Cruz. O tema é reflexões sobre a prática pedagógica dos professores.

Uma imagem é projetada a fim de ser interpretada pelos professores, a seleção da imagem é para provocar as relações que as pessoas presentes conseguem fazer.

Há muita discussão, fala-se em Vygotsky e as funções elementares do ser humano, em diferença entre sentido e significado, mudança de sentido quando há uma interferência, sentido de produzir outra realidade.

Em seguida, fala-se sobre a questão da greve, assembleias e municipalização. Vários professores tomam a palavra e contribuem falando sobre a relação entre educação e política, a história de combatividade e resistência do Fórum do Maciço, sobre o espaço de construção coletiva das escolas, os princípios da comissão de educação, o dever de discutir o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, o problema de ação na escola devido à rotatividade de professores ACT's.

O encontro é finalizado sem discutir, efetivamente, o tema proposto no início do encontro e é afirmado que conhecimento é instrumento de intervenção da realidade e a dificuldade de aprendizagem do PPP e o dever de registrar as problemáticas das escolas em documento.

3.3 REFLEXÃO CRÍTICA DAS AULAS OBSERVADAS - RELATO ESTAGIÁRIA CECÍLIA³

É importante expor, antes de tudo, que toda atividade pedagógica do ensino do português tem, de forma explícita ou intuitiva, uma determinada concepção de língua. Antunes (2003) ressalta:

Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem. (p. 39)

A concepção da linguagem como forma de interação situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. Nesta concepção, o indivíduo realiza ações, age, atua sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). “No ensino da língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças.”(GERALDI, 1999, p. 42)

A concepção de língua como objeto social implica um trabalho com ensino e aprendizagem de língua materna comprometido com os usos sociais da linguagem. As concepções sobre gêneros do discurso implicam uma ação pedagógica que parta da esfera da atividade humana em que o gênero circula e a natureza das relações interpessoais que institui, focalizando o suporte, para, então, atentar à materialidade dos usos da modalidade falada ou escrita. Uma base teórica dessa natureza requer a consideração de que a aula de Língua Portuguesa deve tematizar os usos da língua tal qual se estabelecem em situações naturalísticas nas vivências humanas. A aula de Língua Portuguesa, no entanto, tem a especificidade de implementar as possibilidades de uso da língua nessas mesmas situações, empreendendo um processo de ensino que permita ao aluno monitorar os usos que faz, de modo a, conhecendo a que se prestam as unidades linguísticas – por meio de uma abordagem epilinguística – fazer uso delas em favor das interações que estabelece.

³ As aulas do Projeto Mais Educação foram observadas, no entanto, não constarão na reflexão crítica.

Vista a questão da concepção, gostaria de trazer para discussão o papel que o docente tem de trabalhar com finalidade:

Na esfera escolar há um modo próprio de relação social em cujos objetivos está o processo de ensino e de aprendizagem, cabendo ao professor (o docente) a maestria nessas relações possíveis para criar ou reafirmar processos de interação, objetivos e objetos de ensino, materiais e estratégias didáticas, tempo para atividades. Estamos, portanto, falando de trabalho com finalidade. Ensinar na escola exige-nos planejamento, exige-nos uma orientação geral articulada aos objetivos teórico-metodológicos do ato de ensinar e de aprender. Exige-nos uma articulação com projetos mais amplos da própria instituição escolar em que atuaremos e com aqueles elaborados fora dela referentes a políticas públicas, políticas de trabalho, de humanidade com mais justiça social. (PELANDRÉ [et al.], 2011, p. 11)

A professora observada nos conta, em entrevista, que não planeja suas aulas. “Na verdade, eu já tenho tanta prática, que eu faço assim: estou vendo um filme, aí eu penso ‘poderia usá-lo na sala’. [...] Eu sou muito de chegar na hora e dar a aula”. Nós pudemos enxergar isso claramente no decorrer da observação.

A questão da falta de planejamento em relação ao tempo de aula foi visto claramente nas aulas 2 e 3. Ao final dessas aulas, a professora não teve tempo de fazer a correção completa dos exercícios propostos. Completa que digo é a correção com o mínimo de discussão e participação dos alunos. Ao contrário disso, a professora acabou lendo as perguntas seguidas das respostas do livro do professor. Respostas estas, engessadas, que não deram a oportunidade aos alunos, que ficaram a aula toda fazendo os exercícios, de expressarem suas opiniões. Destaco, novamente, que eram duas aulas de 45 minutos, ou seja, havia tempo suficiente para a realização completa da atividade proposta se antes, houvesse um planejamento.

Na aula 4, o tempo era mais curto, 45 minutos apenas. A falta de planejamento aqui interferiu no tempo da gincana gramatical (que acabou sendo a proposta da aula pela escolha dos alunos). Ao responderem as questões colocadas no quadro pela professora, os alunos se preocupavam com o tempo de um minuto que teriam para a resposta. Resultado: das quatro frases, em que os alunos deveriam separar e classificar sujeitos e predicados, apenas uma foi parcialmente respondida corretamente.

A falta de planejamento também foi clara, na quinta aula observada, em relação à proposta de atividade dentro da aula de leitura. Faltando pouco tempo para acabar a aula, a professora pede para uma aluna contar a história que tinha acabado de ler. A aluna falava baixo, com dificuldade de se expressar e, foi interrompida pelo barulho dos demais quando bate o sinal. A professora, se mostrando incomodada, dá atenção à aluna

mesmo sem conseguir ouvi-la, mas logo param a conversa por falta de condições. O maior problema que vi neste acontecimento foi o fato da professora não ter retomado a atividade de oralidade nas próximas quatro aulas que assistimos.

Em relação à leitura, nas aulas observadas, percebi este elemento como atividade puramente escolar. As leituras foram realizadas sem gosto, sem prazer (inclusive pela professora). Eram atividades puramente avaliativas, reduzidas a exercícios como a “leitura em voz alta até o ponto final”, em que os alunos se preocupavam mais em estar lendo a parte correta do texto do que com a própria história em questão. Ou ainda, o “momento da leitura”, atividade que poderia ser muito rica, reduzido à ficha de leitura que terá uma nota ao final do bimestre.

Irané Antunes (2003) coloca que a leitura deve ser, junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social. O professor deve providenciar a diversidade de gêneros de textos, a fim de que o aluno, sistematicamente, seja levado a perceber a multiplicidade de usos e funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece. Deve, portanto, ajudar o aluno a identificar os elementos típicos de cada gênero que não seriam, apenas, objeto de observações fortuitas, assistemáticas e apressadas, mas seriam matérias de várias aulas, matéria cuidadosamente explicitada, cuidadosamente analisada.

Sobre a escrita da ficha de leitura, pela minha observação, vi que é exigida sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção. A escrita serviu apenas para a atribuição de uma nota pela professora. Além disso, a prática da escrita era improvisada, sem planejamento e, na maioria das vezes, sem revisão, na qual o que se contou foi a tarefa de realizá-la.

Isso foge totalmente do objetivo da escrita proposto por Geraldi (1997): a produção de textos (orais e escritos) deve ser o ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. É no texto, que a língua-objeto de estudos se revela em sua totalidade. É na produção de discursos que o sujeito articula um ponto de vista sobre o mundo e, seu trabalho não é mera reprodução mecânica. Se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. O sujeito deve comprometer-se com sua palavra e de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente. Operando nesse incessante movimento, torna-se produtor do seu conhecimento. É a partir desta perspectiva que, Geraldi distingue, no interior das atividades escolares, produção de textos e redação. Nesta, produzem-se textos para a

escola; naquela produzem textos na escola. Ao fazer uma redação, o aluno não possui outra finalidade que não seja a de cumprir uma tarefa designada pelo professor. Já, para a produção de textos é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) se escolham estratégias para realizar a, b, c, d.

“Centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala.” (GERALDI, 1997, p. 165).

O trabalho com a gramática, nas aulas observadas, foi feito com frases inventadas e isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função. As frases eram para os exercícios especificamente. A intenção da gramática tida em sala era a de fixar a função de um complemento nominal ou do agente da passiva, coisas essas sem relevância social. A gramática era desvinculada dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia-a-dia. É exatamente o que Geraldi diz sobre o ensino pelas generalizações:

[...] na escola atual, o ensino começa pela síntese, pelas definições, pelas generalizações, pelas regras abstratas. O fruto desse processo irracional é digno do método, que sistematiza assim a mecanização da palavra, descendo-a da sua natural dignidade, para converter numa idolatria automática do fraseado. (GERALDI, 1997, p. 117-118).

Enfim, se quisermos um ensino de conhecimento e produção, é preciso relativizar as posições que têm sido aprofundadas pela escola, recuperando professor e alunos como sujeitos que se debruçam sobre um objeto a conhecer e que compartilham, no discurso de sala de aula, contribuições exploratórias na construção do conhecimento.

3.4 REFLEXÃO CRÍTICA DAS AULAS OBSERVADAS - RELATO ESTAGIÁRIA GABRIELLA

Acerca das observações das aulas de língua portuguesa para a turma 72, da sétima série do ensino fundamental, inicio minha análise crítica com uma epígrafe de Martin Heidegger, extraída do capítulo do livro “*A aula como acontecimento*”, de Wanderley Geraldi:

“... o homem não pode verdadeiramente dizer, isto é, mostrar e fazer aparecer senão aquilo que se mostra a ele de si próprio, que aquilo que de si próprio aparece se manifesta e se dirige a ele.”

Esse pensamento revela exatamente o que está por trás do dizer de uma pessoa, no caso de nossa observação atenta, da professora de língua portuguesa da Escola de Educação Básica Padre Anchieta. No caso da aula da disciplina de língua materna, em questão, o professor leciona seu conteúdo baseado em diversos fatores, a partir do seu conhecimento internalizado de mundo, da sua formação intelectual acadêmica, do seu convívio social, da realidade do sistema educacional nacional e estadual, na qual a instituição escolar está inserida, da estrutura e recursos oferecidos pela escola, enfim, aquilo se mostra a ele de si próprio e o que se manifesta e se dirige a ele. Um profissional executa seus dizeres, sejam esses verbais ou não, através da bagagem que carrega consigo e do contexto em que está inserido.

Levando em consideração essa prerrogativa, assim como imbuídos de teorias referenciadas nos documentos oficiais, como o Parâmetro Curricular Nacional, a Proposta Curricular de Santa Catarina, que norteiam o Projeto Político Pedagógico da escola, é que se pode compreender que a prática de sala de aula da professora não reflete as teorias, ou de outra forma, a prática não condiz com a teoria que deveria ser seguida, como norte da prática pedagógica educacional, já que previamente preconizada e respaldada.

Durante as dez horas/aulas de observação, foram presenciados dois momentos de leitura, assim denominados pela professora, que consistiu em trazer alguns livros literários para sala, em que o aluno escolhesse um para ler com a finalidade de preencher uma ficha de leitura, valendo nota, bastante enfatizada pela professora. A atividade não obteve êxito, já que poucos alunos leram, efetivamente, o livro e isso se deve em grande medida pela forma como a atividade foi pensada e aplicada. A professora não realizou nenhuma orientação a respeito de como se deveria dar o processo de leitura, apenas recomendando que a leitura fosse feita preliminarmente à

execução da atividade escrita. A ficha de leitura é pouca, ou nada instrutiva, pois exige apenas a extração de dados do livro, como autor e editora, conhecimento já apreendido pelos alunos e uma sinopse descontextualizada, pois, os alunos não conseguiam terminar a leitura no mesmo dia e na outra semana, eles pegavam outro livro e não havia uma continuidade da leitura, não ficando claro se era para entregar uma ficha de cada livro lido, ou de cada parte lida até aquela aula, enfim, não havia critérios claros e previamente definidos para a execução dessa atividade. O resultado era que os alunos entregavam uma cópia do resumo de trás do livro ou do próprio texto do livro, já que os alunos sequer tinham conhecimento do gênero resumo, que não foi trabalhado em sala.

Destaco, também, como problema relevante a seleção dos livros literários, com grande disparidade quanto à complexidade de leitura, na mesma caixa encontram-se livros muito pequenos com bastantes ilustrações, enquanto outros já com maior carga de texto. O fato dos livros não estarem todos de acordo com a faixa etária e de seriação, faz com que os alunos tenham mais dificuldade de se tornarem proficientes na leitura.

De acordo com Irandé Antunes, em sua obra *“Aula de Português, encontro e interação”*, 2003, a leitura deve deixar de ser uma tarefa escolar, um simples treino de decodificação, uma oportunidade de avaliação, para ser, junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social. A autora, diz que a integração do pessoal em seu grupo social passa pela participação linguística, passa pelo exercício da “voz”, que não deve ser calada, nem reprimida, mas, sim, promovida, estimulada e encorajada. Para isso, é preciso providenciar a diversidade de gêneros de textos, a fim de que o aluno, sistematicamente, seja levado a perceber a multiplicidade de usos e funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece. Com isso, ao professor compete ajudar o aluno a identificar os elementos típicos de cada gênero. Esses elementos não seriam, apenas, objeto de observações fortuitas, assistemáticas e apressadas, mas seriam matérias de várias aulas, matéria cuidadosamente explicitada, cuidadosamente analisada. Constituiriam, assim, itens do programa de ensino e aprendizagem, a partir dos textos propostos para leitura, análise e produção, com bem nos fala Irandé.

João Wanderlei Geraldi, em sua obra *“A aula como acontecimento”*, 2010, nos revela os perigos do texto na sala de aula, o que pode ser uma hipótese para que o trabalho com ele seja tão distante, como foi observado nas aulas denominadas “Momento de Leitura”. O autor afirma que ao trazer a vida vivida para a leitura do texto, ele está nos mostrando os perigos que a presença do texto traz para o

funcionamento da aula: o texto abre as portas para o inusitado, para o mundo da vida invadir a sala de aula, para o acontecimento conduzir a reflexão, sem que os sentidos se fechem nas leituras prévias e privilegiadas com que os textos têm sido silenciados quando presentes na sala de aula. O ensino deve ser pautado do micro universo do aluno para o global, mantendo sempre o caráter do diálogo em sala de aula, considerando o que o aluno tem a dizer.

A respeito da prática docente da professora percebeu-se pelo andamento das aulas e, foi comprovado durante a entrevista com a professora, que ela não realiza planejamento para suas aulas, o que vem a ser um fato complicador para que as aulas caminhem com qualidade e os alunos possam, realmente, aprender. Para entender a importância do planejamento para as aulas, segue um excerto do texto “*Ensino e formação do professor de português*”, capítulo 2 do Guia do Estágio:

“Na esfera escolar há um modo próprio de relação social em cujos objetivos está o processo de ensino e de aprendizagem, cabendo ao professor (o docente) a maestria nessas relações possíveis para criar ou reafirmar processos de interação, objetivos e objetos de ensino, materiais e estratégias didáticas, tempo para atividades. Estamos, portanto, falando de trabalho com finalidade. Ensinar na escola exige-nos planejamento, exige-nos uma orientação geral articulada aos objetivos teórico-metodológicos do ato de ensinar e de aprender. Exige-nos uma articulação com projetos mais amplos da própria instituição escolar em que atuaremos e com aqueles elaborados fora dela referentes a políticas públicas, políticas de trabalho, de humanidade com mais justiça social.” (grifo meu)

O que se percebeu na prática foi justamente o contrário, a professora chegava à sala de aula e perguntava aos alunos o que eles queriam fazer no dia, sem nenhuma relação de causa e consequência com a aula e o conteúdo anterior, tampouco com alguma continuação na aula seguinte, sem retomada do que foi discutido, corrigido ou pensado. As aulas cumprem apenas o objetivo de existirem por si mesmas, para cumprir um tempo de aula. O discurso de sala de aula é muito diferente do discurso de ensino-aprendizagem como nos confronta, Geraldí, em seu livro “Portos de Passagem”, 1997. O professor deve levar o aluno a se interessar pelo conteúdo que quer transmitir, ser professor é aquele que transmite um saber e para isso, deve estar pautado, em um trabalho compromissado no para que estou ensinando esse conteúdo, o que quero que meus alunos aprendam, é preciso fazê-los atraídos e interessados, só há um jeito: planejamento.

Para que a aula de língua portuguesa aconteça há inúmeras interferências que fazem com que a aula tenha um curto período de duração e que não se aproveite bem o tempo, para o que é realmente importante: aprender. Todas as aulas a professora pede para os alunos buscarem os livros didáticos ou literários na biblioteca, após a chamada, o que faz com que a aula demore muito para começar. Outro ponto que dificulta a aprendizagem é a postura da professora de conversar com os alunos sobre outros assuntos externos, durante o encaminhamento das atividades de leitura e exercícios de interpretação. São atitudes, como essas, que impedem o bom andamento das aulas, fazendo com que essas não cumpram seu real papel.

Além do momento da leitura, anteriormente comentado, outra atividade recorrente nas aulas da turma 72 foram a leitura de um texto do livro didático em voz alta e uma posterior lista de exercícios de interpretação de texto. A leitura em voz alta é caótica, já que as maiorias dos alunos lêem baixo, a atividade não propõe uma estratégia que melhore a leitura desses alunos. Outro complicador é a falta de leitura silenciosa prévia, que provocaria o reconhecimento do texto pelos alunos e acarretaria em maior facilidade para a leitura oral. A lista de exercícios, por sua vez, consiste em mera reprodução de partes do texto para as questões e não possui na correção um momento de troca com os alunos. A professora apenas lê as perguntas e respostas do livro didático do professor, os alunos copiam as respostas em seu caderno, sem o interesse da professora em saber o que responderam, sem suscitar elementos para discussão de inúmeras questões que seriam relevantes para o conhecimento geral dos alunos e para a apreensão dos eixos da disciplina de língua portuguesa: fala/escuta, leitura, escrita e análise linguística. Muito conhecimento é desperdiçado sem o interesse em realizar uma atividade consistente e reverberante.

Durante o período de observação, três aulas foram destinadas ao ensino da gramática, duas delas se deram com a explicação da regra gramatical, através da leitura do livro didático e através de frases colocadas no quadro, bem como a regra copiada no quadro para que os alunos copiassem no caderno, e outra aula foi realizada uma gincana gramatical, seguindo a mesma linha metodológica. Em seguida, a professora encaminha uma lista de exercícios do livro didático para que os alunos respondam no caderno. A gramática é entendida como regras repletas de nomenclaturas, que devem ser compreendidas para se falar certo. Essa noção de ensino da gramática ignora a variedade linguística, aludindo a certo e errado, e sem despertar o interesse para o

assunto, através de frases soltas e descontextualizadas, sem compreender, de fato, o porquê aquilo deve ser aprendido, se é que deve ser assim aprendido.

Recorrendo ao texto “*Aula de Português*”, de Irandé Antunes, sobre a análise linguística, a gramática está em cada coisa que falamos, em qualquer língua, e é uma das condições para que uma língua seja uma língua. Segundo a autora, não há possibilidade de alguém falar ou escrever sem usar as regras da gramática de sua língua. Daí que explorando os sentidos do texto, estamos explorando também os recursos da gramática da língua. Não há, pois, razão para que se conceda primazia ao estudo das classes gramaticais isoladas, de suas nomenclaturas e classificações. Irandé, ainda completa:

“Nesse quadro, o que passa a ter prioridade não, é, repito, ensinar as definições e os nomes das unidades, nem treinar o reconhecimento dessas unidades (mesmo em textos). O que passa a ter prioridade é criar oportunidades (oportunidades diárias) para o aluno construir, analisar, discutir, levantar hipóteses, a partir da leitura de diferentes gêneros de textos- única instância em que o aluno pode chegar a compreender como, de fato, a língua que ele fala funciona.” (pág. 120)

A reflexão que teço ao Projeto Mais Educação, depois da fase de observação, se refere ao tocante à falta de estrutura de funcionamento do projeto: rotatividade de professores e alunos, o que dificulta a realização de uma linha contínua de trabalho, consistente e coerente, já que os alunos e professores que estão presentes hoje não são os mesmos que amanhã, falta de verba e recursos cedidos pelo governo, o que inviabiliza um trabalho uniforme e com qualidade, a faixa etária das crianças é variante e não há uma separação entre as idades, isso acarreta sérios problemas para o desenvolvimento de uma atividade, pois há alunos alfabetizados e outros não, inviabilizando um trabalho atraente e que dê conta das necessidades de cada um. Enfim, no papel, o objetivo do Projeto é nobre e se faz necessário, apoiando um ensino integral e que melhore os índices de leitura e escrita, no campo da língua portuguesa, a alunos com baixo rendimento escolar, contudo a realidade do cenário educacional não faz com que as tintas do papel sejam meras palavras, sem ação.

Em suma, faço das palavras de Irandé Antunes e Wanderley Geraldi as minhas próprias palavras, por acreditar que somente com uma concepção de linguagem como interação, cunhado no que é socialmente relevante, é que se pode sair da ineficiência do ensino de língua portuguesa, atualmente, na qual o professor finge que ensina, o aluno finge que aprende e a sociedade continua a sentir os índices alarmantes de analfabetismo funcional e cidadãos despreparados para os desafios do cotidiano. Ao ter

definido uma ideologia, embasada nas teorias, é que com grande entusiasmo e determinação poderei repensar e executar uma nova aula de português, na certeza de que em educação, importa pouco chegar ao que já foi, porque seu compromisso é trabalhar para se chegar ao que sempre estará por vir, como professora Geraldí.

4. PROJETOS E PLANOS DE AULA

Cabe ao professor a maestria de trabalhar com finalidade.

Na esfera escolar há um modo próprio de relação social em cujos objetivos está o processo de ensino e de aprendizagem, cabendo ao professor (o docente) a maestria nessas relações possíveis para criar ou reafirmar processos de interação, objetivos e objetos de ensino, materiais e estratégias didáticas, tempo para atividades. Estamos, portanto, falando de trabalho com finalidade. Ensinar na escola exige-nos planejamento, exige-nos uma orientação geral articulada aos objetivos teórico-metodológicos do ato de ensinar e de aprender. Exige-nos uma articulação com projetos mais amplos da própria instituição escolar em que atuaremos e com aqueles elaborados fora dela referentes a políticas públicas, políticas de trabalho, de humanidade com mais justiça social. (PELANDRÉ [et al.], 2011, p. 11).

Visto a importância do planejamento, apresentamos, nesta seção, os projetos de docência e extraclasse, junto com seus respectivos planos de aula.

4.1 PROJETO DE DOCÊNCIA - O BRUXÓLICO DE CASCAES E OUTROS CONTOS

4.1.2 Introdução

O Projeto de Docência constitui uma das etapas do conteúdo programático da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, o qual consiste em formar o professor no espaço de trabalho, com a imersão na instituição de ensino para acompanhamento cotidiano do trabalho de docentes de língua portuguesa e de atividades na escola que envolvam o campo da linguagem e o exercício da docência, planejada neste presente projeto.

O Projeto foi fundamentado na realidade social, política e pedagógica da Escola de Educação Básica Padre Anchieta, localizada no bairro Agrônômica, cidade de Florianópolis e foi ancorado no aporte teórico dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Proposta Curricular de Santa Catarina e autores privilegiados no curso de Letras Língua Portuguesa que defendem a docência, leitura, produção de textos e análise linguística como atividades que possuem finalidades socialmente relevantes.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a disciplina de língua portuguesa apresenta objetivos gerais para o ensino fundamental que balizam (ao menos deveriam) o ensino do professor na perspectiva de fazer do aluno um cidadão crítico e consciente, proficiente no domínio da linguagem, dentro de sua língua materna. Como afirma o documento oficial, ao longo dos nove anos do ensino fundamental, espera-se que os alunos adquiram progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado.

O nosso projeto se encoraja como tal. O objetivo é compreender os textos orais e escritos, com os quais os alunos se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz. Além disso, também faz parte do objetivo, usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica.

A comunidade escolar da Escola Padre Anchieta reside no bairro Agrônômica - nas comunidades de Vila Aparecida, Morro do Horácio, Morro do 25, Vila Santa Rosa, dentre outras localidades próximas da escola. Os habitantes moram em pequenas casas,

divididas em dois ou três cômodos, em média com cinco pessoas por residência. Os alunos, em sua maioria, não utilizam transporte para se deslocar até a escola. Algumas dessas comunidades são rivais devido ao narcotráfico e essa realidade instaura consequências no processo educativo da escola.

As crianças e jovens que frequentam a escola são, em sua maioria, oriundos de família de baixa renda ou moram, na maior parte do tempo, em instituições como Promenor, Cidade da Criança e Lar Recanto do Carinho.

Os pais, geralmente, trabalham de pedreiro, carpinteiro, motorista, servente ou vigilante. As mães são do lar, domésticas, cozinheiras ou faxineiras. Percebe-se, pelos dados coletados no Projeto Político Pedagógico da Escola, que aproximadamente 80% das famílias têm renda mensal de até um salário mínimo e, 20% recebe até três salários mínimos mensais. Outra parte significativa não tem renda fixa, são autônomos da construção civil, desempregados ou subempregados.

A partir dessa amostragem da realidade do contexto da comunidade escolar e da concepção que se tem do ensino de língua portuguesa no ensino fundamental e seus objetivos é que se pensou na execução do presente projeto, confluindo a importância da escolha do tema e o percurso do processo metodológico, bem como a etapa de avaliação, a fim de atingir com qualidade e êxito o objetivo de aprimorar a leitura, produção escrita e análise linguística dos alunos da 7ª série (oitavo ano) do ensino fundamental.

O projeto intitula-se “O Bruxólico de Cascaes e outros contos” e o tema foi inspirado no fato de o período de docência se dar em outubro, mês do dia das bruxas. Acreditamos ser um tema interessante e profícuo para a faixa etária dos alunos da turma, além de ser respaldado na tradição da cultura local, já que Florianópolis é conhecida como “Ilha da Magia” - legado deixado pelos açorianos, que migraram para cá em meados do século XVII.

O tema do projeto também surgiu da necessidade, que se percebeu durante o período de observação, de motivar os alunos ao prazer da leitura, em primeira instância e, também, à sua importância para as diversas situações do cotidiano. A intenção seria que a atmosfera e a linguagem dos contos, fossem estes fantásticos ou não, assim como as estratégias utilizadas para a docência permitissem que os alunos passassem a enxergar os conteúdos da língua portuguesa de outro modo. Somado a isso, os resultados do questionário (anexo na seção 9.4.1, pg. 173) que aplicamos à turma mostraram certo encantamento por histórias de suspense. Este foi mais um motivo

facilitador para a escolha do tema, que será perpassado por todas as ações pedagógicas do projeto.

A realização desse projeto se faz importante para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, no que tange a sua relação de envolvimento com o ensino e aprendizagem dentro da instituição escolar, visto que a mudança de estratégias para o ensino da disciplina de língua portuguesa proporcionará uma nova perspectiva de enxergar a prática educacional, mais prazerosa e próxima da realidade local e identitária do aluno, promovendo uma mudança de atitude em relação ao estudo, de maneira geral, e com a disciplina de língua portuguesa.

O projeto se fortalece quando tem como objetivo principal, subsidiado pelos documentos oficiais, trabalhar com os quatro eixos do conhecimento: fala/ escuta, leitura/ escrita. A leitura e a escrita, principalmente, serão trabalhos recorrentes, tendo em vista a carência de uma atividade maciça. Tentaremos, ao menos, mostrar um caminho mais eficiente para resolver o problema do analfabetismo funcional dos alunos da turma em questão, que representa uma amostragem da realidade encontrada nas escolas públicas.

Através de uma ação bem planejada, norteadas pelos documentos oficiais e teorias que defendem o dialogismo, essenciais para que a atividade docente se constitua com discernimento e objetivos consistentes, os alunos desenvolverão habilidades para ler e interpretar textos com mais desenvoltura, conhecerão mais o universo bruxólico em que está inserido o município que moram (através dos contos de Franklin Cascaes), assim como conhecerão o contexto de origem do tema bruxólico e ampliarão o conhecimento de outros autores e outras linguagens. Os alunos aprenderão, ainda, a estrutura e as características dos contos, fazendo distinção entre mitos e lendas e colocarão em prática esse conhecimento através da produção escrita, cuja proposta é escrever um conto. A atividade de produção escrita procura, além de desenvolver a temática bruxólica e a estrutura do gênero conto, trabalhar aspectos linguísticos como a coesão e coerência - problema mais recorrente na escrita desses alunos, verificado no período de nossa observação.

O projeto envolve a comunidade escolar como um todo, não apenas os professores e alunos que diretamente trabalharão com o tema e a proposta de atividade, mas todos que, indiretamente, passarão a conviver com as mudanças de formação desses jovens alunos, como os pais dessas crianças, os amigos, vizinhos e todos em volta.

Percebe-se uma articulação das atividades do presente projeto com as atividades da escola, já que a escola inteira realizou atividades sobre o folclore. Podemos encontrar inúmeros materiais de produção textual e atividades artísticas expostos nos corredores. O tema bruxólico é parte significativa desse folclore ilhéu, constituindo-se como um aprofundamento da temática trabalhada na escola.

Os documentos e teorias mencionados, a Proposta Política Pedagógica e a realidade da comunidade escolar, bem como o perfil específico dos alunos da turma a ser trabalhada, foram indispensáveis para a construção deste projeto para que não se criasse uma atividade docente descontextualizada da realidade local, que não fosse utópica e, então, pouco eficiente para o objetivo a que se destina.

O que se percebeu é que se trata de uma turma oriunda da periferia dos morros dos entornos, de famílias de baixa escolaridade, com pouco acesso aos bens culturais e que exercem profissões de subemprego. Os alunos da turma observada apresentam muita dificuldade de leitura, escrita e interpretação de textos. Por essa razão, escolhemos um tema atraente e atividades pedagógicas que exercitassem esses eixos, a fim de contribuir para a inserção desses jovens alunos na sociedade, e para a constituição de cidadãos críticos e participativos.

4.1.3 Referencial Teórico

A Concepção

A concepção de linguagem como forma de interação situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. Nesta concepção, o indivíduo realiza ações, age, atua sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). “No ensino da língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças.”(GERALDI, 1999, p. 42)

Segundo Antunes (2003), uma visão interacionista da escrita supõe encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos. É assim que ocorrerá a comunhão de ideias, de informações e de intenções pretendidas. Por essa visão, se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita *a um outro alguém*, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. A suposição da existência de um “tu” é muito importante e, mesmo que o sujeito com quem interagimos pela escrita não esteja presente, este é um exercício da faculdade da linguagem.

Como tal, existe para *servir à comunicação entre sujeitos*, os quais, cooperativa e mutuamente, se ajustam e se condicionam. Quem escreve, na verdade, *escreve para alguém*, ou seja, está *em interação com outra pessoa*. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo (Grifos da autora. p. 46)

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. Ela é muito mais do que a decodificação dos sinais gráficos. O leitor participa como um dos sujeitos da interação, buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções do autor.

Geraldi (1997) diz que uma língua pode ser encarada de duas perspectivas diferentes: ou ela é vista como instrumento de comunicação, como meio de troca de mensagens entre as pessoas, ou ela é tomada como objeto de estudos, como um sistema cujos mecanismos estruturais se procura identificar e descrever. Os objetivos para essas duas perspectivas são diferentes: ou será desenvolver no aluno as habilidades de expressão e compreensão de mensagens (o uso da língua), ou será o conhecimento do sistema linguístico (o saber a respeito da língua). Qualquer criança possui o conhecimento prático dos princípios da língua materna e, é exercendo a linguagem que será capaz de deduzir a teoria de suas leis. A intenção é induzir o aluno a adquirir a concepção racional do que já sabe por hábito, e repete maquinalmente e, apenas depois que ele tiver a posse da língua, levá-lo à consciência da língua.

A concepção de língua como objeto social implica um trabalho com ensino e aprendizagem de língua materna comprometido com os usos sociais da linguagem. As concepções sobre gêneros do discurso implicam uma ação pedagógica que parta da esfera da atividade humana em que o gênero circula e a natureza das relações interpessoais que institui, focalizando o suporte, para, então, atentar à materialidade dos usos da modalidade falada ou escrita. Uma base teórica dessa natureza requer a consideração de que a aula de Língua Portuguesa deve tematizar os usos da língua tal qual se estabelecem em situações naturalísticas nas vivências humanas. A aula de Língua Portuguesa, no entanto, tem a especificidade de implementar as possibilidades de uso da língua nessas mesmas situações, empreendendo um processo de ensino que permita ao aluno monitorar os usos que faz, de modo a, conhecendo a que se prestam as unidades linguísticas – por meio de uma abordagem epilinguística – fazer uso delas em favor das interações que estabelece.

A Leitura

Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), o objetivo principal da literatura na vida escolar é a formação de leitores. Deve-se criar entre alunos e obras literárias uma atitude de intimidade, de curiosidade pelos livros, de interesse pela descoberta, de valorização e de encantamento como leitor e como produtor de textos. Essa relação será construída através de práticas que privilegiem a leitura de obras na sala de aula e as conversas sobre as mesmas, onde haja o espaço para falar desinteressadamente sobre as leituras, assim como se fala sobre um acontecimento que nos deu prazer. Feiras de livros, varais literários, recitais, mostras de arte que contemplem obras literárias representadas através de alegorias, de coreografias e de teatro, organizações de grupos contadores de histórias são excelentes motivadores de leituras e estabelecem com o universo literário uma relação prazerosa e permanente.

Interpretar bem o texto significa não só encontrar nele o que o sujeito-leitor enxerga a partir dos recortes que sua visão de mundo faz, mas ser capaz, também, de levantar marcas deste texto que apontam para possíveis intenções do autor, do gênero, do momento político, da ideologia vigente, etc. Além disso, interpretar bem um texto pede que o leitor entre na linguagem que constitui o texto literário, percebendo que a linguagem se diz. E que, por isso mesmo, o literário muito mais do que aquilo que conta, é o “como” conta esse aquilo.

A Escrita

Geraldi (1997) diz que a produção de textos (orais e escritos) deve ser o ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. E justifica tal posicionamento porque crê que é no texto, que a língua-objeto de estudos se revela em sua totalidade. É na produção de discursos que o sujeito articula um ponto de vista sobre o mundo e, seu trabalho não é mera reprodução mecânica. Se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. O sujeito deve comprometer-se com sua palavra e de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente. Operando nesse incessante movimento, torna-se produtor do seu conhecimento. É a partir desta perspectiva que, Geraldi distingue, no interior das atividades escolares, produção de textos e redação. Nesta, produzem-se textos para a escola; naquela produzem textos na escola. Ao fazer uma redação, o aluno não possui outra finalidade que não seja a de cumprir uma tarefa designada pelo professor. Já, para a produção de textos é preciso que:

- f) se tenha o que dizer;
- g) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- h) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- i) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- j) se escolham estratégias para realizar a, b, c, d.

“Centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala.” (GERALDI, 1997, p. 165).

É com base nisso que a Proposta Curricular de Santa Catarina diz que produzir pressupõe **finalidade, interlocutores, gêneros a serem utilizados** (conversação, carta, bilhete, cartaz, poema, narrativa, etc.) e pressupõe um **tema**, um conteúdo. Em relação ao modo de produção, a Proposta enfatiza o não escrever **para a escola**. É preciso insistir mais nas características textuais, no esforço de processar o texto, e na leitura primeira que é a do próprio autor, para se corrigir, revisar, transformar, ter tempo de dar um acabamento ao seu texto (PC-SC, 1998, p. 80 e 85, grifos dos autores).

Geraldi (1997) ainda salienta a ideia de movimento do local para o global, na qual centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento, quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos momentos (estratégias) pelos quais se fala.

Compreendendo que cada sujeito é diferente do outro, os agenciamentos de conhecimentos prévios são diferentes. Nós mesmos mudamos a cada leitura e releitura. Para representar isso, o autor coloca:

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história - se o fossem, a leitura seria outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo bordado. (p. 166).

Aproveitando o que Geraldi nos mostra, compartilhamos as ideias de Bakhtin sobre a questão do Dialogismo. A filosofia de Bakhtin é uma axiologia, uma teorização

primeira sobre valores: “[...] viver é estar se posicionando a cada momento frente a valores. Nós nos constituímos e agimos sempre num universo de valores.” (FARACO, 2007, p.45). Portanto, nas relações dialógicas, relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados postos em contato, ocorrem defrontações de axiologias.

A consciência, para o filósofo, é sempre plural. Ela é povoada por inúmeras vozes sociais que são o reflexo do nosso existir no diálogo inconcluso com a alteridade: “[...] nada sou fora das relações com os outros; nós nos constituímos e vivemos nas relações com a alteridade.” (FARACO, 2007, p.46). “[...] a nossa própria idéia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.” (BAKHTIN, 2003, [1979] p. 298).

Assim, ser autor é assumir uma posição axiológica frente ao já multiplamente valorado. Não se produzem textos do nada ou por mera atualização de potencialidades linguísticas e/ou textuais. “O falante [autor] não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez.” (BAKHTIN, 2003, [1979], p. 300). Todo texto está marcado por essa bivocalidade, a voz que ordena e as vozes mobilizadas que ali estão ressonando. Não se pode olhar o texto como um artefato. A unidade do texto não é dada apenas por sua forma externa, ela é dada pelo quadro de relações axiológicas que o produzem.

A Análise Linguística

Criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula, quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, ganhando especial relevância para esse fim, é no interior dessas que a análise linguística se dá. “Na escola atual, o ensino começa pela síntese, pelas definições, pelas generalizações, pelas regras abstratas. O fruto desse processo irracional é digno do método, que sistematiza assim a mecanização da palavra, descendo-a da sua natural dignidade, para converter numa idolatria automática do fraseado” (GERALDI, 1997, p. 117-118). Tal orientação privilegia o aprendizado da metalinguagem da língua: domina-se conceitos a partir dos quais se fala sobre a língua.

A própria proposta de Santa Catarina sugere que se aborde os conteúdos de gramática a partir do seu funcionamento nos textos. E, que estes, podem ser dos próprios alunos.

Devidamente conduzido, o aluno será capaz de deduzir **microgramáticas**, ou seja, de elaborar, através de comparações, aproximações e diferenças, gramáticas parciais de certos fenômenos: concordância, gênero, número, compatibilidades e incompatibilidades semânticas. Em vez de começar ‘aprendendo’ regras, depois procurando exemplos e realizando exercícios de ‘fixação’, ele iniciará a tarefa pela outra ponta: observando o funcionamento de certos elementos, hipotetizando regularidades e testando-as. Para isto, ele fará a sua reflexão e trabalhará com os colegas e o professor – e todos estarão, em colaboração, produzindo conhecimentos. (PC-SC, 1998, p.70, grifo dos autores).

A proposta de Galdi e Franchi, citada por Britto (1997), representa muito bem a abordagem epilinguística – abordagem esta, sugerida por autores que seguem a concepção de interação da linguagem. A intenção é abandonar o ensino de uma teoria gramatical, substituindo por atividades de leitura e produção de textos, articulando-as com exercícios de análise linguística, de modo a perceber os vários recursos expressivos disponíveis e estabelecer as exigências formais do padrão escrito. Não se trata de negar a legitimidade da metalinguagem, mas de entender que ela só faz sentido no interior da disciplina que a constitui e só pode funcionar como instrumento efetivo e econômico de análise se aqueles que a manipulam forem capazes de conhecer sua referencialidade e seus limites. Essa análise consiste no fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos. O professor deve facultar recursos expressivos que não fazem parte daqueles já usados pelos alunos.

Os Próximos Passos

Por mais que Bakhtin não tenha se interessado por questões pedagógicas, Faraco (2007) nos mostra que a crítica que Bakhtin faz ao teoreticismo pode ser útil para nossas preocupações concernentes à como ensinar nossos alunos a produzirem textos. “Ao trabalharmos como educadores, temos, portanto, um desafio imenso de romper com o teoreticismo em nossas práticas e obter o envolvimento existencial dos educandos na experiência de ser autor e de ser leitor ativamente partícipe do vasto diálogo cultural” (FARACO, 2007, p.50).

Acreditamos que temos de fazer com que os educandos rompam com uma consciência linguística que está dogmaticamente dominada por vozes sociais incapazes de se verem pelos olhos de outras vozes do plurilinguismo, e fazer com que a substituam por uma consciência linguística relativizada capaz de se ver pelos olhos da bivocalidade, pelo mútuo esclarecimento crítico das vozes sociais. É neste sentido que

acreditamos na importância do presente projeto: trabalhar com os quatro eixos do conhecimento: fala/ escuta, leitura/ escrita, tomando o aluno como locutor que diz o que diz para quem diz.

O ideário de Bakhtin está subjacente aos Parâmetros Curriculares Nacionais – compreensão dos gêneros do discurso como objeto de estudo e do texto como unidade de estudo. Assim, importa que dominemos o eixo sobre o qual esse ideário se constrói, a fim de que possamos empreender um processo de elaboração didática por meio do qual nossa ação metodológica medie a potencialização das habilidades de uso da língua oral e escrita por parte de nossos alunos.

Ao final de nossa intervenção, esperamos ter plantado uma semente inspiradora para que os discentes se tornem leitores e escritores ávidos e curiosos por gostar de conhecer, gostar de aprender.

4.1.4 Objetivos Gerais

- Ler e interpretar inúmeros contos.
- Apreender as estruturas e características dos contos lidos.
- Debater conhecimentos prévios a respeito do tema bruxólico.
- Identificar, reconhecer e recolher informações que envolvem o tema bruxólico.
- Escrever um conto no tema bruxólico, desenvolvido em aulas anteriores.
- Analisar, coletivamente e individualmente, textos dos próprios alunos, selecionados pela professora.
- Reescrever seu próprio texto escrito nas aulas 5 e 6.
- Copiar seu texto em versão final para exposição no “Varal Literário”.
- Expor seu texto em versão final no “Varal Literário”.

4.1.5 Metodologia

- Leitura de diversos trechos do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Discussão dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema bruxólico.
- Leituras individuais e coletivas dos contos “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes e, “Na Terceira Margem da Estrada” de Salma Ferraz.
- Interpretações escritas e orais dos contos lidos.

- Exposição e discussão sobre a estrutura e características dos contos.
- Contação de história bruxólica por uma convidada.
- Leitura individual de diversos contos.
- Escrita de um conto, com orientação da professora.
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.
- Relatos de bruxaria com um convidado.
- Análise linguística individual e coletiva dos textos dos alunos.
- Reescrita individual do texto avaliado.
- Preparação dos textos finais dos alunos para exposição no “Varal Literário”.
- Montagem do “Varal Literário”.
- Fixação dos textos no varal.
- Socialização dos textos.

4.1.6 Recursos

- Cópia, para os alunos, dos textos a serem lidos e analisados.
- Quadro, caneta/giz.
- Sala Multimídia com tapete e almofadas (ambiente bruxólico).
- Cópia em papel pardo dos textos a serem analisados.
- Folhas de papel, canetas, lápis, borrachas.
- Cola, tesoura, cartolina, varal, prendedores de roupas, pregos e martelo.

4.1.7 Avaliação

A avaliação se dará através da observação do processo de ensino-aprendizagem, no que tange à evolução na leitura, interpretação de textos, oralidade, escrita, análise linguística, participação e assiduidade (50%). Além da atribuição de uma nota na produção final escrita em que serão contempladas as características do gênero conto como extensão, linhas dramáticas, tempo, espaço, final enigmático, conteúdo, forma e coesão e coerência textuais (50% - será atribuída uma nota para a primeira versão da produção textual e outra nota para a segunda versão, sendo que apenas a mais alta será considerada).

4.2 PLANOS DE AULA PROJETO DE DOCÊNCIA

O projeto “O bruxólico de Cascaes e outros contos”, direcionado para a sétima série do ensino fundamental (oitavo ano) da Escola de Educação Básica Padre Anchieta, foi planejado para ser executado em 12 horas/aula divididas em 9 planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 6 horas/aula, conforme está retratado nos planos de aula a seguir.

4.2.1 Plano de Aula 1- Aulas 1 e 2

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Gabriella Ligocki Pedro
DATA: 10/10/2011
TEMPO DA AULA: 1 hora e 30 minutos (das 10h15 às 11h45)
ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental
TEMA: Leitura de Conto e Interpretação de Texto

Objetivos Gerais

- Ler e interpretar coletivamente um conto
- Apreender a estrutura e característica do conto
- Debater conhecimentos prévios a respeito do tema bruxólico

Objetivos Específicos

- Acompanhar, com a professora, a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Expor seus conhecimentos prévios em relação ao tema.
- Acompanhar, com a professora, a leitura do conto fantástico “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes.
- Interpretar, com orientação da professora, pontos do conto a respeito da história, da estrutura do texto e do tema bruxólico.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem o tema bruxólico.
- Informações que envolvem a estrutura e características do gênero conto.
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação de texto.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta do projeto e da aula para a turma.

- Leitura, pela professora, de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Discussão dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema bruxólico.
- Leitura, pela professora, do conto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes.
- Interpretação oral, com orientação da professora, do conto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes.
- Exposição sobre a estrutura e características do conto: extensão, linhas dramáticas, tempo, espaço, final enigmático, conteúdo e forma.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, dos textos a serem lidos.
- Quadro, caneta/giz

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na leitura e interpretação dos textos.

Referências Bibliográficas

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968.

CASCAES, Franklin. **Bruxas Gêmeas**. In: *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. v2.

Anexos

Textos a serem lidos em sala (anexos nas seções 9.4.2 e 9.4.3, a partir da pg. 175)

Atividade reserva - lista de exercícios de interpretação (anexa na seção 9.4.4, pg. 179).

4.2.2 Plano de Aula 2: Aula 3

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 11/10/2011

TEMPO DA AULA: 45 minutos (das 9h15 às 10 horas)

ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Contação de histórias e Leitura de Conto

Objetivos Gerais

- Identificar e reconhecer informações sobre o tema bruxólico.
- Exercitar a leitura e interpretação de texto.

Objetivos Específicos

- Acompanhar, com a professora, a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Ouvir a contação de história bruxólica.
- Realizar a leitura individual do conto “Na Terceira Margem da Estrada”, de Salma Ferraz.
- Acompanhar, com a professora, a leitura do conto “Na Terceira Margem da Estrada” de Salma Ferraz.
- Interpretar, com a professora, pontos do conto a respeito da narrativa, da estrutura do texto e do tema bruxólico.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem o tema bruxólico.
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.

- Leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Contação de história bruxólica por uma convidada.
- Leitura silenciosa do conto “Na Terceira Margem da Estrada” de Salma Ferraz.
- Leitura, com orientação da professora, do conto “Na Terceira Margem da Estrada” de Salma Ferraz.
- Interpretação do conto lido.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, dos textos a serem lidos.
- Sala Multimídia com tapete e almofadas (ambiente bruxólico).

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na contação de histórias e nas leituras.

Referências Bibliográficas

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968.

FERRAZ, Salma. **Na Terceira Margem da Estrada**. In: *A Ceia dos Mortos*. Florianópolis: Edição da autora, 2007.

Anexos

Textos a serem lidos em sala (anexos nas seções 9.4.5 e 9.4.6, a partir da pg. 182).

4.2.3 Plano de Aula 3: Aula 4

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 14/10/2011

TEMPO DA AULA: 45 minutos (das 7h45 às 8h30)

ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Momento da Leitura

Objetivo Geral

- Ler inúmeros contos.

Objetivo Específico

- Ampliar o repertório de leitura para enriquecimento da produção escrita.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem o tema bruxólico.
- Leitura dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Leitura individual de diversos contos.

Recursos Didáticos

- Cópia, para os alunos, dos textos a serem lidos.
- Sala Multimídia com tapete e almofadas (ambiente bruxólico).

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na atividade de leitura.

Referências

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968.

LOBATO, Monteiro. **Medo de saci**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

_____. **O medo**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

_____. **O Boitatá**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

_____. **O Negrinho**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

_____. **Lobisomem**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

_____. **A mula sem cabeça**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

XAVIER, Marcelo. **O Boitatá**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

_____. **O lobisomem**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

_____. **O Curupira**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

_____. **O Jurupari**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

_____. **A Mula-sem-cabeça**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

_____. **O Boto**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

Anexos

Textos a serem lidos em sala (anexos da seção 9.4.7 a seção 9.4.19, a partir da pg. 186).

4.2.4 Plano de Aula 4: Aulas 5 e 6

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Gabriella Ligocki Pedro
DATA: 17/10/2011
TEMPO DA AULA: 1 hora e 30 minutos (das 10h15 às 11h45)
ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental
TEMA: Momento de Escrita

Objetivo Geral

- Escrever um conto no tema bruxólico, desenvolvido em aulas anteriores.

Objetivos Específicos

- Discutir previamente a estrutura dos contos lidos até então.
- Escrever um conto sobre o tema bruxólico, amplamente trabalhado em leituras nas aulas anteriores.

Conhecimentos abordados

- Características dos contos.
- Escrita dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotações dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Discussão sobre as características do gênero conto.
- Escrita de um conto, com orientação da professora.
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.
- Entrega da produção escrita dos alunos.

Recursos Didáticos

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na discussão. Será atribuída uma nota para a produção escrita.

Referência Bibliográfica

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968.

Anexo

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.20, pg. 203).

4.2.5 Plano de Aula 5 – Aula 7

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 18/10/2011

TEMPO DA AULA: 45 minutos (das 9h15 às 10 horas)

ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Relatos de Bruxaria

Objetivo Geral

- Identificar e recolher informações que envolvem o tema bruxólico.

Objetivos Específicos

- Acompanhar, com a professora, a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Participar da conversa com o convidado que relatará casos de bruxaria.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem o tema bruxólico.
- Leitura, escuta e oralidade dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Relatos de bruxaria com um convidado.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido.

- Quadro, caneta/giz.
- Sala Multimídia com tapete e almofadas (ambiente bruxólico).

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na conversa com o convidado.

Referência Bibliográfica

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.21, pg. 203).

4.2.6 Plano de Aula 6 – Aula 8

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 21/10/2011

TEMPO DA AULA: 45 minutos (das 7h45 às 8h30)

ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Análise Linguística

Objetivos Gerais

- Analisar coletivamente e individualmente textos dos próprios alunos, selecionados pela professora.

Objetivos Específicos

- Identificar e reconhecer a coesão e a coerência e adequação ao gênero conto no texto analisado coletivamente.
- Propor novas possibilidades de escritura do texto analisado coletivamente.
- Analisar, individualmente, um novo texto.
- Propor, individualmente, novas possibilidades de escritura do novo texto a ser analisado.

Conhecimentos Abordados

- Análise linguística com foco na coesão e coerência e adequação ao gênero conto dos textos dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Análise linguística coletiva do texto de um dos alunos.
- Exercício individual de análise linguística do texto de outro aluno.

Recurso Didático

- Cópias, para os alunos, dos textos a serem analisados.
- Cópia em papel pardo dos textos a serem analisados.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos nas análises feitas coletivamente e individualmente.

Referências Bibliográficas

Serão utilizados apenas os textos dos próprios alunos.

Anexos

Simulação da atividade a ser feita (anexa na seção 9.4.22, pg. 204).

4.2.7 Plano de Aula 7 – Aulas 9 e 10

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 24/10/2011

TEMPO DA AULA: 1 hora e 30 minutos (das 10h15 às 11h45)

ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Análise Linguística e momento de reescritura

Objetivos Gerais

- Analisar coletivamente o texto entregue aos alunos na aula anterior.
- Reescrever seu próprio texto escrito nas aulas 5 e 6.

Objetivos Específicos

- Identificar e reconhecer a coesão, a coerência e adequação ao gênero no texto analisado coletivamente.
- Propor novas possibilidades de escritura do texto analisado coletivamente.
- Reescrever seu próprio texto escrito em aulas anteriores e corrigido pela professora.

Conhecimentos Abordados

- Análise linguística com foco na coesão, coerência e adequação ao gênero conto dos textos dos alunos.
- Reescritura de texto.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Análise linguística coletiva do texto entregue aos alunos na aula anterior.

- Devolução do texto escrito em aulas anteriores com a correção da professora.
- Reescritura individual do texto corrigido e devolvido.
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.

Recurso Didático

- Cópia em papel pardo do texto a ser analisado.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na análise feita coletivamente. Será atribuída uma nota para a reescritura de seus textos. A nota mais alta entre as duas versões de produção textual é que será considerada.

Referências Bibliográficas

Serão utilizados apenas os textos dos próprios alunos.

4.2.8 Plano de Aula 8 – Aula 11

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 25/10/2011

TEMPO DA AULA: 45 minutos (das 9h15 às 10 horas)

ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Passando a limpo

Objetivo Geral

- Copiar seu texto em versão final para exposição no “Varal Literário”.

Objetivos Específicos

- Acompanhar, com a professora, a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Preparar seu texto a fim de ser exposto no “Varal Literário”.

Conhecimentos Abordados

- Preparação do texto para exposição.
- Leitura.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Devolução do texto reescrito na aula anterior com a correção da professora.
- Preparação dos textos finais dos alunos para exposição no “Varal Literário”.
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.

Recurso Didático

- Cópias, para os alunos, do texto a ser lido.
- Folhas de papel, canetas, lápis, borrachas.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na preparação de seus textos que serão expostos.

Referência Bibliográfica

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.23, pg. 207).

4.2.9 Plano de Aula 9 – Aula 12

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 28/10/2011

TEMPO DA AULA: 45 minutos (das 7h45 às 8h30)

ANO ESCOLAR: 7ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Varal Literário

Objetivo Geral

- Expor seu texto em versão final no “Varal Literário”.

Objetivos Específicos

- Acompanhar, com a professora, a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Ajudar a montar o varal.
- Fixar seu texto no varal.
- Ler os textos de seus colegas.

Conhecimentos Abordados

- Exposição e socialização dos textos.
- Leitura, escuta e oralidade dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes.
- Montagem do “Varal Literário”.
- Fixação dos textos no varal.

- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.
- Socialização dos textos.
- Fechamento das aulas.

Recurso Didático

- Cópias, para os alunos, do texto a ser lido.
- Cola, tesoura, cartolina, varal, prendedores de roupas, pregos e martelo.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na exposição e socialização de seus textos.

Referência Bibliográfica

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.24, pg. 208).

4.3 PROJETO EXTRACLASSE – SUPER-HERÓIS CONECTADOS

4.3.1 Plano de Trabalho Projeto Extraclasse (Programa Mais Educação)

A construção do Projeto Extraclasse intitulado “Super-heróis Conectados”, surgiu como uma etapa pré-requisito para a conclusão da disciplina de Estágio de Língua Portuguesa e Literatura I, da Universidade Federal de Santa Catarina. A instituição escolar que abrigou as ideias de duas jovens estagiárias cheias de expectativas foi a Escola de Educação Básica Padre Anchieta, localizada no bairro da Agrônômica, em Florianópolis.

Após um período de três semanas de observação da realidade da comunidade escolar, da estrutura e do funcionamento da escola, do andamento das aulas de língua portuguesa em uma turma de sétima série e em projetos paralelos, é que se pode constatar as necessidades da escola e as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Foi através dessa sondagem do contexto que optamos por pela nossa inserção no Programa Mais Educação, que acontece nas dependências da escola.

O Programa Mais Educação integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. Essa estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. Isso porque a Educação Integral, associada ao processo de escolarização, pressupõe a aprendizagem conectada à vida e ao universo de interesses e de possibilidades das crianças e adolescentes.

Essas informações foram extraídas do Manual da Educação Integral do Programa Mais Educação (2010) e são preponderantes para definir as estratégias de nossas ações como estagiárias, para a execução de um trabalho eficiente que supra as exigências que o Programa demanda e, principalmente, que melhoras significativas sejam sentidas pelos alunos.

A inserção de atividades pedagógicas no projeto deve estar muito bem articulada com a realidade da escola, do Programa Mais Educação e dos alunos que participam. Para isso, é importante saber que o Programa estabelece critérios para seleção das unidades escolares, quais sejam: escolas contempladas com PDDE/ Integral no ano de

2008 e 2009; escolas com baixo IDEB e/ou localizadas em zonas de vulnerabilidade social; escolas que estejam localizadas nas capitais, escolas das cidades com mais de 163 mil habitantes pertencentes ao Grupo de Trabalho das Grandes Cidades, escolas das cidades com mais de 90 mil habitantes.

Há também critérios classificatórios para a inscrição de estudantes inscritos no Programa, como sendo aqueles que apresentam defasagem idade/ano; estudantes das séries finais da 1ª fase do ensino fundamental, onde existe maior saída extemporânea de estudantes na transição para a 2ª fase; estudantes das séries finais da 2ª fase do ensino fundamental, onde existe um alto índice de abandono após a conclusão; estudantes de anos/ séries onde são detectados índices de evasão e/ou repetência e assim sucessivamente; e estudantes que desempenham papel de lideranças congregadoras em relação aos seus colegas. Mais informações podem ser encontradas no Manual do Programa Mais Educação.

Como pode ser observado nos documentos, o Programa é bem idealizado e possui objetivos nobres de qualificar a educação básica da escola pública, oferecendo oficinas em tempo integral, a fim de suprir as deficiências dos alunos com baixo desempenho escolar, assim como estimular o espírito de liderança e consciência crítica desses alunos. O que se percebe na prática, ao menos, na Escola de Educação Básica Padre Anchieta é que há mais intempéries que dificultam sua execução efetiva, como o mau emprego da verba, que deveria ser destinada à escola e não chega, a falta e/ou rotatividade dos professores que comandam as oficinas devido à remuneração irrisória, consequentemente tais fatores provocam a falta de rotina e constância na execução das atividades.

Ao levar em consideração, então, a realidade teórica e prática, bem como a ancoragem teórica dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Proposta Curricular de Santa Catarina e o Projeto Político Pedagógico da Escola, é que se pensou nesta proposta de trabalho, uma oficina de língua portuguesa para alunos entre 8 e 15 anos, cujo objetivo final seria a montagem de um blog para o Projeto Mais Educação da escola em que estariam postadas as atividades realizadas pelos alunos no decorrer das aulas. Além disso, a proposta de trabalho teria como objetivo principal trabalhar a leitura e produção escrita de um gênero interessante para a faixa etária e momento da vida desses alunos, que partisse da realidade local para a global, a fim de acarretar em certo amadurecimento da prática leitora e o despertar do prazer nessas atividades. O conteúdo de leitura e escrita é pautado na defasagem de ensino/ aprendizagem desses alunos, visto

que o programa está destinado, no caso da língua portuguesa, para alunos com déficit em leitura, interpretação e produção textual.

Sabemos que, ao final da nossa intervenção de 15 horas/aula divididas em 5 encontros, não preencheremos todas as lacunas existentes, mas com certeza, a semente do conhecimento terá sido plantada.

A escolha do tema “Super-Heróis” se justifica pelo caráter universal dessas histórias, que ultrapassam limites geográficos, culturais e faixas etárias. É um assunto que perpassa o imaginário de crianças, adolescentes e adultos, que trazem o encantamento, o lúdico para o trabalho com a linguagem, como também sugere identificação e inspiração, por se tratarem de seres humanos que desenvolvem habilidades destinadas a fazer o bem e provocar mudanças positivas para si e para o outro. O tema também é veiculado por diferentes mídias, tais como gibis, filmes, desenhos animados, seriados e outros, que possibilitam a ampliação do horizonte cultural dos alunos, que já demonstraram ter pouco ou nenhum acesso a esses veículos de informação e conhecimento. A temática “Histórias em Quadrinhos” vem imbricada com a dos heróis, por esses últimos terem surgido a partir daquela mídia.

Outro motivo também para a escolha do tema se deu por ele suscitar elementos enriquecedores para o trabalho pedagógico, tendo respaldo pelo próprio Manual do Programa Mais Educação. A respeito da comunicação e uso de mídias, o manual diz que a utilização de histórias em quadrinhos é importante para o desenvolvimento estético-visual de projetos educativos dentro e fora dos espaços escolares incentivando à comunicação criativa e à construção de propostas de cidadania envolvendo os educandos em experiências de aprendizagens significativas.

Em suma, o presente projeto objetiva o desenvolvimento destes jovens alunos na disciplina de língua portuguesa, no que tange à leitura e escrita, mas que isso não se dê de forma maçante e desconectada da realidade, do gosto, do prazer tangível e mensurável e, que de alguma forma, as oficinas lecionadas possam contribuir para o olhar crítico e consciente daqueles que serão o futuro da sociedade que temos hoje. Algo pretensioso? Apenas os votos e a certeza de que com compromisso na educação é possível se fazer a diferença e mudar o hoje e o amanhã.

A seguir, apresentamos os planos de aula que nortearão a prática docente deste projeto.

4.4 PLANOS DE AULA PROJETO EXTRACLASSE

O projeto extraclasse “Super-heróis conectados” foi planejado para ser executado, para crianças entre 8 e 15 anos que participam do Projeto Mais Educação, em 15 horas/aula divididas em 5 encontros, nos quais as duas estagiárias atuaram juntas, conforme os planos de aula a seguir.

4.4.1 Plano de Aula 1

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

COORDENADORA DO PROJETO: Vanessa Karine Ribeiro Seibas

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 01/11/2011

TEMPO DA AULA: 2 horas e 30 minutos (das 9h20 às 11h50)

TURMAS: A e B

TEMA: Perfis de Super-Heróis

Objetivo Geral

- Identificar e recolher informações que envolvem o tema.

Objetivos Específicos

- Acompanhar, com a professora, a leitura do texto “Como criar um super-herói” de Augusto Vilaça.
- Participar da discussão sobre o tema.
- Ler textos no Blog do Projeto a ser criado.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem o tema.
- Leitura, escuta e oralidade dos alunos.

Metodologia

- Organização dos alunos.
- Apresentação da proposta da aula e dos outros encontros para a turma.
- Exposição do tema sobre super-heróis.
- Leitura do texto “Como criar um super-herói” de Augusto Vilaça.

- Discussão sobre o tema e relação com heróis da vida real.
- Leitura, na sala de informática, dos perfis de heróis inseridos no Blog do Projeto.
- Conversa sobre os perfis dos heróis.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido.
- Quadro, caneta/giz.
- Sala de informática, computadores, internet.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos nas leituras e discussões.

Referências

VILAÇA, Augusto. **Como criar um super-herói**. Texto tirado da página <http://www.almacarioca.net/como-criar-um-super-heri-augusto-vilaa/> Acesso em 19/09/2011.

Perfil dos Heróis apresentados aos alunos através do Blog do Projeto Mais Educação da Escola Padre Anchieta em: www.maiseducacaopeanchieta.blogspot.com

Anexos

Textos a serem lidos em sala (anexos nas seções 9.4.25 e 9.4.26, a partir da pg. 209).

4.4.2 Plano de Aula 2

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

COORDENADORA DO PROJETO: Vanessa Karine Ribeiro Seibas

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 03/11/2011

TEMPO DA AULA: 2 horas e 30 minutos (das 9h20 às 11h50)

TURMAS: A e B

TEMA: Momento da leitura e do vídeo.

Objetivos Gerais

- Ler histórias em quadrinhos.
- Ampliar o repertório sobre o tema.

Objetivos Específicos

- Ler, individualmente, diversas histórias em quadrinhos.
- Expor ideias sobre a leitura.
- Acompanhar, com a professora, a leitura da história em quadrinho “Mulher Maravilha e a última esperança”, criada por Willian Moulton Marston.
- Realizar a leitura dramatizada da mesma história.
- Visualizar diversos vídeos no tema.
- Expor ideias sobre os filmes e leituras.

Conhecimentos Abordados

- Leitura, oralidade, escuta.

Metodologia

- Organização dos alunos.

- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura individual de diversas Histórias em quadrinhos.
- Discussão sobre as histórias.
- Leitura coletiva, orientada pela professora, da história em quadrinho “Mulher Maravilha e a última esperança”, criada por Willian Moulton Marston.
- Leitura dramatizada, com a participação dos alunos, do mesmo texto.
- Visualização do desenho animado “A liga da justiça”.
- Visualização de trechos dos filmes “Superman, o retorno” e “Homem Aranha 2”.
- Discussão sobre os textos e filmes.

Recurso Didático

- Cópias, para os alunos, do texto a ser lido coletivamente.
- Gibis, filmes.
- Quadro, caneta/giz.
- Sala multimídia com tapete e almofadas.
- TV, DVD, aparelho de som.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos nas leituras e discussões.

Referências Bibliográficas

MARSTON, Willian Moulton. **Mulher Maravilha e a última esperança**. São Paulo: Editora Abril Jovem, 1992.

Anexos

História em quadrinhos a ser lida em sala (anexa na seção 9.4.27, pg. 224).

4.4.3 Plano de Aula 3

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

COORDENADORA DO PROJETO: Vanessa Karine Ribeiro Seibas

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 08/11/2011

TEMPO DA AULA: 2 horas e 30 minutos (das 9h20 às 11h50)

TURMAS: A e B

TEMA: Relato de um super-herói e momento da escritura

Objetivos Gerais

- Identificar e recolher informações que envolvem o tema.
- Escrever uma história em quadrinhos.

Objetivos Específicos

- Participar da conversa com o convidado que relatará como é ser um herói da vida real.
- Escrever uma história em quadrinhos.

Conhecimentos Abordados

- Oralidade, escuta.
- Escrita de texto.

Metodologia

- Organização dos alunos.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Relatos de um convidado – bombeiro, o herói da vida real.
- Conversa dos alunos com o convidado.

- Escrita individual de uma história em quadrinhos.
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.

Recurso Didático

- Caneta, lápis, papel.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na conversa com o convidado e, na escritura do texto.

4.4.4 Plano de Aula 4

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

COORDENADORA DO PROJETO: Vanessa Karine Ribeiro Seibas

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 10/11/2011

TEMPO DA AULA: 2 horas e 30 minutos (das 9h20 às 11h50)

TURMAS: A e B

TEMA: Momento da reescritura

Objetivo Geral

- Reescrever a história em quadrinhos para publicação no Blog do projeto.

Objetivo Específico

- Reescrever o texto produzido na última aula para publicação.

Conhecimentos Abordados

- Escrita.

Metodologia

- Organização dos alunos.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Reescritura da história em quadrinhos produzida na última aula a fim de publicá-la no blog do projeto.
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.

Recurso Didático

- Folhas de papel, canetas, lápis, borrachas, lápis de cor.

- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na preparação de seus textos que serão publicados no blog do projeto.

4.4.5 Plano de Aula 5

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

PROJETO MAIS EDUCAÇÃO

COORDENADORA DO PROJETO: Vanessa Karine Ribeiro Seibas

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS PELA AULA: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 17/11/2011

TEMPO DA AULA: 2 horas e 30 minutos (das 9h20 às 11h50)

TURMAS: A e B

TEMA: Finalizando o Blog

Objetivo Geral

- Publicação dos textos e de recursos audiovisuais no blog do projeto.

Objetivos Específicos

- Selecionar recursos para enriquecer o blog.
- Socializar seus textos no Blog.

Conhecimentos Abordados

- Leitura, localização e seleção de recursos para o blog.
- Socialização dos textos.

Metodologia

- Organização dos alunos.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Seleção de recursos audiovisuais para o blog: imagens, vídeos, etc.
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos.
- Socialização do Blog.
- Fechamento das aulas.

Recurso Didático

- Sala de informática, computadores, internet.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na contribuição para o Blog e na socialização de seus textos.

5. RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

5.1 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA

O projeto “O bruxólico de Cascaes e outros contos”, direcionado para a sétima série do ensino fundamental (oitavo ano) da Escola de Educação Básica Padre Anchieta, foi planejado para ser executado em 12 horas/aula divididas em 9 planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 6 horas/aula, conforme retratado no capítulo anterior.

No entanto, durante o andamento das aulas houve algumas circunstâncias que acarretaram alterações nos planos de aulas, o que possibilitou aprender que um planejamento de uma aula não é estanque, ou seja, quase sempre ele será modificado na prática, o que, de maneira nenhuma, descaracteriza sua função e desqualifica sua importância, visto que o plano de aula é essencial para nortear o trabalho do professor e fazê-lo atingir o objetivo desejado no final do processo de ensino/ aprendizagem.

De acordo com a configuração do andamento das aulas do projeto de docência na prática, é que será relatado e documentado o exercício desse primeiro contato com a docência, demonstrando aquilo que sofreu alteração, quais atividades obtiveram êxito, quais os exercícios que não deram certo, segundo nossa análise crítica, a resposta dos alunos ao trabalho proposto e um comentário do processo de aprendizagem desses alunos.

5.1.1 Relato Exercício da Docência – Projeto de Docência

Aulas 1 e 2

As aulas 1 e 2, referentes ao plano de aula 1, foram realizadas no dia 10 de outubro pela estagiária Gabriella e teve como tema a leitura de conto e interpretação de texto. Os objetivos gerais eram ler e interpretar coletivamente um conto, apreender a estrutura e característica do gênero conto e debater conhecimentos prévios a respeito do tema bruxólico. Todas as etapas metodológicas planejadas se cumpriram na prática, exceto pela ordem, já que a estagiária estava um pouco nervosa, mas não aparentando. A estagiária fez a chamada, apresentou a proposta do projeto sinteticamente e o objetivo

da aula. Ao realizar a leitura do trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes, os alunos demonstraram grande interesse e acompanharam, atentamente, a leitura.

Após a discussão dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema bruxólico, na qual houve uma tímida participação dos discentes, a estagiária realizou a leitura oral do conto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes dividindo o texto por segmentos e promovendo a interpretação oral do conto. Neste momento, os alunos participaram bastante, alguns acompanham a leitura olhando a estagiária, outros acompanham o texto. A leitura da estagiária estava um pouco rápida e após, intervenções, continuou mais devagar.

Em seguida, há a exposição sobre a estrutura e características do conto: extensão, linhas dramáticas, tempo, espaço, final enigmático, conteúdo e forma. A estagiária escreve no quadro o perfil do autor estudado, Franklin Cascaes, já que ela se esquece de situar o autor antes da leitura de sua obra. As atividades que estavam previstas para as duas aulas acabam em apenas uma aula. Conforme já previsto que isso pudesse acontecer, a estagiária entrega um questionário de interpretação do conto lido, que já estava preparado como atividade reserva, caso ocorresse um imprevisto como esse. Gabriella, então, lê e entrega o exercício. Alguns alunos vão até sua mesa para sanar algumas dúvidas quanto ao enunciado. Após terminarem é feita a correção coletiva, os alunos participam timidamente no início, mas depois se soltam. Alguns alunos conversam, a aula termina refletindo o interesse dos alunos.

Aula 3

A aula 3, realizada no dia 11 de outubro, tematizou a contação de histórias e a leitura de conto e possuía como objetivo geral a identificação e reconhecimento de informações sobre o tema bruxólico e o exercício da leitura e interpretação de texto. A aula se deu em outro ambiente, fora de sala de aula, e contou com uma decoração do ambiente bruxólico.

A aula cumpriu o planejamento teórico e coube nos 45 minutos previstos. Gabriella fez a chamada, apresentou a proposta da aula para a turma e fez a leitura de um trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes. Os alunos demonstraram bastante animação por estarem em um ambiente diferente e decorado e bastante curiosidade com a presença da convidada. A convidada, então, faz uma contação de histórias sobre as bruxas da ilha de Florianópolis, baseado nos contos de

Franklin Cascaes. Assim que termina, a convidada vai embora. A turma fica bem agitada, alguns alunos mexem em um lap top, a estagiária pede para ficarem em silêncio e os alunos colaboram.

Gabriella entrega o novo conto a ser lido e pede para que eles façam uma primeira leitura silenciosa. Alguns alunos lêem com interesse, outros estão um pouco dispersos. Em seguida, é feita uma leitura oral, com orientação da estagiária, do conto “Na Terceira Margem da Estrada”, dividida em segmentos e alternado com a interpretação do texto. A leitura é bem produtiva, pois há a participação efetiva dos alunos e eles demonstraram grande interesse. Alguns alunos ficam surpresos com o final do conto, demonstrando não terem chegado ao fim na hora da leitura silenciosa. A aula termina com a orientação da estagiária para o próximo encontro.

Aulas 4 e 5

A aula 4, que estava prevista para acontecer no dia 14 de outubro, se deu no dia 17 de outubro, em função do encontro de formação com os professores das escolas do Fórum do Maciço para discutir os Projetos Políticos Pedagógicos das cinco escolas participantes que aconteceu no dia 14, sexta-feira.

Dessa forma, as aulas 4 e 5 precisaram acontecer no mesmo dia, já que era aula faixa na segunda-feira. Por conta disso, as estagiárias resolveram não montar o ambiente bruxólico, conforme previsto para a aula 4 nos planos de aula. Os temas eram “Momento da Leitura” e “Momento de Escrita”.

Na primeira aula, então, o objetivo geral era ler inúmeros contos a fim de ampliar o repertório de leitura para enriquecimento da produção escrita. A estagiária responsável pela aula, Gabriella, entra em sala, faz a chamada e apresenta a proposta da aula para os alunos. Nesse dia, os alunos estavam mais agitados e, no meio do barulho, a estagiária leu o trecho do livro “Bruxas e Benzéduras”. Em seguida os contos previstos no plano de aula, além de outros contos (anexo na seção 9.5.1, pg. 234), foram colocados na mesa da professora e os alunos vão escolhendo seus textos para leitura. No início, uma aluna se mostrou resistente a cumprir a tarefa proposta e a estagiária Cecília foi até sua mesa e lhe contou um pouco da história, o que fez a aluna se interessar mais. Os demais alunos se mostram bastante interessados, estavam em silêncio lendo, enquanto outros até já trocavam os textos. Outro aluno fazia a leitura de uma revista, foi quando Gabriella chamou sua atenção e falou da importância de lerem aqueles textos para enriquecerem a escrita no momento seguinte. A estagiária entrega os textos no

suporte em que estão veiculados e os alunos vêm com interesse. Com o passar do tempo os alunos começam a ficar inquietos.

Assim que bate o sinal a estagiária avisa que podem levar os contos lidos para casa e explica a proposta do momento de escritura, cujo objetivo geral é escrever um conto no tema bruxólico, amplamente trabalhado em leitura nas aulas anteriores. A estagiária, então, retoma um pouco as características do gênero conto e passa a atividade no quadro. Os alunos, então, arrancam folhas do caderno e começam a escrever. Alguns conseguem terminar o texto em uma única aula e entregam à estagiária, outros não conseguem finalizar.

Faltando poucos minutos para bater o sinal, a estagiária orienta para todos os alunos entregarem suas produções, mesmo quem não conseguiu terminar, pois na aula seguinte teriam tempo para concluí-la. O sinal bate e a aula termina.

Aula 6

A aula 6 aconteceu no dia 18 de outubro e foi a continuação do “momento de escritura” da aula anterior. A estagiária Gabriella faz a chamada e lê o trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes. Os alunos estavam bem agitados, a estagiária pede a colaboração de todos e explica a proposta da aula para a turma: para os alunos que terminaram de escrever na aula passada e à medida que os demais vão terminando, os alunos trocam seus textos com o do colega e vão responder uma atividade de análise ao texto do colega, a fim de ajudá-lo a melhorar (anexa na seção 9.5.2, pg. 238). Esta atividade não estava prevista, inicialmente, no plano de aula, conquanto também não estava previsto que alguns alunos terminassem de escrever a primeira versão de seus textos em menos de 45 minutos.

Assim que a estagiária devolve os textos dos alunos, muitos demonstram não gostarem da proposta da aula e conversam bastante. Gabriella pede para ficarem em silêncio e realizarem a tarefa, senão terá que dividir os grupinhos que conversam. E ela troca dois alunos de lugar, devido o não cumprimento do pedido. Assim que uma aluna termina seu texto, foi pedido que trocasse com o colega que havia terminado, mesmo com vergonha, ela assim o fez. Quando a estagiária avisa que faltam 30 minutos para entregarem os textos, os alunos se esforçaram mais e ficaram em silêncio escrevendo.

À medida que os alunos iam escrevendo, as estagiárias passavam nas carteiras orientando e sanando dúvidas. Os alunos realizaram a escritura e entregaram seus textos. A estagiária Gabriella agradeceu a colaboração e participação de todos e se

despediu assim que bateu o sinal. Poucos alunos fizeram a atividade de análise do texto do colega, que foi planejada (anexa na seção 9.5.3, pg. 238).

Aula 7

A aula 7 realizada no dia 21 de outubro, sob regência da estagiária Cecília, teve como temática a Análise Linguística das primeiras versões dos textos produzidos pelos alunos.

Neste momento do estágio docência, houve uma alteração na configuração dos planos de aula, devido ao cancelamento de um dia de aula acarretando na postergação das aulas futuras e uma conseqüente modificação no planejamento. A aula que contaria com os relatos de bruxaria de um convidado (aula intitulada “aula 7” nos planos de aula) teve que ser adiada para o encontro seguinte e antecipando, então, o momento de Análise Linguística.

A aula de Análise Linguística possui como objetivo geral analisar coletivamente e individualmente textos dos próprios alunos, selecionados pela estagiária. Após a correção das produções escritas dos alunos com atribuição de uma nota para a primeira versão, a estagiária Cecília escolheu um texto que desse conta dos problemas mais recorrentes entre os textos dos demais alunos e transcreveu tal texto em um cartaz, sem os erros de ortografia.

Nesse dia, muitos alunos chegam atrasados, Cecília faz a chamada e a maioria não parava de conversar. Assim que Cecília começa a aula e explica a proposta para a turma, os alunos ficam quietos.

Em seguida, a estagiária entrega para os alunos lerem individualmente a cópia transcrita do texto a ser analisado (anexa na seção 9.5.4, pg. 240). Assim que os alunos terminam de ler sozinhos, ela vai pedindo ajuda em relação a maneiras de reescrever o texto, como por exemplo, a mudança de uma palavra para dar mais sentido ao texto, o uso de uma vírgula, o uso de conectivos e outros elementos linguísticos que dão conta da coesão e coerência do texto. Infelizmente, as letras do cartaz feito pela estagiária estavam pequenas, o que fez com que ela utilizasse mais o próprio quadro. O acompanhamento dos alunos se deu através da cópia do texto que tinham em mãos.

Em geral, os alunos participam, mas a estagiária tem que chamar a atenção de alguns, pois estão dispersos. A aula termina com o sinal e Cecília não consegue concluir a análise linguística. O exercício individual de análise linguística do texto de outro

aluno (anexo na seção 9.5.5, pg. 240) não pôde ser realizado, devido a falta de tempo e o vagar que a tarefa exige mesmo.

Aulas 8 e 9

As aulas 8 e 9, na prática, se deram no dia 24 de outubro e objetivou, na primeira aula, continuar a análise linguística do texto da aluna trabalhado na aula anterior (aula esta que se encontra nos planos de aula intitulada “aula 9”) e, na segunda aula, contou com a presença de uma convidada relatando seu conhecimento acerca do tema bruxólico (que, nos planos de aula, se encontra como “aula 7”).

A aula do dia 24 começou às 10h30, pois o sinal demorou a bater, fazendo com que os alunos o obedecessem. Como a aula começa com atraso, Cecília não perde tempo com a chamada, deixando para Gabriella fazer e continua a análise.

Os alunos participam da aula, mas alguns conversam. A estagiária prossegue com a análise, utilizando o quadro e o cartaz (um novo cartaz, agora com letras maiores).

Assim que bate o sinal para a segunda aula, Cecília encaminha os alunos para a sala Multimídia, toda decorada com o ambiente bruxólico, para a segunda etapa da aula.

Após os alunos sentarem-se, alguns na cadeira, outros no tapete, Cecília lê o trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes, em anexo e depois apresenta à turma a convidada Dona Sueli, benzedeira da Barra da Lagoa.

Este momento teve como objetivo geral identificar e recolher informações que envolvem o tema bruxólico. Com isso, a benzedeira começa a contar sua experiência com o universo bruxólico, conta como se tornou benzedeira, casos de bruxaria, deu exemplos de reza e muitas outras histórias. Foi uma participação muito especial e importante, pois deu veracidade ao tema que estava sendo trabalhado em sala de aula e os alunos responderam com muita atenção, colaborando com silêncio e participando com perguntas à benzedeira (fotos em anexo na seção 9.5.6, pg. 241). A aula termina com o sinal e a euforia de todos.

Aula 10

A aula 10, na prática, foi realizada no dia 25 de outubro (estava prevista, nos planos de aula, para o dia 24) e teve como tema o “momento de reescritura”, cujo objetivo geral era reescrever seu próprio texto escrito em aulas anteriores e corrigido pelas estagiárias.

A estagiária responsável faz a chamada e explica a proposta da aula para a turma. Cecília, então, explica os critérios utilizados para corrigir a primeira versão dos textos e coloca no quadro os critérios que serão adotados para a segunda versão, a que os alunos terão que reescrever nessa aula.

Cecília entrega os textos e os alunos ficam animados com suas notas, comentando com os colegas seu desempenho (anexos na seção 9.5.7, pg. 242). Os alunos logo começam a reescrever, em silêncio. Cecília e Gabriella vão passando entre as carteiras auxiliando os discentes, sanando algumas dúvidas a respeito da correção.

Vendo que o tempo estava se acabando, alguns alunos avisam que não vão conseguir terminar e as estagiárias orientam para entregarem os textos do jeito que estavam, que depois será dado um tempo para concluírem. O sinal bate e a aula termina.

Aula 11

A aula 11 é realizada, na prática, no dia 28 de outubro (nos planos de aula, estava prevista para o dia 25) com o objetivo de concluir a reescritura da segunda versão dos alunos, já que a maioria dos alunos não conseguiu finalizá-la na aula anterior.

A estagiária Cecília entra, faz a chamada e explica a proposta da aula para os alunos, os quais demonstram impaciência por terem que escrever o mesmo texto mais de uma vez. Ela não lê, por falta de tempo, o texto previsto em plano de aula – trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes - que introduziria as atividades deste dia.

A correção dos textos, mesmo os não finalizados, foi feita a lápis pelas estagiárias (anexa na seção 9.5.8, pg. 246). Neste momento, a atenção foi voltada para a correção de aspectos literários mas, sobretudo, os aspectos gramaticais trabalhados nas aulas de análise linguística, bem como questões de ortografia, para que o texto esteja o mais adequado gramaticalmente para a exposição no varal literário.

Os alunos reescreveram suas histórias com bastante interesse e participação, mantendo o ambiente silencioso para a execução da tarefa. As estagiárias passavam entre as carteiras, sentando com alguns alunos que apresentaram mais dificuldade. O sinal bate e os alunos entregam suas segundas versões.

Aulas 12 e 13

As aulas 12 e 13 ocorreram no dia 31 de outubro; coincidentemente, o fechamento do período de estágio de docência, cujo tema era “Contos Bruxólicos”, se

deu no dia das Bruxas. Mais uma vez, faz-se a ressalva de que houve a realização de uma aula a mais em virtude do cancelamento da aula do dia 14 de outubro, o que acarretou na postergação das aulas e na alteração de algumas atividades previstas no plano de aula.

Neste dia, os alunos passaram a limpo seus textos (atividade que estava prevista para ser executada na aula anterior, mas que teve que ser adiada, pois os alunos não haviam terminado de reescrever) e prepararam o varal literário para a exposição de seus textos.

A estagiária responsável pela aula, Cecília, fez a chamada e explicou a proposta para a turma. Ela não lê com os alunos, por falta de tempo, o texto previsto em plano de aula – trecho do livro “Bruxas e Benzeduras” de Franklin Cascaes - que introduziria as atividades deste dia.

Entregou, então, a segunda versão corrigida dos textos dos alunos, já com a atribuição da nota (anexa na seção 9.5.9, pg. 252). As estagiárias trouxeram para a aula camisetas de cartolina e material para a confecção do varal literário.

Em um primeiro momento, os alunos não ficaram muito contentes em ter que escrever o texto novamente ao passar a limpo, mas logo já estavam fazendo com motivação.

Os alunos, então, passaram seus textos corrigidos para uma folha branca e, à medida que iam terminando, colavam em uma cartolina em forma de camiseta, da cor que escolhessem. Em seguida, os alunos decoravam suas camisetas e afixavam no varal montado no corredor em frente à sala. A participação de todos era geral, inclusive a professora regente da turma contribuiu com a decoração desenhando temas de bruxa.

Quase no final da aula, todos terminam de passar a limpo e decoram o varal literário, orgulhosos, por estarem expondo seus textos (fotos em anexo na seção 9.5.10, pg. 258). Assim que bate o sinal, tiramos uma foto com a turma, simbolizando o fim dessa experiência marcante do estágio de docência (foto em anexo na seção 9.5.11, pg. 259).

5.1.2 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto de Docência

Como a palavra “processo” mesmo quer dizer, a aprendizagem dos alunos durante o estágio de docência não é estanque, deve ser encarada como um primeiro passo para o desenvolvimento das habilidades de língua portuguesa de forma sistemática e continuada, com respaldo em ancoragem teórica. Devido ao pouco tempo de inserção na turma de 7ª série (oitavo ano) não se pode dizer que os alunos tornaram-se proficientes em leitura e escrita, mas com certeza houve avanços consideráveis, no que tange ao prazer na realização das atividades, à compreensão da importância de se ler com atenção, voltando quantas vezes for necessária ao texto, bem como à necessidade da reescritura do texto.

A escolha do tema “Contos Bruxólicos”, resultou nos alunos a descoberta do prazer do ato de ler, fugindo das leituras canônicas e dos textos pouco contextualizados dos livros didáticos e indo ao encontro de uma literatura mais atraente, regionalista e contemporânea. Conquistar os alunos para o conteúdo foi de suma importância para desenvolver o conhecimento dos discentes para a leitura e escrita, os quais possuíam bastante carência.

Em latim, o verbo *sapere* significa saber, mas também ter sabor. Esses dois significados são indissociáveis em sua origem e mostra que é indispensável sentir sabor nas coisas que se aprende, para que elas realmente se solidifiquem e valham a pena.

Na prática, percebeu-se que os alunos gostaram do tema, ficando curiosos e atentos a cada etapa do processo metodológico.

No que concerne à leitura e escrita, os alunos demonstraram avanço significativo, pois conseguiram interpretar corretamente os contos lidos oralmente em sala e exercitaram a leitura silenciosa no momento da leitura dedicado à ampliação do conhecimento de contos diversos. A escrita foi bastante trabalhada com a adoção da refacção e os alunos compreenderam que é preciso voltar ao texto para lapidá-lo e torná-lo melhor. A produção dos textos não foi tomada como mera avaliação, mas foram produzidos tomando os alunos como interlocutores, com a finalidade de expor os textos em um varal literário para a apreciação da escola.

Vale ressaltar a evolução da produção escrita da primeira para a segunda versão, em que os alunos melhoraram significativamente seus textos, no que tange à coesão e coerência trabalhadas durante as aulas de análise linguística (anexos na seção 9.5.12, pg. 260). A evolução se deu também para alguns alunos que ainda não tinham escrito textos no gênero conto e conseguiram fazê-lo na segunda versão (anexos na seção 9.5.13, pg. 264).

Sem contar na criatividade exacerbada dos alunos, alimentada pela leitura dos vários contos, da ampliação do conhecimento bruxólico e da escuta do que tinham a oferecer as participações das convidadas.

É claro que não se pode dizer que o processo como um todo foi concluído e que os alunos atingiram o nível máximo de aproveitamento. Isso devido ao pouco tempo de inserção do nosso trabalho de docência e devido à bagagem e o contexto desses alunos. Mas podemos dizer que foi possível plantar a semente de uma nova perspectiva de ensino de língua portuguesa que pudesse inspirar a escola e, principalmente, que os alunos acreditassem no seu potencial e enxergassem um novo caminho para a aventura da aquisição/aprendizado do conhecimento. Que os frutos possam ser colhidos na formação desses futuros cidadãos!

5.2 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO EXTRACLASSE

O projeto extraclasse “Super-heróis conectados” foi planejado para ser executado, para crianças entre 8 e 15 anos que participam do Projeto Mais Educação, em 15 horas/aula divididas em 5 encontros, nos quais as duas estagiárias atuaram juntas, conforme o capítulo 4.

De acordo com a configuração do andamento das aulas do projeto extraclasse na prática, é que será relatado e documentado o exercício, demonstrando aquilo que sofreu alteração, quais atividades obtiveram êxito, quais os exercícios que não deram certo, segundo nossa análise crítica, a resposta dos alunos ao trabalho proposto e um comentário do processo de aprendizagem desses alunos.

5.2.1 Relato Exercício da Docência – Projeto Extraclasse

Aula 1

A aula 1, realizada no dia 01 de novembro de 2011, foi ministrada pelas duas estagiárias, conforme dito anteriormente, e teve como tema o perfil dos heróis. O objetivo geral era identificar e recolher informações que envolvem o tema. Nem todas as etapas metodológicas foram cumpridas, por conta de problemas técnicos, conforme relataremos a seguir.

Havia 18 alunos em sala conosco e, antes de expormos a proposta da aula e dos encontros que teríamos com a turma, tivemos uma conversa com eles sobre o tema “Super-Heróis”. Os alunos, embora parecessem um pouco tímidos, participaram bem da atividade (foto em anexo na seção 9.5.14, pg. 268).

Gabriella seguiu com a leitura do texto de Augusto Vilaça. A dispersão era grande. Muitos fatores colaboraram para isso: a sala não tinha porta e suas paredes eram divisórias (e não concreto), assim como foi relatado na seção 3 (foto em anexo na seção 9.5.15, pg. 268); ao lado da nossa sala, funcionava uma sala de artes que sempre possuía muito barulho; as idades das crianças eram muito diferentes (de 8 a 15 anos); alguns alunos não sabiam ler e não conseguiam acompanhar a leitura.

Dentro desse contexto, nós íamos parando a leitura aos poucos e retomando o que havia sido dito.

No momento em que o autor do texto fala sobre o uniforme do super-herói, pedimos para um dos alunos desenhar no quadro enquanto os outros diziam as características que gostariam que seu super-herói tivesse. Isso gerou um pouco de tumulto, mas logo conseguimos a atenção deles novamente para voltarmos ao texto.

Ao terminarmos a leitura, cada aluno criou seu super-herói especificando seu nome e seus medos (anexos na seção 9.5.16, pg. 269). A atividade foi produtiva, embora o fato de termos tido um contratempo com uma das alunas. Ela foi buscar na diretoria alguns materiais para colorir o desenho e, quando voltou, um aluno estava sentado em seu lugar. Conforme nosso relato de observação, a sala do Projeto Mais Educação não é disposta como uma sala de aula normal, com carteiras em fileiras, ela possui duas mesas grandes e várias cadeiras em que os alunos não possuem lugares determinados. A aluna não admitiu ter perdido seu lugar e começou a bater no menino tentando tirá-lo da cadeira. Ele até estava disposto a mudar de lugar quando pedimos, mas por conta da falta de educação da aluna, ele não quis sair dali. Havia lugar para todos na mesa. Por isso, Cecília colocou outra cadeira e pediu para que a aluna sentasse nela. Ela não queria obedecer a estagiária. Então, Cecília disse que se ela não sentasse em outro lugar, seria obrigada a tirá-la de sala. A aluna pegou suas coisas e sentou em outra mesa. Parecia um pouco triste, mas logo voltou a sorrir e a interagir com os colegas. Tal aluna é muito disposta a ajudar, sempre se oferece para buscar materiais que faltam e etc.

A segunda etapa de nossa aula, a leitura dos perfis dos heróis no blog do projeto, não pode ser cumprida. A reserva que tínhamos feito há mais de um mês na sala de informática não foi realizada. Por isso, fomos à sala Multimídia e passamos um dos episódios da “Liga da Justiça” que estava previsto para a aula seguinte. Tivemos problemas com o som da sala, mas conseguimos improvisar com caixinhas de som do computador. Ficou mais baixo do que tínhamos previsto, mas deu para ouvir o vídeo. Os alunos gostaram do episódio e já pediram mais.

A aula foi finalizada e levamos os alunos em fila para o refeitório onde iriam almoçar.

Aula 2

Na aula 2, realizada em 03 de novembro de 2011, havia 9 alunos em sala. Tal aula tinha como objetivos gerais ler histórias em quadrinhos e ampliar o repertório sobre o tema. Na prática, as etapas metodológicas foram realizadas de diferentes formas.

Por conta de não podermos ir para a sala de informática na aula anterior, adaptamos nosso plano para que os alunos fossem ver os perfis dos super-heróis no blog do projeto neste dia (anexos na seção 9.5.17, pg. 274).

Eles mexeram no blog, mas poucos leram efetivamente os perfis.

Gabriella ajudou um dos alunos que não sabia ler.

Faltando dez minutos para acabar nosso tempo na sala de informática, liberamos o vídeo da turma da Mônica e os joguinhos de super-heróis que Cecília havia, anteriormente, postado no blog (anexos na seção 9.5.18, pg. 275). Os alunos ficaram muito felizes e se mostraram bem interessados. Tanto é que preferiram ficar ali ao invés de irem para o recreio (foto em anexo na seção 9.5.19, pg. 276).

Às 10h30, levamos todos ao banheiro e depois fomos para a sala de multimídia. Preferimos ir para lá por conta do barulho que sempre há no entorno da sala do Projeto Mais Educação. Não disponibilizamos para os alunos o tapete e as almofadas que estavam previstos. Eles ficaram sentados nas cadeiras da sala.

Iniciamos o momento da leitura conversando com os alunos sobre a importância de manusearem os gibis com calma e cuidado.

No início, a maioria apenas folheou o gibi e nos devolveu dizendo que já tinha terminado a leitura. Mais para frente, muitos deles leram realmente (foto em anexo na seção 9.5.20, pg. 276).

Depois disso, conversamos com os alunos sobre o que eles leram e retomamos a discussão sobre os perfis dos super-heróis.

Mais tarde, fizemos uma leitura coletiva da história “Mulher Maravilha e a última esperança”. Nós, Cecília e Gabriella, revezamos os personagens e lemos para os alunos a história, que estava sendo projetada na televisão. Aos poucos, íamos parando a leitura e retomando pontos da história.

Assim que terminamos, os alunos já se ofereceram para fazer uma nova leitura. Distribuimos os personagens e seguimos em frente. Essa leitura dramatizada deu muito certo, os alunos gostaram de participar.

No pouco tempo que sobrou, passamos um trecho do filme “Homem Aranha 2”.

Não conseguimos passar o trecho do filme “Superman, o retorno”, nem fizemos a discussão sobre os filmes por falta de tempo.

A aula chegou ao fim e os alunos foram, em fila, para o refeitório almoçar.

Aula 3

A aula 3, que ocorreu no dia 08 de novembro de 2011, teve como temáticas o relato de um super-herói da vida real e o momento de escritura. Os objetivos gerais eram identificar e recolher informações que envolvem o tema e escrever uma história em quadrinhos. Todas as etapas metodológicas foram cumpridas.

Tínhamos 15 alunos em sala neste dia. Reservamos o auditório por conta do barulho que já citamos anteriormente.

Trouxemos um bombeiro, um super-herói da vida real, para conversar com os alunos (fotos em anexo na seção 9.5.21, pg. 276). Estes adoraram a atividade. O bombeiro contou como é o seu treinamento, histórias que ocorreram em seu trabalho, fez simulações com os alunos, os ensinou o que fazer no momento de um acidente e etc. Depois, tiramos uma foto da turma para registrarmos o momento (foto em anexo na seção 9.5.22, pg. 277).

Às 10h15, os alunos saíram para o intervalo e, às 10h40, voltaram para o auditório para fazerem suas histórias em quadrinhos. Conseguimos emprestados com a coordenadora do projeto e a direção da escola alguns lápis de cor, canetinhas, borrachas e lápis de escrever. Os alunos fizeram esta primeira versão em uma folha de caderno (anexas na seção 9.5.23, pg. 278). Alguns deles não estavam empolgados para escrever. Nós, Gabriella e Cecília, ficamos o tempo todo incentivando os alunos. Mesmo assim, um deles não entregou a atividade. Este aluno não era assíduo, só veio neste dia para as nossas aulas.

Acabou a aula e os alunos foram para o refeitório almoçar.

Aula 4

A aula 4, tematizada momento da reescritura, aconteceu no dia 10 de novembro de 2011 e estavam 9 alunos em sala. O objetivo geral era reescrever a história em quadrinhos para publicação no Blog do projeto. Todas as etapas metodológicas foram cumpridas, inclusive uma atividade a mais.

Reservamos a sala de informática das 9h15 às 10 horas para que os alunos pudessem visualizar como estava ficando a montagem do blog. Cecília inseriu, anteriormente, os desenhos que eles fizeram na primeira aula, além de uma cópia da história em quadrinhos da Mulher Maravilha que lemos na segunda aula (anexos nas seções 9.5.24 e 9.5.25, a partir da pg. 280). Os alunos gostaram de ver os desenhos publicados e, aproveitamos isso para incentivá-los a fazerem a segunda versão da história em quadrinhos que, posteriormente, seriam também publicadas no blog.

Às 10 horas eles foram para o recreio e, às 10h15, fomos para a sala de Multimídia. Lá, os alunos reescreveram suas histórias. Conseguimos emprestados os mesmos materiais com a coordenadora do projeto e direção da escola, além de folhas sulfite para padronizarmos os trabalhos.

Os alunos pareciam empolgados com a reescritura, embora alguns estivessem desanimados. Conversamos com cada um, ajudamos no que pediam e, aos poucos, todos estavam fazendo suas histórias (anexas na seção 9.5.26, pg. 282).

Usamos todo o tempo da aula.

Às 11h45, os alunos foram para o refeitório almoçar.

Aula 5

A aula 5, que tinha como tema a finalização do blog, aconteceu no dia 17 de novembro de 2011 e estavam 9 alunos em sala. O objetivo geral era visualizar a publicação dos textos e selecionar recursos audiovisuais para o blog. Todas as etapas metodológicas foram cumpridas, inclusive uma atividade a mais.

Pudemos reservar a sala de informática apenas das 9h15 às 11 horas. Neste tempo, os alunos puderam visualizar no blog as suas histórias em quadrinhos publicadas (anexas na seção 9.5.27, pg. 285). Depois, nós orientamos os discentes para que selecionassem, através da ferramenta de busca na Internet, recursos audiovisuais que gostariam que fossem publicados no blog.

Neste momento, o técnico da sala nos informou que os alunos não estavam mais autorizados a acessar o site de vídeos “you tube”, o que fez com que nós, estagiárias, ficássemos desanimadas. Sem o acesso a tal site, as opções de pesquisa ficariam restritas. Foi o que ocorreu: os alunos só puderam pesquisar para o blog imagens de super-heróis.

Dessa forma, pedimos para os alunos escreverem, abaixo do link de cada imagem, o motivo pelo qual escolheram o arquivo, mas nem todas as imagens foram contextualizadas.

Tivemos problemas também, ao salvarmos os arquivos dos alunos em nossos dispositivos. Os computadores da sala estavam muito lentos e, como estava próximo do horário de outra turma utilizar o local, fomos obrigadas a salvar os arquivos, da maioria dos alunos, apenas nas máquinas. Cecília teve que ir à escola em outra data, recolher as informações das máquinas, para depois, postá-las no blog, conforme previsto (anexas na

seção 9.5.28, pg. 286). Além disso, em outro momento, a estagiária inseriu novos recursos à página envolvendo vídeos e games dos personagens favoritos dos alunos.

A segunda etapa de nossa aula não havia sido prevista em plano de aula. A intenção seria ler, com os alunos, as suas próprias histórias, projetadas para melhor visualização. Por conta de problemas técnicos com o computador e a projeção, conversamos com os alunos sobre as aulas ministradas e iniciamos a atividade lendo as histórias no papel. Depois de um momento, tivemos êxito na projeção e, terminamos de ler as histórias, agora projetadas.

A aula chegou ao fim e os alunos seguiram para o refeitório onde iriam almoçar.

5.2.2 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto Extraclasse

Considerando as dificuldades da efetiva execução do Projeto Mais Educação, como o mau emprego da verba, que deveria ser destinada à escola e não chega, a falta e/ou rotatividade dos professores que comandam as oficinas devido à remuneração irrisória, nosso trabalho gerou bons resultados.

Percebemos, a cada aula, o quão felizes ficavam os alunos com o tema tratado e com a diferente ideia da montagem do blog.

Todas as atividades que eles produziram, não eram exigidas sem função, destituídas de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção. Não eram também, atividades puramente avaliativas, reduzidas a exercícios como a “leitura em voz alta até o ponto final”, em que os alunos se preocupariam mais em estar lendo a parte correta do texto do que com a própria história em questão.

As atividades de leitura não foram impostas. Os alunos leram por ler. Os desenhos e as histórias em quadrinhos não foram produzidos para a professora ler e aplicar uma nota. Foram produzidos tomando os alunos como interlocutores enquanto sujeitos que dizem o que dizem para quem dizem.

Convenhamos que o trabalho não gerou melhores resultados por ter sido aplicado em pouco tempo. Talvez, se tivéssemos tempo para mais aulas de leitura, mais leituras dramatizadas, para análises linguísticas das versões das histórias que os alunos fizeram, a avaliação continuada seria muito mais positiva.

Além do pouco tempo, houve fatores que influenciaram para que os resultados não fossem melhores, como:

- as idades das crianças – que eram muito diferentes. Foi difícil fazer com que as atividades chamassem a atenção de todos ao mesmo tempo;
- a assiduidade dos alunos – a direção da escola autorizou que os alunos do Projeto Mais Educação frequentassem, além deste, outros projetos no entorno da comunidade. Isso dificultou o processo de aprendizagem dos alunos porque, para muitos, não houve uma continuidade do trabalho. Poucos alunos eram assíduos. Alguns não terminaram suas histórias na primeira versão e outros não puderam seguir nossas orientações por terem faltado no dia em que fizemos a segunda versão. Percebemos a evolução dos alunos que fizeram as duas versões da história em comparação com outros que fizeram apenas uma das versões (anexos da seção 9.5.29 a seção 9.5.31, a partir da pg. 287).

Mesmo assim, conseguimos identificar o maior interesse dos alunos a cada aula quando liam, escreviam, escutavam, falavam e pediam mais atividades iguais à que aplicávamos.

Em vista disso, imaginamos que conseguimos plantar sim a nossa semente, levando interesse pela leitura e escrita aos alunos do Projeto Mais Educação.

6. ENSAIO CRÍTICO

6.1 ENSAIO CRÍTICO ESTAGIÁRIA CECÍLIA

A experiência da docência

Cecília Augusta Vieira Pinto

A arte de escrever precisa assentar, analogamente, numa atividade preliminar já radicada, que parte do ensino escolar e de um hábito de leitura inteligentemente conduzido; depende muito, portanto, de nós mesmos, de uma disciplina mental adquirida pela autocrítica e pela observação cuidadosa do que outros, com bom resultado, escreveram.

Mattoso Câmara Jr.

Lá estava eu: o Estágio Supervisionado começava. Era, por mim, a parte mais esperada do curso. Enfim, a docência! Em meio a desgastes emocionais, intelectuais e profissionais, me sentia preparada para esta etapa da graduação.

O meu desânimo se instaurou quando se deu a etapa de observação da escola. Faziam parte do cenário a aula de português sem planejamento e sem ânimo, práticas pedagógicas com perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas, professores desgastados pela greve da qual acabavam de passar, professores não comprometidos com seu trabalho, o descaso da parte do governo estadual desde a falta de material, como o mínimo de folha branca, até o salário que oferecem desrespeitosamente, etc.

Por mais que houvesse esperança na atividade diária das diretoras e nos encontros dos professores do Fórum do Maciço, eu percebia que a luta não era fácil. Esta primeira etapa foi essencial para conhecer a realidade escolar, tão distante de nós, acadêmicos. A rotina, o funcionamento da escola - desde o primeiro funcionário da limpeza a chegar, até a difícil comunicação entre direção e Estado - me mostraram que, na prática, o trabalho pela educação não é tão simples. Há muita coisa interligada e, o trabalho em conjunto é a peça fundamental de todo esse quebra-cabeça.

Em relação à leitura, nas aulas observadas, percebi este elemento como atividade puramente escolar. As leituras foram realizadas sem gosto, sem prazer (inclusive pela professora). Eram atividades puramente avaliativas, reduzidas a exercícios como a “leitura em voz alta até o ponto final”, em que os alunos se preocupavam mais em estar lendo a parte correta do texto do que com a própria história em questão. Ou ainda, o

“momento da leitura”, atividade que poderia ser muito rica, reduzido à ficha de leitura que terá uma nota ao final do bimestre.

Sobre a escrita, pela minha observação, vi que é exigida sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção. A escrita da ficha de leitura serviu apenas para a atribuição de uma nota pela professora. Além disso, a prática da escrita era improvisada, sem planejamento e, na maioria das vezes, sem revisão, na qual o que se contou foi a tarefa de realizá-la.

O trabalho com a gramática, nas aulas observadas, foi feito com frases inventadas e isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função. As frases eram para os exercícios especificamente. A intenção da gramática tida em sala era a de fixar a função de um complemento nominal ou do agente da passiva, coisas essas sem relevância social. A gramática era sobre a língua, desvinculada dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia-a-dia. Foi exatamente como disse Geraldi sobre o ensino pelas generalizações: “na escola atual, o ensino começa pela síntese, pelas definições, pelas generalizações, pelas regras abstratas. O fruto desse processo irracional é digno do método, que sistematiza assim a mecanização da palavra, descendo-a da sua natural dignidade, para converter numa idolatria automática do fraseado” (GERALDI, 1997, p. 117-118).

A etapa de planejamento foi bem articulada pela equipe: Gabriella e eu, juntamente com o auxílio da orientadora. A fim de modificarmos a prática de ensino no cenário observado, nós refletimos, primeiramente, na questão do planejamento das aulas e da concepção de língua ressaltada por Antunes (2003):

Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem. (p. 39)

A concepção de língua como objeto social implica um trabalho com ensino e aprendizagem de língua materna comprometido com os usos sociais da linguagem. As concepções sobre gêneros do discurso implicam uma ação pedagógica que parta da esfera da atividade humana em que o gênero circula e a natureza das relações interpessoais que institui, focalizando o suporte, para, então, atentar à materialidade dos usos da modalidade falada ou escrita. Uma base teórica dessa natureza requer a consideração de que a aula de Língua Portuguesa deve tematizar os usos da língua tal

qual se estabelecem em situações naturais das vivências humanas. A aula de Língua Portuguesa, no entanto, tem a especificidade de implementar as possibilidades de uso da língua nessas mesmas situações, empreendendo um processo de ensino que permita ao aluno monitorar os usos que faz, de modo a, conhecendo a que se prestam as unidades linguísticas – por meio de uma abordagem epilinguística – fazer uso delas em favor das interações que estabelece. Era isso que esperávamos aplicar na etapa da prática.

Quando chegou a docência, a empolgação falou mais alto. Esquecemos a falta de material, pois investimos dinheiro para que isso não ocorresse. Abstraímos a falta de planejamento, pois utilizamos o tempo destinado para planejar o melhor aproveitamento das aulas. O desânimo nem passou pelas nossas cabeças, pois o nosso sonho, alimentado a cada semestre dos anos anteriores, estava sendo realizado. O retorno dado pelos alunos foi gratificante e nos deu a certeza da escolha da profissão.

Nosso trabalho com a escrita, tanto na turma 72, como na turma do Projeto mais Educação, seguiu o objetivo proposto por Gerladi (1997): é no texto, que a língua-objeto de estudos se revela em sua totalidade. É na produção de discursos que o sujeito articula um ponto de vista sobre o mundo e deve comprometer-se com sua palavra e de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente. Operando nesse incessante movimento, torna-se produtor do seu conhecimento e o tomamos como interlocutor que diz o que diz para quem diz. Foi o que aconteceu na exposição dos contos bruxólicos no varal literário e na publicação das histórias em quadrinhos no blog do Projeto Mais Educação.

As atividades de leitura não foram impostas. Os alunos leram por ler, apenas para identificarem e reconhecerem informações sobre os temas propostos para, posteriormente, produzirem seus textos.

A análise linguística, feita apenas na turma 72, teve a intenção de focar em aspectos centrais da organização e da compreensão do texto, tais como a clareza e a precisão da linguagem (a escolha da palavra certa), o sentido, a relevância do que é dito e etc. A coesão, a coerência, a informatividade, a clareza, e outras propriedades do texto que, conforme Antunes (2003), são mais relevantes do que a fixação em correções ortográficas, nomenclaturas e classificações de palavras.

Finalizo a disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I lembrando do que Roland Barthes, em seu texto “Da Leitura”, diz sobre a escrita e a leitura: a escrita, para ele, é uma aventura da leitura. E uma leitura que não leve a uma escritura não é compreensível. Ele não vê uma pessoa libertando a leitura sem antes

libertar a escrita num mesmo movimento. Sendo assim, a leitura é uma produção. Barthes pensa essa produção como uma metáfora do trabalho “o produto consumido é devolvido em produção”. Talvez se possa pensar, além disso, em uma metáfora modernista em que a partir da leitura, mastiga-se, deglute-se o conteúdo e vomita-se a produção textual. O resultado seria uma mescla entre o texto, a crítica e a pessoa que o leu.

A escrita consiste em uma prática social muito importante ao ser (do verbo estar) humano que, sendo ela a favor, contra, ou sobre um texto, enriquece nosso conhecimento, nossa forma de comunicação. Fora isso, ela transgride a norma, o padrão instituído pela gramática, ela possui expressividade. E aí, quando chegar nesse nível, se possuirá a arte de escrever. Espero que, um dia, os alunos das turmas que trabalhamos possam colher os frutos das sementes que plantamos e, juntos com a escola e os professores, chegarem a este nível.

6.2 ENSAIO CRÍTICO ESTAGIÁRIA GABRIELLA

Um olhar voltado para realidade

Gabriella Ligocki Pedro

O professor é um semeador cuja habilidade maior é cultivar terrenos de todas as espécies por meio de instrumentos, no mínimo, peculiares: a palavra, o amor, o afeto, o respeito, a dedicação e a esperança. Essas são as ferramentas utilizadas no exercício diário do magistério - uma espécie de agricultura mágica que possibilita não só o alimento do corpo, mas também do espírito.

Gabriel Chalita

Antes de viver a experiência do estágio de ensino de língua portuguesa poderia compreender as palavras acima da mensagem de Gabriel Chalita, Secretário da Educação do Estado de São Paulo, mas não conseguiria senti-las com veracidade e propriedade. A ansiedade e o nervosismo do primeiro dia em que entrei na turma de sétima série (oitavo ano) do ensino fundamental e falei, insegura: “atenção para a chamada!” e na aula seguinte vendo a resposta dos alunos às atividades de leitura e interpretação de textos, tão meticulosamente planejadas, transformaram as palavras de Chalita palatáveis e claras. O que ainda está(va) obscuro são os inúmeros desafios que cercam a profissão mais antiga da humanidade e que começam quando nos deparamos com a realidade.

A realidade da educação no país, no estado, na Escola de Educação Básica Padre Anchieta, a realidade social das crianças e de suas famílias foi o grande choque, a enorme lição e a honrada missão encontrada no contato com a experiência do estágio. Tão perto e tão distante do asfalto, a comunidade sofre carências que precisam ser amparadas pelo poder público e pela educação de qualidade (aí entra a honrada missão do professor semeador). Uma prática docente só faz algum sentido se for voltada para o contexto em que está inserida, com o âmbito de sanar ou, ao menos, minimizar os problemas dessa parcela de cidadãos que transitam às margens da sociedade.

Para a formação do olhar crítico e consciente perante a realidade da escola foram necessários aportes teóricos que proporcionassem um embasamento consistente para o trabalho de inserção da estagiária de língua portuguesa, os quais foram o Parâmetro Curricular Nacional, a Proposta Curricular de Santa Catarina, o Projeto Político

Pedagógico da Escola e as teorias de Wanderley Geraldi, Irandé Antunes e outros autores da área de ensino de língua materna.

A comunidade da Escola de Educação Básica Padre Anchieta reside no bairro Agrônômica, nas comunidades de Vila Aparecida, Morro do Horácio, Morro do 25, Vila Santa Rosa, dentre outras localidades próximas da escola. Moram em pequenas casas, divididas em dois ou três cômodos, em média cinco pessoas por residência. Os alunos, em sua maioria, não utilizam transporte para se deslocar até a escola. Algumas dessas comunidades são rivais devido ao narcotráfico e essa realidade instaura consequências no processo educativo da escola.

As crianças e jovens que frequentam a escola são, em sua maioria, oriundas de família de baixa renda ou moram, na maior parte do tempo, em instituições como Promenor, Cidade da Criança e Lar Recanto do Carinho. Os pais trabalham de pedreiro, carpinteiro, motorista, servente, vigilante e as mães são do lar, domésticas, cozinheiras, faxineiras. Percebe-se, pelos dados coletados para o Projeto Político Pedagógico da escola, que aproximadamente 80% das famílias têm renda mensal de até um salário mínimo e 20% que recebe até três salários mínimos mensais. Uma parte significativa não tem renda fixa, são autônomos da construção civil, desempregados ou subempregados.

O período de observação foi de suma importância para o contato com essa realidade e a apreensão de todos os fatores que culminariam com uma prática de sala de aula eficiente para plantar a semente transformadora na educação de língua portuguesa dessas crianças e tentar resgatar a auto-estima daqueles que serão a geração ativa e operante no futuro. Nessa etapa, eu e Cecília fomos muito bem recebidas pelas diretoras da escola, bem como pela professora regente e pelos alunos. Detectamos graves problemas na infraestrutura e nos recursos materiais da escola, devido à falta de verba empregada pelo governo.

Como relatado acima, o cenário social é carente de estrutura familiar e financeira, o que acarreta em crianças na sala de aula com baixa auto-estima, sem perspectiva de melhoria de vida, sem vontade de estudar e progredir na vida, o que dificulta a prática docente, pois pouco ou nada desperta interesse e prazer. Somado a isso, está a realidade do profissional professor, que, com carga horária excessiva e salário irrisórios não consegue ter estímulo e preparar uma aula com qualidade, o que não deveria servir de pretexto para ser dessa forma, mas são assim que as coisas operam na realidade. E, mais pontualmente os alunos da turma da sétima série em questão

apresentaram muita dificuldade em leitura, escrita e interpretação de textos, o que culminou em grandes motivos para se realizar um trabalho consistente e de qualidade, na tentativa de reverter, minimamente, essa situação.

Com esse olhar voltado para a realidade é que se deu a etapa de planejamento a fim de despertar o interesse desses alunos através da escolha de um tema atraente, bem como trabalhar os quatro eixos ancorados na Proposta Curricular Nacional e que são deficientes na prática deles, quais sejam fala/ escuta e leitura/escrita. Essa fase foi bastante intensa, pois havia um prazo a ser cumprido e muitas ideias a serem aplicadas. A parceria da dupla foi importante para o sucesso do trabalho e se deu de forma tranquila, levando em consideração as opiniões de cada uma. A cumplicidade entre a dupla é assaz valiosa durante a experiência do estágio, pois o comprometimento é (e deve ser) intenso e os pontos de vista devem ser convergentes para que se chegue a um objetivo comum.

Depois da fase de planejamento, passamos para a etapa da prática docente, primeiramente do estágio na turma de sétima série (oitavo ano), com duração de 12 horas/aula e, em seguida com a turma do Projeto Mais Educação, com duração de 15 horas/aula. A experiência com a turma 72 foi maravilhosa, os alunos se mostraram muito interessados com a temática e as atividades propostas em sala de aula. As mudanças de ambiente, da sala de aula para sala multimídia com a decoração bruxófica, bem como a presença de convidados, como a contação de histórias com Izabel Gomes e a benzedeira da Barra da Lagoa, Dona Sueli, possibilitou manter o olhar dessas crianças mais atento e curioso e conseguiu despertar o prazer na aquisição de conhecimento. Isso foi muito gratificante, visto a realidade de vida desses alunos e o baixo rendimento em sala de aula.

Outro ponto a ser destacado é a participação dos alunos, que cumpriram as atividades de leitura, interpretação de textos, escritura e reescritura com ávido interesse, mantendo o ambiente silencioso e tranquilo. Nas primeiras aulas, a ansiedade e o nervosismo eram grandes, com o decorrer dos dias e com a resposta positiva dos alunos, esses sentimentos acalmaram um pouco e fizeram com que tivesse certeza de que essa é a profissão que quero exercer com alegria e dedicação.

A experiência do estágio extraclasse, que se deu na turma do Projeto Mais Educação, com crianças de faixa etária entre 8 e 15 anos, causou em mim uma série de inquietações a respeito do cenário da educação. Nessa etapa, já estava mais segura quanto meu papel como professora e o tema “Super-heróis” era bastante do meu

domínio e agrado. No entanto, várias dificuldades foram sentidas nessa turma, como a inquietação, o barulho, a dispersão e as dificuldades de leitura e escrita. Apesar disso, pude sentir que os alunos gostaram das atividades propostas e puderam ampliar um pouco mais suas habilidades com a língua portuguesa e entender que aprender com objetivo é prazeroso e importante.

Por fim, vale dizer que a experiência do estágio de ensino de língua portuguesa I foi além das expectativas, causando em mim uma confirmação da escolha profissional e uma grande alegria por poder contribuir, mesmo que minimamente, para a formação daquelas crianças. O contato com a realidade do ensino público no Estado e a situação do cenário escolar daquela comunidade permitiu com que eu saísse das situações da teoria e entrasse na prática, munida de novas estratégias de ensino e uma fomentação para fazer a diferença e mudar a defasagem de conhecimento e auto-estima dos alunos. É com a “agricultura mágica” do magistério que uma semente será plantada e poderá se transformar em uma linda árvore frondosa no futuro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Estágio de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura foi além das nossas expectativas, nos causando uma confirmação da escolha profissional e uma grande alegria por poder contribuir, mesmo que minimamente, para a formação daquelas crianças. O contato com a realidade do ensino público no Estado e a situação do cenário escolar daquela comunidade nos permitiu com que saíssemos das situações da teoria e entrássemos na prática.

Ao concluir nossa prática docente nos demos conta que o trabalho não acaba quando termina, isto é, há muito ainda a ser feito para que seja conseguido perceber a semente plantada gerando frutos e formando indivíduos proficientes em leitura/escrita e cidadãos conscientes do seu papel na sociedade. A educação como um todo, ultrapassa o horizonte da mera transmissão e aferição de conteúdos disciplinares, mas faz a partir desses a constituição de um ser humano melhor, mais preparado para transitar pelas esferas sociais.

Que a nossa passagem pelas turmas trabalhadas tenha, no mínimo, despertado a vontade nos profissionais de mudar e enxergar que é possível através da linguagem e da prática docente consistente, ir além dos muros da escola. E para os jovens, mudar a concepção de que estudar é desinteressante e não serve para nada e que a língua portuguesa, através de seu trabalho com relevância dialógica, tem mais a dizer do que se pensa e pode se tornar um portal para uma perspectiva melhor para esses futuros cidadãos do mundo.

8. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola, Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** In: _____. *Estéticas da criação verbal.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/53]. P. 261-306.

BARTHES, Roland. **Da leitura.** In: *O Rumor da língua.* São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRITTO, Luiz Percival. **A sombra do caos.** Campinas/SP: Mercado das Letras, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin.** In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO, Antónia. (Org) *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas.* Campinas/SP: Mercado das Letras, 2007.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de Linguagem e Ensino de Português.** In: *O texto na sala de aula.* São Paulo: Ática, 1999. 3 ed.

_____. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Manual da Educação Integral para Obtenção de Apoio Financeiro Através do Programa Dinheiro Direto na Escola- PPDE/ integral, no exercício de 2010. disponível no site: www.fnde.gov.br/...manualpdde2010educacaointegral/download Acesso em 06/12/2011.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível no site: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em 22/11/2011.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. [et al.]. **Estágio supervisionado I e II.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

Projeto Político da Escola de Educação Básica Padre Anchieta. Em construção/
2010.

Proposta Curricular de Santa Catarina, 1998. Disponível no site:
<http://www.sed.sc.gov.br/educadores/proposta-curricular?start=1> Acesso em
21/11/2011.

9. ANEXOS

9.1 DOCUMENTAÇÃO DO ESTÁGIO

9.1.1 Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório – Estagiária Cecília



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 359949

O(A) Secretaria de Estado da Educação, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Taisa Stafins Gabardo, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Cecília Augusta Vieira Pinto, CPF 066.286.939-70, telefone 4891576695, e-mail cica_sorriso@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 7174042 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 08/05/2009 e vinculado à disciplina MEN7001.
- Art. 2º:** O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Padre Anchieta, de 08/08/2011 a 09/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Ana Carolina França De Oliveir.
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).
- Art 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.
- Art. 7º:** O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 8º:** O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 10º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 11º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 359949

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de sétima série do Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 5 de setembro de 2011.

Taisa Stafins Gabardo
Taisa Stafins Gabardo
Mat. 204495-1-01

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Cecília Augusta Vieira Pinto - Estagiário

Diva Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Ana Carolina França De Oliveir - Supervisor(a) no local de Estágio

9.1.2 Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório – Estagiária Gabriella



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 356779

O(A) Secretaria de Estado da Educação, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Taisa Stafins Gabardo, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Gabriella Ligocki Pedro, CPF 067.808.899-38, telefone 4896075057, e-mail gabriellaffff@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 8174018 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 08/05/2009 e vinculado à disciplina MEN7001. | Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 20 horas (4 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Padre Anchieta, de 08/08/2011 a 15/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Ana Carolina França Deoliveira. | Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 11 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02). | Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| | Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 356779

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 7º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 06 de setembro de 2011.

Gabriella Ligocki Pedro
Gabriella Ligocki Pedro - Estagiário

Taisa S. Gabardo
Taisa Stafins Gabardo - Representante na CONCEDENTE

Diva Zandomenego
Diva Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC
Subcoordenadora do Curso de Graduação
em Letras Português
CCE/UFSC

Isabel Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Ana Carolina França Deoliveira
Ana Carolina França Deoliveira - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 356779 - Gerado pelo SIARE em 06/09/2011 às 08:07:22 hs.

**9.1.3 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino fundamental –
Estagiária Cecília**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO**



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 3721-9243 – Fax: (48) 3721-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE
AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO
FUNDAMENTAL**

Escola: Escola de Educação Básica Padre Anchieta
Turma: 72
Professor(a): Ana Carolina Franca de Oliveira
Estagiário(a): Cecília Augusta Vieira Pinto
Período de observação total: 130 horas/aula

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	19/08/11	7h45-8h30	Momento da leitura	
Aula 2	22/08/11	10h15-11h	leitura de texto do livro didático e exercícios de interpretação	
Aula 3	22/08/11	11h - 11h45	leitura de texto do livro didático e exercícios de interpretação	
Aula 4	23/08/11	9h15-10h	gincana gramatical	
Aula 5	26/08/11	7h45-8h30	Momento da leitura	
Aula 6	29/08/11	10h15-11h	Complemento Nominal e Agente da Passiva	
Aula 7	29/08/11	11h - 11h45	Complemento Nominal e Agente da Passiva	
Aula 8	30/08/11	9h15-10h	leitura de texto do livro didático e exercícios de interpretação	
Aula 9	02/09/11	7h45-8h30	Momento da leitura	
Aula 10	05/09/11	8h - 12h	Encontro com os professores do Fórum de Maciços do Morro da Cruz	

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Fabrícia Amorim
Mat. 336380-5-02
Assessora de Direção

**9.1.4 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino fundamental –
Estagiária Gabriella**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 3721-9243 – Fax: (48) 3721-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE
AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO
FUNDAMENTAL**

Escola: EEB. Padres Anchieta
Turma: 72
Professor(a): Ana Carolina Franqui de Oliveira
Estagiário(a): Gabriella Nigaki Pedro
Período de observação total: 13 horas/aulas

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	19/08/11	7:45 - 8:50	Aulas de leitura "Momento de leitura"	
Aula 2	22/08/11	10:15 - 11:00	leitura de texto do livro didático e exercícios de interpretação	
Aula 3	22/08/11	11:00 - 11:45	leitura de texto do livro didático e exercícios de interpretação	
Aula 4	23/08/11	9:15 - 10:00	Revisão gramatical	
Aula 5	26/08/11	7:45 - 8:30	Aulas de leitura "Momento de leitura"	
Aula 6	29/08/11	10:15 - 11:00	Complemento Nominal e Agente das Passivas	
Aula 7	29/08/11	11:00 - 11:45	Complemento Nominal e Agente das Passivas	
Aula 8	30/08/11	9:15 - 10:00	leitura de texto do livro didático e exercícios de interpretação	
Aula 9	02/09/11	7:45 - 8:30	Aulas de leitura "Momento de leitura"	
Aula 10	05/09/11	8:00 - 12:00	Encontro com os professores do Fórum do Município de Itajaí da Crv.	

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Fabrícia Amorim
Mat. 336380-5-02
Assessora de Direção

9.2 ANEXOS DA SEÇÃO DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

9.2.1 Projeto Mergulhando no Texto

PROPOSTA DE PROJETO

MERGULHANDO NO TEXTO

Florianópolis, abril de 2011

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

TÍTULO: PROPOSTA DE PROJETO : MERGULHANDO NO TEXTO

COORDENAÇÃO: PROFa: ANA CAROLINA FRANÇA DE OLIVEIRA

TEMA: LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

LOCAL DE REALIZAÇÃO: E. E. B. PADRE ANCHIETA- SC

DURAÇÃO DO PROGRAMA: ANUAL

40 h/a 20/h matutino 20/h vespertino

PERIODO DE RALIZAÇÃO: ANUALMENTE.

PROBLEMA: Como lidar com o analfabetismo funcional em uma realidade educacional em que os leitores não conseguem compreender e interpretar com total clareza os textos e os livros que os cercam? Como preparar os alunos que cada vez mais avançam em um sistema educacional falido, que não dá conta da realidade caótica da competência lingüística. Esses alunos vão para o mercado de trabalho e para os vestibulares “cegos” diante da tarefa mínima do brasileiro que queira inscrever-se como alfabetizado. Como lidar com o analfabetismo funcional?

OBJETIVO GERAL: Criar um laboratório de Leitura para promover a Produção Textual. Atender e catalogar as reais necessidades desses alunos. (leitura em seus vários níveis).Trabalhar o entendimento de expressão oral e escrito, conforme preconiza a noção de competência linguística.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1- Criar um espaço específico para um atendimento ideal voltado à aprendizagem da leitura textual.
- 2- Criar um banco de textos.
- 3- Catalogar os gêneros textuais e os exercícios de acompanhamento.
- 4- Catalogar todos os alunos em fichas. Cadastrá-los e avaliá-los para começar o trabalho individualizado e ou pequenos grupos (máximo 4).

PRESSUPOSTOS:

O presente projeto é uma proposta pedagógica estratégica inovadora e necessária à realidade que nos cerca. Há em nossa instituição de ensino um número assustador de analfabetos funcionais e mesmo estruturais. São alunos que são resultado de um fracasso educacional já em situação inaceitável.

São essas mesmas pessoas que (com sorte), saem das carteiras escolares, terminam o ensino básico todo e podem avançar para as graduações, seus mestrados, doutorados e mesmo sendo falantes do nosso idioma, não sabem expor as idéias que eles mesmos formularam. Quantos profissionais são ótimos em seus ofícios, mas não sabem elaborar um relatório? Quantos professores não sabem escrever o chamado Projeto Político Pedagógico de uma instituição de ensino, mesmo conhecendo detalhadamente todas as correntes pedagógicas da história da educação? Quantos advogados não expressam claramente suas petições e organizam suas idéias? Como esses brasileiros nascidos em nossa terra pátria, criaram-se aqui, comunicam-se aqui e negam a própria língua. Há

uma explicação pedagógica para isso. A exclusão da competência lingüística na prática pedagógica é o atestado do fracasso educacional que nos cerca.

O projeto **MERGULHANDO NO TEXTO** é uma modesta iniciativa que objetiva trazer a possibilidade de um espaço em que os alunos terão um atendimento privilegiado e adequado na área da Linguística. No projeto a preponderância não é da GRAMÁTICA. Autores como Paulo Ledur, Regina Célia Pagliucchi da Silveira e Marcos Bagno já nos alertam há décadas sobre isso. Para o PROJETO sempre é necessário **MERGULHAR NO TEXTO**, nadar nele, afogar-se nas águas da informação, brincar com o processamento discursivo e vivenciar a expressividade adequada.

Moacir Gadotti já afirmou categoricamente que a escola do futuro está no gerenciamento dos conhecimentos. A geração atual é a geração da informação. Mas está perdida no mar da superficialidade.

Trabalhar o ensino de uma língua é um desafio. Exige do profissional um entendimento que vai bem além do que a academia passou. Lecionar Língua Portuguesa é muito mais do que a soma de regras gramaticais. É fato notório, que há um fracasso no Ensino do idioma. O fracasso inicia-se na base. Já peguei muitas teses de doutorado sem lógica nenhuma pra corrigir.

Pergunto como as pessoas que falam o idioma e passam anos e anos nas cadeiras das escolas não conseguem compreender um texto lido e explicado em sala de aula? Ou escrever um simples resumo? E os Trabalhos de Conclusão de Curso, por que é uma tortura chinesa? Como os alunos que “sabiam escrever” deixam de saber em pleno vestibular? Por que é uma tortura escrever qualquer trabalho à medida que a idade avança? Como essas pessoas que falam em Português afirmam que odeiam a Língua em que se comunicam? Como utilizam na prática os códigos e linguagens da própria pátria, mas sentem dificuldade em registrá-la.

O problema é que ensina-se GRAMÁTICA. Nós **VIVEMOS TEXTO. PENSAMOS TEXTO. FALAMOS TEXTO.** Por que ensina-se só gramática? Por que o aluno do terceiro do Ensino Médio não sabe o que é um verbo, mas sabe o que é COMER? Esse mesmo aluno aprendeu isso desde a infância. Não vivenciou o suficiente as aulas da escola?

A presente proposta objetiva fazer com que **TODOS** possam **MERGULHAR NO TEXTO**. Do mesmo jeito que o motorista de carro já estudou as regras de trânsito e hoje pega no volante e sai nas ruas com seu carro tranquilamente. Do mesmo jeito que o nadador já aprendeu a teoria das regras da natação, mas hoje entra na piscina e dá suas mágicas braçadas saudavelmente e sem preocupação. **MERGULHAR NO TEXTO É DELEITAR-SE NA LEITURA, VIVENCIAR O PRAZER DA LÍNGUA E DA LIVRE EXPRESSÃO.** E não é isso que os jovens querem? Não isso que buscam? Prazer e livre expressão?

MERGULHAR NO TEXTO é a unidade de sentido da comunicação. Aprender com alegria. Isto implica diretamente com as diversas formas de linguagem e é ela que modela o pensamento. Trabalhar texto é:

- Ensinar a pensar para ler, pensar para falar e pensar para escrever, porque **LER DÁ COMPLETUDE AO SER HUMANO.**

JUSTIFICATIVA:

Em razão da frustração percebida ao longo dos anos como professora do idioma, resolvi propor uma iniciativa capaz de colaborar com soluções plausíveis no que diz respeito ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa ainda no ensino básico.

A ideia surgiu a partir das sugestões elaboradas pela vasta leitura que realizei e da vivência que obtive do laboratório de leitura e produção textual da antiga Escola Técnica Federal, onde lecionei como professora em 1996 e 1997, período em que realizei o Mestrado em Leitura: uma experiência de Laboratório com a professora Leonor Scliar e Loni Cabral da UFSC- Mestrado em Psicolinguística.

A incessante busca pela excelência na qualificação dos serviços prestados por todas as instituições de ensino fomenta a necessidade da aprovação desta proposta de trabalho, que pretende valorizar a boa política e filosofia gerencial dessa organização.

VANTAGENS PEDAGÓGICAS E ADMINISTRATIVAS

- É um investimento de baixo custo que proporciona grande retorno institucional
- É uma oferta pedagógica fundamental para o enriquecimento curricular da escola.
- Intensifica a qualificação no processo de ensino e aprendizagem
- Aproxima professor X aluno
- Desenvolve e amplia a competência lingüística do aluno.
- Prepara o aluno para a realidade mercadológica, vestibular e aumenta a auto- estima de todos na organização educacional.

RECURSOS MATERIAS: Um espaço com mesas e cadeiras. Um computador com internet. Um armário fichário. Fichas e pastas. Textos.

RECURSOS HUMANOS: Uma professora habilitada e com experiência.

9.3 ANEXOS DA SEÇÃO OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS

9.3.1 Capa do Livro Didático



9.3.2 Texto “A meu amigo, Piracicaba”, de Lourenço Diaféria

Hora do texto

A meu amigo, o Piracicaba

Xará, a gente não deve nunca cuspir num rio, por menor que seja esse rio, porque ninguém pode dizer dessa água não beberei. Um rio tem curvas e voltas. O rio é como a vida: mistérios, sombras, grotas, reflexos de prata, remansos e correntezas. O rio, por menor que seja, é uma lição de descobertas. Na escola as professoras mandam decorar que um rio é um curso de água que corre para o mar. Mas um rio é muito mais que isso. Um rio está acima das noções de Geografia; é mais que um traço trêmulo no mapa, é mais mistério que um artefato hidráulico. Um rio são os pedregulhos, a barranca, os chorões, os galhos debruçados sobre o espelho, anteriores às pontes de concreto. Um rio são os olhos insones dos peixes inquietos, o lodo frio, a loca dos cascudos, o remoinho, a corredeira, o réquiem dos defuntos afogados, a urina dos moleques, o odor da pele das mulheres, o agachar das lavadeiras, o itinerário dos barcos e o silêncio dos pescadores.

O rio é o patrimônio das pessoas simples, das cabritas e dos pássaros.

O rio é o grande monumento da cidade.

Xará, dize-me que rio tens, te direi quem és.

Teu rio é o horóscopo do teu futuro: claro, pardo ou escuro.

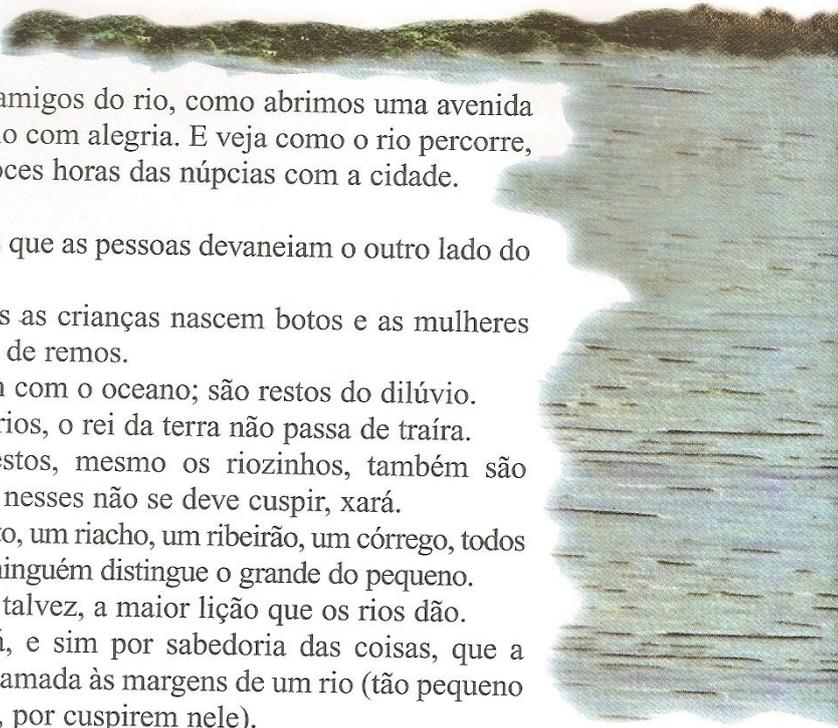
Teu rio mostra o que pensas das pessoas, o que fazes com as pessoas e às pessoas; se és um homem livre, bom, sensato, feliz ou se és apenas um homem que não tem sequer a alegria de um rio.

O cheiro do rio é teu atestado de antecedentes.

Xará, um rio pode ser o riso líquido das crianças ou as lágrimas secas dos velhos.

O rio é a fração ideal de teus sonhos; o brinquedo que restou à humanidade salva do incêndio, que a espada de fogo ateou no paraíso perdido entre o Tigre e o Eufrates. Xará, o rio é tua carteira de identidade, teu certificado de sanidade, teu comprovante de civilidade, teu erregê; registro de gente. Um rio é feito para ser amado, para correr e saltitar, para beijar as margens com volúpia. Um rio é feito para ser prestigiado, namorado, para ser mostrado aos turistas e aos de casa, com orgulho, assim:

– Olhe, veja como cuidamos deste tesouro, deste símbolo, destas raízes, desta cortina de névoa que à noite se levanta, deste véu de noiva que escorre da colina, desta fonte de luz e graça, desta bênção.



• Veja como somos amigos do rio, como abrimos uma avenida
• na cidade para recebê-lo com alegria. E veja como o rio percorre,
• tranqüilo e terno, as doces horas das núpcias com a cidade.

• Há grandes rios.

• Há rios tão grandes que as pessoas devaneiam o outro lado do
• horizonte líquido.

• Nesses rios grandes as crianças nascem botos e as mulheres
• engravidam em canoas de remos.

• Esses rios disputam com o oceano; são restos do dilúvio.

• Navegando nesses rios, o rei da terra não passa de traíra.

• Mas os rios modestos, mesmo os riozinhos, também são
• importantes, e também nesses não se deve cuspir, xará.

• Um ribeiro, um regato, um riacho, um ribeirão, um córrego, todos
• eles fazem o mar, onde ninguém distingue o grande do pequeno.

• E essa igualdade é, talvez, a maior lição que os rios dão.

• Não foi à toa, xará, e sim por sabedoria das coisas, que a
• Independência foi proclamada às margens de um rio (tão pequeno
• e raso que quase morre, por cuspirem nele).

(DIAFÉRIA, Lourenço. *A morte sem colete*. São Paulo: Moderna, 1986. p. 103.)

• **grotá:** cavidade, depressão, vale, gruta.

• **remanso:** trecho de rio em que as águas são calmas, quase sem correnteza.

• **loca:** toca subaquática.

• **réquiem:** parte do ofício dos mortos, na liturgia católica, que principia com as palavras latinas *requiem aeternam dona eis*, 'dai-lhes o repouso eterno' (*Dicionário Aurélio eletrônico*).

• **olor:** cheiro agradável, aroma, perfume.

• **volúpia:** grande prazer.

• **xará** (brasileirismo): pessoa que tem o mesmo nome de batismo. Companheiro.

Conhecendo o autor

O cronista **Lourenço Diaféria** (1933) vale-se da ironia para realizar uma crônica densa em que denuncia a violência da cidade grande, traçando assim um perfil do homem comum em seu ambiente urbano.

Suas principais obras são *A morte sem colete*, *Um gato na terra do tamborim* e *Empinador de estrelas*.



J.B. Scaildo/Abriil Imagens

Expressão ORAL

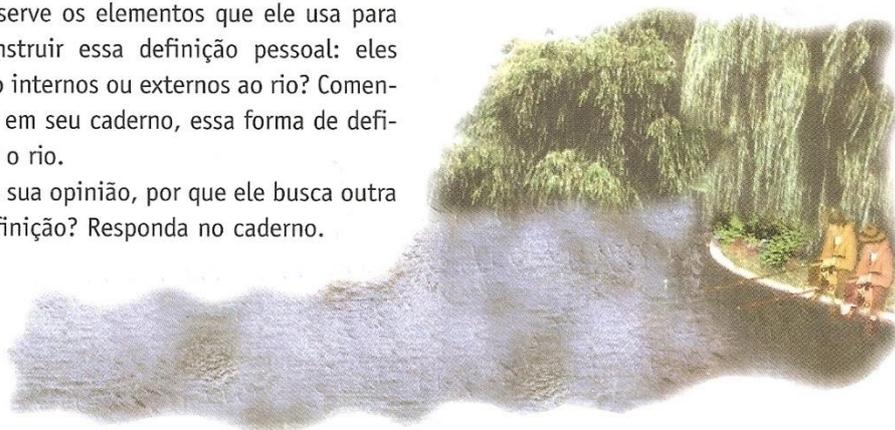
Em primeiro lugar, faça uma leitura silenciosa bastante atenta do texto. Observe o peso das afirmações feitas em cada frase – não há nem uma sequer que não tenha um significado forte. Depois, reúna-se com seus colegas para fazer uma leitura expressiva do texto.

64

9.3.3 Exercícios do livro didático

Expressão ESCRITA

1. Lourenço Diaféria escolheu o tom coloquial para construir a mensagem que transmite nesse texto. Que palavras atestam esse tom? Em sua opinião, por que ele o teria escolhido? Utilize o caderno.
2. O cronista usa alguns provérbios em seu texto, mas, ao fazê-lo, renova-os, imprimindo neles um significado novo. Responda no caderno:
 - a) O provérbio “Ninguém pode dizer dessa água não beberei” é utilizado normalmente para dizer o quê? Que sentido ele adquire no texto?
 - b) “Xará, dize-me que rio tens, te direi quem és” parodia o famoso provérbio “Dize-me com quem andas e te direi quem és”. Explique o significado dos dois.
3. Qual o significado do verbo **cuspir** no texto? Responda no caderno.
4. No primeiro parágrafo, Lourenço Diaféria preocupa-se em definir o rio. Passa pela definição dada pelas professoras: “um curso de água que corre para o mar”; e termina dizendo: “Um rio são os pedregulhos, a barranca, os chorões [...]”. E constrói uma definição pessoal.
 - a) Observe os elementos que ele usa para construir essa definição pessoal: eles são internos ou externos ao rio? Comente, em seu caderno, essa forma de definir o rio.
 - b) Em sua opinião, por que ele busca outra definição? Responda no caderno.



5. Em dois momentos, ele se refere ao passado e ao futuro: “O cheiro do rio é teu atestado de antecedentes”; “Teu rio é o horóscopo do teu futuro: claro, pardo ou escuro”. Interprete essas duas frases. Utilize o caderno.
6. Cite, no caderno, a passagem em que o autor associa o rio à cidadania, de forma direta.
7. Releia esta passagem do texto:
 - “Veja como somos amigos do rio, como abrimos uma avenida na cidade para recebê-lo com alegria. E veja como o rio percorre, tranquilo e terno, as doces horas das núpcias com a cidade”.



Observe o que ocorre a seu redor (em sua cidade ou em outras) e responda no caderno: é esse o tratamento dispensado aos rios pelos cidadãos?

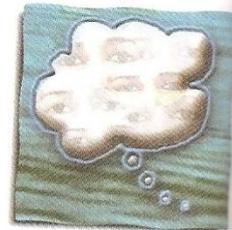
8. A natureza conhece uma igualdade que entre os homens não existe. Copie no caderno uma passagem do texto que transmita esse significado.
9. Interprete o último parágrafo do texto. Escreva suas conclusões no caderno.
10. Esse texto é uma crônica. As crônicas podem ter caráter predominantemente narrativo, descritivo ou dissertativo (nesse caso, com exposição de idéias do cronista sobre um determinado assunto). A crônica, em geral, nasce de um fato do dia-a-dia, de um acontecimento que pode ser banal, de algo que o cronista observa e que, de alguma forma, o impressiona. Responda no caderno: na sua opinião, essa crônica tem caráter narrativo, descritivo ou dissertativo? Que fato teria motivado o autor a escrevê-la?

Estudo do VOCABULÁRIO

1. A palavra **xará** tem origem indígena: variante de **xera** < tupi *xe rera*, "meu nome". Significa, portanto, "pessoa que tem o mesmo nome de batismo que outra" (*Dicionário Aurélio eletrônico*), mas é possível usá-la quando alguém deseja se dirigir a outra pessoa cujo nome não sabe ou a amigos, companheiros. Que outras palavras você conhece que são usadas com esse segundo sentido em sua região? Escreva-as no caderno.
2. A cuidadosa seleção vocabular feita pelo cronista pode ser verificada em várias passagens de seu texto. Ela é responsável, por exemplo, pela bela imagem criada na seguinte frase: "O rio é como a vida: mistérios, sombras, grotas, reflexos de prata, remansos e correntezas". As palavras que destacamos referem-se tanto a rio como a vida. Pense e responda no caderno: para você, que fatos da vida, ou que sentimentos, podem ser considerados verdadeiros **mistérios, sombras, reflexos de prata, remansos e correntezas**?

Gramática no texto

1. Lourenço Diaféria usou, em seu texto, a 2ª pessoa do singular (**tu**) para dirigir-se a um interlocutor virtual, que ele chama de **xará**. Os verbos e pronomes destacados nas passagens a seguir mostram esse fato:
 - "Teu rio mostra o que **pensas** das pessoas, o que **fazes** com as pes-
 - soas e às pessoas; se **és** um homem livre, bom, sensato, feliz ou se
 - **és** apenas um homem que não tem sequer a alegria de um rio".
 - "Xará, **dize-me** que rio **tens**, te direi quem **és**".
- Escreva no caderno como ficariam essas passagens se ele escolhesse tratar esse interlocutor por **você**. **Atenção:** o pronome **você** leva verbos, pronomes pessoais e possessivos para a 3ª pessoa do singular (tu → **teu**, você → **seu**; tu **pensas**, você **pensa**).



9.3.4 Atividade anterior realizada por um aluno da turma 72

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PADRE ANCHIETA
FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

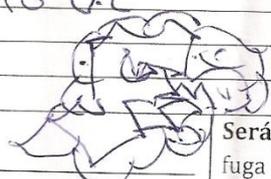
Folha de redação

PROFESSOR(A) ANA CAROLINA
 ALUNO(A) ADALBERTO PASCOALL DA SILVA Turma _____

Título: MEU PRIMEIRO BEIJO

01 meu primeiro beijo foi na rua com uma menina
 02 bonitinha cabelos vermelhos com um corpo, ~~bonito~~
 03 aconteceu em 2005 em janeiro com várias
 04 pessoas vindo com as pessoas muito (mas)
 05 com velas para pedir com razão foi uma explosão
 06 foi legal, muito baixa eu nunca tive prazer
 07 de dar um beijo desse na frente dos meus amigos
 08 com várias garotas pedindo para beijar meu deus
 09 do céu, foi uma loucura com muitos amigos
 10 eu tive vergonha meu deus - mais passei
 11 - a maior vergonha da minha vida com
 12 várias garotas vindo na rua Orlando Clarindo
 13 malhado do lado da casa da Jessica, meu deus que
 14 que isso mais muitas pessoas não beijaram mais
 15 nenhum amigos Mariana Kátia e Estephany, meu
 16 deus eu queria elas para mim eu não tive
 17 uma namorada bonita ou seja só parlinha mais
 18 o meu amigo William já tem uma namorada
 19 meu deus do céu eu queria beijar a minha
 20 uma garota pra mim, ve se eu nunca bebi eu
 21 resp. nunca essa é a minha primeira vez
 22 eu fiz até uma poesia para ela

24 meu amor é
 25 sincero a a voce
 26 minha paixão meu
 27 amor amo vc

29 

30

Critérios de avaliação:
 clareza e concisão; _____
 coesão; coerência; _____
 margens regulares; _____
 indicação de parágrafo; _____
 ausência de rasuras. _____

Será atribuído nota ZERO nos seguintes casos:
 fuga total do tema proposto; redação escrita em
 versos, exceto se for instruídos antes para fazê-la;
 redação com número insuficiente de linhas; uso de
 palavras repetitivas, ou de recursos gráficos com o
 fim de preencher o espaço destinado à redação;
 letra ilegível; redação escrita a lápis ou com cores
 diferentes de azul ou preto. **REDAÇÃO SEM NOME.**

9.3.5 Matéria sobre verbos do Livro Didático

Para além do **texto**

Recorte notícias de jornais que, para você, formem um retrato de nossos dias. Cole-as em uma folha de papel e fale, para a turma, sobre os fatos apresentados. Em seguida, junte-se a seus colegas para montar um painel no mural da sala de aula. Certamente, vocês terão muito o que comentar!

Sugestões para leitura

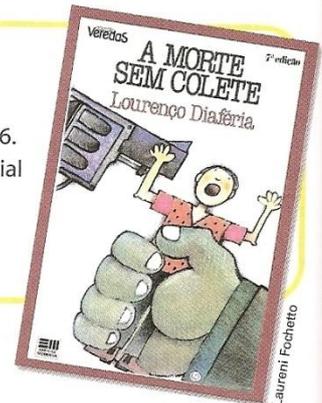
DIAFÉRIA, Lourenço. *A morte sem colete*. São Paulo: Moderna, 1986.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada* – edição especial para escolas. Porto Alegre: L&PM, 1996.

Site interessante

www.uol.com.br/folha/almanaque



Conhecimentos gramaticais

■ O verbo e as pessoas do discurso

Você já aprendeu que a oração organiza-se em torno de um verbo e que ela normalmente se compõe de um sujeito e de um predicado. Aprendeu também que o verbo se relaciona com o sujeito em número e pessoa e que essa é uma relação fundamental.

Os verbos apresentam uma característica particular: sua forma passa por alterações consideráveis para adequar-se a **tempo**, **modo**, **número** ou **pessoa** a que desejamos nos referir.

Reveja esses conceitos por meio de algumas frases:

- “[...] o rio **percorre**, tranqüilo e terno, as doces horas das núpcias com a cidade.”
tempo: presente
modo: indicativo (fato certo)
pessoa: 3ª (pois refere-se a rio, que representa a 3ª pessoa = **ele**)
número: singular (porque rio está no singular)
- “Esses rios **disputam** com o oceano [...]”
tempo: presente
modo: indicativo (fato certo)
pessoa: 3ª (pois refere-se a rios, que representa a 3ª pessoa = **eles**)
número: plural (porque rio está no plural)

- “[...] dessa água [eu] não **beberei**.”

tempo: futuro

modo: indicativo

pessoa: 1ª (refere-se ao pronome pessoal reto de 1ª pessoa = **eu**)

número: singular (porque o pronome eu representa a 1ª pessoa do singular)

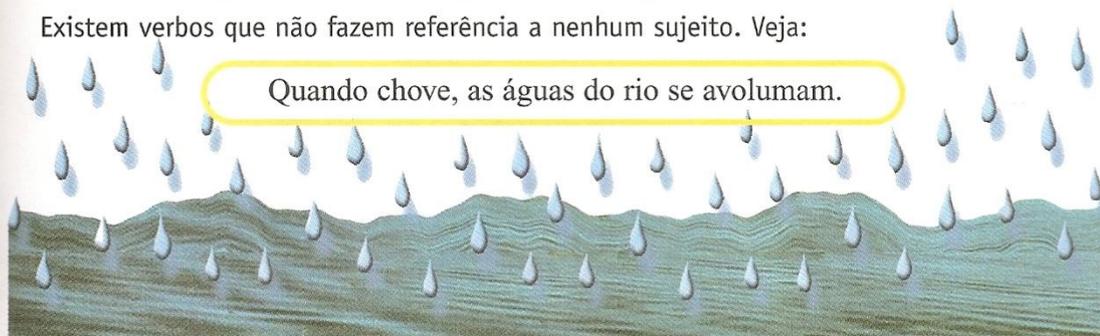
Você observou, portanto, que as alterações que dizem respeito à relação do verbo com o sujeito são as flexões de **número** e **pessoa**. Resta lembrar que a pessoa do discurso que desempenha o papel de sujeito na oração exerce influência sobre o **verbo** e sobre os **pronomes** que a ele se referem. Observe a frase do texto:

- “Xará, **dize-me** [tu] que rio **tens**, **te** direi quem **és**.”
- Diagrama de análise gramatical da frase:
- dize-me**: verbo **dizer**, 2ª p. sing.
 - [tu]**: pronome pessoal reto, 2ª p. sing.
 - tens**: verbo **ter**, 2ª p. sing.
 - te**: pronome pessoal oblíquo, 2ª p. sing.
 - és**: verbo **ser**, 2ª p. sing.
- Relações de sujeito:
- sujeito de dizer, ter e ser (referido por [tu])
 - refere-se ao sujeito tu (referido por te)

Nº	Pessoa	Retos	Oblíquos
Singular	1ª	eu	me, mim, comigo
	2ª	tu	te, ti, contigo
	3ª	ele/ela	se, si, consigo, o, a, lhe, ele, ela
Plural	1ª	nós	nos, conosco
	2ª	vós	vos, convosco
	3ª	eles/elas	se, si, consigo, os, as, lhes, eles, elas

■ Verbos impessoais – oração sem sujeito

Existem verbos que não fazem referência a nenhum sujeito. Veja:



O verbo **avolumar-se** refere-se a **águas do rio**, seu sujeito, mas o verbo **chover** não se refere a nenhum elemento presente (ou não) na frase. “Quando chove”, portanto, é uma oração sem sujeito.



...
los d
fug
Oni
rios
têm
ies o
es
part
stim
gado
tímul
reca
ado
des
e re
cadi
las e
ma
em
abil
o n
r ui
até
dor
rey
BC
RS
...

Orações sem sujeito ocorrem principalmente:

- com os verbos ou expressões que indicam **fenômenos da natureza**:

Ventou a noite inteira.

Caso a temperatura caia mais, **geará** de madrugada.

No Brasil, **neva** em regiões do Sul.

No verão, **amanhece** mais cedo.

Neste ano, **fez** calor até o fim de abril.

Outros exemplos: **trovejar**, **entardecer**, **fazer frio**, **estar frio**, etc.

- com o verbo **haver**, quando significa **existir**:

"**Há** grandes rios".

Haverá grandes desertos no lugar das florestas...

- com os verbos **fazer** e **haver**, quando eles indicarem tempo decorrido:

Faz tempo que andam poluindo estes rios.

Há alguns anos percebemos a deterioração dos rios.

- com o verbo **ser**, quando indica tempo em geral:

"**É** cedo/ ou tarde demais/ pra dizer adeus/ pra dizer jamais". (Titãs)

São duas horas.

Você percebeu que esses verbos apresentam flexões de **tempo** e **modo**, mas não de **pessoa** ou **número** (há, haverá, ventou, geará, fez). Por essa razão, dizemos que eles são **impessoais**: não se referem a nenhuma pessoa do discurso. Essa impessoalidade se manifesta pela 3ª pessoa do singular (o verbo **ser**, nas orações sem sujeito, pode concordar com o predicativo, como em "**São** duas horas").

Ainda uma observação: quando esses verbos são usados no sentido figurado, podem referir-se a um sujeito, com o qual concordarão. Por exemplo:

Choveram reclamações. (= As reclamações choveram.)

Eles **trovejaram** uma repreensão e todos nós ficamos quietos.

[Eu] **Amanheci** triste hoje.



9.3.6 Fichas de Leitura dos alunos da turma 72

data

S T Q Q S S D

Nome: Amanda Xuxma = foa.

Titulo: O homem que não parava de crescer.

Autor: Maxima Colasanti

Ano: 2005

Resumo: Se crescer hária Sub Bem, pensou que aquela noite quando senta-
do a mesa, pernas esticadas, alhambo
as pontas quadradas dos sapatos,
quase a medir a distância na
peneiras.

Português.

Nome: Flavia Luna turma 72º.

Livro: Os Musicos de Bremen.

Autor: Os Irmãos Grimm; Jacob e Wilhelm Grimm.

Editora: Global Editora, São Paulo 2008

Ano:

Sinopse: A história conta de quatro animais que foram abandonados pelos seus donos.

Um burro, um cachorro, um gato e um galo, os animais não se conheciam muito mais tinham muitas coisas em comum, como estar muito velho para trabalhar, os quatro animais também gostavam de tocar, dançar e cantar.

Eles tinham um sonho de criar músicas, então eles se juntaram numa aventura em direção à cidade grande.

No caminho eles tiveram várias aventuras, na floresta eles prenderam bandeiras, comeram risos. ~~comeram~~ e ~~foram~~

Os ~~dois~~ conseguiram chegar a cidade grande e ficaram astros da música. fim.

~~19 08 2009~~

Titulo: poesia 4 tempos nome: Gustavo da Silva

26/08/2011

Autor: Morina Colassanti

Editora: Galbal

Ano: 2009

Sinopse: Eu lembro que é uma poesia chamada poesia 4 tempos fala muito das mortes assassinadas

Um dia um homem escondido ou pode ser assassino, Na guerra disse eu é impossível saber os inimigos esta escondido atrás de uma tronca aquela que atira em defesa e que não mais ali?

esta vivo esta morto esta ferido ou se seguir estar atrás da tronca.

Durante a guerra no hotel em que Morina suas amigas ródia no solo de venezianas fechadas e longe para verde sobre a mesa
~~mas era Ródia~~ mas era Ródia Londres e Paris sempre a perseguição da polícia.



9.3.7 Exercícios do livro didático

Atividades

1. Copie no caderno as orações abaixo, indicando a que palavra está relacionado o termo em destaque. Em seguida, indique se é um objeto direto, objeto indireto ou complemento nominal.

- a) “Terminado o serviço, ela fazia o **pagamento**.”
- b) “Engraçado, eu tinha pensado **nisso** também, mas fiquei com vergonha de falar.”
- c) “Sofia agitava o **braço gordo** no passeio”
- d) “Sofia no meio deles, contando casos [...], dando gargalhadas, sacudindo-se toda, esquecida **das brigas**.”
- e) “– Não gosto **de morangos**.
– Que pena, aqui em casa somos todos loucos **por morangos**.”

2. Leia:



(Adaptado de anúncio publicitário.)

- a) Na primeira frase, o verbo **mostrar** apresenta dois complementos. Quais? Escreva-os no caderno.
 - b) Em seu caderno, responda: a que se refere a expressão em destaque?
 - c) Qual o sentido das expressões “nota vermelha” e “nota preta”?
3. Transforme os verbos transitivos em nomes regidos de preposição. Veja o exemplo. Utilize o caderno.

criticar os colegas → crítica aos colegas

- a) necessitar de carinho
- b) seqüestrar os bens
- c) confiar no colega
- d) obedecer ao regulamento
- e) combater a fome

9.3.8 Questionário sobre o perfil dos alunos

Questionário sobre o Perfil do Aluno

Qual é o seu nome? _____ Qual é a sua idade? _____
Em que série/ano você está? _____ Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? _____
Você gosta de estudar nesta escola? Por que? _____

Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? _____

Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? _____

O que você faz em seu tempo livre? _____

Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? _____
_____ Qual é a profissão desses familiares? _____

O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão? _____

Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

Vestibular () ENEM () Drogas () Esporte ()

Música () Política () Religião () Violência ()

Sexualidade () Namoro () Família () Internet ()

Televisão () Cinema () Moda ()

Outros () Especifique _____

10. Você tem acesso à Internet com frequência? Sim () Não ()

11. Se sim, quais os locais de acesso mais freqüentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)? _____

12. Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:

E-mail () Orkut () MSN () Twitter ()

Blogs () Facebook () Portais de notícias () Sites de esportes ()

Sites de jogo () Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) ()

Sites de entretenimento () De que tipo? (novelas, celebridades, humor, moda, etc.) () _____

13. Você possui o hábito de ler? O

quê? _____

14. Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:

livros () De que tipo? _____

revistas () De que tipo? _____

gibis () enciclopédias () dicionários () nenhum ()

outros () Quais? _____

15. Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? _____

16. O que você acha das aulas de português? _____

17. O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? _____

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

18. Qual projeto você participa? _____

19. De que atividades você participa no projeto? _____

20. Você frequenta o projeto todos os dias? _____

21. Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____

22. O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____

23. Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

9.3.9 Texto “Sofia”, de Luiz Vilela

Hora do texto

Sofia

Já tinham brincado muito, e agora estavam reunidos ao pé do poste, pensando numa coisa nova para fazer.

Ainda era cedo, a noite apenas começara.

– Vamos mexer com a Sofia? – propôs um.

Sofia era a dona do mercadinho – a vítima predileta deles. Pintavam o sete com ela. Sofia assustava-se com nada, e isso os deliciava. Viavam assombrando-a: vozes estranhas chamando lá fora, e ninguém (estavam no telhado), caveira de mamão verde com vela acesa dentro, capas, máscaras horrorosas, o caixote de lixo que sumia, o ferro de abaixar a porta que sumia, ratos, sapos, lagartixas aparecendo de repente, minha nossa! quase desmaiava, dessa vez eu chamo o guarda, mas nunca chamava o guarda, e tudo o que fazia era ameaçar os meninos, agitando o braço gordo:

– Eu vai contar bra seu pai, menino! Eu vai contar bra seu pai!

Eles riam, alegres, distantes do braço dela.

– Raledine baculé, pé de turco tem chulé!

– Moleques! Sembregonhas!

– Sofia quer gombra galinha de raça? Cadê os urubus que ocê comprou, hem Sofia? Cadê as galinhas de raça?

Caíam na risada.

Sofia queria correr, mal saía do lugar, gorda, pernas gordas, braços gordos, uma tonelada de gordura.



– Ainda me pagam, lê! – gritava, enquanto os meninos se afastavam.

– Praga – xingava, tornando a entrar no mercadinho, onde, no balcão, ia encontrar um sapo morto.

– Moleques.

De vez em quando havia trégua: o dia em que chegavam tomates. Vinham três, quatro caixotes. Os meninos apareciam, quietos, sérios. Ficavam por ali conversando, simulando indiferença. Sofia chegava até a porta, olhava para um lado da rua, para outro, espichava o pescoço como se estivesse procurando alguém (não procurava ninguém, sabiam), dava uma cuspidinha no chão (sempre dava a cuspidinha).

– Ei – falava, na sua voz grossa de homem, as mãos na cintura: – chegou tomate hoje.

(Eles já sabiam, e ela sabia que eles já sabiam.)

Displicentes:

– É?...

Pouco depois estavam sentados em caixotes vazios, trapos na mão, ágeis, limpando os tomates, pra quê que eles põem esse pó? É para conservar, separando os bons num caixote, os amassados noutro, jogando os podres no lixo, disputando quem limpava mais depressa. Sofia no meio deles, contando casos – de vez em quando uma exclamação na língua dela: deve ser nome feio, pensavam –, dando gargalhadas, sacudindo-se toda, esquecida das brigas. Às vezes comia um tomate: enfiava-o inteiro na boca, as bochechas estufavam.

Terminado o serviço, ela fazia o pagamento: um saquinho de balas para cada um.

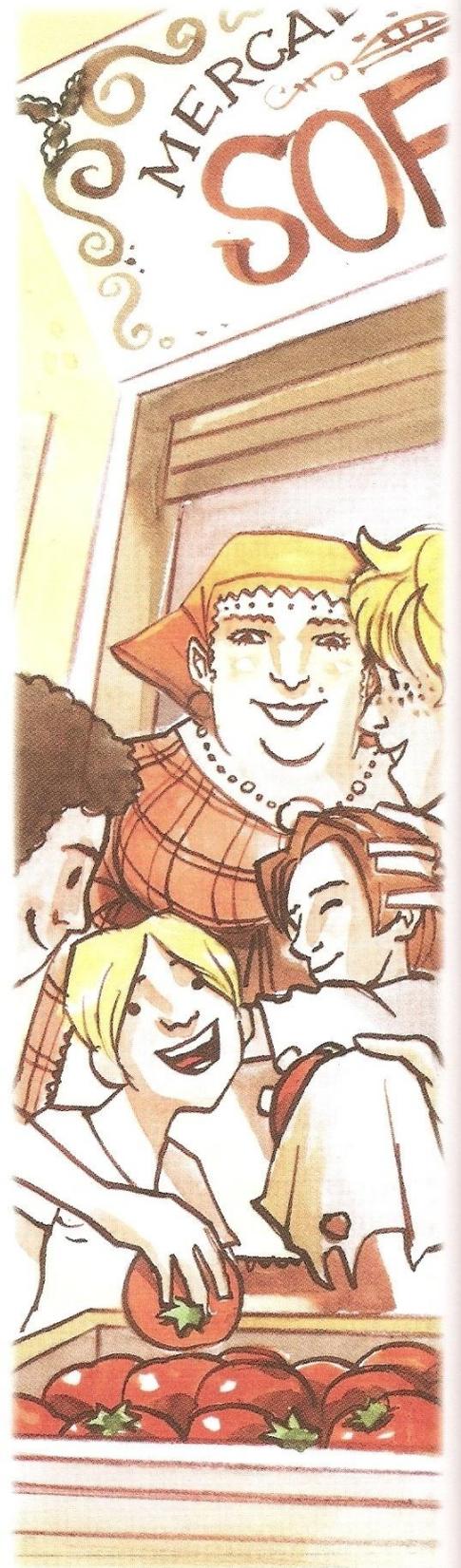
Uma vez – era aniversário dela – limparam tomate das sete às dez da noite, até fechar o mercadinho.

Na hora de pagar:

– Não é nada não. Hoje é aniversário da senhora...

Sofia ficou olhando, a boca aberta. Foi falar, mas sua voz grossa de homem de repente ficou fina e sumiu, os olhos úmidos. Cada um deu um abraço nela, estavam comovidos com suas lágrimas, ela querendo falar alguma coisa, mas nada, os lábios trêmulos, os olhos úmidos.

– Vocês viram?



- – Chorando...
- – Ela grita com a gente, mas ela é boazinha...
- – É pra gritar mesmo; do jeito que nós fazemos com ela... Eu vou falar: se fosse eu, não ficava assim não.
- – Eu também.
- – Ela fala que vai chamar o guarda, mas nunca chamou.
- – Nós judiamos dela.
- – Sabem, eu pensei uma coisa, não sei se vocês topam: a gente não mexer mais com ela. Quê que vocês acham?
- – Eu topo.
- – Eu também.
- – Engraçado, eu tinha pensado nisso também, mas fiquei com vergonha de falar.
- – Fazer um juramento: ninguém mais mexer com ela. Topam?
- Todos topavam. Um até quis contar para ela na hora.
- – Não, deixa ela ir notando aos poucos: uê, os meninos estão diferentes... Já pensaram o tanto que ela vai achar bom?
- – Se vai...
- E ali no poste, todos de pé, fizeram o juramento.
- – Para sempre.
- – É. Para sempre.
- Uma semana depois a lâmpada da entrada do mercadinho sumia, uma perereca saltava de um saquinho de papel, um busca-pé estourava debaixo do balcão, e Sofia agitava o braço gordo no passeio, enquanto eles corriam.
- – Moleques! Sembregonhas! Eu vai contar bra seu pai! Eu vai chamar o guarda!
- Um dia Sofia adoeceu. Nunca mais tornaram a vê-la. Miguel, seu irmão, é que passou a tomar conta do mercadinho. Com ele não mexiam: não tinha graça.
- E um dia Sofia morreu. Comentaram na cidade que ela morrera é de tanto comer.
- Contavam que o médico a mandava fazer regime e ela não obedecia; ela dizia:
- – Sofia morre, mas morre de barriga cheia.

(VILELA, Luiz. *Contos da infância e da adolescência*. São Paulo: Ática, 1996. p. 15-8.)

Expressão ORAL

Ao reproduzir as falas de Sofia, o autor procurou destacar o modo com que ela pronuncia certas palavras. Pelas falas dela, percebemos que o português não é sua língua materna. Sofia fala português (tanto que consegue se comunicar com os meninos), mas fala com sotaque.

Vamos realizar uma leitura expressiva do texto, em voz alta. Observem as pausas e o ritmo das frases e, sobretudo, o modo com que Sofia pronuncia as suas falas.

9.3.10 Exercícios do livro didático

Expressão ESCRITA

1. Com relação aos diversos tipos de texto (narrativo, descritivo, opinativo), como você classificaria o texto **Sofia**? Escreva a resposta no caderno e justifique-a.
2. Responda no caderno: pelo texto, é possível saber a nacionalidade de Sofia?
3. A linguagem que o autor utilizou para reproduzir as falas de Sofia é adequada, tendo-se em vista sua provável nacionalidade? Qual foi a intenção do autor ao reproduzir as falas dela desse modo, e não no padrão formal? Registre sua opinião no caderno.
4. Nesse conto, Luiz Vilela faz um relato de travessuras típicas da infância. Comente, em seu caderno, as brincadeiras que os meninos faziam com Sofia. Eles agiam com maldade?
5. Um fato foi determinante para que os meninos se arrependessem de ter praticado tantas diabruras com Sofia. Qual? Escreva a resposta no caderno.
6. Numa das brincadeiras com Sofia, pergunta-se a ela:

“Sofia quer gombra galinha de raça?”

No caderno, responda: nessa frase, o que se quis dizer com “gombra”? Por que o menino fala dessa maneira?

7. Nas falas dos meninos, podemos observar recursos típicos da linguagem oral. Aponte, em seu caderno, algumas falas em que isso ocorre.
8. Reproduzimos a seguir um trecho do texto que apresenta palavras do narrador e falas de personagens. Copie as frases em seu caderno, colocando do lado a quem elas pertencem.

“Pouco depois estavam sentados em caixotes vazios, trapos na mão, ágeis, limpando os tomates, pra quê que eles põem esse pó? É para conservar, separando os bons num caixote, os amassados noutro, jogando os podres no lixo, disputando quem limpava mais depressa.”

9. Responda no caderno: os meninos juraram que não mexeriam mais com Sofia. Eles cumpriram o juramento?
10. Sofia adocece, e é seu irmão, Miguel, que passa a tomar conta do mercadinho. Mas com ele os meninos não brincam (não tinha graça). Por fim, Sofia acaba morrendo de tanto comer. Comente, em seu caderno, o desfecho da história. O que a morte de Sofia teria representado para os meninos?



9.3.11 Atividade anterior realizada por um aluno da turma 72

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

11

Leitura de cinema

Filme mãos talentosas

4.0

hadryel

1- Qual é relação de nome com o conteúdo do filme? É que as mãos de us, salvou vida, superou sua própria genética, etc.?

0.5

2- Quem na verdade tem as mãos talentosas? Bem, começa por salvar duas vidas, e estabelecer uma família feliz

0.5

3- Quais personagens foram apontados no filme por ele ser Brito, ou Baiano? Deveria se lembrar por causa dos traços dele, e por ele ser o único cirurgião de lá.

1.0

4- Que lições o filme apresenta em sua história:

a) família que deve superar qualquer problema.

FORONI

d) escola? ele era o mais burro, mais ninguém é burro mas se pressumís estudar, por estar stressado nas matérias, por se a veria fosse fácil ninguém nascia cheio de ideias.

d) oute estimo no verdo muitas vezes ele esteve lo' embora, mais com a fé dele ele se superou por que não comprou o sabão duas vezes e ele sabia.

d) superação ele se superou desde a presença dele de sua vida desde de pequenice, mas verdo desde de ele é exemplos que todos podem fazer as formas naquelas que ele quiser a um nível superior. ele tem vontade de fazer tudo o que quiser, mais ele preferi escolher a parte.

suas respostas estão quase todas corretas, porém estão todas incompletas.

9.4 ANEXOS DA SEÇÃO PROJETOS E PLANOS DE AULA

9.4.1 Questionário sobre o perfil do aluno da turma 72

Questionário sobre o Perfil do Aluno

- Qual é o seu nome? Tomázias Costa Poluano Qual é a sua idade? 13
- Em que série/ano você está? 7^a Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? primeira
- Você gosta de estudar nesta escola? Por que? sim, por causa dos meus amigos
- Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? M25
- Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? nao
- O que você faz em seu tempo livre? nao
- Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? pais e irmão
Qual é a profissão desses familiares?
- O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão?
nutricionista, sim
- Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

Vestibular (2)	ENEM (3)	Drogas (9)	Esporte ()
Música (4)	Política ()	Religião ()	Violência ()
Sexualidade ()	Namoro (5)	Família (8)	Internet (1)
Televisão ()	Cinema (6)	Moda (7)	

Outros (10) Especifique _____
- Você tem acesso à Internet com frequência? Sim (X) Não ()
- Se sim, quais os locais de acesso mais frequentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)?
na minha casa
- Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:

E-mail (3)	Orkut ()	MSN (4)	Twitter ()
Blogs ()	Facebook (2)	Portais de notícias ()	Sites de esportes ()
	Sites de jogo ()	Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) ()	

Sites de entretenimento () De que tipo? (novelas, celebridades, humor, moda, etc.) () _____
- Você possui o hábito de ler? O quê? Os Verdes
- Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:
livros (X) De que tipo? super-heróis
revistas (X) De que tipo? folha
gibis () enciclopédias () dicionários () nenhum ()
outros () Quais? _____
- Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? que mais gosta Ciências, matemática e um pouco de português
- O que você acha das aulas de português? legais
- O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? deu mais

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

- Qual projeto você participa? _____
- De que atividades você participa no projeto? _____
- Você frequenta o projeto todos os dias? _____
- Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____
- O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____
- Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

Questionário sobre o Perfil do Aluno

1. Qual é o seu nome? JOÃO Qual é a sua idade? 16
2. Em que série/ano você está? 7^o Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? 5^o série
3. Você gosta de estudar nesta escola? Por que? Sim, por causa dos meus amigos.
4. Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? morando do Hospital,
5. Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? Não.
6. O que você faz em seu tempo livre? Orkut e Internet.
7. Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? Mãe e irmãos
Qual é a profissão desses familiares? minha mãe é professora e minha irmã é trabalhadora doméstica.
8. O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão? Ainda não sei.
9. Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

Vestibular ()	ENEM ()	Drogas ()	Esporte (7)
Música (1)	Política ()	Religião ()	Violência ()
Sexualidade (2)	Namoro (4)	Família (6)	Internet (8)
Televisão (3)	Cinema (5)	Moda ()	
Outros ()	Especifique _____		
10. Você tem acesso à Internet com frequência? Sim Não
11. Se sim, quais os locais de acesso mais frequentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)? na minha casa.
12. Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:

E-mail (<input checked="" type="checkbox"/>)	Orkut (<input checked="" type="checkbox"/>)	MSN (<input checked="" type="checkbox"/>)	Twitter (<input checked="" type="checkbox"/>)
Blogs ()	Facebook (<input checked="" type="checkbox"/>)	Portais de notícias ()	Sites de esportes ()
	Sites de jogo ()	Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) ()	
Sites de entretenimento () De que tipo? (novelas, celebridades, humor, moda, etc.) () _____			
13. Você possui o hábito de ler? O quê? Sim, gibis.
14. Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:

livros (<input checked="" type="checkbox"/>)	De que tipo? <u>Contos</u>
revistas ()	De que tipo? _____
gibis (<input checked="" type="checkbox"/>)	enciclopédias ()
	dicionários (<input checked="" type="checkbox"/>)
	nenhum ()
outros () Quais? _____	
15. Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? Gosto de educação física, não gosto de ciências.
16. O que você acha das aulas de português? boas...
17. O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? ir com mais frequência a sala de aula.

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

18. Qual projeto você participa? _____
19. De que atividades você participa no projeto? _____
20. Você frequenta o projeto todos os dias? _____
21. Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____
22. O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____
23. Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

9.4.2 Trecho do livro “**Bruxas e Benzeduras**”, de Franklin Cascaes

BRUXAS E BENZEDURAS

As bruxas - dizem os entendidos dessas histórias de encantamento - tinham uma origem singular: se Deus concedia a um casal sete filhas sem que, no intervalo, nascesse um varão, a mais velha ou a mais moça trazia a predestinação de ser bruxa. Quando uma criança adocece e conserva as mãos e os pés cruzados, a pele do corpo crivada de manchas roxas, chora continuamente, torna-se esquelética - dizem os narradores e entendidos de assombrações - que são as terríveis/ mulheres bruxas que as estão empresando.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.1.

9.4.3 Texto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes

CASCAES, Franklin. **Bruxas Gêmeas**. In: *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*.

Forianópolis: Ed. da UFSC, 2002. v2.

1 - BRUXAS GÊMEAS

O senhor Rosalino Oliveira gostava muito de contar estórias de assombrações e outras. Certa ocasião, estávamos sentados na linda praia de Pântano [do] Sul, [na] Ilha de Santa Catarina, quando ele se lembrou da estória [a] que dei o título [em epígrafe]. E começou:

Meus pais contavam que no Saquinho existiu um casal que ganhou como presente do trabalho sexual oito filhas, sem nenhum varão entremeado. Depois do nascimento da sexta filha, nasceram duas gêmeas. O casal ficou muito preocupado com a dádiva lá de riba do alto, isto porque sabiam de antemão que, ao nascer a sétima filha de um casal de gente de argila humana, a mais velha tem obrigação espiritual de batizar a mais moça, para afugentar o triste fado bruxólico que ela recebe naturalmente ao nascer neste mundo de Nosso Senhor, como também os pais devem aplicar-lhe o nome de Benta. Meio confusos e apavorados com a presença do caso bruxólico natural que sabiam envolver suas duas filhas, a sétima e a oitava, gêmeas, resolveram consultar a sinhá Candinha Miringa, velha e tradicional médica benzedeira e curandeira lá das bandas do Sertão do Peri, mó de tomar conselhos e ouvir suas sábias e firmes palavras com relação às coisas do mundo dos deuses ocultos.

– Sim, sinhá Candinha, – falou seu Manoel Braseiro, o pai das gêmeas, – eu confio muito na senhora e sempre ouvi falar que o seu saber espiritual com relação às coisas do outro mundo é verdadeiro e consolador. Por tal expressão, saída pelas portas da minha boca para fora, dirigida à senhora, eu suplico-lhe que me diga como devo agir na presença deste presente que tanto me fustiga a alma e o corpo físico. Veja, sinhá Candinha, o sétimo parto de minha mulher resultou em duas filhas gê-

meas; eu tomo conselho e pergunto pra senhora: Qual o nome que devo dar a estas duas gêmeas e quem das irmãs dela[s] deve batizá-las?

Sinhá Candinha, depois de ouvir a queixa fadórica do seu Mané Braseiro, tomou um crucifixo de prata, benzeu-se com ele e entrou em estado extranatural, transcendente e depois respondeu ao seu Mané com prescrição médico-curandeira precisa:

– Seu Mané, o meu conselho diagnósticante médico-curandeiro é o seguinte: Para a menina que nasceu em sétimo lugar, o senhor deve colocar o nome de Benta, e a sua filha mais velha deve batizá-la. A que nasceu em oitavo lugar, a sua segunda filha deve batizá-la e colocar o nome de Santa. Se o senhor tomar o meu conselho, não vai haver perigo de que uma das duas ou mesmo as duas venham a se tornar verdadeiras e autênticas bruxas espirituais maléficas

Depois de ouvir o diagnóstico bruxólico taxante da benzedeira, seu Mané passou a cercar as duas gêmeas de cuidados máximos. Mas uma coisa de suma importância havia acontecido com as meninas, que a benzedeira não diagnosticou: depois do parto, a velha parteira, a sinhá Custódia do Chico Pelego, não marcou qual tinha sido a primeira a nascer, no caso a sétima que havia vindo ao mundo; daí a grande dúvida do senhor Braseiro: saber com verdade verdadeira qual das duas nasceu em sétimo lugar. Diante do frontispício meio alto da questão, seu Mané Braseiro vortou à carga de indagação bruxólica para a sinhá Candinha.

Muito bem, sinhá Candinha, eu não sei, nem a minha cumadre parteira também, qual foi das duas gêmeas que nasceu em sétimo lugar. Daí eu estar a matutar em qual delas eu vou colocar o nome de Benta. Eu [vou] pedir um grande favor fadórico para

vossa mecê: vamos reunir as duas meninas, uma ao lado da outra, e vossa mecê antão faz o favor de aplicar o seu raio x fadórico-curandeiro por riba da cara delas e [de] dar pra mim o seu diagnóstico curandeirista fadórico.

Sinhá Candinha, apesar de ser uma grande médica curandeirista, bezendeira formada com distinção distintíssima nas honradas e famosas academias rubras do ex-rei Lúcifer, sentiu sua fama pequeníssima adiante de um problema, para a medicina feiticeira luciferiana, muito emaranhado.

– Seu Mané, eu tô meia ataroucada da cabeça na frente deste turbilhão de dúvidas que o senhor tá me acarcanhando. O senhor me dá licença um instante, que eu vou ter uma conversa com o meu chefe Lúcifer, pra mó de saber quáli é a opinião dele com respeito a este caso tão delicado a ser resolvido pela minha alta ciência curandeirista rubra.

Logo após o encontro satânico-bruxólico, sinhá Candinha confirmou o resultado diagnosticante belzebuano. Minha candidata a bruxa é a Santa. Ele [Lucifer] sabia muito certo que a Benta era a candidata, mas como o diabo mente como diabo, mentiu para a sinhá Candinha, que não era lá muito simpática para ele porque andava sempre agarrada com medalhas de santos, cruces e crucifixos.

– É, so Mané Braseiro, agora eu já posso afirmar com precisão precisa que a Santa será a futura bruxa espiritual – falou sinhá Candinha. Agora o senhor já pode tomar todas as providências curandeiristas para evitar o mal futuro.

As meninas foram crescendo, vestindo roupas iguais e com os mesmos costumes e modos sempre observados. Interessante: Benta não gostava de padre, não ouvia missa, nem rezava as orações domésticas costumeiras. Era muito refratária às coisas religiosas que a família observava.

Certa ocasião, uma criança de seis meses de

um casal morador da Costa de Dentro apareceu doente, com muitas manchas roxas pelo corpo, diarreia, mãos e braços cruzados. Andaram visitando os médicos da cidade, mas o resultado foi nulo, pois, apesar dos remédios fortes da botica que eles receitavam, a doença andava quilometricamente. A criança já não tinha mais carne in riba de si. Tava na pele e no osso somente.

Porém, um dia, a conselho da madrinha da criança, seu pai, o Jorgino Gargalão, foi ao encontro de uma benzeadeira muito famosa que morava lá pras bandas da Lagoinha do Leste.

– Bom dia, sinhá Timota, Deus teja em vossa casa.

– Bons dia, so Jorgino. O que é que trouxe vossa mecê aqui?

– Um caso de duença na família.

– Ué!... O senhor, um moço novo, e já tá na luta com estas discaradas sem-vergonha destas mulas-sem-cabeça que vieram a este mundo só para mó de sacrificar os cristãos que rolam nele? Não precisa não o senhor falar nada! Eu já sei de tudo o que está se passando.

Sinhá Timota mandou o Jorgino entrar e foi num quarto escuro da casa se arrumá, mó de ir atender à criança empresada. Vestiu uma calça comprida, uma anágua muito engomada, uma saia de baeta de lã vermelha, uma saia de merinó, uma de fustão, calçou umas tamancas novas, um chale franjado por riba da cabeça e, dentro duma cesta retangular da folha de tabua, colocou toda a ferramenta cirúrgica-curandeirista. Partiram com muita pressa e, logo após uma hora de boas pernadas viajeiras, sinhá Timota tava junto do berço tosco da criança maltratada pela caterva de mulheres bruxas que tanto cometem contra tenras e inocentes crianças nesta terra do meu Deus, segura por anjinhos bochechudos malcriados, com cordões de

atração oxigênica, que, às vezes, quando eles se descuidam, ela sofre estremelicos vulcânicos com enjôos sambfísticos e vômitos seculares.

– Bem, so Jorgino, eu tô vendo aqui, no caso do seu filhinho, uma urdidura muito difícil de dinselear pro mó de que se trata de um caso de bruxa espiritual muito ativa e protegida satanicamente. Seu Jorgino, uma coisa eu vou afirmá pra vossa mecê: Há muitos anos eu me tornei benzedeira e curandeira sem nenhum fracasso intê o dia de hoje. O senhore não se assuste, mas eu acho a sua criança muito máli. Ela tá toda mordida pela semvergonha da bruxa e já tá com pouco sangue no corpo. Já foi quasi todo chupado. Tá assim qui nem poço no tempo de verão, quasi secando a água.

– Sinhá Timota, eu sou um homem muito corajoso e trabalhador. Nunca fiz máli pra ninguém. Sou muito religioso e cumpro toda minha obrigação com os santo, que tão nesta terra pra mó de salvar nós dos máli que ela nos ameaça. Arrespeito muito a louvação deles; peço a bênção pro padre; tiro o meu chapéu quando passo em frente das igrejas; dou esmolas pros pobres; ajudo com dinheiro e muitas outras coisa as festa dos santo; tô sempre mandando benzê a minha casa, os animáli e a família. Adespois de tudo isto, sinhá Timota, não sei mais o que fazer pra andar no caminho certo por riba desta terra, que faz o homem tão fraco pra exigir um montão de sacrificio das carne dele. Eu vou tratar um grande segredo com a senhora e tenho certeza que ele vai ser guardado. A bruxa que tá aniquilando a minha criancinha é a fiia do Mané Braseiro, que mora lá in riba no Sertão do Poço Seco. São duas gêmeas: uma tem o nome de Benta e a outra de Santa. Pra mim, sinhá Timota - que Deus me perdoe! é a Benta que é bruxa miserável que quer matar o meu filhinho.

– Tá bem, tá bem, so Jorgino. Eu já vou começar a cuidar da saúde de sua criancinha e vou também lhe mostrar a megera bruxa que tá maltratando ela.

A benzedeira abriu a cesta da ferramenta cirúrgica bruxólica e espalhou-as por riba da mesinha que tava no quarto da criança. Tomou um prato com água, benzeu-a e colocou dentro dela três dentes de alho esmagados, dando dela uma colherinha para a criança beber; abriu uma tesoura em cruz; espalhou mostarda pelo chão sob o berço tosco da criança; e começou a operação bruxólica rezadeira: “Bruxa, tatarabruxa, rabo de rosca, relho na tua bunda e agulhão nos teus pés e freio na tua boca. Esta criança que aqui tá é fiio de Deus, e tu és mula-sem-cabeça do Capeta. Eu vou cobrir ela c’as palavra e com o sangue que caiu aos pés da cruz de Nosso Senhor. O sangue que tu roubastes dela, ela vai ganhar aquele que Cristo derramou; e a saúde, ela vai ganhar c’as palavras que Cristo falou: ‘Eu gosto das crianças’. Agora, sua desavregonhada, sua mula-sem-cabeça, sua curuba do diabo, eu quero te ver nuazinha sem fado, sentada ali in riba daquela caixa de guardar roupa. Eu quero mostrar pra ti e pro teu capeta que as palavras da santa benzedura, ninguém pode contra elas. O teu senhor Capeta enganou a benzedeira, a sinhá Candinha, pro mó de que ela facilitou e rezou o Credo da frente pra trás, mas a mim nunca.

A bruxa obedeceu a todas as ordens da benzedeira e, com muito medo, com os nervos bruxólicos por riba da flor da pele curiscando, sentou-se in riba da caixa, chorando. Agora fica aí, que eu vou chamar os pai desta criança, pro mó de eles te conhecerem.

O Jorgino mais a muié dele, a Gita, logo que arrearo o bago dos óio na cara bruxólica da ex-bruxa, viram a Benta do Mané Braseiro nuazinha, em

carne e osso, de argila humana crua, quase morta de susto.

– Antão hem, sua sem-vregonha, discarada, tavas quas matando o meu fiinho. Si não fosse a sinhá Timota pissuf a benzedura forte que pissui, ela acabava morrendo, judiada por ti.

Sinhá Timota, depois de repreender a Benta, jogou um pouco de água benta por debaixo da ropa

dela, para que houvesse o milagre do descolamento espiritual. Ela tava colada no tampo da caixa pelo efeito milagreiro. Portanto, provou que a Benta foi quem nasceu em sétimo lugar.

Franklin Cascaes
1950

9.4.4 Atividade de Interpretação do texto “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ATIVIDADE AULAS 1 E 2

Aluno (a): Reuma Adriano da Silva Turma 72

Data: 10/10/11.

Compreendendo a história.

- Responda as questões abaixo mostrando o que entendeu do conto “Bruxas Gêmeas”, de Franklin Cascaes. Utilize suas próprias palavras.
1. Como acontece o triste fado bruxólico de uma moça vir a ser bruxa?
quando santa não gostava de igreja e nem de poder
 2. O que aconteceu com o senhor Manoel Baseiro?
que ele tinha filhas e não sabia quem era a bruxa.
 3. Qual foi o diagnóstico bruxólico de sinhá Candinha?
ela pegou um crucifixo de prata benzeu-se com ele.
 4. O que aconteceu com o filho de Jorgino Gargalão? Como se denomina tal problema?
a bruxa fez ele ficar magrinho só na pele e o resto
 5. Qual foi a forma encontrada para resolver o problema do filho de Jorgino Gargalão?
a bruxa deu uma colher de água com alho socado.
 6. Qual foi o desenrolar da história? Houve alguma surpresa nos acontecimentos?
que a bruxa era a santa.
 7. Vamos montar um glossário: liste as palavras desconhecidas e tente atribuir um sentido, de acordo com o contexto da história.
 8. O que você conhece das lindas praias mencionadas no conto bruxólico de Franklin Cascaes? Em seguida, socialize sua resposta com os colegas, a fim de conhecermos um pouco mais as belezas e histórias de nossa ilha.
 9. Vamos ser criativos? E se você fosse uma bruxa ou bruxo? Escreva um comentário curto sobre como seria essa experiência.
muito massa.

Referência Bibliográfica:

CASCAES, Franklin. **Bruxas Gêmeas**. In: *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. v2.

DOUGLAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ATIVIDADE AULAS 1 E 2

Aluno (a): Douglas Cassia de Oliveira Turma **72**

Data: 10-10-11

Compreendendo a história.

- Responda as questões abaixo mostrando o que entendeu do conto "Bruxas Gêmeas", de Franklin Cascaes. Utilize suas próprias palavras.
1. Como acontece o triste fado bruxólico de uma moça vir a ser bruxa?
Alguns dizem que os casais têm 3 filhos e os dois últimos eram gêmeos e a bruxa era a primeira.
 2. O que aconteceu com o senhor Manoel Baseiro?
Ele teve 3 filhos e os dois últimos nasceram gêmeos.
 3. Qual foi o diagnóstico bruxólico de sinhá Candinha?
O diagnóstico da Sinhá Candinha foi assim ela pensou que a Santa era Bruxa.
 4. O que aconteceu com o filho de Jorgino Gargalão? Como se denomina tal problema?
Ele teve dentes e buracos e depois ele ficou legal porque deu.
 5. Qual foi a forma encontrada para resolver o problema do filho de Jorgino Gargalão?
Descobri quem era a Bruxa e rezou por mim mesmo.
 6. Qual foi o desenrolar da história? Houve alguma surpresa nos acontecimentos?
A Benzedeira foi o sujeito por mim mesmo e deu uma belterada de Filis.
 7. Vamos montar um glossário: liste as palavras desconhecidas e tente atribuir um sentido, de acordo com o contexto da história.
Uma mais velha tem obrigação espiritual de batizar a mais nova.
 8. O que você conhece das lindas praias mencionadas no conto bruxólico de Franklin Cascaes? Em seguida, socialize sua resposta com os colegas, a fim de conhecermos um pouco mais as belezas e histórias de nossa ilha.
As praias são bastante bonitas como Joazeiro e etc.
 9. Vamos ser criativos? E se você fosse uma bruxa ou bruxo? Escreva um comentário curto sobre como seria essa experiência.
Se eu fosse Bruxa eu ia fazer o máximo de mal pra ninguém descobrir e eu ia ser bemzinha com as crianças.

Referência Bibliográfica:

CASCAES, Franklin. **Bruxas Gêmeas**. In: *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. v2.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português I
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Escola de Educação Básica Padre Anchieta
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Ana Carolina França de Oliveira

ATIVIDADE AULAS 1 E 2

Aluno (a): Guilherme Ferreira Machado

Turma 72

Data: 10/10/2021

Compreendendo a história.

- Responda as questões abaixo mostrando o que entendeu do conto "Bruxas Gêmeas", de Franklin Cascaes. Utilize suas próprias palavras.

1. Como acontece o triste fado bruxólico de uma moça vir a ser bruxa? *R: acontece quando nasce 7 filhas sem nenhum homem e a filha é destinada a ser uma bruxa.*
2. O que aconteceu com o senhor Manoel Baseiro? *o senhor que o seu nome é baseado de sete filhas e que as duas últimas foram gêmeas.*
3. Qual foi o diagnóstico bruxólico de sinhá Candinha? *foi que a filha que nasceu em último lugar o pai deu o nome de bumba e a outra colocou nome de son.*
4. O que aconteceu com o filho de Jorgino Gargalão? Como se denomina tal problema? *aconteceu que o filho dele está sendo molestado por uma das filhas bruxas do nome de son.*
5. Qual foi a forma encontrada para resolver o problema do filho de Jorgino Gargalão? *foi chamar a benzedeira sinhá dimeta para bençoar seu filho e curá-lo.*
6. Qual foi o desenrolar da história? Houve alguma surpresa nos acontecimentos? *O desenrolar foi de saber quem realmente era a bruxa e surpresa foi pra saber quem era a verdadeira bruxa.*
7. Vamos montar um glossário: liste as palavras desconhecidas e tente atribuir um sentido, de acordo com o contexto da história. *R: fantáspico, fonte de argila-humana*
8. O que você conhece das lindas praias mencionadas no conto bruxólico de Franklin Cascaes? Em seguida, socialize sua resposta com os colegas, a fim de conhecermos um pouco mais as belezas e histórias de nossa ilha. *R: há muitas*
9. Vamos ser criativos? E se você fosse uma bruxa ou bruxo? Escreva um comentário curto sobre como seria essa experiência. *R: Seria uma experiência incrível*

Referência Bibliográfica:

CASCAES, Franklin. **Bruxas Gêmeas**. In: *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. v2.

9.4.5 Trecho do livro “**Bruxas e Benzeduras**”, de Franklin Cascaes

COMO LIVRAR-SE

Usando a seguinte benzedura: Bruxa, tatarabruxa, agulhão nos teus pés e antolhos nos teus olhos.

Tu não me entres aqui nesta casa, nem nesta comarca toda.

Em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.4.

9.4.6 Texto “Na terceira margem da estrada”, de Salma Ferraz

FERRAZ, Salma. *Na Terceira Margem da Estrada*. In: *A Ceia dos Mortos*. Florianópolis: Edição da autora, 2007.

NA TERCEIRA MARGEM DA ESTRADA

Uriel era caminhoneiro, um peregrino solitário do asfalto. Da cabine do seu caminhão levava a vida cruzando estradas que pareciam não ter fim, vendo o sol nascer e se pôr sempre avermelhado e triste, meditando no entardecer carregado de melancolia, temendo o anoitecer com seu cheiro de acidentes e morte. Diversos cantores da imensa família sertaneja lhe faziam companhia naquelas jornadas nas quais tudo podia acontecer. Mas ele tinha uma fita especial que sua filhinha Ângela de dez anos havia gravado para ele com músicas que retratavam o dia-a-dia daqueles eternos andarilhos do asfalto:

Minha vida é andar por este país pra ver se um dia descanso feliz, guardando a recordação, andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei...

A viagem na BR 116 que ligava a Serra Catarinense a Curitiba parecia não ter mais fim. Ele odiava dirigir à noite, mas queria ver sua esposa e sua filhinha ainda na madrugada de sábado. Faltavam cem quilômetros, e ele, cuidadoso, dirigia devagar.

A estrada estava deserta, quando, inesperadamente, surgiu, não se sabe de que margem da estrada, aparentemente do nada, uma mulher desesperada, abanando as mãos no meio do asfalto. Uriel reduziu a marcha da quarta para a terceira, da terceira para a segunda e foi desviando o

caminhão para o acostamento. Ele percebeu que a mulher estava toda ensangüentada e quase se arrastava em sua direção. Era uma mulher morena, cabelo curto, magra, estatura mediana, aparentando ter uns 33 anos. Não pôde ver direito o rosto; havia muito sangue na face dela, sangue que também manchava o conjunto de calça jeans e camiseta branca. Mal ele parou o caminhão, a desconhecida agarrou-se à porta, abrindo-a com uma força desproporcional ao seu lastimável estado físico. Em seguida, puxou violentamente ao braço de Uriel, forçando-o a descer rapidamente.

– Pelo amor de Deus, meu filho tá morrendo nas ferragens do carro ali no mato. Rápido, rápido, pelo amor de Deus...

Uriel não pensou em mais nada. Levantou o banco do caminhão, tirou dali uma caixa com várias ferramentas e seguiu aquela mãe, que aparentemente havia se esquecido dos próprios ferimentos, já que não reclamava de nada, não pronunciava um gemido sequer, só continuava arrastando o caminhoneiro, energicamente, pelo braço para salvar filho. Enquanto corria feito um desesperado ao lado daquele avantesma ensanguentado, ele só pensava em Ângela. Saiu da estrada e viu o gol verde completamente amassado, as portas escancaradas e o menino que devia ter a mesma idade de sua filha se contorcendo entre as ferragens. O corpo daquela mãe tremia e ela transpirava sangue, mas parecia não sentir dor, apenas suplicava com as mãos arrumadas em forma de oração:

– Pelo amor de Deus, salve meu filho, meu único filho.

Ele abriu a mala de ferramentas, apanhou um serrote e começou a serrar as ferragens, forçando-as com um pé-de-cabra, enquanto a mãe, com um lenço, limpava o sangue do corpo e do rosto do menino que, apesar de estar preso nas ferragens, aparentava ter-se ferido só superficialmente. No meio de todo aquele nervosismo, Uriel sentiu um cheiro forte de gasolina. Olhou debaixo do carro e viu que a gasolina estava escorrendo em direção ao motor e que o carro poderia pegar fogo. Ficou desesperado ao perceber

o perigo e ao notar que a translúcida mulher também já pressentira o que poderia acontecer em alguns minutos. Ela ficou ainda mais agitada e suplicava: *depressa, depressa.*

Depois de intermináveis vinte minutos, em que os músculos fortes daquele homem lutaram contra os ferros retorcidos do carro, finalmente ele conseguiu retirar dali menino vivo. Uriel, cuidadosamente, carregou o garoto nos braços e, ao aproximar-se dos faróis acesos do seu caminhão, constatou o que já desconfiara: apesar do sangue e da respiração difícil, os ferimentos eram superficiais. Nesse momento, ouviu um enorme estrondo. Olhou para trás e o gol estava envolto em uma fogueira que dissipava a neblina da serra.

Atordoado procurou pela mãe para dizer que seu filho estava bem, mas ela simplesmente desapareceu juntamente com a neblina, que, misteriosamente, começou a evaporar. O dia estava amanhecendo, o sol feria a neblina, criando em volta deles uma aura iluminada. Uriel amparava o menino nos braços e sentiu um frio percorrer-lhe os ossos. Era a neblina que cedia e oferecia a ele a visão de um despenhadeiro a poucos metros de onde o fogo consumia o carro. Foi só então que ele observou, em meio às labaredas de fogo, que a porta do lado do motorista do gol acidentado estava escancarada e o que cinto de segurança estava solto e era consumido pelas chamas. Tirou um cobertor da carroceria do caminhão, arrumou-o no chão e depositou o frágil corpo do menino que já respirava sem muita dificuldade. Depois caminhou rumo ao gol já quase em cinzas, em direção à porta aberta do lado do motorista. Aproximou-se da carcaça do carro, olhou em volta e viu, à distância de uns cinco metros, uma cena que jamais esqueceria em sua vida. Jogada sobre uma pedra, com a cabeça toda arrebitada, o corpo da mulher que vestia jeans e camiseta branca. No alto de uma grande pedra, uma coruja encolhida emitiu um pio profético. Ele aproximou-se e percebeu que a mulher já estava morta há horas. Na sua face gelada um sorriso de agradecimento.

*Anotações do meu meditativo leitor sobre o conto Na Terceira Margem da Estrada.
Escreva aqui suas sobrenaturais impressões.*

9.4.7 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes

QUAIS SUAS PREFERÊNCIAS (PESSOAS, HORAS, SITUAÇÕES, ETC)

Segundo os entendidos, as pessoas preferidas como elemento principal para o desempenho de suas atividades bruxólicas são as inocentes criancinhas/ou recém-nascidos.

Elas empresam, chupando o sangue até dá-las a sepultura.

As horas preferidas para desempenho de suas estrepolias diabólicas é sempre a partir das Ave - Marias até as “horas mortas”, meia-noite, quando então se recolhem antes do cantar do galo preto.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.4.

9.4.8 Texto “Medo de Saci”, de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. **Medo de saci**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

Medo de saci



Pedrinho, naqueles tempos, costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas *Reinações* e na *Viagem ao céu*. Só não está contado o que lhe aconteceu antes da famosa viagem ao céu, quando andava com a cabeça cheia de sacis.

A coisa foi assim. Estava ele na varanda com os olhos no horizonte, postos lá onde aparecia o verde-escuro do Capoeirão dos Tucanos, a mata virgem do sítio. De repente, disse:

– Vovó, eu ando com ideias de ir caçar na mata virgem.

Dona Benta, ali na sua cadeirinha de pernas cotós, entretida no tricô, ergueu os óculos para a testa.

– Não sabe que naquela mata há onças? – disse com ar sério. – Certa vez uma onça-pintada veio de lá, invadiu aqui o pasto e pegou um lindo novilho da Vaca Mocha.

– Mas eu não tenho medo de onça, vovó! – exclamou Pedrinho, fazendo o mais belo ar de desprezo.

Dona Benta riu-se de tanta coragem.

– Olhem o valentão! Quem foi que naquela tarde entrou aqui ber-rando com uma ferrotoada de vespa na ponta do nariz?

– Sim, vovó, de vespa eu tenho medo, não nego – mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho, e outra...

– Chega! – interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. – Mas além de onças existem cobras. Dizem que até uru-tus há naquele mato.

– Cobra? – e Pedrinho fez outra cara de pouco-caso ainda maior. – Cobra *mata-se* com um pedaço de pau, vovó. Cobra!... Como se eu lá tivesse medo de cobra...

Dona Benta começou a admirar a coragem do neto, mas disse ainda:

– E há aranhas-caranguejeiras, daquelas peludas, enormes, que devoram até filhotes de passarinho.

O menino cuspiu de lado com desprezo e esfregou o pé em cima.

– Aranha mata-se assim, vovó – e seu pé parecia mesmo estar esmagando várias aranhas-caranguejeiras.

– E também há sacis – rematou Dona Benta.

Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a nin-guém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhu-ma diferença entre ele, que era da cidade, e os demais meninos nascidos e crescidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque de uma perna só.

Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falan-do em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer “Credo!”:

– Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.

– Quem?

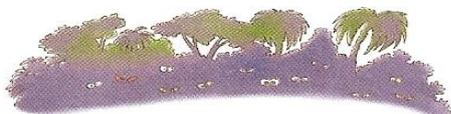
– O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de to-das as feitiçarias, e de saci, de mula sem cabeça, de lobisomem – de tudo.

Pedrinho ficou pensativo.

9.4.9 Texto “O medo”, de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. **O medo**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

O medo



Longamente filosofaram os dois, lá debaixo da grande peroba que os abrigava do sereno da noite. A floresta tinha uma vida noturna tão intensa quanto a vida diurna. Entre os homens tudo para durante certa parte da noite, mas na floresta a vida continua, porque uns seres dormem de dia e vivem de noite e outros dormem de noite e vivem de dia. Assim que os sabiás, sanhaços e tico-ticos se recolhem aos seus pousos ou ninhos, começam a sair das tocas as corujas e morcegos. E as borboletas e mariposas noturnas vêm substituir as borboletas e mariposas diurnas, que adormecem logo que chega a noite. E as caças medrosas, tão perseguidas pelos homens, saem de noite a pastar e beber água nos rios. E os vaga-lumes, que de dia não deixam os lugares escurinhos, começam a piscar por toda parte com as suas lanterninhas.

– Esses eu sei – disse o menino. – A vida desses animais eu conheço mais ou menos. O que me interessa agora é a vida dos tais “entes das trevas”, como diz Tia Nastácia – os misteriosos – os que uns dizem que existem e outros juram que não existem.

– Compreendo – disse o Saci. – Você refere-se aos chamados “duendes”, “monstros”, “capetas”, “gnomos” etc...

– Isso mesmo, amigo Saci. Ando desconfiado que tudo não passa de sonho. Eu não via nada na garrafa antes de ter caído naquela modorra. Assim que a modorra chegou, você apareceu na garrafa e começou a falar. Desconfio que estou sonhando... Desconfio que isto é um pesadelo... Nos pesadelos é que aparecem monstros horríveis. Por quê? Por que é que há coisas horríveis?

– Por causa do *medo*, Pedrinho. Sabe o que é medo?

O menino gabava-se de não ter medo de nada, exceto de vespa e outros bichinhos venenosos. Mas não ter medo é uma coisa e saber que o *medo* existe é outra. Pedrinho sabia que o *medo* existe porque diversas vezes o seu coração pulara de medo. E respondeu:

– Sei, sim. O medo vem da incerteza.

– Isso mesmo – disse o Saci. – A mãe do medo é a *incerteza* e o pai do medo é o *escuro*. Enquanto houver escuro no mundo haverá medo. E enquanto houver medo haverá monstros como os que você vai ver.

– Mas se a gente vê esses monstros então eles existem.

– Perfeitamente. Existem para quem os vê e não existem para quem não os vê. Por isso digo que os monstros existem e não existem.

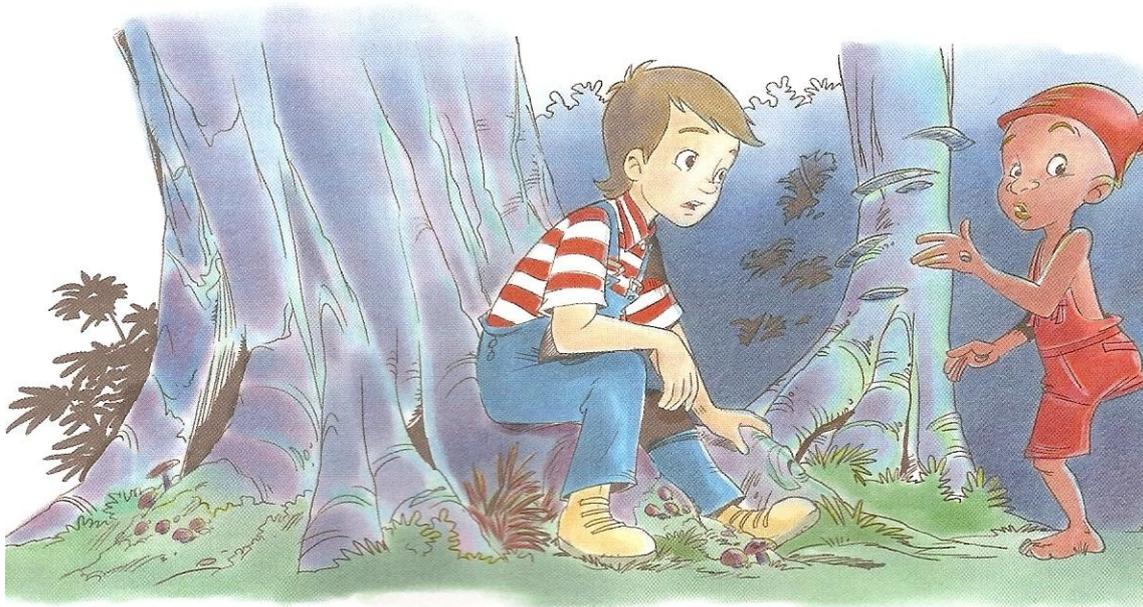
– Não entendo – declarou Pedrinho. – Se existem, existem. Se não existem, não existem. Uma coisa não pode ao mesmo tempo existir e não existir.

– Bobinho! – declarou o Saci. – Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem.

Aquela filosofia do Saci já estava dando dor de cabeça no menino, o qual suspirou e disse:

– Basta, amigo Saci. Não quero mais saber de filosofias, quero conhecer os segredos da noite na floresta. Mostre-me os filhos do medo que você conhece. Desde que há tanta gente medrosa no mundo, deve haver muitos filhos do medo.

– Se há! – exclamou o Saci. – Os medrosos são os maiores criadores das coisas que existem. Não tem conta o que lhes sai da imaginação. As mi-



tologias daqueles velhos povos estão cheias de terríveis criações do medo. Aqui nestas Américas temos também muitas criações do medo, não só dos índios chamados aborígenes, como dos negros que vieram da África.

Pedrinho lembrou-se do Tio Barnabé, que era africano.

– Tio Barnabé, por exemplo – disse ele –, é um danado para saber essas coisas. Conhece todos os filhos do medo. Foi ele quem me explicou o caso dos sacis. Conte-me no que é que os índios acreditavam.

– Os índios – começou o Saci – não usavam durante a noite aquelas luzes que Dona Benta usa lá no sítio – aqueles lampiões de querosene. Nem usavam a luz elétrica que há nas cidades. Só usavam fogueirinhas de pouca luz e por isso o medo entre os índios era grande. Quanto maior é o escuro, maior o medo; e quanto maior o medo, mais coisas a imaginação vai criando. Já ouviu falar no Jurupari?

– Não...

– Pois é o diabo dos índios, o espírito mau que aparece nos sonhos e transforma os sonhos em pesadelos horríveis. Insônia, mal-estar, inquietação, tudo que é desagradável vem desse Jurupari.

– Mas como é ele?

– Um espírito sem forma. Um espírito mau que se diverte em agarrar os que estão dormindo e causar-lhes todos os horrores dos pesadelos. E parece que segura as vítimas pela garganta, porque elas esperneiam e se debatem, mas não podem gritar.

– Oh, eu já tive um pesadelo assim! – disse o menino. – Lembro-me muito bem. Eu ia caindo num buracão enorme. Quis gritar por vovó, mas foi inútil. A voz não saía...

– Pois era o Jurupari que estava apertando a sua garganta. O divertimento dele é esse. Anda de casa em casa provocando pesadelos horríveis nos que encontra dormindo.

Nesse momento um ruído entre as folhas chamou a atenção de ambos.



– *Psit!*... – fez o Saci. – Atenção... Qualquer coisa vem vindo...
Ficaram os dois imóveis. O coração de Pedrinho batia apressado.
– O Curupira! – sussurrou o Saci, quando um vulto apareceu. –
Veja... Tem cabelos e pés virados para trás.
– Parece um menino peludo – murmurou Pedrinho.
– É é isso mesmo. É um menino peludo que toma conta da caça nas florestas. Só admite que os caçadores cacem para comer. Aos que matam por matar, de malvadeza, e aos que matam fêmeas com filhotes que ainda não podem viver por si mesmos o Curupira persegue sem dó.
– Bem feito! Mas como os persegue?
– De mil maneiras. Uma das maneiras é disfarçar-se em caça e ir iludindo o caçador até que ele se perca no mato e morra de fome. Outra maneira é transformar em caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador, de modo que sejam mortos por ele mesmo.
Pedrinho achou que não podia haver nada mais justo. O Saci prosseguiu:
– Esse que vai passando está a pé, mas em regra o Curupira anda montado num veado e traz na mão uma vara de japecanga.
– Que é japecanga?
– Uma planta que é remédio para doença do sangue. Também é conhecida como salsaparrilha.
– E por que anda com essa vara de japecanga? Que ideia!
– Não sei. Ele é que sabe. E o Curupira tem um cachorro de nome Papamel que não o larga. Assim que avista um caminhante na estrada, começa logo a cantar:

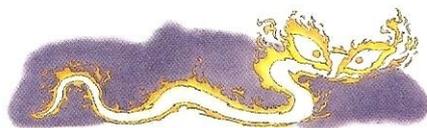
Curupaco, papaco
Curupaco, papaco...

– Isso é cantiga de papagaio! – lembrou Pedrinho. – Na casa do Coronel Teodorico há um que só diz isso.
– Pois foi com o Curupira que os papagaios aprenderam o *curupaco*. Papagaio não inventa palavras, apenas repete as que ouve.
Mas o Curupira, com os seus pés voltados para trás, não se demorou muito por ali. Descobriu um rasto de paca e lá se foi, com certeza para ver como ela ia passando em sua toca.
– Que horas serão? – perguntou o menino.
O Saci respondeu que faltava pouco para meia-noite.
– Como sabe?
– Por aquela flor – respondeu o Saci indicando uma flor que não estava de todo aberta. – É o meu relógio aqui. Só abre completamente à meia-noite...

9.4.10 Texto “O boitatá”, de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. **O Boitatá**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

O Boitatá



– **E**u ouço falar na Iara e no Boitatá. Será que poderei ver um deles hoje? – perguntou Pedrinho.

– A Iara pode – respondeu o Saci – porque há uma que mora por aqui em certo ponto do rio; mas Boitatá não. Só existe lá pelo Sul.

– Como é?

– Pois o Boitatá é um monstro muito interessante. Quase que só tem olhos – uns olhos enormes, de fogo. De noite vê tudo. De dia não enxerga nada – tal qual as corujas. Dizem que certa vez houve um grande dilúvio em que as águas cobriram todos os campos do Sul, e o Boitatá, então, subiu ao ponto mais alto de todos. Lá fez um grande buraco e se escondeu durante todo o tempo do dilúvio. E tantos anos passou no buraco escuro que seu corpo foi diminuindo e os olhos crescendo – e ficou como é hoje, quase que só olhos. Afinal as águas do dilúvio baixaram e o Boitatá pôde sair do buraco, e desde esse tempo não faz outra coisa senão passear pelos campos onde há carniça de animais mortos. Dizem que às vezes toma a forma de cobra, com aqueles grandes olhos em lugar de cabeça. Uma cobra de fogo que persegue os gaúchos que andam a cavalo de noite.

– Eu sei dessa história. É o fogo-fátuo. Vovó já nos explicou que esses fogos são fosforescências emitidas pelas podridões. No Sul também existe a célebre história do Negrinho do Pastoreio. Conhece? Não será uma espécie de saci dos Pampas?

– Não. Trata-se de coisa muito diferente. Esse negrinho foi apenas um mártir. Sofreu os maiores horrores de um senhor de escravos muito cruel; morreu e virou santinho.

– Conte a história dele.

E o Saci contou.



9.4.11 Texto “O Negrinho”, de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. **O Negrinho**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

O negrinho



– **H**avia um fazendeiro, ou estancieiro, como se diz lá no Sul, que era muito mau para os escravos – isso foi no tempo em que havia escravidão neste País. Uma vez comprou uma ponta de novilhos para engordar em seus pastos. Era inverno, um dos piores invernos que por lá houve, de tanto frio que fazia.

– “Negrinho” – disse o estancieiro para um molecote da fazenda, que andava por ali. – “Estes novilhos precisam acostumar-se nos meus pastos, por isso você vai tomar conta deles. Todas as tardes tem de tocar a ponta inteira para o curral, onde dormirão fechados, depois de contados por mim. Tome muito tento, hein? Se faltar na contagem um só que seja, você me paga.”

O pobre molecote só tinha 14 anos de idade; mesmo assim não teve remédio senão ir para o campo tomar conta do gado. Era gado arisco, ainda não querenciado naquela fazenda, de modo que, para começar, logo no primeiro dia um dos novilhos faltou na contagem.

O estancieiro não quis saber de explicações. Vendo que o número não estava certo, botou o cavalo em que estava montado para cima do negrinho e deu-lhe uma tremenda sova de chicote. Depois disse:

– “E agora é ir procurar o novilho que falta. Se não me der conta dele, eu dou conta de você, seu grandíssimo patife!”

E *lept!* – outra lambada por despedida.

O moleque, com as costas lanhadas e em sangue, montou no seu cavalinho e saiu pelos campos atrás do novilho. Depois de muito procurar encontrou por fim o fujão, escondido numa moita.

– “E agora?” – pensou consigo. – “Tenho de laçar este novilho, mas meu laço está que não vale nada, de tão velho, e eu estou tão escangalhado pela sova que ainda valho menos que o laço. Mas não há remédio. Tenho que ir até o fim...”

E, aproximando-se com muito jeito, laçou o novilho.

Se fosse só laçar, estaria tudo muito bem. Mas tinha de trazer o boizinho por diante, até o curral. Teria ele forças para isso? O laço aguentaria?

Não aguentou. Com meia dúzia de sacões o novilho desembaraçou-se do laço, arrebitando-o, e lá se foi pelos campos afora, na volada.

E agora? Voltar para casa sem novilho e sem laço? O furor do estancieiro iria explodir como bomba.

Voltou.

– “Que é do novilho?” – indagou o patrão assim que o negrinho apareceu no terreiro.

– “Escapou, patrão. Lacei ele, mas o laço estava podre e não aguentou, como sinhô pode ver por este pedaço.”

Se o estancieiro não fosse um monstro de maldade, convencer-se-ia logo, vendo pela ponta do laço, que o negrinho andara direito. Quando o laço arrebita, a culpa da presa escapar não é do laçador, sim do laço. Não pode haver nada mais claro no mundo. Mas o estancieiro, que tinha comido cobra naquele dia, em vez de dar-se por convencido, mais colérico ainda ficou.

– “Cachorro!” – exclamou espumando de raiva. – “Você vai ter o castigo que merece.”

O dito, o feito. Agarrou o negrinho, amarrou-o pelos pés com a ponta do laço e depois de bater nele com o cabo do relho até cansar teve uma ideia diabólica: botá-lo num formigueiro para ser devorado vivo pelas formigas.

Assim fez. Arrastou-o para um sítio onde existia um enorme formigueiro de formigas carnívoras, arrancou as roupas do coitadinho e deixou-o amarrado lá.

No dia seguinte foi ver a vítima, com a ideia de continuar o castigo, caso o grande criminoso não estivesse morto e bem morto. Chegando ao formigueiro, levou um grande susto. Em vez do negrinho, viu uma nuvem que se erguia da terra e logo se sumiu nos ares.

A notícia desse acontecimento correu mundo. Os homens daquelas bandas começaram a considerar o negrinho como um mártir que tinha ido direto para o céu.

Com o tempo virou um verdadeiro santo. Quem quer qualquer coisa, na campanha do Rio Grande, antes de pedi-la a Santo Antônio ou a outro santo qualquer, pede logo ao Negrinho do Pastoreio.

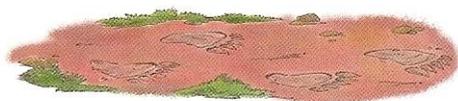
– E ele faz?

– Está claro que faz – sempre que pode. Como sofreu muito, sabe avaliar os apertos dos outros e ajuda-os no possível.

9.4.12 Texto “Lobisomem”, de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. **Lobisomem**. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

Lobisomem



Nem bem acabara o Saci de pronunciar estas palavras e Pedrinho notou grande rebuliço entre os sacizinhos. Parece que também pressentiram qualquer coisa, pois largaram das brincadeiras e desapareceram na floresta, como por encanto.

Era tempo. O mato começou a estalar, como se algum animalão por ele viesse rompendo, e por fim surgiu na clareira a carantonha sinistra de um lobisomem. Parou, farejou o ar como se estivesse sentindo cheiro de carne humana. O Saci, porém, tivera a precaução de emitir um certo cheirinho a enxofre, e isso iludiu o Lobisomem, que conti-

nuou o seu caminho e passou. O cheiro a enxofre disfarça o da carne humana, explicou mais tarde o Saci.

Apesar do medo que sentira, Pedrinho pôde notar que o monstro tinha a pele virada, isto é, o pelo para dentro e a carne para fora – uma coisa horrível! No mais, era um perfeito lobo, embora de dimensões muito mais avantajadas.

Assim que o Lobisomem deixou a clareira, o menino respirou um *ah!* de alívio e pediu ao Saci que lhe contasse alguma coisa desses monstros.

– Dizem – respondeu o Saci – que quando uma mulher tem sete filhos machos, o sétimo vira lobisomem na noite das sextas-feiras. Sai então pelos campos, invade os galinheiros (onde come um produto das galinhas que não é o ovo) e também assalta e devora os cães e as crianças que encontra pelo caminho. Se alguém ataca um lobisomem e corta-lhe uma das patas, ele vira imediatamente no homem que é – e esse homem fica por toda vida aleijado do membro correspondente à pata cortada.

Pedrinho não resistiu à tentação de ver de perto as pegadas do monstro, e apesar das advertências do Saci saiu do oco para examiná-las à luz de um vaga-lume. Mas não teve tempo. Assim que saiu do oco, ouviu um estranho rumor ao longe, seguido do agudo assobio do Saci chamando-o. Voltou precipitadamente.

– Que há? – indagou.

O Saci, que também parecia amedrontado, puxou-o bem para o fundo do esconderijo, murmurando:

– A Mula sem cabeça!

9.4.13 Texto “A mula sem cabeça”, de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. *A mula sem cabeça*. In: *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007.

A Mula sem cabeça



A Mula sem cabeça! Pedrinho estremeceu. Nenhum duende das florestas o apavorava mais que esse estranho e incompreensível monstro, a *Mula sem cabeça que vomita fogo pelas ventas!* Muitas histórias a seu respeito tinha ouvido aos caboclos do sertão e aos negros velhos, embora Dona Benta vivesse dizendo que tudo não passava de crendice.

A galopada aproximava-se; já se ouvia o estalar dos arbustos que em seu desenfreado galopar a Mula sem cabeça vinha quebrando. Súbito, parou.

– Vai mudar de rumo! – murmurou o Saci com cara mais alegre.

E de fato foi assim. A Mula retomou a galopada mas em outra direção, e embora passasse por perto não chegou ao alcance dos olhos do menino.

– Que pena! – exclamou ele. – Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse monstro...

– Que pena? – repetiu o Saci. – Que felicidade, deve você dizer! A Mula sem cabeça é o mais sinistro duende que há no mundo; tem o dom de transtornar a razão de todos que a veem. Por isso é que tive medo – não por mim, mas por você...

– Mas qual é a origem dessa mula?

– Uma história muito velha. Dizem que antigamente houve um rei cuja esposa tinha o misterioso hábito de passear certas noites pelo cemitério, não consentindo que ninguém a acompanhasse. O rei incomodou-se com isso e certa noite resolveu segui-la sem que ela o percebesse. No cemitério deu com uma coisa horrenda: a rainha estava comendo o cadáver de uma criança enterrada na véspera e que por suas próprias mãos, cheias de anéis, havia desenterrado! O rei deu um grito. Vendo-se pilhada, a rainha deu outro grito ainda maior – e imediatamente virou nessa Mula sem cabeça, que desde aquele momento nunca mais parou de galopar pelo mundo, sempre vomitando fogo pelas ventas.

E foi assim que Pedrinho perdeu a única oportunidade que teve de ficar conhecendo pessoalmente o estranho monstro que tanto impressiona a imaginação dos nossos sertanejos.

Ela corre sem cessar, espalhando a loucura por onde passa. Não existe criatura, seja bicho do mato ou gente, que não prefira ver o diabo em pessoa a ver a tal Mula sem cabeça. É horrenda!

– Mas como será que vomita fogo pelas ventas se as ventas estão na cabeça e ela não tem cabeça?

– Também não entendo; mas é assim – disse o Saci.



9.4.14 Texto “O Boitatá”, de Marcelo Xavier

XAVIER, Marcelo. **O Boitatá**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

O BOITATÁ

– Imagine que susto: alguém está tranqüilo no seu barquinho, pescando no rio, à noite, e de repente surge, do fundo das águas, uma enorme cobra de fogo, com dois grandes chifres, como se fosse um boi. Em algumas regiões, para piorar mais as coisas, o bicho tem um olho só, bem no meio da testa...

É o Boitatá. Um mito brasileiro contado e temido em todas as regiões do País onde haja um rio ou uma lagoa qualquer. Só mesmo um mito, com seus poderes incríveis, pode ter o corpo de fogo e morar na água, não é mesmo?

O Boitatá também é visto, às vezes, apenas como um facho cintilante de fogo correndo de um lado para outro da mata. Em alguns lugares, ele se transforma em troncos incandescentes, abandonados na beira do rio.

O Boitatá é um mito de origem indígena. Os índios o chamavam *Mbaê-Tatá*, que quer dizer *coisa de fogo*.

E veja que interessante: uma das características do Boitatá, apesar de todo o fogo que carrega no corpo, é proteger as matas contra incêndios...

9.4.15 Texto “O Lobisomem”, de Marcelo Xavier

XAVIER, Marcelo. **O lobisomem**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

O LOBISOMEM

– Diz a lenda que quando uma mulher tem sete filhas e o oitavo filho que nasce é homem, esse menino será um lobisomem.

Sempre pálido e muito magro, de nariz arrebitado e orelhas compridas, o menino cresce como uma criança qualquer. Porém, logo que completa treze anos, começa a viver sua triste sorte. Na primeira noite de terça ou sexta-feira depois do seu aniversário, enquanto todos dormem, ele sai de casa, silenciosamente, e vai até uma encruzilhada. Ali, observado apenas por uma coruja e por outros bichos noturnos, começa a se transformar em lobisomem. Seu corpo se cobre de pêlos, as orelhas crescem, os olhos se avermelham e ele uiva como um lobo, pela primeira vez, para a Lua.

Daquele dia em diante, toda terça ou sexta-feira, o lobisomem tem que cumprir sua corrida desesperada pelo mundo. Visita, na mesma noite, sete partes da Terra, sete adros de igreja, sete vilas e sete encruzilhadas. No caminho, espanta os cães, apaga as luzes das casas, quebrando o silêncio da noite com seus uivos horripilantes.

Antes do Sol nascer, o lobisomem volta ao lugar de onde partiu e se transforma novamente em homem.

Quem estiver no caminho de passagem do lobisomem, em noites de terça ou sexta-feira, deve rezar três Ave-Marias para se proteger.

Com muita coragem, alguém pode quebrar o encanto e libertá-lo para sempre. Para isso é preciso chegar bem perto, sem que ele perceba, e bater forte em sua cabeça – com todo o cuidado, pois se uma gota de sangue do lobisomem atingir uma pessoa, ela se transformará também em lobisomem...

9.4.16 Texto “O Curupira”, de Marcelo Xavier

XAVIER, Marcelo. **O Curupira**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

O CURUPIRA

– No fundo das matas, bem longe das cidades e das aldeias, quando soam gritos longos e estridentes, é o Curupira que se aproxima.

O melhor que se faz é sair dali correndo.

O Curupira é um anão de cabelos vermelhos, dentes verdes e com os pés virados para trás. Para os índios, ele é o demônio da floresta. Corre atrás deles, enfurecido, para bater e até mesmo matar. Para se protegerem, quando se afastam de suas aldeias, os índios deixam pelo caminho penas de aves, abanadores e flechas.

O Curupira é o protetor das árvores e dos animais. Batendo nos troncos das árvores como se fossem tambores, testa a resistência delas, quando ameaça cair uma tempestade.

Ele odeia os homens que caçam e destroem as matas. Por isso, gosta de deixar os caçadores perdidos dentro da floresta. Quem vê o Curupira perde totalmente o rumo, não sabe mais achar o caminho de volta.

Para atrair suas vítimas, o Curupira, às vezes, chama as pessoas com gritos que imitam a voz humana.

As histórias do Curupira são contadas em todo o Brasil. Em algumas regiões, ele tem o nome de Caipora ou Caapora, e aparece, freqüentemente, montado em um porco-do-mato.

9.4.17 Texto “O Jurupari”, de Marcelo Xavier

XAVIER, Marcelo. **O Jurupari**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

O JURUPARI

– A história de Jurupari vem do norte do Brasil, das tribos de índios que vivem na floresta Amazônica. Segundo contam, Jurupari era um menino diferente dos outros. Para você ter uma idéia, de seu corpo saíam fachos de luz, estrondos de trovão e, com os dedos, ele podia produzir vários tipos de sons. Era realmente extraordinário!

Tudo começou quando Jurupari, para afirmar o seu poder, obrigou toda a tribo a ficar em jejum. Ninguém podia comer nada durante um certo tempo. Algumas crianças, não suportando a fome, desobedeceram às ordens e comeram. E veja só: elas foram punidas com a morte por Jurupari.

Revoltados, os pais das crianças jogaram Jurupari numa fogueira. De suas cinzas nasceu, imediatamente, a palmeira paxiúba. Era uma árvore tão alta, tão alta, que chegava até às nuvens.

Por ela, na mesma noite, Jurupari subiu ao céu. Lá encontrou o Sol, que queria se casar. Claro que o Sol não se casaria com qualquer uma: teria que achar uma mulher perfeita. Então, Jurupari foi mandado de volta para procurar uma noiva para o Sol, e também para mudar alguns costumes na Terra.

Quando chegou aqui, o mundo era governado pelas mulheres. A primeira coisa que Jurupari fez foi passar o governo para a mão dos homens. Para conseguir isso, criou festas das quais só os homens participavam e ensinou-lhes alguns segredos. Porém, nem todos os homens podiam conhecer esses segredos: apenas os fortes, os corajosos, que sabiam suportar a dor. Os adolescentes também participavam das tais festas, mas só depois de passarem por várias provas de coragem e resistência.

As festas de Jurupari atravessaram o tempo e acontecem, até hoje, em algumas tribos da Amazônia. Nelas, os homens usam máscaras, dançam e tocam instrumentos de sopro. O principal deles é uma longa trombeta, feita de paxiúba, a palmeira sagrada, que produz um som cavernoso e profundo, de arrepiar.

As mulheres e os rapazes que ainda não passaram pelas provas não podem ouvir esses sons, nem ver as máscaras, os instrumentos musicais e os adereços usados pelos homens nas danças de Jurupari.

Enquanto isso, até hoje, Jurupari procura uma noiva para o Sol, que continua solteiro...

9.4.18 Texto “A mula-sem-cabeça”, de Marcelo Xavier

XAVIER, Marcelo. **A Mula-sem-cabeça**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

A MULA-SEM-CABEÇA

– Onde houver um pequeno ajuntamento de casas rodeando uma igreja, com noites silenciosas e escuras, haverá casos de aparição da Mula-sem-Cabeça.

Dizem que é uma mulher que namorou um padre e, por isso, foi castigada. Toda passagem da noite de quinta para sexta-feira, ela vai até uma encruzilhada e ali acontece o encantamento. Depois, tem que percorrer sete freguesias ao longo daquela noite. (Freguesias eram pequenos povoados, no Brasil de antigamente.)

Mas veja que estranho: “Mula-sem-Cabeça” é só o nome desse mito. Na verdade, de acordo com as histórias que o povo conta, ela aparece como um animal inteiro, forte, lançando fogo pelas narinas e pela boca, onde tem freios de ferro. Nas noites de cumprir sua punição, ouve-se o seu galope violento, acompanhado de longos relinchos. Em alguns momentos, soluça como uma pessoa quando chora. Ninguém põe o pé fora de casa nessas noites.

Se alguém, bastante corajoso, tirar os freios de sua boca, o encanto se quebrará, e a Mula-sem-Cabeça voltará a ser gente, livre para sempre da maldição que a castiga.

9.4.19 Texto “O Boto”, de Marcelo Xavier

XAVIER, Marcelo. **O Boto**. In: *Mitos, o folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato, 1997.

O BOTO

– Muita gente conta que viu. Algumas mulheres dizem até que dançaram com ele. A verdade é que todas suspiram quando falam seu nome...

É o Boto, o mito encantador que adora a noite e as festas à beira dos rios da Amazônia. Durante o dia, é um peixe. Às primeiras horas da noite, ele sai da água e se transforma em um rapaz forte e bonito. Vestido de branco, usa um chapéu que nunca tira, para não mostrar o orifício por onde respira, no alto da cabeça.

Em seguida, o Boto parte para conquistar o coração de alguma mulher. Não é difícil: ele é simpático, grande dançarino, muito alegre e brincalhão. Tem uma conversa boa que rola como o próprio rio.

Depois de dançar e se divertir muito, o Boto vai namorar na beira do rio. Quando chega a madrugada, ele se despede da companheira, pula na água e volta a ser peixe.

Com muitas dessas namoradas ele tem filhos, mas nunca se interessou por eles. Só quer saber de continuar indo a festas, dançando e conquistando outros corações pelas noites da Amazônia.

Para quem quer conquistar o coração de alguém, nada melhor que um amuleto da sorte feito de olho de Boto, seco e preparado por um pajé de alguma tribo amazônica. É irresistível!

9.4.20 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes

ARMADILHA

Toma-se a primeira camisinha que a criança usou, criva-se de agulha, coloca-se dentro de um pilão de chumbar café e, com a mão de pilão, se vai socando a camisinha.

À medida que se vai pisando sobre as agulhas, elas vão penetrando na madeira do pilão e, conseqüentemente, na carne da mulher bruxa.

A bruxa, não podendo resistir aos efeitos penetrantes das agulhas na sua carne, abandona os afazeres e corre em direção onde se está praticando o ato anti-bruxólico. Ali chegando, ela pede por todos os santos para que a pessoa que está praticando o trabalho, o deixe de fazê-lo, pois seu corpo físico não resiste mais às dores causadas pelos efeitos das penetrações das agulhas na carne. Confessa-se culpada e perde o encanto fadórico bruxólico.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p.4.

9.4.21 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes

BENZEDURA CONTRA VERRUGAS

Sol que vais entrando, cravos e verrugas que tens neste craveiro, que vá se acabando.

Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém.

Benze-se em 9 sextas-feiras na hora exata em que o sol se põe.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p. 7.

9.4.22 Simulação da atividade de Análise Linguística

Acreditamos que exercícios com frases soltas, em que se pede para separar o sujeito do predicado, classificar as orações e etc. não desenvolvem as competências cognitivas do aluno que o ajudarão a ler, escrever, falar e ouvir bem. Dessa forma, conforme consta nos planos de aula que elaboramos, faremos, com os alunos, análise linguística de suas próprias produções textuais.

Os textos que serão produzidos pela turma 72 serão expostos no “Varal Literário” da sala de aula e, antes disso, os alunos poderão produzir mais de uma versão de seus textos. A análise linguística será feita antes da reescrita e terá como foco a coesão e a coerência textuais - deficiência tal que identificamos nos textos dos mesmos alunos em nossas observações.

A intenção é focar em aspectos centrais da organização e da compreensão do texto, tais como a clareza e a precisão da linguagem (a escolha da palavra certa), o sentido, a relevância do que é dito e etc. A coesão, a coerência, a informatividade, a clareza, e outras propriedades do texto, conforme Antunes (2003), são mais relevantes do que a fixação em correções ortográficas, nomenclaturas e classificações de palavras.

Por não podermos prever, já no plano de aula, como se efetivará a atividade em nosso estágio de docência, selecionamos o texto de um aluno da turma 72 para fazermos uma espécie de simulação.

A orientação da atividade, na imagem a seguir, era ler um livro nas aulas intituladas de “Momento da Leitura” e, entregar para a professora uma ficha em que deveriam apresentar o resumo da história.

Trabalho de Português

19/08/11

nome: Bruno Flores da Cunha

Turma: 72º

Livro: O Rei Preto de Ouro Preto

Citor: Sphira orthof

Editora: glacial

Ano: 2008

Sinopse:

— Ali no livro ele fala onde tudo era calçada onde as bichas corriam passavam muitas coisa ali era lindo o Sol as cores etc...

Então a quella belezza mostra um rei negro sabio em realza onde ele admirava o povo. Os matineiros eram todos escravos que não eram simples matineiros. Mas mais o rei negro sabia das maldade dos homens Branco e recusa eles o fazendo coisas ruins?

— até que desepente um homem Branco depois de mcher sua botiguera deu um grito e prendeu todos os matineiros negros.

— onde enviaram os negros para o Brazil para ser escravizados e até agora ser oluido em mercado quando bateram o rei a venda ele foi logo comprada e rei trabalhava tanto?...

— depois de tanto esforço o rei conseguiu sua liberdade por tanto trabalho que ele fez. Depois ele fez seu reinado a liberdade x em Minas Gerais por as piquenas ^{mas} tudo ali era bonito!

Bruno
F. da C.
24/08/11
predeal

- Nós traríamos o texto do aluno em uma folha de papel pardo para evitarmos a perda de tempo com a cópia no quadro, além de oferecermos cópias para cada um da turma.

Sinopse:

Ali no livro ele fala onde tudo era colorido onde os bichos corriam passeavam muita coisa ali era linda o sol os amores etc...

Em toda aquela beleza morava um rei negro sábio em realeza onde ele admirava o povo. Os marinheiros eram todos (trasaeiros?) que não eram simples marinheiros. Mais o rei negro sabia das maldades dos homens brancos e os recebeu oferecendo várias coisas?

Até que de repente um homem branco depois de encher sua barriga deu um grito e prendeu todos os negros.

Onde enviaram os negros para o Brasil para serem escravizados e alguns serem vendidos em mercados quando botaram o rei a venda ele foi comprado o rei trabalhou tanto?

Depois de tanto esforço o rei conseguiu sua liberdade por tanto trabalho que ele já fez. Depois ele Fez seu reinado ali mesmo em Minas Gerais porém pequeno mais tudo ali era bonito!

- Junto com os alunos, leríamos o texto e, pediríamos para nos ajudarem a modificar algo para melhorá-lo. Ao transcrevermos o texto, iremos prestar atenção para não reproduzirmos problemas ortográficos, concordância e outros, por estes não serem o foco da atividade.
- Instigariamos os alunos a participarem, fazendo perguntas de interpretação e, inserindo ou modificando, aos poucos, conectivos e pontuações.
- A coerência viria no decorrer da atividade. Mostraremos a importância da leitura e releitura do que acabamos de escrever e faremos os alunos perceberem a importância do sentido do texto.
- Após a análise coletiva, daríamos um novo texto, de outro aluno, para que realizem a mesma atividade, individualmente.

A análise de textos dos colegas de sala, textos estes inseridos na realidade de tais alunos, os ajudaria na reescrita de seus próprios textos.

Consideramos este tipo de análise ideal para o crescimento linguístico do aluno. Não partiríamos de atividades artificiais, mas proporcionaríamos o ambiente para que ocorra a efetiva interlocução em que os alunos teriam o que dizer e para quem dizer.

Esta mediação não impõe as estratégias do texto como único caminho a seguir, mas permite a reflexão de outras estratégias de dizer o que tem a dizer.

Dessa forma, não se trata de banir as gramáticas da sala de aula, mas sim, tomá-las como fonte de reflexões sobre questões epilinguísticas.

9.4.23 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes

BENZEDURA CONTRA BICHEIRA

Santa Ana pariu Maria; Maria pariu Jesus.

Assim como estas palavras são verdadeiras e certas, há de assim cair os bichos desta bicheira. De dez ficam nove; de nove ficam oito; de oito ficam sete, de sete ficam seis, de seis ficam cinco, de cinco ficam quatro, de quatro ficam três, de três ficam dois, de dois fica um e de um fica zero.

Padre Nosso e Ave Maria.

Reza-se de manhã em jejum.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p. 7.

9.4.24 Trecho do livro “Bruxas e Benzeduras”, de Franklin Cascaes

BENZEDURA CONTRA O PESADELO

Pai nosso João Canteiro,

Bem me disse o São Mateus

Que eu andasse onde quisesse,

E que medo não tivesse

Nem da sombra, nem da lomba

Nem daquela mais pesada

Que tem as palmas das mãos furadas

E as unhas encravadas.

CASCAES, Franklin. **Bruxas e Benzeduras: Folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: s.n. , 1968, p. 8.

9.4.25 Texto “Como criar um super-herói”, de Augusto Vilaça

COMO CRIAR UM SUPER-HERÓI⁴

Augusto Vilaça

Uma coisa é comum às ideias malucas, elas surgem em qualquer lugar, a qualquer hora, e a qualquer momento. Aqui do outro lado do planeta a coisa não ia ser diferente... Eu estava reunido com uns amigos quando, sem mais nem menos, ou melhor, com mais (bebida) e menos (coisas importantes para pensar), um deles teve a “brilhante” ideia de me transformar em um Super-Herói.

Depois de muitas risadas, vi que eles, não sei se por estarem envolvidos pelo espírito étlico ou por se sentirem órfãos de um paladino da justiça imbuído em livrar o mundo das iniquidades, pareciam levar a coisa a sério e, como não havia outra alternativa, decidi entrar no clima.

Minha avó já dizia que três coisas não devemos rejeitar: um conselho sábio (o problema é saber quando é sábio e quando não é), um prato de comida, e o convite para ser padrinho de batismo de alguém, o que na minha terra é visto como maldição, pois quem é rejeitado no batismo, certamente vira lobisomem. Contudo, como estou muito longe da minha avó e considerando a diferença de fuso horário, fiquei com receio de acordar no meio da madrugada só para tirar a dúvida, e acrescentei à lista, por conta própria, mais um item: “não devemos recusar um apelo para nos tornarmos um Super-Herói”. Assunto resolvido, eu só tinha uma exigência a fazer: nunca, em hipótese alguma, eu usaria a cueca por cima das calças!

Uma vez que o surgimento do mais novo defensor dos fracos e oprimidos era iminente, percebemos que a coisa não era tão simples quanto parecia e tivemos que levar em consideração alguns pontos imprescindíveis ao surgimento de qualquer herói,, conforme vemos a seguir:

⁴ Texto tirado da página <http://www.almacarioca.net/como-criar-um-super-heri-augusto-vilaa/> Acesso em 19/09/2011.



1 – Uniforme: um Super-Herói não é nada sem uma roupa que o identifique. Tem que ser bem colorida e colada ao corpo, de maneira a facilitar os movimentos e deixar os músculos evidentes (o que me preocupou um pouco e me fez entrar em dieta e voltar a fazer exercícios), ah, e tem que ter uma capa, que eu ainda não entendi a utilidade, mas... como foi decidido pela maioria dos votos... Também foi posto em votação se eu deveria usar a cueca por cima das calças, entretanto, embora eu tivesse sido o único voto em contrário, bati o pé e eles se apiedaram de mim, poupando-me de tamanha humilhação. Ainda não foi decidido se eu terei que usar máscara... espero que não, andei vendo umas fotos do Robin e do Fantasma e penso que o adereço comprometeu um pouco a masculinidade deles...

2 – O Surgimento: concluímos que os Super-Heróis surgem, basicamente, de três maneiras – a) depois de sofrerem um grande trauma, como aconteceu com o Batman ao ver os pais sendo mortos; b) já nascendo com poderes, igual ao Super Homem e aos X-Men; ou ainda c) através de reações químicas, tal e qual o Homem Aranha, o Super Pateta e os Ursinhos Gummy. Como ficamos um tanto indecisos, concordamos que, no meu caso, teríamos a mistura dos três: o grande trauma por eu ter visto meu time do coração ser rebaixado para a quarta divisão, aliado às reações químicas em meu organismo após sobreviver à dengue por 4 vezes, somado ao meu dom inato de mexer as orelhas para cima e para baixo.

3 – O Nome: a bem da verdade, esse foi o primeiro ponto definido pelo mentor intelectual da cena toda. A denominação seria: “Capitão Vilaça”. Eu achei pouco criativo e muito clichê, e tentei demovê-los da ideia, até porque já temos vários heróis “Capitães” como: Capitão América, Capitão Caverna, Capitão Marvel, Capitão Guapo, Capitão 7, Capitão Planeta, além de outros menos conhecidos como o Capitão Furacão, o Capitão Asa e o Capitão Cueca, e um relativamente recente que é o Capitão Nascimento. Outra vez, fui voto vencido... maldita democracia!

4 – Deslocamentos: no universo dos heróis, há os que voam, os que conseguem se teletransportar e ainda os que têm supervelocidade, mas, como não me encaixo em nenhum desses e o nosso orçamento está bastante limitado, impossibilitando-nos de comprar algo legal como um Batmóvel da vida, terei que ir me virando com uma bicicleta mesmo. Então, se você que está lendo esta crônica precisar de alguma ajuda, favor solicitar com uma antecedência mínima de 45 minutos. Mais pra frente, quando começarem a aparecer os patrocínios, será providenciado algo mais eficiente e menos cansativo. Por ora, estamos aceitando doações, caronas, vales transportes, milhas aéreas e tíquetes-alimentação.

5 – Ponto Fraco: todo Super-Herói que se preza tem uma fraqueza. Para o Super Homem é a *kriptonita*, o Batman, ironicamente, tem medo de morcegos e o Lanterna Verde teme a cor amarela. Espero que meus arqui-inimigos não leiam este texto, mas eu morro de medo de injeção e detesto pepino, só o cheiro me dá ânsia de vômito. Vou logo avisando que, se eu tiver que enfrentar algum vilão chamado Seringa (talvez parente do Coringa) ou um Super Picles qualquer, eu tô fora!

6 – Frase de Efeito: é uma espécie de grito de guerra para dar coragem e determinação nas batalhas contra as forças do mal. Alguns exemplos: “Lá vai a triônica, Formiga Atômica!”, “Para o Alto e Avante!”, “Sigam-me os bons!”, “Pelos poderes de Grayskull!” ou ainda “Thunder! Thunder! Thunder! Thundercats!”. Se algum de vocês tiver boas ideias, estamos aceitando sugestões. Obs.: favor mandar anexada uma autorização para uso texto, como vocês sabem, herói é um tipo de trabalho sem fins lucrativos e não temos dinheiro para pagar direitos autorais

7 – Habilidades: há três qualidades de Super-Heróis – os que têm super-poderes, os que possuem treinamentos especiais e os que utilizam equipamentos de apoio. No primeiro grupo estão o Aquaman, e o Flash, por exemplo; no segundo, temos o Demolidor; no terceiro, estão o Batman e o Justiceiro. Voltando ao nosso caso, o problema é que eu não faço parte de nenhum desses grupos, pois acharam que mexer as orelhas para cima e para baixo não era exatamente um super-poder (se bem que nenhum deles conseguiu...), o treinamento iria demorar muito (eu estou um tanto fora de forma, admito) e também, por conta do baixíssimo orçamento, os únicos equipamentos especiais que dispúnhamos eram uma pochete, um estilingue e uns óculos de natação.

Mas a coisa não parava por aí... criar um Super-Herói não é fácil, são muitos aspectos a serem levados em consideração e, como a cerveja já estava esquentando, sugeri que deixássemos a ideia um pouco de lado, o que foi aceito por todos. Pronto, agora é só esperar e torcer para que eles se esqueçam dessa maluquice quando o álcool passar, afinal, com trinta e poucos anos na cara, vou me sentir profundamente envergonhado andando por aí com uma roupa coladinha, ridícula e espalhafatosa, e ainda usando a cueca

por cima das calças, achando que posso salvar o mundo... É mesmo muito constrangedor... Pôxa vida, nunca pensei que iria sentir pena do Super Homem.

Do Timor, com carinho,

Gus

Dili, 05/04/10

Augusto Vilaça tem 34 anos e é brasileiro de nascimento, pernambucano de registro, sertanejo de coração, policial por vocação, honesto por convicção, cozinheiro por enxerimento e escritor por falta do que fazer. Querem mais?

Todas as segundas com uma novidade no Blog As Crônicas do Gus: <http://cronicasdogus.com>

9.4.2 Perfil dos Heróis

MULHER-MARAVILHA



Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

A **Mulher-Maravilha** é uma super-heroína de histórias em quadrinhos e desenhos animados da DC Comics. Ela é a princesa de Themyscira (às vezes chamada de Ilha Paraíso), filha da rainha das amazonas, Hipólita. Sua mãe a criou a partir de uma imagem de barro, à qual cinco deusas do Olimpo deram vida e presentearam com superpoderes. Já adulta, foi enviada para o "mundo dos homens" para espalhar uma missão de paz, bem como lutar contra o deus da guerra, Ares. Tornou-se integrante da Liga da Justiça, assim como Superman e Batman. Ela foi a primeira heroína a ser criada, em 1941, pela DC Comics. Estreou em All Star Comics #8 (Dez. 1941).

Poderes e habilidades

Os poderes da Mulher-Maravilha são enormes: força física sobre-humana (capaz de ser quase comparada com a de superman, grande velocidade e agilidade e grande resistência física. A resistência dela, no entanto, é confusa, dado que pode suportar rajadas de seres poderosos, mas não resiste à balas, flechadas e tiros, e usa seus braceletes para desviá-los. É dito que tem a força de Hércules, a sabedoria de Atena, a beleza de Afrodite e a velocidade de Hermes. No Pré-Crise, ela tinha o dom de planar sozinha, substituído pela capacidade de voar (atribuída em versões atuais). Também no Pré-Crise, ela possuía telepatia. Ela também é treinada em todas as habilidades de luta armada e desarmada da antiga Grécia. Ela fala as línguas themysciriana, grego moderno e antigo, inglês, português, castelhano, francês, chinês, russo e hindi.

Armas e equipamentos

A Mulher-Maravilha, além dos poderes, recebeu dos deuses presentes que ajudam a aumentar suas habilidades: dois braceletes indestrutíveis, que usa para desviar projéteis

e raios, uma tiara que pode ser usada como bumerangue e um laço mágico inquebrável que faz com que as pessoas tocadas digam a verdade. O laço também fez o deus Ares enxergar a loucura de seus atos, pois se destruísse todos os humanos, não teria mais adoradores. Em histórias posteriores, escritas por Joe Kelly (o arco "Paraíso Imperfeito", na revista em quadrinhos/banda desenhada da Liga da Justiça) foi explicado que este laço (às vezes apelidado de laço da verdade) é um símbolo da verdade em nosso mundo, cabendo à Mulher-Maravilha, portanto, o papel de guardiã da verdade. A Mulher-Maravilha possuía uma espécie de rádio receptor/emissor de ondas telepáticas, com os quais podia se comunicar com as Amazonas que estavam em Themiscyra.

Na versão original, a Mulher-Maravilha possuía um avião invisível feito do metal fictício Amazonium (pois ela não voava), causa de muitas piadas (na revista MAD, por exemplo) e que aos poucos foi sendo retirado das histórias. Mas seu uso destacado no seriado da TV dos anos 1970 e nos desenhos dos Super Amigos, fez com que ele fosse reutilizado algumas vezes nesse período. Com a versão da Mulher-Maravilha de George Perez, foi estabelecido que ela pode voar com seus próprios poderes; o avião foi descartado. Recentemente, o avião foi reintegrado à cronologia, sendo um dote da raça dos aliens lansiranianos.

Aparência

Basicamente, a Mulher-Maravilha é uma mulher caucasiana de cabelos pretos (os quais já foram curtos, longos, encaracolados e lisos), usando uma tiara dourada com uma estrela, um traje que combina bustiê vermelho com uma águia dourada como símbolo (sendo substituída por um duplo "W" nos anos 1980 até então), short azul com estrelas brancas e botas de cano longo vermelhas. Depois da guerra civil em que sua mãe foi deposta do trono das Amazonas, a Mulher-Maravilha deixou de usar a tiara.

BATMAN



Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

Batman é um super-herói, personagem de histórias em quadrinhos publicadas pela editora norte-americana DC Comics, cuja primeira aparição alguns acreditam ter sido em desenhos de Frank Foster em 1932, e que foi publicado posteriormente na revista Detective Comics #27, em Maio de 1939. Mais tarde, juntamente a Superman (também da DC Comics) e Homem-Aranha (da Marvel Comics), Batman seria um dos mais conhecidos super-heróis do mundo. Batman foi co-criado pelo desenhista Bob Kane e o escritor Bill Finger, embora apenas Kane receba oficialmente os créditos, apesar de seus esforços para dividir os méritos na criação do personagem. Fã da cultura vampiresca, especialmente das estórias ligadas ao personagem conhecido como Drácula, Kane imaginou um herói baseado no mesmo, com roupas negras, mas foi Finger que deu ao personagem o formato pelo qual ficaria consagrado. Apesar de oficialmente creditado a Bob Kane, os desenhos de Frank Foster II, artista ligado à indústria de publicações de Nova Iorque na década de 1930, foram considerados autênticos pela DC Comics.

Mundo fictício de super-heróis da editora DC Comics (conhecido como Universo DC), Batman tem como sua identidade secreta seu alter ego **Bruce Wayne**, empresário, playboy e filantropo bilionário. Segundo os quadrinhos, o fato de testemunhar o assassinato de seus pais quando criança teria levado um jovem Bruce Wayne a viajar pelo mundo, tentando compreender a mente criminosa. Treinou todo tipo de artes marciais e técnicas de combate (o trauma de ver seus pais mortos com tiros de revólver lhe deu aversão a armas de fogo), buscando a perfeição física e intelectual. Criou um uniforme baseado numa coisa que o amedrontava quando criança: morcegos. Ele queria que os bandidos compartilhassem do mesmo temor. E assim, passou a lutar contra o crime. Diferentemente de outros super-heróis, **Batman** não tem nenhum poder sobre-humano, usando apenas o intelecto, habilidades investigatórias, tecnologia, dinheiro e um físico bem-preparado em sua guerra contra o crime.

Personalidade

Como Superman, a personalidade de Bruce Wayne variou conforme o passar do tempo. As histórias mais novas preferem mostrá-lo como um playboy preguiçoso, sendo o Batman, com uma personalidade forte e sombria, a personalidade dominante, a "verdadeira" identidade do bilionário. Já as versões mais antigas apresentam um Bruce Wayne mais maduro e responsável, sendo Bruce a personalidade dominante. Wayne guarda seu segredo muito bem e, apenas poucas pessoas sabem que ele é o Batman (ou o Batman é ele, se preferir). Alguns vilões descobriram sua identidade ao longo dos anos, como Ra's Al Ghul, Hugo Strange, o Charada, Bane e Silêncio (Thomas Elliot, antigo amigo de infância de Bruce Wayne).

Habilidades e recursos

Batman é um humano normal que não possui quaisquer habilidades sobre-humanas, mas tem uma imensidão de perícias: é um atleta incomparável, habilidoso em todas as formas de combate corpo-a-corpo e com armas, o maior detetive do mundo, mestre em fugas, disfarces e explosivos, inventor, cientista, acrobacia, pilotagem, condução de carros. É um expert em furtividade, entrando e saindo de um local sem ser notado. Sabe exatamente como interrogar ou intimidar um suspeito. Aliado a isso tudo possui uma inteligência incrível, sendo capaz de criar armas e transportes incrivelmente avançados, além de estar sempre à frente de seus adversários conseguindo prever quase todas as situações.

Batman é considerado um dos mais fortes não-meta-humanos de toda face da terra, podendo derrotar seres muito mais poderosos que ele próprio com uma combinação de inteligência, raciocínio rápido e habilidades que desenvolveu através de árduo treinamento. Os roteiristas são quase unânimes em justificar esse perfeccionismo, genialidade nos atos, raciocínio e planejamento do personagem devido a sua extremada obstinação como vigilante, a qual, muitas vezes, chega a ser retratada como um desequilíbrio mental, igual ao que aflige seus inimigos do Asilo Arkham. Sendo até que foi a única pessoa sem poderes sobre-humanos a resistir ao Raio da Morte de Darkseid.

Armas

O cinto de utilidades contém ampla gama de dispositivos, tais como lasers, cápsulas de gás, e batrangs bem afiados, bombas de gás, e bat-corda que aguenta mais de 150 kg. Na Era de Prata dos Quadrinhos, ele parecia ter um dispositivo para cada tipo de situação.

Sua máscara assim como seu traje são à prova de balas, feitos de um material bem resistente chamado Kevlar, sua roupa e sua capa são feitas de Nomex, material resistente ao fogo. Batman ainda possui veículos dotados de equipamentos de última geração, como o batmóvel, batplano, batlança e o batwing. Aproveitando dos avanços tecnológicos de sua empresa, Waynetech (das Empresas Wayne), não é raro ver o Batman testando novos dispositivos. Na Bat-caverna, Batman pode ainda contar com um supercomputador e no novo desenho o Batman conta ainda com o batwave, que o liga com a Bat-caverna esteja onde estiver.

Fraquezas

Exatamente por ser um humano comum (uma característica rara em super-heróis), o Batman pode se ferir em combate, mas na maioria dos casos pode contar com seu fiel mordomo, Alfred, formado em medicina de guerra e que também o ajuda a resolver muitos dos casos em que Batman se envolve.

Devido ao seu trauma de infância, o Batman não tem o costume de se envolver emocionalmente com ninguém. Sua desconfiança em tudo e todos o afastou até mesmo dos grandes heróis com os quais já lutou lado a lado muitas vezes, como o Superman, e isso às vezes é usado pelos vilões como um modo de isolar o Cavaleiro das Trevas. Batman também tem uma espécie de bloqueio psicológico que o faz lembrar do crime que vitimou seus pais quando no Beco do Crime à noite.

HOMEM-ARANHA



Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Homem-Aranha (Spider-Man em inglês) é um personagem fictício da Marvel Comics. É um dos mais importantes e populares super-heróis das histórias em quadrinhos, séries

animadas, filmes, jogos e outras formas de mídia. Suas revistas estão entre as mais vendidas do gênero no mundo há décadas. É a identidade secreta de Peter Parker. Foi criado por um dos mais bem-sucedidos criadores modernos de histórias em quadrinhos, Stan Lee e por seu grande parceiro, Steve Ditko. Até muito antes da publicação de Homem-Aranha no meio da década de 60, os heróis seguiam um padrão mais ou menos uniforme de rigidez moral e retidão, tanto em suas vidas normais quanto quando travestidos em seus alter-egos. Além disso foi o primeiro herói a ganhar dinheiro com o uso de seus poderes: Peter Parker vende fotos do Homem-Aranha para o Clarim Diário. Seus motivos, porém, são altruístas: ele ajuda a tia viúva e idosa a pagar as contas, principalmente com os remédios. É, portanto, um dos super-heróis mais humanizados das histórias em quadrinhos, o que o levou a um sucesso estrondoso e a uma competição direta de popularidade com ícones do nível de Superman e Batman

História

Órfão quando pequeno, Peter Benjamin Parker foi morar junto com seus tios Benjamin e May Parker em Forest Hills, Queens, na cidade de Nova York. O menino cresceu e se tornou um adolescente tímido, mas extremamente inteligente. Era muito desajeitado com as garotas e não tinha muitos amigos. Durante uma demonstração de equipamentos que manipulavam radiação, Parker foi picado por uma aranha. Ela havia sido exposta à radioatividade do aparelho e por isso provocou mutações no organismo do jovem Peter. Na versão ultimate (ou Marvel Millenium, como é mais conhecida no Brasil) e no filme de 2002, Peter é picado por uma aranha geneticamente alterada.

Peter descobre sobre seus poderes quando quase é atropelado por um carro. Seu sentido de aranha o alerta do perigo e por puro reflexo ele salta e se fixa na parede de um prédio. Ainda assustado, ele escala esse prédio e amassa uma chaminé de aço como se fosse de papel. A cena em que um menino o vê escalando a parede ficou imortalizada em todas as HQ's que contaram a sua história, menos no cinema e na edição Ultimate Marvel.

Parker fica muito empolgado com seus novos poderes e, no início, pensa somente em como ganhar dinheiro com eles. Levado por esses pensamentos individualistas, não faz o mínimo esforço para impedir a fuga de um ladrão, que logo depois viria a matar seu tio Ben. Quando descobre que o assassino do tio é o bandido que poderia ter detido sem

dificuldades, se vê tomado por um sentimento de culpa que traz uma dura lição: "Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades". A partir de então, começa a utilizar seus poderes para combater o crime na cidade de Nova York. e faz sua própria identidade secreta e suas próprias roupas para o disfarce

Equipamentos

Graças à inteligência e engenhosidade de Peter Parker, o Homem-Aranha dispõe de bons equipamentos que o auxiliam na sua luta contra o crime:

- **Teia:** em contato com o ar e dependendo dos movimentos de pulso do Aranha, pode se condensar em uma linha fina e extremamente resistente (por um período não muito longo, de aproximadamente uma hora, para evitar que os bandidos ficassem presos nela para sempre), ou numa teia propriamente dita, ou, ainda, em alguns objetos específicos, tais como pára-quadras ou colchões (pouco usado). Peter criou essa teia a partir de uma fórmula química própria; todavia, a ideia não foi aproveitada nos filmes do Homem-Aranha, pois neles a teia é orgânica - resultado dos genes alterados de Peter (os cineastas acharam improvável que um nerd, em segredo, no seu quarto, conseguisse inventar tal produto). Tal inovação já foi incorporada aos quadrinhos, após a saga "A Queda", em que Peter luta, ao lado do Capitão América, contra uma antiga vilã: a Rainha dos Insetos.
- **Sinal-aranha:** pequeno farol no cinto do seu uniforme clássico, que emite uma luz com o símbolo do Aranha (um desenho circular de sua máscara), com o intuito de assustar os criminosos comuns (usado nas primeiras revistas do herói).
- **Cartuchos de teia:** servem como reservas de fluido de teia sintética.
- **Rastreador-aranha:** em formato de uma mini-aranha, é usado para seguir criminosos e objetos em movimento.
- **Máquina fotográfica automática:** normalmente presa a uma teia, dispara fotos automaticamente. Usada pelo Aranha para fotografar a si, quando ele vendia fotos para o Clarim Diário.

- **Aranhamóvel:** construído por intermédio de uma campanha publicitária que teria o Aranha como astro, foi pouco usado e acabou sendo destruído em lutas contra vilões.
- **Lentes transparentes:** servem para ocultar os olhos e os protegem contra clarões, por exemplo.
- **Uniforme:** feito de lycra e justo ao corpo, para conferir maior agilidade enquanto o herói gira para balançar por entre os prédios, tendo assim mais liberdade de movimentos. Nos primeiros uniformes, havia teias na região das axilas, sugerindo que o Homem-Aranha pudesse usá-las para planar nas correntes de ar. No início a aranha atrás era azul

Lançadores de teia

Trata-se de aparatos que disparam um 'fluido de teia' em alta pressão. Ninguém sabe do que é feito o tal fluido, porém sabem que é algo misturado com nylon. O fluido, em contato com o ar, se solidifica tornando-se um fio elástico e forte.

Do que é feito Quase todo o mecanismo do lançador de teia é feito de aço, sendo apenas o componente da turbina feito de teflon, ambarino e safira artificial. Os cartuchos são feitos de níquel, o fluido é pressurizado e tampado com uma tampa de bronze que é soldada no cartucho. A bateria é protegida por uma borracha especial.

Como funciona? O efeito da bomba das pequenas válvulas da turbina comprime o líquido do fluido e força-o a sair, sob pressão, através dos furos do tubo, solidificando-se ao contato com o ar. Uma vez saído do lançador, o fluido fica atraído eletrostaticamente e, assim, pode adquirir formas complexas. Os furos do tubo lançador têm três sets de aberturas ajustáveis, desconcertadas em torno da turbina e que permitem uma única linha de teia. A força de extensão da linha da teia é estimada em 120 libras por milímetro quadrado da seção transversal. A pressão de 300 libras por polegada quadrada em cada cartucho é suficiente para forçar a teia aos 60 pés de distâncias estimados.

HULK



Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

O **Incrível Hulk** é um dos personagens mais conhecidos das histórias em quadrinhos. Foi o super-herói da segunda série de histórias criada por Jack Kirby e Stan Lee, em 1962, dando continuidade à revolução dos quadrinhos iniciada com o Quarteto Fantástico. Seu nome verdadeiro é Dr. Robert Bruce Banner.

Origens do personagem

Na história original dos quadrinhos, o Hulk é o selvagem e poderoso alter-ego do Dr. Robert Bruce Banner, um cientista que foi atingido por raios gama enquanto salvava um adolescente durante o teste militar de uma bomba por ele desenvolvida. Este adolescente, Rick Jones, tornou-se companheiro de Banner, ajudando-o a manter o Hulk sob controle e mantê-lo longe dos ataques dos militares, que viam a criatura como uma ameaça.

Ao invés de perecer pela radiação, o cientista foi condenado a uma vida compartilhada com o seu lado mais obscuro, o também chamado golias verde. Originalmente, a cor do personagem era cinza, mas, por problemas na hora da impressão dos quadrinhos (a gráfica não conseguia acertar a tonalidade), ele apareceu num tom esverdeado, fazendo com que o Hulk passasse a ser o "Gigante Esmeralda" que conhecemos desde o início.

Outro fato interessante é que, nas primeiras histórias, a transformação de Banner em Hulk ocorria apenas à noite, como se isso fosse alguma maldição similar à dos lobisomens. Porém, em pouco tempo, Kirby e Lee chegaram a um acordo e o Hulk passou a surgir toda vez que o Dr. Banner ficava irado e despertava em si seu lado mais selvagem.

Em uma entrevista, Stan Lee disse que ambos criadores se inspiraram fortemente no clássico livro de Robert Louis Stevenson, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (em português, *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde* ou, também, *O Médico e o*

Monstro), no monstro Golem da mitologia judaica e no filme de James Whale, Frankenstein.

SUPERMAN



Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Superman (ocasionalmente traduzido como **Super-Homem**) é um personagem, cujas histórias em quadrinhos são publicadas pela editora estadunidense DC Comics, uma empresa subsidiária do grupo Time Warner. Superman, entretanto, já foi adaptado para diversos outros meios, como cinema, rádio, televisão, literatura e vídeo game. Superman é um super-herói criado pela dupla de autores de quadrinhos Joe Shuster e Jerry Siegel. Sua primeira aparição foi apresentada na revista Action Comics #1 em 1938, nos Estados Unidos.

O personagem nasceu no fictício planeta Krypton e foi chamado pelos seus pais de Kal-El (que significaria Filho das Estrelas no idioma kryptoniano). Foi mandado à Terra por seu pai, Jor-El, um cientista, momentos antes do planeta explodir. O foguete aterrissou na Terra na cidade de Smallville (por alguns anos, foi traduzida no Brasil como Pequenópolis), onde o jovem Kal-El foi descoberto pelo casal de fazendeiros Jonathan e Martha Kent. Conforme foi crescendo, ele descobriu que tinha habilidades diferentes dos humanos. Quando não está atuando com o tradicional uniforme azul e vermelho, ele vive como Clark Kent, repórter do Planeta Diário (Estrela Diária em Portugal). Clark trabalha com Lois Lane, com quem hoje é casado. É um dos mais importantes personagens da cultura pop ocidental, sendo o primeiro herói dos quadrinhos a ter uma revista intitulada com seu nome: Superman #1, publicada no verão de 1939. Além disso, Superman foi licenciado e adaptado para diversas mídias, desde rádio até televisão e cinema. O filme Superman Returns foi lançado em 2006, com uma aceitação abaixo das expectativas.

A origem e poderes da personagem foram sendo expandidos e alterados gradativamente ao longo dos anos para acompanhar a evolução do público. A história do Superman foi alterada para permitir as aventuras do Superboy e outros sobreviventes de Krypton foram criados, como Supermoça e Krypto, o supercão. A personagem foi revisado e atualizado mais recentemente em 1986. John Byrne recriou a personagem, reduzindo os poderes do Superman e apagando diversas personagens da versão oficial das histórias, o que atraiu a atenção dos meios de comunicação. A cobertura da imprensa foi novamente recebida na década de 1990, com A Morte do Superman, uma história na qual a personagem era dada como morta.

A propriedade sobre a personagem foi objeto de disputa, com Siegel e Shuster reclamando o retorno de sua propriedade legal. Os direitos autorais são novamente objeto de disputa, com a mudança das leis de direitos autorais permitindo à esposa e à filha de Siegel reclamar uma parte dos direitos autorais, levando a uma disputa com a companhia Warner Bros.

Personalidade

Na história original de Siegel e Shuster, a personalidade de Superman é rude e agressivo. O personagem é visto combatendo gangsters, violência doméstica, com um código moral pouco ortodoxo. Escritores posteriores suavizaram a personagem, e introduziram um idealismo e um código de conduta moral. Mesmo não sendo tão sangue-frio quanto o Batman original, o Superman apresentado na década de 1930 não tinha consciência do dano que sua força podia causar, agredindo vilões de maneira que fatalidades presumivelmente ocorriam, mesmo que não fossem explicitamente mostradas nas páginas. Isso terminou em 1940, quando o novo editor Whitney Ellsworth instituiu um código de conduta para suas personagens seguirem, extinguindo qualquer assassinato causado pelo Superman.

Em Superman/Batman #3, Batman pensa, "Isto é uma interessante dicotomia. De diversas maneiras, Clark é o mais humano de nós todos. Então... ele lança fogos dos céus, e é difícil não pensar nele como um deus. E como nós somos afortunados que isso não ocorra a sua mente.

Poderes

A suposta origem dos poderes do Superman é o sol amarelo da Terra. Em Krypton o astro é vermelho, e essa diferença de frequência eletromagnética entre ambos os astros faria com que, de alguma forma, as células do corpo de Kal-El fossem "carregadas" como verdadeiras baterias vivas, enrijecendo seus músculos, permitindo que a diferença de gravidade faça-o voar e outros poderes (visão de raio-X, visão telescópica, visão de fogo, super sopro e sopro de gelo). Superman também possui uma força superior à de qualquer herói da DC Comics, podendo empurrar até planetas e tirá-los de órbita. Ele também tem invulnerabilidade a tudo, exceto kryptonita.

Muitos poderes do Superman foram deixados para trás após reformulações nas revistas (pós-Crise). A personagem era quase um deus. Na década de 1950, por exemplo, Superman possuía um poder de raio "arco-íris" psicodélico aos mesmos moldes de poderes telecinéticos. E no final da década de 1990 (após saga Noite Final), seus poderes foram alterados para habilidades elétricas e seu uniforme foi totalmente modificado para evitar o crime ou minimizá-lo.

9.4.27 História em quadrinhos “Mulher Maravilha e a última esperança”, criada por Willian Moulton Marston.

MARSTON, Willian Moulton. **Mulher Maravilha e a última esperança**. São Paulo: Editora Abril Jovem, 1992.







MELH LAGO!

AQUELA SOMBRA...

AONDE ELA VAI?

AONDE O QUE VAI?



Ei... PERAI!

O REFEM ESTÁ LIVRE! SEGUREM ESSE DOIDO!



ALI!

ESSA NÃO! ELA TÁ ME VENDO!



ESQUECE O LAÇO! ELE VAI SER DEVOLVIDO!



UM ESGOTO NÃO VAI ME DETER!



QUE ESCURIDÃO! COMO YOU... AHA! BARULHO!



DROGA! ELA TÁ BEM ATRAS!

SPISH SPOSH SPISH SPOSH







NÃO!



>ME DEIXE, POR FAVOR... EU LHE IM-PLORO!
>POR FAVOR!
>...E COMO FICOU ASSIM?<



> VOCÊ FALA THEMISCYRIANO! QUEM É VOCÊ...<

>...E COMO FICOU ASSIM?<



> TENHA PIEDADE, PRINCESA!<

> EU SÓ QUERO DAR FIM...<



>...AO SOFRIMENTO IMPOSTO POR SEUS DEUSES!<

> MEUS DEUSES?<



MELHOR DIZER ONDE ELA ESTÁ! SE A MULHER-MARAVILHA SE FERIR, VOCÊ VAI ESTAR MUITO ENCRENCADO!

VOCÊ ESTÁ FALANDO COMIGO?



NÃO VAI LER MEUS DIREITOS?

PÔ, SNEAKER! ELES VÃO ME PRENDER!



GRACAS A DEUS!

VOCÊ É MUITO DESCUIDADO, SABIA?



QUE...? ELE SUMIU!

TCHAU!

VAMBORA, BEN!



PARE OU ATIRO!

ATIRA NO QUÊ?

DROGA!



OOMP!

ENTREM LOGO NESSE BUEIRO!



> ESTOU TÃO VELHA... E NUNCA MERECI NADA DISTO! <

> EXPLIQUE, POR FAVOR! <



> EU SOU LAMIA DA ACÁCIA! FUI AMALDIÇOADA PELO OLIMPO! <

"> NA MINHA ÉPOCA, ERA TERRÍVEL SER NOTADA PELOS DEUSES! <"



"> .. E ELE ME VIU! EU NÃO TIVE ESCOLHA! <"

"> EU FUI BUSCAR ÁGUA PARA MINHA MÃE... <"



"> ME TORNEI UM BRINQUEDO! USADO... E DESCARTADO! <"



"> POUCO DEPOIS, DEI À LUZ DUAS GÊMEAS! <"

"> UMA DEUSA DESCOBRIU E MATOU AS POBREZINHAS... <"



"> ... TRANSFORMANDO-ME NESTE HORROR! <"



"> PARA COMPLETAR A MALDIÇÃO, ELA ME DEU VIDA ETERNA PARA SOFRER A CRUELDADE DOS OUTROS! <"







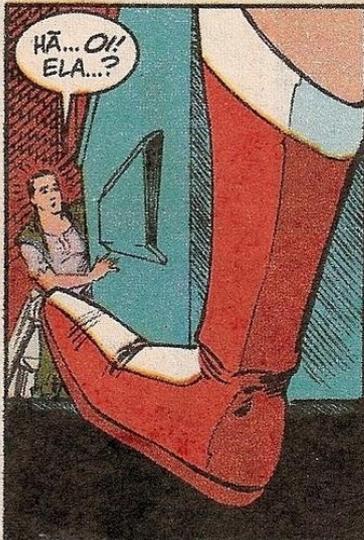
7EU LHE AGRADEÇO POR TER OUVIDO MEUS PROBLEMAS, PRINCESA!<

7EM TROCA, EU LHE OFEREÇO UM CONSELHO!<



7TOME CUIDADO COM OS SEUS DEUSES, POIS ELES SÃO CAPRICHOSOS E POSSUÍDOS POR EMOÇÕES BARATAS!<

7ADEUS!<



HÃ... OH! ELA...?<



ELA CONTINUA VIVA!<

POR QUE ATERRORIZOU UM INOCENTE PRA FALAR COMIGO?<

O JOEY É MEU PRIMO! EU PRECISAVA CHAMAR SUA ATENÇÃO!<



VOCÊ DEVEIA SE ENTREGAR ÀS AUTORIDADES!<

É... DEVEIA!<



POR FAVOR, TOME CONTA DELAS, SIM?<



AS DUAS PRECISAM DE VOCÊ!<

EU LHE DESEJO PAZ!<



É... UM POUCO DE PAZ SERIA ÓTIMO!<

9.5 ANEXOS DA SEÇÃO RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

9.5.1 Trechos do livro “Encontros Noturnos”, de Sônia Maluf

MALUF, Sônia. Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

“Eles estavam embarcados lá pros lados da Barra, tentando cercar um cardume. Foi quando começaram a ouvir umas risadas e uns gritos de mulher. No princípio, acharam que não era nada, mas depois viram umas garças nas pedras e perceberam que o ruído vinha dali. Foram se aproximando e aí descobriram. Eram as bruxas que estavam lá, assustando os pescadores e buscando atrapalhar o trabalho deles.” (D. Ondina, local de moradia desconhecido)

1) “Antes tinha muita bruxa que andava por aí”. Depois que o sol baixava, elas viravam bruxas e se encontravam... Entravam dentro das casas onde tinha criança pequena, pela fechadura da porta, e atacavam as crianças, chupando o céu da boca. Depois iam embora e deixavam ali a criança embruxada.” (D. Neli, 47 anos, Lagoa)

2) “História sobre bruxa tem muitas. Os mais velhos é que sabem mais. A minha mãe contava muitas histórias que aconteciam no tempo dela. Ela dizia que a bruxa pode se transformar em mosca para entrar pela fechadura na casa. Por isso ela sempre deixava a chave assim torcida na fechadura, para não deixar a bruxa entrar. As histórias que eu sei foi ela que contou.” (D. Branca, 51 anos, Canto da Lagoa)

3) “Um pescador encontrava todos os dias pela manhã uma flor dentro da canoa. Desconfiado, uma noite se escondeu dentro da embarcação, debaixo do banco, num lugar que ninguém podia ver. Ele esperou até que chegaram umas mulheres que entraram na canoa e saíram a navegar. Uma delas dizia: ‘Catinga de sangue real’, e outra respondia: ‘Que nada, comadre, é tu que bebeste muito sangue.’ ‘Não sei, não, catinga de sangue real.’ Aí elas foram navegando até outro lugar. Não sei qual, mas vamos dizer assim, que se elas estavam no Canto, foram até a Barra. Lá, enquanto elas saíram da canoa e foram dar umas voltas, o pescador saiu e colheu uma flor, igual às que encontrava sempre na sua canoa, e escondeu-se novamente, sem as bruxas verem. No outro dia, ele

encontrou uma das mulheres que estavam na canoa, mostrou a flor e perguntou se ela conhecia. Ela disse que sim. Ele então disse: 'Claro, é uma flor lá da Barra onde tu estiveste ontem à noite.' Aí ela falou, surpresa: 'Então eras tu que estavas escondido na canoa nos espiando.' E ameaçou: 'Não fale nada sobre isso, nem que nos viu, senão a gente volta e te mata.'" (D. Branca, 51 anos, Canto)

4) "O meu sobrinho, filho da minha irmã, também (foi embruxado). Ele foi ficando assim (mostra o dedo indicador dobrado)... Ele era assim e ficou pequeno assim. A minha irmã levou ele numa preta, a dona Evirges, lá no outro lado do Badejo, pras bandas do rio Tavares. Ela disse que era bruxa que tinha embruxado ele. Benzeu e disse para minha irmã que era para banhar nove vezes com ervas na água. Se ele passasse do quarto banho, ia viver. Mas ela ficou com medo de banhar ele, de tão fraquinho que estava. Chamou a dona Ritinha (benzedeira), que era mais corajuda. Ela veio, ferveu as ervas e botou junto com a água na gamela. Lavou e jogou a água do banho na água corrente pro mar, e disse as palavras que ela sabia bem, enquanto jogava a água fora. E repetiu o banho e mais um, até que ela deu o quarto e o menino viveu. A minha irmã ficou com medo de mais banho, porque ele estava muito fraquinho, mas a dona Ritinha falou: 'Se a comadre Evirges disse que se passasse do quarto banho ele ia viver, então ele vai viver. E depois, vamos deixar na mão de Deus e ter fé.' Aí ela deu os nove banhos." (D. Eudora, 54 anos, Canto da Lagoa)

"Aqui perto de onde você mora, ali em baixo na praia, é que dizem que tinha bruxa. O seu Manoel lá do Canto tinha uns ranchos onde ele guardava a canoa dele ali na praia. Uma vez ele começou a notar que a canoa sempre amanhecia suja, com resto de areia e água no fundo. Aí ele pensou: 'Tem alguém usando essa canoa durante a noite.' Ele resolveu descobrir quem era e um dia ficou escondido atrás do rancho depois que anoiteceu. Aí, ele viu três mulheres chegando. Elas entraram no rancho, tiraram toda a roupa e ficaram assim só no couro, pegaram a canoa e foram lagoa adentro. No meio da madrugada, antes do sol nascer, elas voltaram, devolveram a canoa, se vestiram de novo e foram embora. Como o homem estava ali escondido e descobriu quem eram aquelas três mulheres, elas perderam o encanto e deixaram de virar bruxas." (Dilson, 27 anos, Canto da Lagoa)

“A — É esta aqui (aponta para a menina sentada atrás da avó); esteve assim. Ela chorava, ficava assim com os braços e as pernas durinhas, atirava a cabeça para trás e chorava, gritava. Eu levei no médico e todos diziam que ela não tinha nada. Nenhum remédio dos médicos adiantava. Pior, quanto mais remédio ela tomava, pior ficava. Aí eu levei ela numa benzedeira, uma lá da Agrônômica. Ela olhou e disse: ‘Sim, agora que ela já está morta tu me trazes aqui? Isso é embruxamento.’ Quando é bruxa, se deixa passar nove sextas-feiras; não tem mais jeito. Aí ela ben-

zeu e disse que não era para eu me assustar. Depois que ela acabou a reza, a menina ficou assim, que nem mortinha, os braços gelados e as pernas moles. Mas logo acordou e parou de chorar. Ela repetiu a benzedura nove vezes. Segunda, quarta e sexta, depois segunda, quarta e sexta de novo, até completar nove. Depois disso, não deu mais nada, ela ficou boa de novo.

— E a bruxa, quem era?

A — Era bruxa viva, ela me disse que era bruxa viva. E eu sei quem era, eu sei muito bem.

— Algum parente?

A — Não.

— Vizinha?

A — É. Uma vizinha que eu uma vez disse umas coisas que ela não gostou. Até hoje eu passo por ela, fico olhando assim, mas não falo nada.

— E como é que você sabe que foi ela?

A — Porque a benzedeira falou. Ela não disse o nome, mas disse que era bruxa viva, vizinha. Com isso, eu já sabia quem era.”

“Eu vinha na canoa pela lagoa, costeando a margem. Aí ouvi assim como uns assovios e umas risadas. Olhei pro lado de onde vinham e vi, num galho daquela figueira grande que tem bem na beira, debruçadas assim sobre a água, as bruxas sentadas. Elas eram três ou quatro, balançando as perninhas e dando risadas.”
(D. Rita, 81 anos, Costa da Lagoa)

“Quando o Luís vinha subindo a ladeira, ali onde mora a Moema, sabes? Ele viu uma coisa branca se mexendo em cima duma árvore, parecia um fantasma. Era uma bruxa que estava ali para assustar os passantes. Depois, viu ela outra vez na estrada. Quando chegou em casa, a mãe abriu a porta com a pomboca (instrumento de iluminação a óleo) na mão, e ele caiu no chão. Dizem que quem vê bruxa não pode ver luz depois que passa mal.” (José, 38 anos, Canto da Lagoa)

“Se a senhora quer saber histórias de bruxa, é melhor falar com a mãe e com a vó, elas sabem muitas histórias... Eu posso contar, mas acho melhor falar com elas, elas é que conhecem. Tem até o filho de uma tia minha, irmã da minha mãe, que dizem que foi embruxado, né. A bruxa vinha virada em borboleta e entrava na casa pra chupar o sangue das crianças.” (Nico, 26 anos, Canto da Lagoa)

“Eles eram muito crentes antes, né? Minha vó contava muitas dessas histórias. A mãe é que conta pra gente. Agora já se sabe que não era isso, né? As crianças ficavam doentes e eles achavam que era bruxa.” (Zeli, 24 anos, Canto da Lagoa)

“O filho da ... (irmã da informante) adoeceu, não queria mais comer, disseram que era bruxa... Foi agora, não faz nem um mês. Pergunta ali pra mãe que ela conta pra ti.” (A mesma informante, em uma festa de São João do Canto da Lagoa)

“Enquanto observava as esculturas de Franklin Cascaes sobre bruxas, na Feira do Artesanato realizada no Mercado Público de Florianópolis, um senhor de meia-idade se aproximou, fez um comentário sobre as bruxas e começou a contar uma história que aconteceu com ele quando ainda era criança. Sua família morava em São José do Erexim, no interior do estado, mas sua mãe tinha nascido no Canto da Lagoa. Um dia ele ficou muito doente e apareceram manchas roxas ao lado da boca. Logo as vizinhas avisaram à mãe que procurasse uma benzedeira porque certamente era uma bruxa que havia atacado a criança. A mãe e os irmãos viram uma borboleta grande preta voando no quarto, que tinha entrado por uma telha quebrada. Identificando-a como uma bruxa, tentaram em vão matá-la. Nas vizinhanças, outras crianças apresentavam os mesmos sintomas. A mãe então montou no cavalo e levou-o junto até uma benzedeira que morava afastado do lugar. A criança foi benzida, mas a benzedeira mandou voltar mais vezes porque, segundo ela, tratava-se de uma bruxa poderosa. E avisou que a primeira mulher que aparecesse na casa suja de sangue era a bruxa. E o informante continua sua história: ‘a mãe, ao voltar para casa, avisou as vizinhas. Logo chegou uma vizinha, uma fanha que morava ali perto, mostrando o dedo todo cheio de sangue, que ela tinha ferido quando cortava pão para o marido. As vizinhas se reuniram e descascaram o pau na bruxa. Até que ela começou a gritar dizendo que não sabia por que é que estava apanhando. Ela não sabia que era bruxa, mas disse que quando anoitecia tinha que voltar sempre correndo para casa, porque dava uma coisa assim dentro dela. Meia-noite ela tinha que estar deitada. Ela sempre sentia uma vontade muito forte de ir para casa e deitar na cama, mas não sabia por quê. Com a descoberta, ela não virou mais bruxa’.”

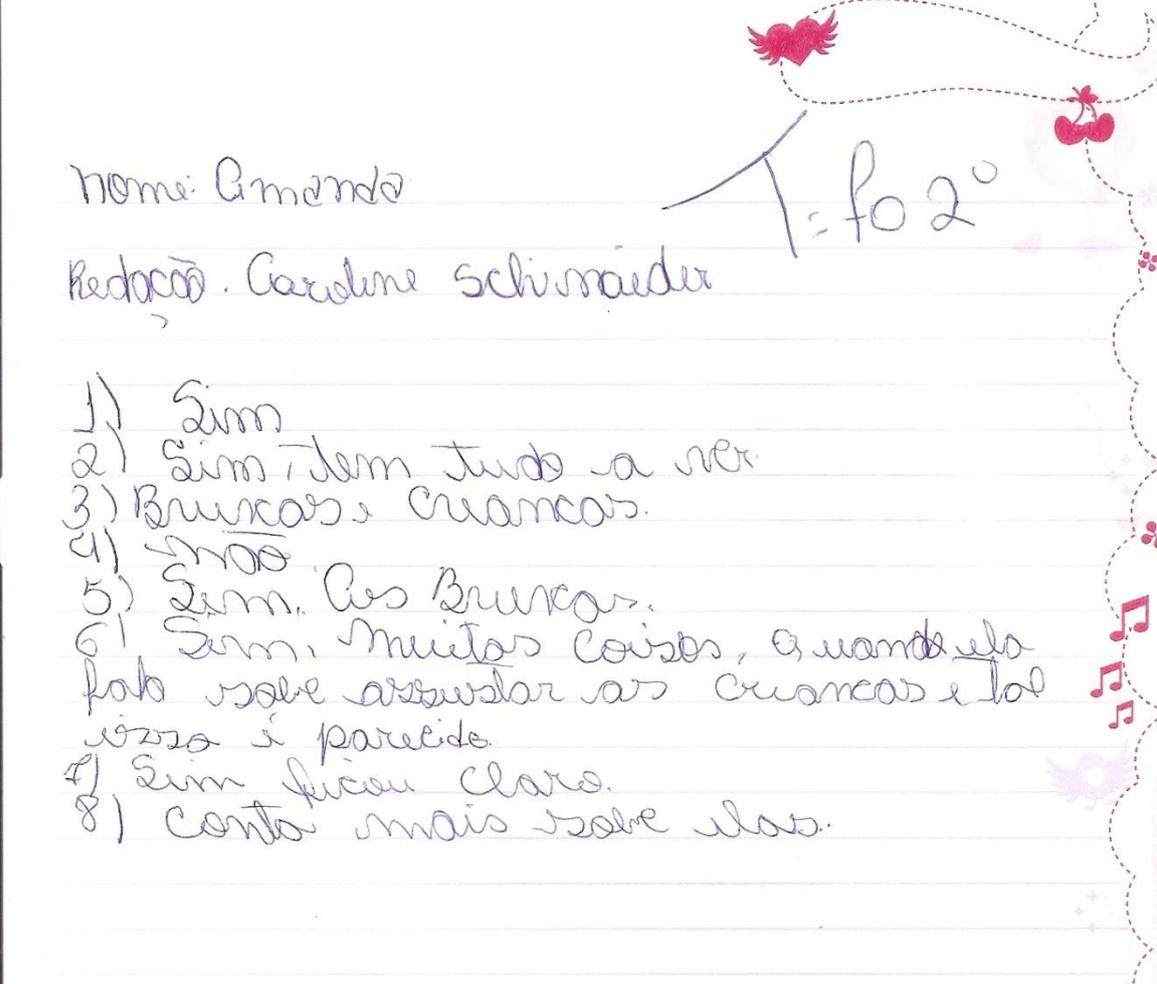
9.5.2 Atividade Extra de análise do texto do colega

Analisando o conto do colega

Agora que você acabou de escrever seu conto, leia o texto de um(a) colega que também terminou e o(a) ajude em sua história.

- 1) O conto apresenta título?
- 2) O título tem relação com a história contada, ou você acha que seria melhor mudar o título? Se achar que deveria ser alterado qual título ficaria melhor?
- 3) Você conseguiu identificar quem são os personagens da história? Quem são?
- 4) Aparece suspense e medo na história? Que artifícios o(a) autor(a) usa para que essas características apareçam?
- 5) O texto está dentro do tema solicitado ("bruxólico")? Qual é o tema principal da história?
- 6) Você achou o texto parecido com os outros textos lidos em sala? O que você achou de parecido?
- 7) Você entendeu o texto? Ele ficou claro para você? Ele possui começo, meio e fim?
- 8) Ajude o(a) seu(sua) colega: o que você acha que ele(a) poderia mudar para que o texto ficasse melhor?

9.5.3 Atividade Extra de análise do texto do colega feita pelos alunos da turma 72



nome: Amanda

Redação: Caroline Schimader

T = fo 2º

- 1) Sim
- 2) Sim, tem tudo a ver.
- 3) Bruxas e Creanças.
- 4) Sim
- 5) Sim, As Bruxas.
- 6) Sim, muitas coisas, quando ela foi sobre assustar as creanças e tal isso é parecido
- 7) Sim ficou claro.
- 8) Conto mais sobre elas.

1- As Bruxas do Pantano = Hadruzel
Tomires

2- mãe tem que mudar. Eu gostei do Histórico

3- Karina, Fabiana e Tainá

4- mãe, nenhum, medo

5- Sim, pouco

6- Sim obvio que celebrara por me Banar

7- Sim, Sim, Sim, Sim, Sim

8- mais morte mais sangue, mais tempo

9- Tomires com Poluena



Xomires Carla Poluena

72

Flavia Luy

1) Sim O Sopa Encantada

2) Tem sim presta legal

3) O príncipe e a Vada

4) não

5) Encantamento

6) achei parecido com a Bela e a Fera

7) Sim passou um final mais sem sentido

8)

9.5.4 Transcrição do texto a ser analisado

As Bruxas

tinha uma Bruxa que se chamava minerva. minerva era muito ruim se fazia de coitadinha para as crianças.

Numa noite estava passando um menino que se chamava Pedro. Pedro tinha 10 anos pedro estava saindo da casa de sua vó e o menino viu uma moça Bonita muito bem vestida e ela perguntou para pedro. Você está vindo de onde:

pedro respondeu estou vindo da casa da minha vó por que? por nada. Posso ir embora com você disse minerva.

pedro disse sim!

Mas de repente minerva ficou muito nervosa com a pergunta que pedro fez

E ela dá um susto em pedro pedro sai correndo e minerva diz.

Eu vou te pegar seu moleque. pedro tentou correr mas minerva chamou suas colegas e pegaram pedro.

quando chegou em casa minerva pegou pedro e disse que iria chupar o Sangue dele todo.

dito e feito minerva chupou o Sangue de pedro.

Mas pedro bem fraco conseguiu fugir.

Quando pedro estava saindo da casa de minerva encontrou um caçador de Bruxas e disse para pedro você está muito fraco muito magrinho.

Pedro diz foi a bruxa! pega ela. O caçador diz vou pegá-la entre no carro pedro saiu com o carro em velocidade e chegou em casa.

sua mãe falou foi uma Bruxa. a mãe de pedro fez um chá e pedro voltou ao normal.

9.5.5 Atividade extra de análise do texto transcrito de outro aluno

Bruxas Diferentes

Era uma vez uma mulher teve sete filhas e sabendo que a sétima filha podia ser bruxa, a mulher que não acreditava que não impedia-se a sétima filha a ser bruxa.

Então a menina foi crescendo e fazendo suas maldades em várias pessoas meninas e meninos pequenos.

Essa bruxa encontrou a Carlota outra bruxa que ao longo do tempo percebeu que Carlota era uma bruxa diferente das outras bruxas, porque quando ela perguntava se ela

queria ir fazer nó nos cabelos das meninas e chupar o sangue dos meninos ela não queria fazer nenhuma maldade.

Um certo dia a bruxa viu um menino tentando pegar uma maçã na macieira ela viu a Carlota com seus poderes de bruxa ajudando o menino.

Então a bruxa foi tirar satisfação com a Carlota então a Carlota falou que não gostava de fazer o mal gostava de ajudar as pessoas, então a bruxa com muita raiva pegou e lançou um feitiço na Carlota para ela sempre ficar triste então Carlota morreu de tristeza.

9.5.6 Fotos da aula 9 – Conversa com a benzedeira



9.5.7 Primeiras versões dos textos corrigidos

data 17.10.2011
S T Q Q S S D

A minha tia
"Luxia"

nome: Sabine Ferreira Machado Turma: 72^o

80
gab

Os bairros da ilha da magia, eram assim chamados pelos seus habitantes bairralizes, nem sempre eram assim mas a maioria dos seus habitantes tinham um nome.

Existiam com nome de magia feitos pelas crianças eram chamados de magia e a sua chupando todo seu sangue e a de acordo com o tempo chio de nome das coisas, bairralizes é o que eu sei, mas vou contar uma história que aconteceu.

Com um dia minha mãe me levou a trabalhar com a minha mãe. Quando vai trabalhar de C. Lina, minha tia, ela me levou a trabalhar com a minha mãe e ela me levou a trabalhar com a minha mãe.

Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe. Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe.

Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe. Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe.

Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe. Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe.

Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe. Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe.

Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe. Quando eu estava a trabalhar com a minha mãe, ela me levou a trabalhar com a minha mãe.

parágrafo

parágrafo

focinho

e logo

os

De fato

sempre vai ter aquele an meio macabro.

para

Uma distinção, moral da história: minha tia não era
 bruxa ~~ex~~ eu era ^{laica} viciada nela, ou ainda não, porque
 o fato que o foto da minha tia ter um qnto preto não
 quer dizer que ela seja bruxa. Tia, ~~me~~ isso não vai
 mudar o fato de eu achar que ela é uma bruxa pra
 mim ~~ex~~ ^{e ponto}.

Sabeme,

Seu texto está muito interessante e divertido, pois você
 cria uma expectativa para descobrir se, de fato, sua tia
 é uma bruxa e, no final, você desmonta completamente
 essa ideia, confundindo ter criado uma história "sem sentido".
 Seu texto está adequado ao gênero "conto" e ao tema
 "bruxário", contudo revise a estrutura do texto e elementos
 de coesão e coerência para a segunda versão.

Continue pesquisando! Boa sorte!

Gabrielle Loujeki Pedro

Tomara Carla Poluceno

Tomar: 72

8.1
gpp

AS BRUXAS de Pontona

Diziam a lenda que a muito tempo que havia três irmãs Karla, Fabricia e Taisa. Karla era muito má adora fazer maldades com as crianças e bichos que moravam na pontona. Fabricia era meio atrapalhada no que fazia mais Taisa não ela era muito boa queria fazer o bem usava seus encantos para ajudar a povo da pontona.

Um certo dia KARLA e FABRICIA em contraram uma garotinha perdida e a levaram para fazer uma magia contra a povo da pontona pois com era uma criança linda e pura seria mais fácil da magia do certo mais Taisa não goste de saber que havia uma criança presa em sua casa pois sabia de plano de suas irmãs e sabia também que se a magia não desse certo elas iam morrer pois Taisa que sempre a profecia de matar a povo pontonense pois se não a povo a matava então Taisa que foi não aguentava mais as maldades de suas irmãs ajudou a menina fugir e então a povo matou as maldades e Taisa viveu da feita que sempre

credeal Quisessem pessoas de bem.



Também,

Seu texto está adequado ao gênero "conto" e ao tema "Buzófico", mas precisa ser melhorado nas questões de coesão e ortografia. Suas ideias estão interessantes, mas precisam ser melhor combinadas para que o leitor consiga compreender melhor o que você está contando.

Continue procurando! Boa sorte!

Gabriella Luipki Pedro

9.5.8 Segunda versão dos textos – correção a lápis

OK! conversar
STQQSSD
25/11/2011

nome: Quatro de Silva

Contos de Bruxas

Em uma vez um menino chamado Luiz estava passando pela colada e ele estava brincando com os amigos dele Luiz via Virgínia e Rufina então ele estava saindo da casa do Luiz e uma menina estava pedindo Luiz então respondeu: Você está vindo de onde disse o Luiz: Como que você chama a Bruxa falou que se chama Victoria. Deu para ir embora com você não sei você; muita história você não é um feiticeiro disse o Luiz: Victoria falou não vamos tomar cuidado o Luiz amarela e a Bruxa e Victoria disse que ajuda sim e a Bruxa estava levando a luz para o montinho Luiz respondeu onde está milavolta a Bruxa tão rápida falou estava levando no Hospital, Luiz chegou o que é isso em Virgínia deu menino Terence Vou chegar e teu sangue Ah... Luiz gritou muito Luiz tinha um pouco de força a Bruxa pegou e vai dormir e Luiz teve muita vontade Luiz tentou 1º e 2º e 3º vez e a 4º vez conseguiu fugir com um pouco de força a Bruxa acordou e viu o Luiz fora de casa que tinha colado a Victoria corre muito com suas pernas e Luiz em contra 2 homens ele não percebeu eles foram e que o menino disse perdidos: eu estou muito fraco podem me ajudar a Bruxa me pegou a Bruxa pegou um Brincado e um menino foi a festa e assim Luiz acabou / muita mais



foi para uma revista Contos de Branca.

Querido,

Le suas histórias, estão muito interessantes, contudo não preciso tomar cuidado com a estrutura do texto: parágrafos para as informações, com a mesma ideia, uso de termos para os diálogos entre os personagens, pontuação e letras maiúsculas em cada início de frase e nomes próprios.

Continue progredindo!

Galileo

Nome: Bruno Flores do Cunha

Turma: 72º

O Loberamen e O Pedro

Tente não utilizar este sinal quando não há diálogo. O parágrafo é representado apenas pelo espaço, não precisa do sinal.

Tudo começou quando um goblin que se chamava Pedro estava caminhando. ^{De repente,} lá de longe, ele vê um animal? ^{mesmo parágrafo}

A menina não sabia o que era ^{mas} estava com muito medo. ^{Novo parágrafo} As estradas estavam muito quietas, só tinha ^{barulho de} cães latindo e do vento que batia. ^{Pedro} Ele se escondeu numa casinha que tinha ali perto. ^o Quando ele saiu pelo buraco, viu que era um lobberamen chegando mais perto ^{de} onde eles estava.

X O lobberamen, ^{de fato} deixando com seu ^{de fato}, estava quase encontrando Pedro. ^{mas o menino} ~~ele~~ ^{com ele} se lembrou que tinha ^{tinha o goblin} uma coisa que ^{desparçava} ~~era~~ muito forte. ^{Pedro.} O que era, ^o não sei, ^{Novo parágrafo} mas sei que ^{desparçava} desparçava a cheiro e o lobberamen não encontrou ~~ele~~, ^o daí ^o dia estava quase o monchendo,

e o lobberamen foi embora e Pedro saiu correndo com o sustado. Quando chegou em casa, ~~perdeu~~ sua mãe ^{perguntou} X:

→ Não precisa pular linha. ^{linha.} você

— Onde vc estava, meu filho?

X Pedro respondeu:

— Eu estava ^{para coisa,} ^{mas} ~~na~~ ^{em} um a migra pediu para ~~me~~ ^{me} ~~deu~~ ^{meu} ~~meu~~ ^{na} sua casa.

→ Não precisa pular linha. PARÁGRAFO, letra maiúscula.

pedro não tinha coragem de contar para sua mãe.

Quando chegou no colégio, Pedro não aguentou ^{Parágrafo}

de nomear o amigo, fica mais fácil para o leitor entender o final. 29/10/14

teste
nas
crerem
nome
amigo
o amigo

e falar para seu amigo o que tenho a contido.
O amigo dele ficou com dúvida, ^{mas} a creditam
em Pedro ^{em} dele por que ele sabia que Pedro ^{minca} ~~mas~~ iria mentir.
Depois de Pedro contar ^{para} seu amigo, ele se sentiu
mais leve e não ^{mais} abustado. ^{Parágrafo novo} & Pedro continua
continuam como estava antes, mas Pedro não esqueceu o
laberamen.

Muito boa a história! Aproveite que alguns
colegas não terminaram e arrume estes detalhes
que coloquei em seu texto, Bruno.

Qualquer dúvida, é só chamar!

Cecília

NOME: CELTON TURMA: 72 25/10/11

Bancas Diferentes

Era uma vez, uma mulher que teve 7 filhas. Sabendo que a sétima filha podia ser bruxa, ela, que não acreditava em contos de fadas, não fez nada que impedisse a sétima filha de ser bruxa.

A menina foi crescendo e então recebeu o nome de Maria. Ela saiu fazendo suas maldades em várias pessoas, meninas e meninas pequenas.

A Maria foi para uma escola de de bruxas. Lá ela conheceu seu quarto, então viu Carlota, sua colega de quarto. Maria viu que Carlota era diferente das outras bruxas porque um dia, Maria perguntou se Carlota queria vir e fazer as mãos suadas das meninas e roubar o sangue das meninas. Carlota disse que não. Maria falou: "Você não sabe o que está perdendo!"

Num final de semana, quando as bruxas iam para casa, Maria começou a espionar Carlota quando estava indo para a casa de Carlota. Maria viu um menino tentando pegar uma maçã no pé de maçieira e, quando Maria foi para fazer uma maldade com o menino, a Carlota chegou e ajudou a menina a pegar a maçã.

Na segunda-feira ~~na~~ Maria fez perguntar
 para ^{a colega} Carlota o que era a quila e Carlota
 disse que não era bom fazer e mal. ^{que}
 Ela achava legal fazer e bem; ^{Novo parágrafo} ~~então~~
 Maria foi contar para o diretor Lu

Celton, realmente, a sua história está ficando muito legal!

Use o tempo da aula de sexta-feira para terminá-la.
 Aproveite as dicas que te dei nas anotações e já
 passe tudo a limpo.

Seu texto vai ficar bem bonito na exposição!

Cecília

9.5.9 Segunda versão dos textos – correção efetiva

Nome: Bruno Flores do Cunha

Turma: 22

28/08/11

O Lobisomem e o Pedro

→ mais espaço para o parágrafo.

Tudo começou quando um jovem que se chamava Pedro estava caminhando. De repente, lá de longe ele viu um animal. O menino não sabia o que era, mas ele estava com muito medo.

→ parágrafo
As estradas estavam muito quietas, só tinha o barulho de cães latindo e o vento que batia. Pedro se escondeu ~~na~~ numa casinha que tinha ali perto e, quando ele alçou pelo buraco, viu que era um lobisomem chegando mais perto de onde ele estava.

→ parágrafo
O lobisomem, com seu alfate, estava quase encontrando Pedro. Mas o menino se lembrou que tinha com ele ^{uma} ~~cara~~ ^{com} que tinha o cheiro muito forte. O que era, em sua opinião, mas sei que desapareceria o ~~depois do menino~~ e o lobisomem não encontrou Pedro.

O dia estava quase amanhecendo, o lobisomem foi embora e Pedro saiu correndo assustado. Quando chegou em casa, sua mãe perguntou:

— Onde você está, meu filho?

Pedro respondeu:

— Eu estava vindo para casa, mas um amigo pediu para eu ~~deitar~~ ^{dormir} na sua casa.

X Quando chegou na calçada, Pedro não aguentou e falou para seu amigo ^{Rafael} o que tinha acontecido.

O Rafael ficou com dúvida, mas acreditou ^{no amigo} ~~em~~ Pedro porque ele sabia que Pedro nunca iria mentir.

Depois de ~~Pedro~~ ^o contar ^o para o Rafael, se sentiu mais leve e não mais assustado.

credeal

parágrafo

A ~~Cláudia~~ (continuar como estava antes), mas Pedro não esqueceu o laboratório. 28/10/11

Bravo, muito bom!

Tenho certeza que seu texto ficará bem bonito na exposição.

Você precisará, apenas, ficar atento às minhas anotações.

Cecília

~~Bravo~~
28/10/11
4.10



Nome: Gustavo da Silva

7,7
gpp

Era uma vez um menino chamado Luiz ^{que} estava passando pela colada, brincando com os seus amigos.

Luiz era muito ^{em} brincadeira e não gostou de uma brincadeira que um dos seus amigos ^{fez} ^{por} ^{isso} que ele voltou para casa.

Nessa mesma noite, resolveu sair de casa e emborcar uma mesa que estava passando. Luiz achou essa mesa muito estranha, tinha um nariz muito comprido e olhos virados muito estranha. Luiz quis falar com ela e perguntou:

- Você está vindo de onde?

A Bruxa não respondeu a pergunta do menino e já foi falando:

- Como você se chama, menino? meu nome é Victoria.

A Bruxa não parava de perguntar e falar mais:

o - Podes ir embora com você?

- Não sei, você é muito estranha! Você não é uma feiticeira? disse o Luiz.

Victoria falou:

- Não sou uma feiticeira, por ^{ir} ^{junto} ^{com} ^{você}?

Luiz, assustado, saiu correndo, e foi ^{se} machucou a mão. Victoria quis ajudar e levou o Luiz para a montanha. Luiz perguntou:

- Onde você irá morar?

A Bruxa tão esperta falou:

- Estou te levando para o Hospital. ^(Parceiro) ^{Ve} ^{enquanto}, seu moleque.

A Bruxa depois falou: ^{Tringamei} seu moleque ^{Tringamei} ^{Tringamei}

Vou beber o seu sangue todo.

Luiz, tão ^{que} ^{de} ^{estava}, ^{saiu} ^{correndo} e encontrou ^{das} ^{duas} ^{nomes} na rua, ^{que} ^{estava} ^{uma} ^{moça} ^{que} ^{era} ^{uma} ^{peleadeira}:

nomes



- Eles perguntam quem fez isso com você? ^{quem} ~~foi a professora?~~
- Foi a Bruna. ^{ambos} ~~ela~~ ^{Respondeu} ~~ela~~
- levaram para uma ^{beneditina} ~~rua~~ ^{osm} ~~ela~~ ^{seguir} ~~ela~~ ^{seguir} ~~ela~~
- quis saber ^{se} ~~ela~~ ^{seguir} ~~ela~~ ^{seguir} ~~ela~~
- o número mais ^{for} ~~ela~~ ^{seguir} ~~ela~~ ^{seguir} ~~ela~~

Gustavo,

Seu texto está adiquando os gêneros "conto" e melhorou bastante no que está estrutura do texto. Preciso ver os aspectos de ortografia, estrutura formal, coesão e coerência e consistência para as suas próximas produções.

Vamos passar a limpo?

Gabriella



8,3
Cida

Descrevendo a Brunca.

nome: Amanda 1: fo 2°

→ mais espaço no parágrafo

Eu minha mãe me contou que a minha avó, Bruna, era bióloga. Seus interesses eram sempre biológicos, animais pequenos e explorava-os com cuidado.

Um dia, a minha avó foi com a minha mãe e a minha mãe levou a minha avó para conhecer a minha mãe. Sabina.

Minha mãe, muito preocupada com o estado de saúde da minha avó, contou para a minha mãe da Sabina, chamada Carminha, como se livrar da Brunca:

~~minha mãe contando para dona Carminha:~~ → de repente, se tirar essa parte, não fica tão repetitivo

- Carminha, a senhora tem que retirar todos os móveis da sala e a coisa a deve ~~se~~ repetir três vezes, bem alto, a nome da mulher que ^{você} acha que é a Brunca.

* Dona Carminha diz: → Parágrafo, travessão
"Mas como é a nome da Brunca?"

* minha mãe diz: → Parágrafo, travessão
"O nome da des-
graçada da Brunca."

→ não precisa de novo parágrafo
"Se esta mulher é mesmo a Brunca, vai aparecer e perguntar pra você, Carminha, se fingindo inocente:

"Oi, Carminha, você tem um jeito assim de olhar para me veruma?"

Amanda, muito bom!

Você conseguiu escrever um texto no gênero conto e no tema bucólico.

Vamos expor seu texto? Fique atenta às minhas anotações.

Sugiro, também, que você acrescente mais alguma informação ao final da sua história. Assim, ela ficará mais emocionante!

Cecília

9.5.10 Fotos dos alunos reescrevendo seus textos, ajudando a confeccionar o varal literário e expondo suas produções





9.5.11 Foto da turma 72



9.5.12 Primeira e segunda versões do mesmo aluno – evolução na análise
lingüística

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

78
+ 100

NOME: CELTON TURMA: 72 DATA: 19

Bruxas Diferentes

Era uma vez uma mulher teve 7 filhas e lemb-
da que a sétima filha podia ser bruxa, a mulher
que não acreditava que não impedi-se a sétima fi-
lha a ser bruxa.

Então a menina foi crescendo e fazendo suas
maledades em varias pessoas meninas e meninos pe-
quenos.

Essa bruxa encontrou a Carlota outra bruxa
que ao longo do tempo percebeu que
Carlota era uma bruxa diferente das outras
bruxas, porque quando ela perguntava se ela
queria ir fazer má nos cabelos das meninas
e sugar o sangue dos meninos ela não queria
fazer nenhuma maldade.

Um certo dia a bruxa viu um menino
tentando pegar uma maçã na macieira
ela viu a Carlota com seus poderes de
bruxa ajudando o menino.

Então a bruxa fez tira satisfação com a
Carlota então a Carlota falou que não
gostava de fazer o mal gostava de ajudar
as pessoas, então a bruxa com muita
raiva pegou e lançou um feitiço na Carlota
para ela sempre ficar triste então Carlota morreu
de tristeza.

FORONI

Colton,

Achei muito criativa a sua história!

Ela está dentro do gênero conto e dentro do tema brucolico.

Releia seu texto e perceba detalhes de ortografia e repetições. Quem sabe, se você nomear a bruxa má, fique mais fácil para o leitor identificá-la no fim do texto?

Tenho certeza de que a sua segunda versão ficará ótima!

Lecília

Nome: Carlota Turma: 720 9/4
Ala

Bruças diferentes

Era uma vez, uma mulher que teve 7 filhas. Sabendo que a sétima filha podia ser bruxa, ela, que não acreditava em coisa bruxalica, não fez nada para impedir que a sétima filha virasse bruxa.

A menina foi crescendo e recebeu o nome de Maria. Ela saiu já fazendo suas maldades em várias pessoas, meninas e meninos pequenos.

A Maria foi para uma escola de bruxa. Ao chegar o lugar em que iria morar, viu Carlota, sua colega de quarto. Um dia, Maria perguntou se a colega queria sair e fazer má nas escolas das meninas e ^{chupar o sangue das meninas.}

* ^{parágrafo anterior} Carlota disse que não. Maria viu que Carlota ^{parágrafo, transição} era diferente das outras bruxas e disse: ^{veja} "mas não é o que está perdendo!"

Num final de semana, quando as bruxas iam para casa, Maria começou a espiar Carlota. Um menino ^{estava} pegando uma maçã na peixeira e, quando Maria foi fazer uma maldade com ele, a Carlota chegou e ^o ajudou a pegar a maçã.

Na segunda-feira, Maria foi perguntar para a colega o que era aquilo e Carlota disse que não era bom fazer o mal. Ela achava legal fazer o bem.

Então, Maria foi contar ^o para o diretor, que era um bruxo bem malvado. O diretor ^{expulsou} ~~expulsou~~ Carlota da sua escola.

Colton, muito bom!

Você mostrou que entendeu bem o conteúdo das aulas e os novos recados.

Vamos expor o seu texto? Fique atento às minhas últimas anotações.

Cecília

9.5.13 Primeira e segunda versões do mesmo aluno – evolução no gênero conto

6,5
17/10/n.

Nome: Caroline Schimicker Suméi 7º

As Malvadas:

As malvadas são as bruxas que vive perturbando as crianças e os recém-nascidos, elas entram pela fechadura da porta e com um olhar muito intenso e maior desejo de aterrorizar com toda força e ter o maior prazer de sentir o sangue da criança com um gosto mais de vitória por ter sempre destruído a noite perturbando as crianças e os recém-nascidos.

As características das bruxas são os cabelos longos, as unhas enormes, nariz grandes e um enorme sino na parte do nariz e as suas roupas pretas com alguns detalhes como um chapéu enorme todo preto.

A Bruxa usa seu vassourão para ir até as casas para perturbar as crianças, ela usa a sua grande arma que é a sua crivada fina que chega dar um enorme medo nas pessoas mais velhas e nas crianças que acaba deixando apavoradas e com bastante medo.

As pessoas tem uma grande arma para manter as bruxas bem longe delas é o alho, só assim elas conseguem

PanAmericana

17/10/17

ficar longe das pessoas e não perturba mais.

Caro,
Amei seu texto! Ele está realmente muito bom. O tema burocrático está presente mas, você não nos contou uma história. E é isso que o conto faz!

Relia os contos que lemos em sala. Repare como os autores nos contam as histórias.

Você pode utilizar este seu texto para a introdução do conto que irá escrever na segunda versão. Tenho certeza^{de} que sairá uma ótima produção!

Ah! Não se esqueça dos detalhes como pontuações e concordâncias.

Qualquer dúvida, nos procure. Estamos aqui para te ajudar!

Cecília

80/100

18/10/11

A Brueda Bianca:

Diziam a lenda que havia uma bruxa chamada Bianca.

Bianca vivia perturbando os recém-nascidos e todas as crianças no meio da noite; ^{Uma vez,} mas a bruxa Bianca foi numa casa e viu um garotinho de 8 anos chamado de Mizaél.

Mizaél estava dormindo tranquilamente quando, de repente, ele ouviu uma risada muito estranha. Ele se acordou e foi ver o que era. Quando se levantou, deu de cara com a bruxa Bianca.

Bianca, ~~o~~ com o seu olhar revoltante, foi até a direção de Mizaél e falou:

- Garotinho, quero chupar o seu sangue, e deixar você magrinho, e com muito medo e totalmente acabado.

Mizaél ^{ela assustou mizaél com sua} falou ^{para} por causa do seu risada, ^{seus} das unhas enormes, ^{de} do nariz grande, ^{de} do cabelo comprido, ^{de} da sua roupa preta com detalhes em ouro, ^{de} da sua vassoura e, principalmente, ^{de} do seu maior desejo de ^{de} atacar, ^{de} de ^{provou} ~~provava~~ o ^{seu} meu sangue. ^{ela comemorou} Depois, comemorou com toda a garra, coragem e com vitória ^{para} de ^{ter} ~~me~~ deixar ^{de} com ^{o menino} medo e assustado.

28/10/11

Moda seguinte
Um certo dia a ~~mae~~ ^{mae} de Mizaél ~~foi~~ ^{foi} até a Barra da Lagoa atrás de uma benzedeira para poder ~~se~~ ^{ajudar} acabar com o medo e ~~se~~ ^{proteger} *meninos* da bruxa Bianca.

A benzedeira foi até a casa de Mizaél e chegou lá ~~ela~~ ^{usou} todas as ervas *para benzer* e benzeu o ^{menino} Mizaél e a casa toda. ~~com suas ervas e~~ ^{Além disso,} deu a ele um conselho: *parágrafo, travessão, letra maiúscula* Use uma arma que a bruxa Bianca *para* fique bem longe de você. Mizaél perguntou: *parágrafo, travessão, letra maiúscula* o que *Novo parágrafo* é a benzedeira? *parágrafo, travessão, letra maiúscula* ela falou: *Novo parágrafo* o alho. Mizaél disse: *parágrafo* eu não sabia que bruxa não goste de alho.

Mizaél agradeceu a benzedeira por tudo e ele voltou dormir tranquilamente e protegido.

Nome: Daroline Schinaider
Turma: 7^o

Card, muito bom!

Você conseguiu escrever um texto no gênero conto e no tema bruxólicas.

Fique atenta às minhas anotações em relação ao uso de parágrafo, travessão e letra maiúscula.

Tenho certeza ^{de} que seu texto ficará bem lindo na exposição!

Cecília

9.5.14 Foto aula 1 – discussão sobre o tema



9.5.15 Foto – estrutura da sala do Projeto Mais Educação

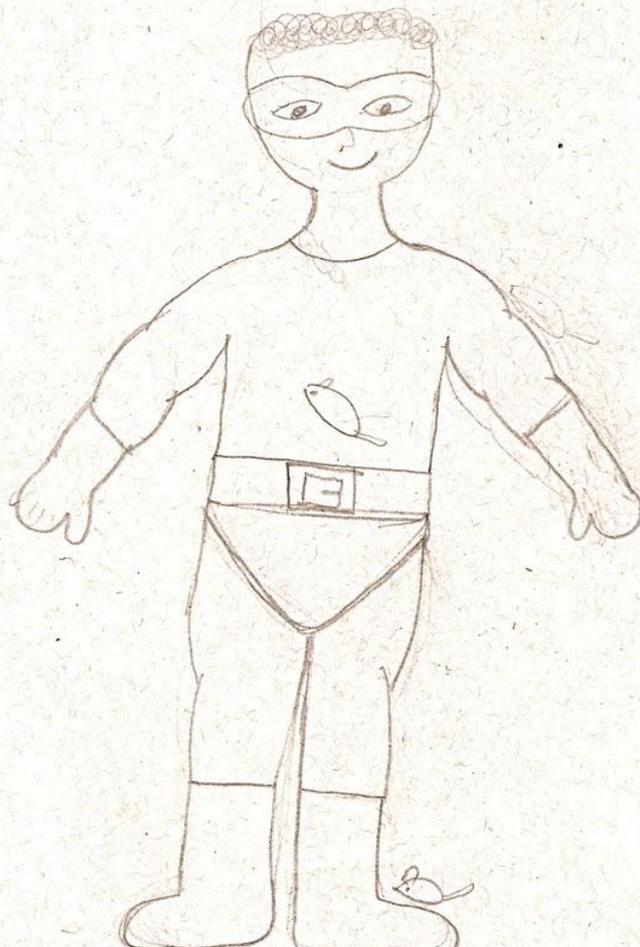


9.5.16 Desenhos dos alunos – criando um super-herói especificando seu nome e seus medos



Nome: Daiana Nicácio Nunes
mestre de rato

Super rato



medo de cobra

super cobra



Nome = Aquana



Super Maluco



sem medo de
Cobra

Leidiana Silva dos Santos
ele tem medo de barata



9.5.17 Perfis dos Heróis no blog do Projeto Mais Educação

Projeto Mais Educação Esc...
maiseducacaopeanchieta.blogspot.com/2011/10/batman-arte-promocional-para-batman-out.html

Quem sou eu segunda-feira, 31 de outubro de 2011 Seguidores


Projeto Mais Educação Escola Padre Anchieta
Visualizar meu perfil completo

Batman

Batman



Arte promocional para *Batman* #608 (Out. de 2002, segunda impressão)
Desenho por Jim Lee e pintura por Scott Williams

Dados da publicação

Arquivo do blog

- 2011 (8)
 - Novembro (3)
 - Outubro (5)
 - Superman
 - HULK
 - Homem-Aranha
 - Batman
 - Mulher-Maravilha

Projeto Mais Educaç... extraclasses

Projeto Mais Educação Esc...
maiseducacaopeanchieta.blogspot.com/2011/10/superman-arte-promocional-de-jim-lee.html

Compartilhar Denunciar abuso Próximo blog

Projeto Mais Educação Escola Padre Anchieta

Super-Heróis Conectados Games Vídeos **História em quadrinhos Mulher-Maravilha**

História em quadrinhos Surfista Prateado História em Quadrinhos dos alunos

Quem sou eu segunda-feira, 31 de outubro de 2011 Seguidores


Projeto Mais Educação Escola Padre Anchieta
Visualizar meu perfil completo

Superman

Superman



Participar deste site
Google Friend Connect

Ainda não há membros.
[Seja o primeiro!](#)

Já é um membro? [Fazer login](#)

Arquivo do blog

- 2011 (8)

...blogspot.com/p/historia-em-quadrinhos-mulher-maravilha.html

Projeto Mais Educaç... extraclasses

9.5.18 Games e Vídeos publicados no blog do Projeto Mais Educação

The screenshot shows a Blogger blog page for 'Projeto Mais Educação Escola Padre Anchieta'. The browser address bar shows the URL 'maiseducaoaopeanchieta.blogspot.com/p/games.html'. The page features a dark background with a rain effect. The main title is 'Projeto Mais Educação Escola Padre Anchieta'. Below the title is a navigation menu with categories: 'Super-Heróis Conectados', 'Games' (highlighted), 'Vídeos', 'História em quadrinhos Mulher-Maravilha', 'História em quadrinhos Surfista Prateado', and 'História em Quadrinhos dos alunos'. On the left, there is a 'Quem sou eu' section with a profile picture and the text 'Projeto Mais Educação Escola Padre Anchieta' and 'Visualizar meu perfil completo'. The main content area is titled 'Games' and contains the text: 'Está afim de muitas emoções? Jogue com seus amigos e ajude seu Super-Herói favorito em mais uma batalha!'. Below this text is a list of games: 'Jogo Homem Aranha', 'Jogo Batman', 'Jogo Hulk', and 'Jogo Super-Homem'. There are social media sharing icons (Email, Facebook, Twitter, etc.) and a 'Recomende isto no Google' button. On the right, there is a 'Seguidores' section with a 'Participar deste' button and a 'login' link. The bottom of the page shows a taskbar with the Windows logo and several open applications.

The screenshot shows a game page for 'Jogo Batman: The Cobblebot Caper'. The browser address bar shows the URL 'jogos360.uol.com.br/batman_the_cobblebot_caper.html'. The page features a large, colorful illustration of Batman in his blue and black suit, holding a yellow baton. The text 'THE COBBLEBOT CAPER' is written in large, bold, yellow letters across the center. Below the illustration are two buttons: 'START GAME' and 'INSTRUCTIONS'. At the bottom of the page, there is a small advertisement for 'SHAKIRA EAU FLORALE' with a picture of a woman and the text 'ou uma guitarra elétrica assinada por ela.' The taskbar at the bottom shows the Windows logo and several open applications.

9.5.19 Fotos aula 2 – alunos explorando o blog do Projeto Mais Educação



9.5.20 Fotos aula 2 – alunos lendo Histórias em Quadrinhos



9.5.21 Fotos aula 3 – Visita do Super-herói da vida real, o bombeiro



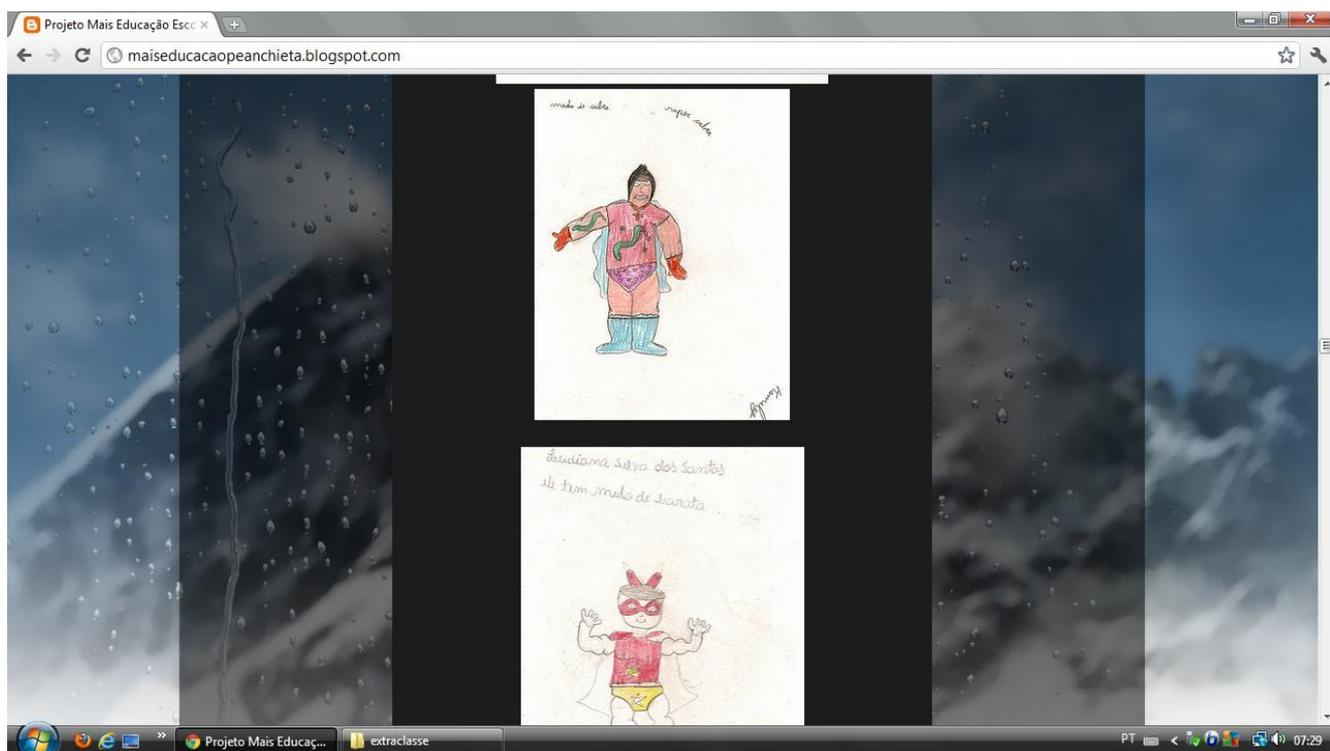
9.5.22 Foto da turma do Projeto Mais Educação



9.5.23 Primeiras versões das Histórias em Quadrinhos dos alunos



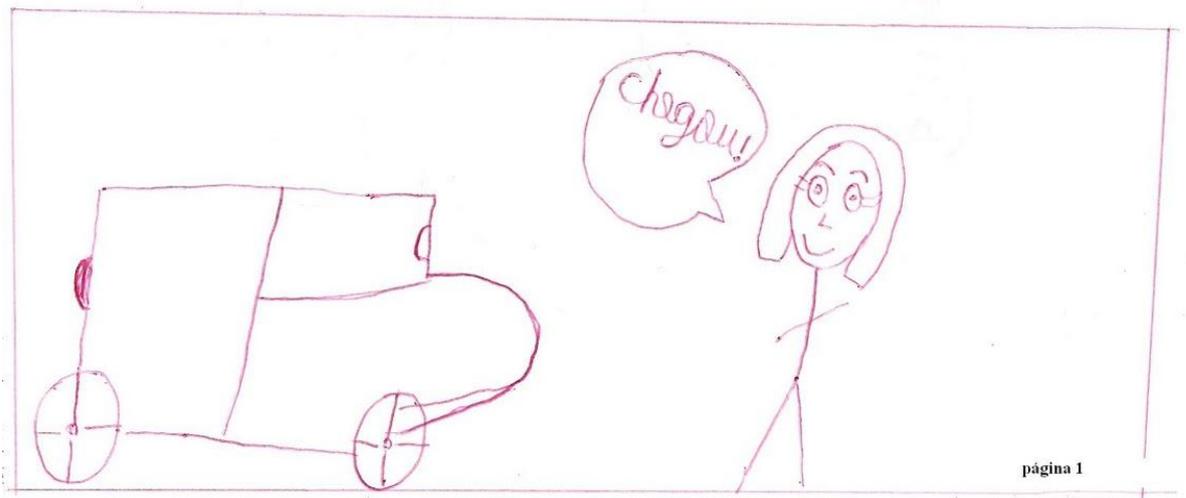
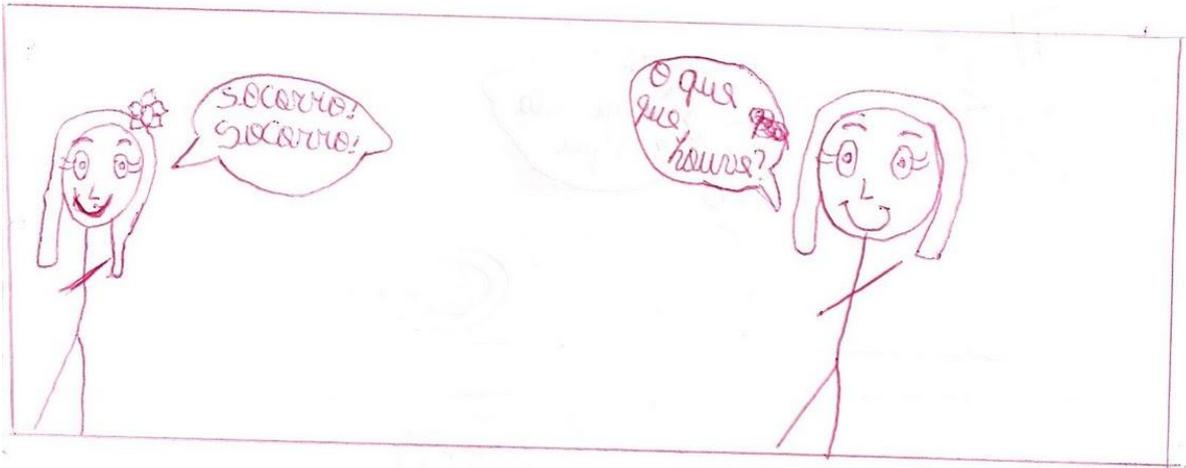
9.5.25 Desenhos dos alunos publicados no blog do Projeto Mais Educação

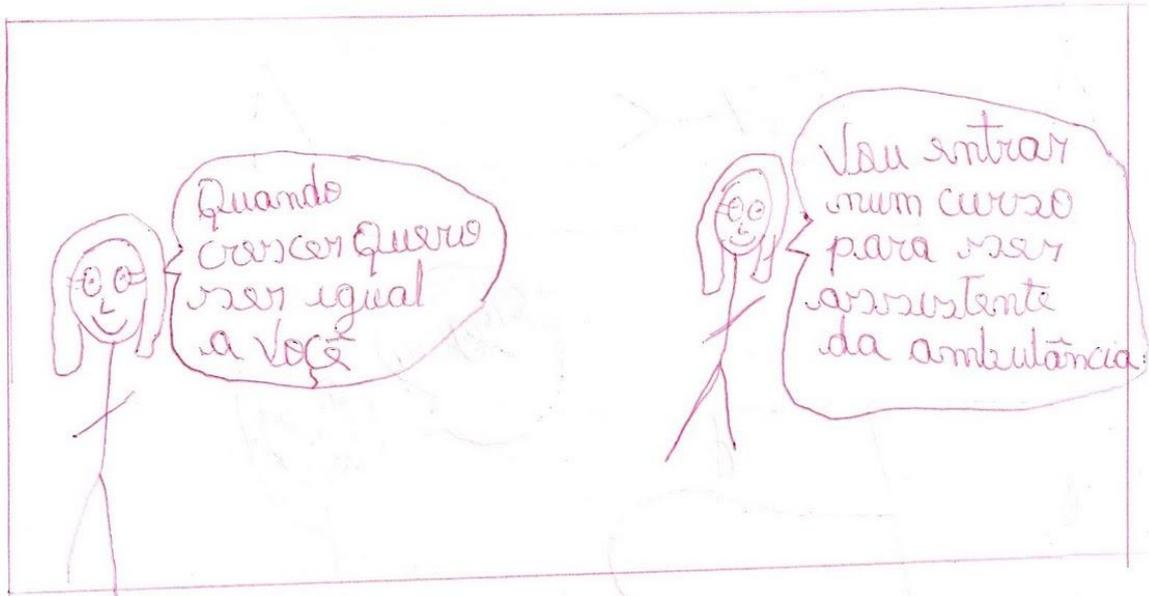


9.5.26 Segundas versões das Histórias em Quadrinhos dos alunos

A menina que vai usar Amuleto da Ambulância

Nome = Ariane, 12 anos, 6ª série







página 3

NUM BELO DIA A MENINA ESTAVA
 CANTANDO: NOSSA NOSSA A SIM VC
 MEMATA AI SEU TE PEGO AI AI
 SEU TE PEGO...

O homem Estrela
 em casa

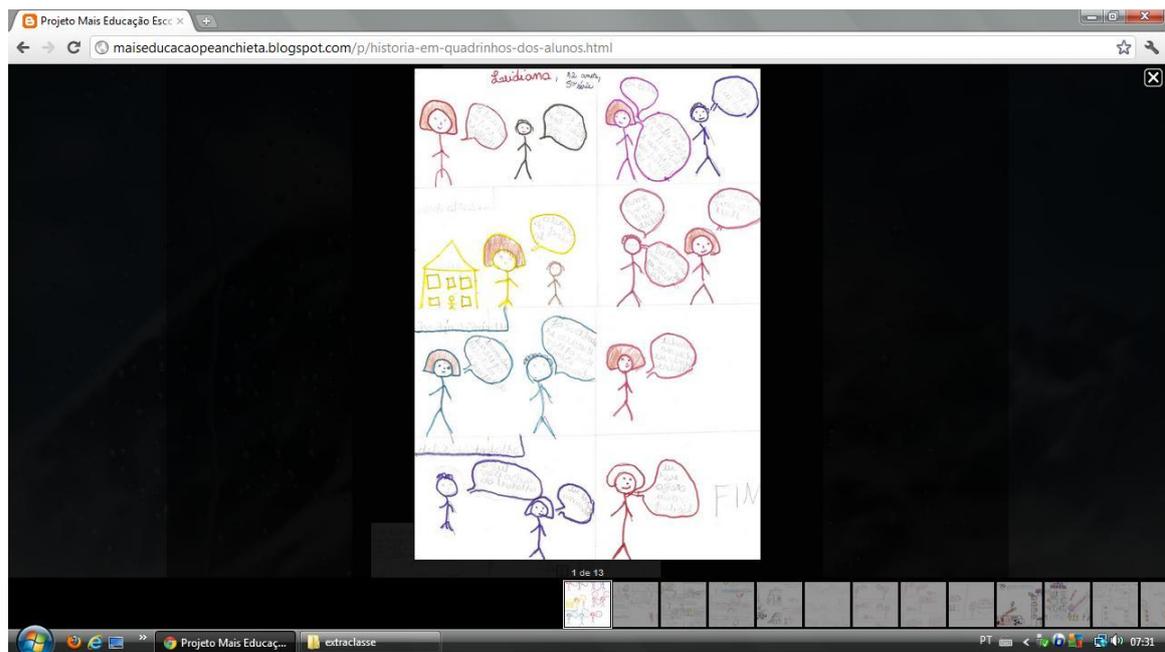
Emily, 10 anos, 5ª série



página 1



9.5.27 Histórias em quadrinhos dos alunos publicadas no blog do Projeto Mais Educação



9.5.28 Imagens escolhidas pelos alunos publicadas no blog do Projeto Mais Educação

The screenshot shows a Blogger blog post from the 'Projeto Mais Educação' blog. The browser address bar shows the URL: maiseducacaopeanchieta.blogspot.com/2011/12/as-tres-espias-demais.html. The post is dated 'quinta-feira, 8 de dezembro de 2011' and titled 'As Três Espiãs Demais'. The author is identified as 'Projeto Mais Educação Escola Padre Ancheta'. The text of the post describes a student named Larissa (12 years old) who published the post about the cartoon 'As Três Espiãs Demais' because she liked the heroines. It mentions that she would like to see the characters in a reading or activity intervention. The post also notes that the topic has not been discussed yet and that Larissa selected some images of the spies. It concludes by mentioning that there are two episodes divided into three videos and provides a link to watch them. Below the text is an image of the three main characters from the cartoon: a yellow one, a red one, and a green one. The right sidebar of the blog shows 'Seguidores' (Followers) with a 'Participar deste site' button and 'Arquivo do blog' (Blog Archive) with a list of posts from 2011: 9 posts in 2011, 1 post in December (the current post), 3 posts in November, and 5 posts in October.

Projeto Mais Educação Escola Padre Ancheta

Visualizar meu perfil completo

quinta-feira, 8 de dezembro de 2011

As Três Espiãs Demais

Larissa (12 anos), uma das alunas do Projeto Mais Educação, resolveu publicar este post sobre as Três Espiãs Demais por gostar muito das heroínas.

Ela gostaria que, na intervenção das estagiárias Cecília e Gabriella, os alunos tivessem um momento da leitura ou várias atividades sobre Clover, Alex e Sam.

Já que não abordamos este assunto, Larissa selecionou algumas imagens das espiãs.

Curta também um dos episódios que está dividido em três vídeos nos links abaixo.

Aproveite!



2.bp.blogspot.com/-eFLonyUdtyM/TuCI-TERRAI/AAAAAAAAAMw/CVVHex0Nw0s/s1600/larissa.jpg

Seguidores

Participar deste site

Google Friend Connect

Ainda não há membros.

[Seja o primeiro!](#)

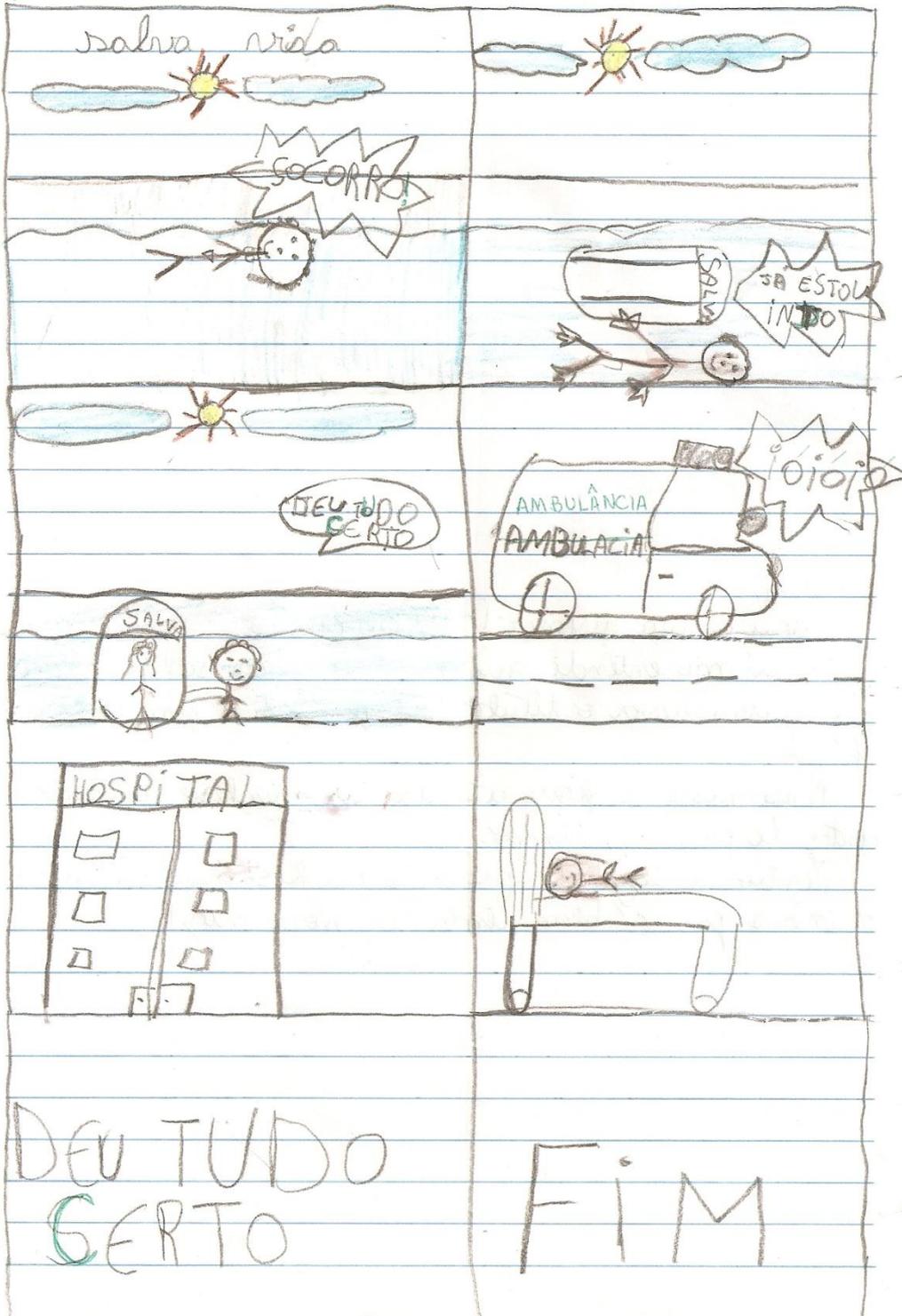
Já é um membro? [Fazer login](#)

Arquivo do blog

- ▼ 2011 (9)
- ▼ Dezembro (1)
 - As Três Espiãs Demais
- ▶ Novembro (3)
- ▶ Outubro (5)

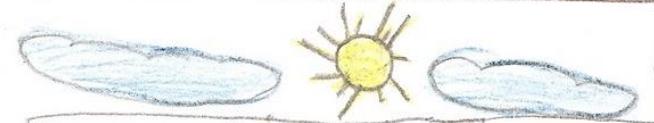
9.5.29 Primeira e segunda versões do mesmo aluno

Contar O menino que virou Salva vidas

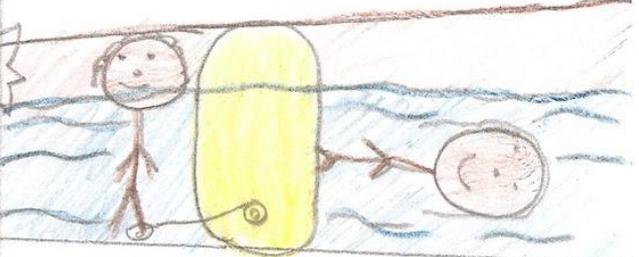
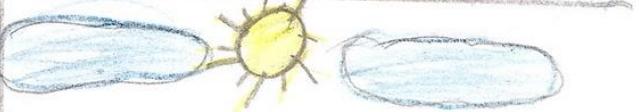
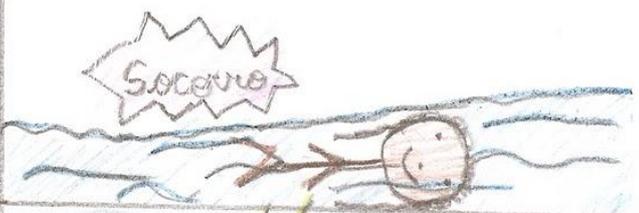


O menino que virou salva-vidas Nome: Estevan
 11 anos, 4ª série

Começou tudo em um sonho



em um placa perto da casa de Felipe, seu sonho pode se transformar em realidade!

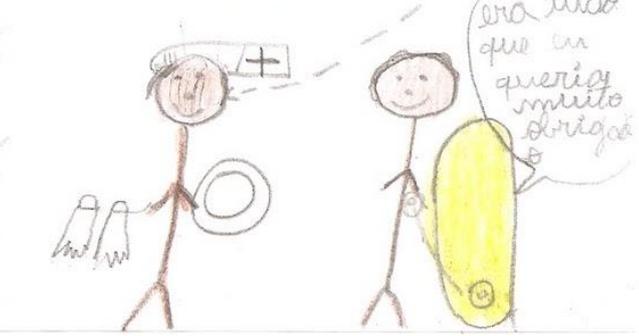


nem acredito que eu consegui te salvar



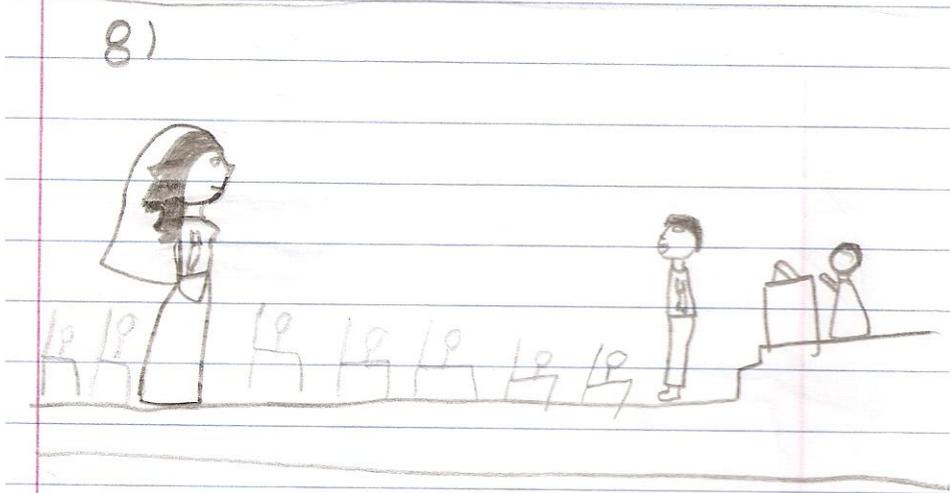
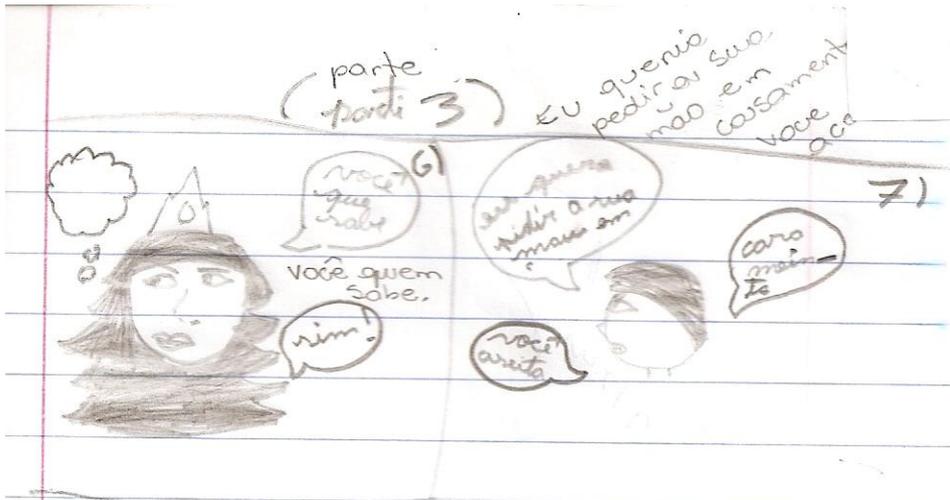
voce quer entrar na minha equipe de salva-vidas

voce foi muito corajoso parabens!



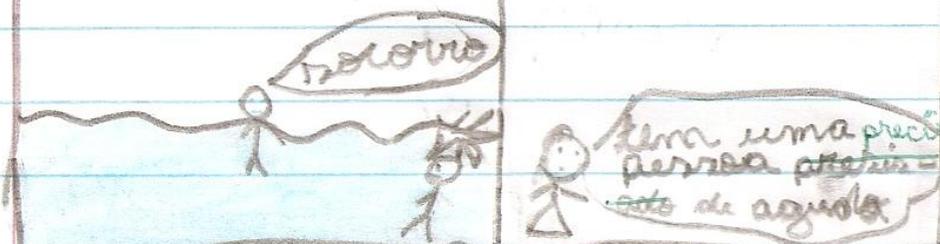
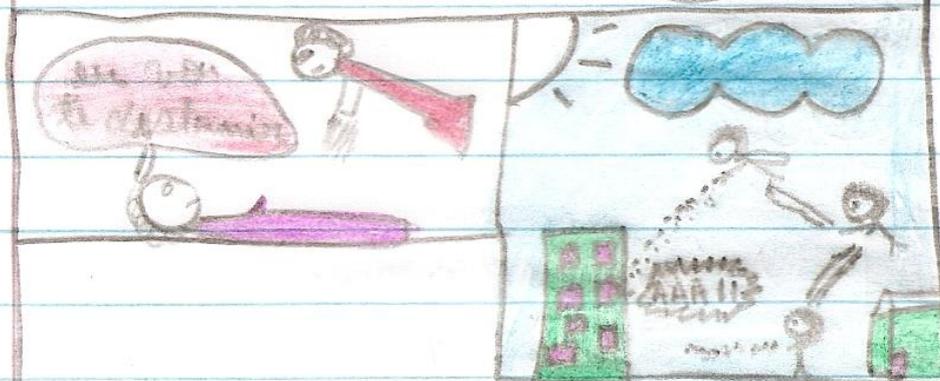
9.5.30 Alunos que não fizeram a segunda versão





F I M

A mulher-maria salvando
as viúvas



FIM
MARIÁ

9.5.31 Alunos que não terminaram nem a primeira versão

✓ Nome: Melitta Santana Souza 8/1/11

Mulher malvada.

Qual a relação entre os quadrinhos? São duas meninas diferentes?

Homem-aranta Vitória. 08/11/17
Kathlyn Arantes

É o Homem-aranta
Aranta!
Aranta!
Aranta!



Claudia,

Está ficando muito boa a sua história.

Fique atenta às minhas anotações ao passar a limpo.

Tenho certeza de que a sua história em quadrinhos
ficará muito linda em nosso blog!

Cecília 09/11/11